





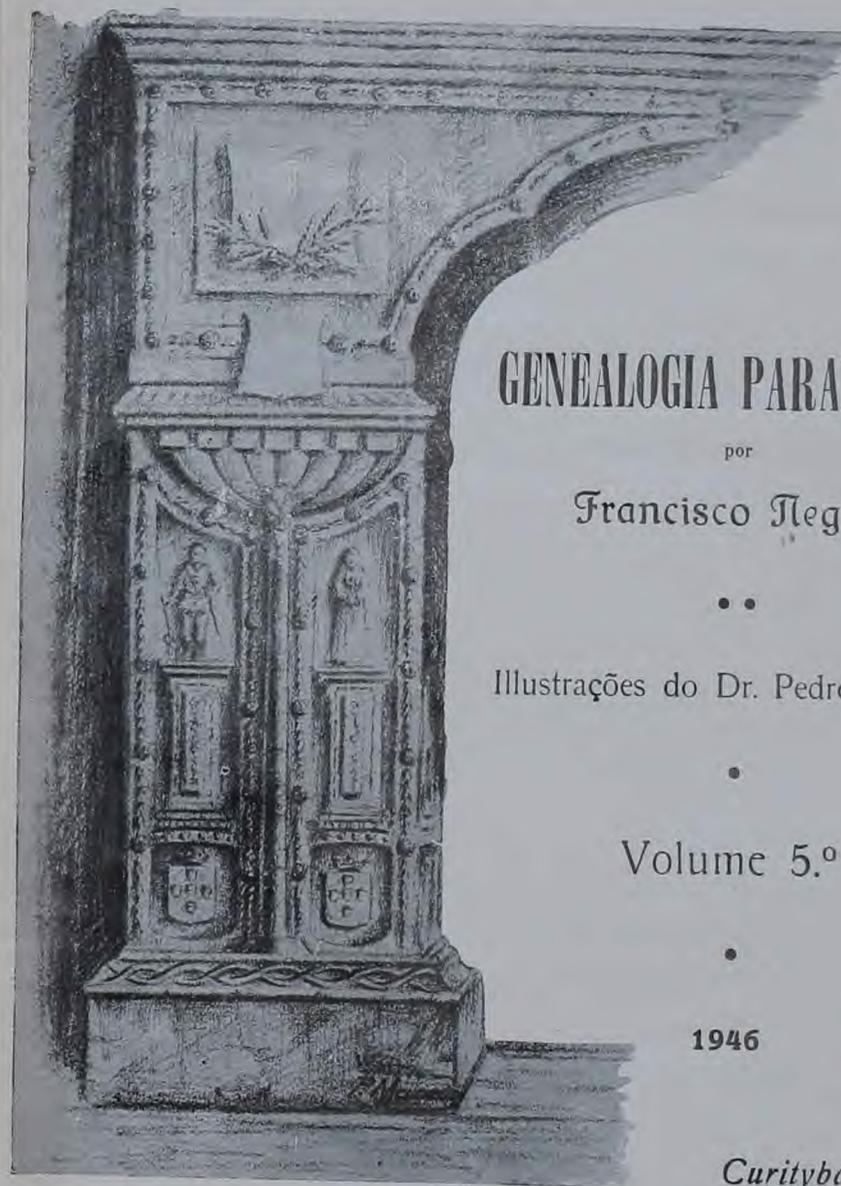
52014 F. n. 14 8/10 25  
L. 1000 P. 1960

# Genealogia paranaense

por Francisco Negrão



PRINTED IN BRAZIL



# GENEALOGIA PARANAENSE

por

Francisco Negrão

••

Ilustrações do Dr. Pedro Macedo

•

Volume 5.<sup>o</sup>

•

1946

Curitiba

Impressora Paranaense S. A.

DEDICATORIAS

CS308  
P35N4  
v.5

Ao professor Snr. Dr.  
**Pedro Ribeiro de Macedo Costa**  
eximio illustrador desta obra

A' D.  
**Astrogilda Sant'Anna Negrão**  
minha dedicada e cara esposa,  
a quem esteve affecto o pesado  
encargo de revisão de provas

e

Ao Snr.  
**Augusto Wekerlin**  
habilissimo artista typographico,

que foram os mais salientes auxiliares  
da "Genealogia Paranaense" tributo as

homenagens de minha grata amisade.

FRANCISCO NEGRÃO.

Curityba, Abril de 1930.



DESBRAVADORES    POVOADORES    CIVILISADORES

## A Família Paranaense

"... cada sorriso em nossa vida  
Planta a cruz da saudade na existência."

Silveira Netto (Luar de inverno).



parte da — *Genealogia Paranaense* — a que demos a denominação de «A Família Paranaense», por não ser constituída de troncos oriundos de povoadores de nossa terra, e da qual vimos tratando desde a última parte do volume anterior, tem neste a sua continuação.

Com este volume damos por finda nossa missão, apesar de não estar completa nossa obra, por não termos podido tratar de grande numero de illustres familias, que, de accordo com o plano da obra, deveriam n'ella figurar, mas

que o nosso precario estado de saúde nos inhibiu de aqui incluir.

Si não pudemos melhor nos desobrigar do nobre e arduo encargo de que temerariamente nos impuzemos, não foi por falta de ingentes esforços nossos, sem medir sacrificios de toda ordem, sem poupar siquer o risco de perder os ultimos vislumbres de uma visão prestes a se empanar.

Tacteando, nem assim fugimos do nosso posto, e sem solução de continuidade, sem desfallecimentos, altruistica e patrioticamente, permittam-nos as expressões, aqui nos achamos na estacada, ainda procurando bem servir a terra de nosso berço: — o Paraná.

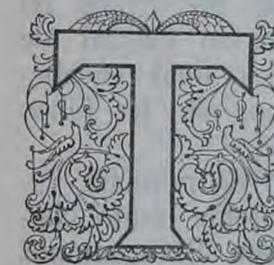
Si não correspondemos a expectativa, que o apparecimento dos anteriores volumes da — Genealogia Paranaense — despertaram, culpe-se ao nosso deslustre literario, tantas vezes por nos confessado.

Curitiba, Abril de 1930.

*Francisco Negrão*



## Titulo Corrêa de Bittencourt



**T**EVE inicio esta Familia em José Corrêa de Bittencourt, casado com Rosa Mariana, naturaes de N. S. de Guadalupe — Ilha da Graciosa — Portugal. De antigo folheto, guardado carinhosamente por descendentes dessa distincta familia, extrahimos os seguintes dados sobre a progenie dos — «Bittencourt» —, de autoria de Estevão de Gauribay, genealogista hespanhol:

«Governando o reyno de Castella a raynha dona Catharina, mulher que foi de el-Rey dom Henrique, terceiro do nome, pelo principe infante dom Joam, que foi o segundo Rey do nome, como governadora dos reynos; um moço Presbeon, segundo outros, Prubim de Bracamonte, almirante de França, lhe pediu a conquista das ilhas Canarias, com titulo de Rey, para um fidalgo francez seu parente,

chamado Mossem, ou Monsiur Joam de Betancurt, a quem outros chamam Betancor — e que a rainha lhas dera, e o ajudára. Partindo com boa armada de Sevilha o novo Rey e chegando ás ilhas Canarias, ganhou tres dellas: Lançarote, Forteventura, e a do Ferro; sem poder conquistar a Grã-Canaria, pela resistencia que achou nella; mas das outras mandara mercadorias a Hespanha, em que fazia proveito; e estando n'esta conquista, ou mataram ao novo Rey Mossem Joam de Betancor, ou como outros dizem, se foi a França refazer de novo para a conquista, e deixara ahi um sobrinho, chamado Mossem Menante, ou Mossem Maciot de Betancor.

«O qual, não tornando seu tio de França, por não poder sustentar a guerra, vendera as Canarias ao infante dom Henrique, por certa cousa que lhe dera na ilha da Madeira, que ao diante direi quando tratar de Ruy Gonçalves, capitão terceiro d'esta ilha, e primeiro do nome; e de sua mulher dona Maria de Betancor, que veio das Canarias com seu pay Mossem Maciot de Betancor, para a ilha da Madeira, onde casou com este capitão, e d'ahi veio com elle para esta ilha de Sam Miguel; da qual era capitão; e por estar aqui sem parentes, mandou vir ao depois da dita ilha a um seu sobrinho, chamado Gaspar de Betancurt, filho de Mossem Maciot, ao qual encabeçou em um morgado, o que fez por não ter filhos de seu marido, como ao diante direi.

«Este Gaspar de Betancor, sobrinho da primeira capitã dona Maria de Betancor, e parente muito chegado de Mussem Rubem, ou Robim Brancamonte, almirante de França, e descendente de Mossem ou Monsiur Joam de Betancor, Rey das ilhas Canarias, se foi desta ilha dar a el-Rey, e casar em Portugal, como casou com dona Guiomar de Sá, dama do paço, filha de Henrique de Sá, do Porto, que os mouros mataram estando servindo a el-Rey em Ceuta: e por ser costume n'aquelle tempo não casarem dentro no paço, consertando o casamento, se desposaram em casa de dona Violanta, sua prima co-irmã, mulher

do conde de Castanheira. E não deixarei de dizer, o que em verdade aconteceu antes dos desposorios; e foi assim.

«Andando a dita dona Guiomar de Sá no paço, fazendo certa devoção de Sam Joam, ou outra d'outro Santo, em que esperava, no derradeiro dia d'ella; que o primeiro homem que houvisse nomear do mesmo nome havia ser o marido que com ella casasse, e se havia ser portuguez, ou não; como é costume de mulheres, ou supersticiosas, ou demasiadas, muito desejosas de saber o que lhes ha de succeder; ás quaes o demonio responde por successor, permittindo Deos que sejam enganadas d'elle, ou as vezes certificadas; pois em logar de Deos o vão buscar no que pretendem. Succedeu no tempo e dia que Gaspar de Betancor foi beijar a mão a el-Rey, vestindo de verdoso, e no mesmo dia antes que o visse, contava a mesma dona Guiomar, ir ter um som aos seus houvidos, que o marido que com ella houvesse de casar havia ser francez, e a primeira vez que o visse, o veria vestido de verdoso, como vio. Com estes successos engana muitas vezes o demonio a muitas mulheres, que façam semelhantes superstições, como esta.

«Depois de casados em Portugal, como tenho dito, se vieram para esta ilha, e viveram ambos em Villa Franca, antes d'ella subvertida algum tempo; e n'esta ilha houveram os filhos seguintes:—O primeiro filho legitimo chamado Henrique de Betancor, andou no paço em boas moradias servindo el-Rey dom Manoel, ao qual o mesmo Rey fez mercê das saboarias d'esta ilha; casou com dona Maria d'Azevedo, filha de Manoel d'Oliveira, estribeiro-mór do cardeal, e teve uma filha que casou com dom Alvaro de Luna, filho de dom Pedro de Gusmão, castelhano, que foi dos cabeças das comunidades, e falleceu ella, sem haver entre elles mais filhos. O segundo filho, Joam de Betancor de Sá, foi o melhor cavalleiro das ilhas, e apanhava muitas laranjas do chão na carreira, indo correndo a espora fita, e corria tambem a cavallo indo em pé sobre a sella, e fazia outras muitas destrezas

de extremado cavalleiro; casou com Guiomar Gonçalves, filha de Gonçallo Vaz, o moço, chamado Andrinho, e neta de Gonçallo Vaz Botelho, o Grande, da qual houve os filhos seguintes:

«O primeiro, Francisco de Betancor de Sá, que lhe succedeu no morgado, e teve boas saboarias na ilha da Madeira, o qual foi casado com dona Maria de Medeiros, filha de Diogo Affonso Columbreiro, homem fidalgo muito principal e rico n'esta terra, de quem houve um filho, chamado André de Betancor, que ficou só, e herdou o morgado, e outros que falleceram. O qual André de Betancor casou na ilha da Madeira, com dona Izabel de Aguiar, filha de Ruy Dias de Aguiar, e de sua mulher Francisca de Abreu, mulher que foi de Joam d'Ornellas de Sá Vedras, que vivia na capitania de Machico, que é do Sr. Tristão Vaz da Veiga, que foi capitão de Malaca, e agora capitão de Machico, e capitão-mór de guerra em toda a ilha da Madeira, e alcaide mór da fortaleza, tio de dona Izabel, filha de seu primo co-irmão, e sobrinho dos capitães da ilha, e sobrinha de Marichal, e de dom Diogo de Souza, que foi vice-rey da India.

«Seus filhos, o mais velho, chama-se Francisco de Betancor de Sá; o segundo, Ruy Dias de Aguiar; o terceiro, Gaspar de Betancor de Sá cuja fazenda valerá cento e cincoenta mil cruzados. Outro filho teve Joam de Betancor, chamado Simão de Betancor, que casou na villa da Ribeira Grande, com dona Margarida Gago, a filha de Ruy Gago, de quem houve os filhos seguintes: Joam de Betancor, que falleceu clérigo de evangelho; e Antonio de Sá, que já disse, cavalleiro do habito de Christo, com boa tença; que casou com dona Philippa Pacheco, filha de Pedro Pacheco, de quem houve os filhos atraz ditos na geração de Gonçalo Vaz Botelho, chamado o grande. Houve Simão de Betancor de sua mulher, dona Margarida Gago outro filho, que foi religioso, chamado Fr. Pedro, frade de missa, observante da ordem de Sam Francisco; e quatro filhas freiras, no mosteiro de Jesus da villa da Ribeira Grande; a saber — Guio-

mar de Jesus, que foi muitos annos abbadessa: Beatriz da Madre de Deos; Francisca dos Anjos; e Maria de Santa Clara; professoras, perfeitas religiosas, e de muita virtude.

«Teve Joam de Betancor outro filho chamado Gaspar de Betancor, que casou com dona Beatriz de Mello, filha do capitão da Graciosa, de quem não houve filhos, e depois casou com dona Izabel Fernandes, filha de Antonio Lopes, que morou na Relva, homem muito honrado, da governança da cidade, e rico, e de Maria Falcoa, de quem também não teve filhos.

«Teve também Joam de Betancor de Sá outro filho, chamado Antonio de Sá, muito bem posto e gentil homem, valente de sua pessoa, que servio a el-Rey na Africa, e falleceu solteiro; estando em Cabo de Gue, cercada esta villa, e não tendo lingua, elle sahindo d'ella achou um mouro de Pusagate, e jogando com elle ás lançadas, prendeu-o e levou-o dentro dos muros ás costas; do qual souberam o que se passava entre os mouros.

«Teve também Joam de Betancor outro filho, chamado Ruy de Sá, que casou com dona Maria de Cabeceiras, filha de Bartholomeu Rodrigues da Serra, homem principal e rico, morador nos Fenaes, termo da cidade, da qual houve muitos filhos. Teve o dito Joam de Betancor, outro filho chamado Joam de Betancor, muito discreto e prudente, sacerdote e beneficiado na igreja principal de Sam Sebastião da cidade de Ponta Delgada. Teve mais o dito Joam de Betancor, uma filha por nome dona Margarida de Sá, que casou com Gaspar do Rego Baldaia, de quem houve um filho chamado Francisco do Rego, muito rico, a quem ficou muita fazenda por morte de seu pay, e gastou muito d'ella na corte, e em armadas que fez á sua custa, para guardar o mar entre estas ilhas; por servir a el-Rey n'isso; e em outros serviços que lhe fez, do qual direi na geração dos Regos. Teve mais Joam de Betancor de Sá, outra filha chamada dona Izabel, que depois de freira professa no mosteiro de Jesus da villa da Ribeira Grande, onde esta

boa religiosa, se chamou Izabel da Madre de Deos. «Houve tambem Gaspar de Betancor, de sua mulher dona Guiomar de Sá, algumas filhas; — a primeira, dona Beatriz de Sá que foi dama do paço, em tempo de el-Rey dom Manoel, o qual lhe deu seis moios de trigo em cada anno de tença, nos proprios da Fazenda de Martim Vaz, contador, e depois por morte d'ella, trespassou esta mercê a dona Izabel, irmã de dona Beatriz; a qual dona Beatriz se creou com el-Rey dom Joam terceiro do nome, e foi para Castella com a princeza de Portugal, quando casou com o imperador Carlos quinto. No caminho sendo muito privada da princeza, dom Pedro Lasso da Veiga, que fora nas communitades de Castella com dom Pedro Giram, e dom Joam de Padilha, andando fora da graça do dito imperador, que por este caso lhe tinha tomado sua fazenda, e alcadarias, e todo seu senhorio, vendo que pela privança de dona Beatriz, podia ser restaurado, teve intelligencia de casar com ella, o que se effectuou; e por ella lhe foram tornadas as villas dos Arcos, Bactes e Corcos, e outras de que antes era senhor. Estando casada com elle adquirio, assim por sua privança a sua irmã dona Izabel, segunda filha de Gaspar de Betancor para dama da imperatriz, que d'esta ilha foi chamada para isso.

«Morrendo dona Beatriz sem ter filhos de dom Pedro Lasso, teve tal estrella sua irmã dona Izabel, que veio a ser camareira-mór da imperatriz, e aia dos principes, e em tanta conta era tida, que nos annos ultimos de sua privança, estando já fora do paço, quando el-Rey Philippe fallava n'ella, não a nomeava senão por dona Izabel, mi madre; tendo toda esta privança, e estrella por si com os principes castelhanos, fez uma cousa que lhe estranhou muito, que foi casar-se com dom Pedro Lasso, seu cunhado, marido que fora de sua irmã dona Beatriz; e assim andou encovertamente dous annos, sem ser de todo descoberto o desporio, ainda que se murmurava d'isso. Até que a imperatriz adoecendo d'uma grave enfermidade, a chamou e lhe disse que casasse com dom Pedro

Lasso, se tinha alguma obrigação de casar com elle, ainda que ella levava desgosto por razão do que se dizia amigo reconciliado, e com esta licença da imperatriz, e dispensa do papa, se receberam; e tambem entre ambos não houveram filhos.

«Outra filha teve Gaspar de Betancor de sua mulher, chamada dona Guiomar de Sá, como sua mãe, que casou com Antonio Juzarte de Mello, fidalgo, natural d'Evora, a quem deu em casamento quinhentos mil reis, que n'aquelle tempo era muito dinheiro, pelo pouco que havia. Perdeu-se Antonio Juzarte de Mello, em uma armada que fez o marquez de Aiamonte ao Rio da Prata, por n'aquelle tempo viver no dito lugar de Aiamonte, e andar fora do reyno de Portugal, por razão d'um corregedor que matou quasi na face d'el Rey, que lhe tinha dado seguro Real. Houve dona Guiomar do dito Antonio Juzarte de Mello, quatro filhas, as quaes todas foram para o reyno de Castella a servir a imperatriz por suas damas, por razão da valia de sua tia dona Izabel, irmã de sua mãe, da qual já fica dito, que as adquirio lá, e lhes deu os dotes, e e casou algumas: uma chamada dona Beatriz está em Toledo freira professa, da ordem de Santiago, e prioriza muitas vezes. Outra chamada dona Maria, foi casada com dom Francisco de Cisneiros, padroeiro dos estudos de Alcalá, os quaes fundou o arcebispo de Toledo seu tio, e senhor, e senhor de quatorze mil cruzados de renda, do qual houve a dita dona Maria, que é já fallecida, tres filhos, e duas filhas, damas do paço hoje em dia.

«Outra chamada dona Guiomar, casou com dom Luiz Valhegas, aposentador-mór d'el-Rey Philippe, que veio por embaixador a este reino de Portugal, e foi estribeiro-mór da rainha, ultima mulher do meemo rey, por ser enviada á Boemia a tratar este casamento, e irazer como trouxe a rainha a Castella, do mesmo reyno de Boemia, onde comeu com o imperador por razão da embaixada que levava do qual tem dona Guiomar cinco filhos entre machos e femeas, elles com boas e ricas commendas de Santiago. Outra filha

de Antonio Juzarte de Mello, e de dona Guiomar de Sá, chamada dona Izabel, por não terem n'esta ilha tanta renda, a queiriam casar aqui com Ruy Gago da Camara, e elle não quiz pelo pouco dote que tinha; e o que fez de pobres ricos, de pequenos grandes, e sabe com quem reparte seus dons, e quem melhor os merece, ordenou como fosse levada a Castella, e por ser a dita dona Izabel muito Grave e formosa, e de grande virtude, casou-a com dom Joam Colomo, vice-rey da ilha Sardenha, que é agora conde de Thoas em Valença, e tem nove contos de renda, do qual tem quatorze filhos e filhas. De modo que por todos tem agora dona Guiomar de Sá mulher de Antonio Juzarte de Mello, d'estas ditas tres filhas, vinte oito netos em Castella.

«A qual dona Guiomar de Sá, fallecido Antonio Juzarte de Mello, casou com dom Fernando de Castro, de quem não houve filhos, e falleceu n'esta ilha, e está enterrada na capella-mór do convento de Sam Francisco da cidade de Ponta Delgada, onde deixou uma capella e um moio de trigo para sempre, de renda cada anno, aos Lazaros desta ilha; era seu administrador Antonio de Sá, seu sobrinho. Outra filha teve Gaspar de Betancor, de sua mulher dona Guiomar de Sá, chamada dona Margarida de Betancor, que casou com Pedro Ruy da Camara, filho natural de Joam Ruy da Camara, quarto capitão d'esta ilha, unico do nome, ao qual deu em casamento duzentos e cincoenta mil reis que n'aquelle tempo era como agora muitos mil cruzados; da qual houve estes filhos: Joam Ruy da Camara, Manoel da Camara, Simão da Camara, Ruy Gonçalves da Camara, Antonio de Sá, Henrique de Betancor, todos fidalgos com moradias nas casas dos reys de Portugal, e alguns commendadores da ordem de Christo: e dona Francisca, mulher de dom Antonio de Souza: e dona Maria, dos quaes direi particularmente, quando adiante tratar dos capitães d'esta ilha, na geração dos Camaras. «Falleceu Gaspar de Betancor no anno de mil quinhentos e vinte e dous, e do deluvio de Villa Franca; foi enterrado na capella-mór d'el-Rey da igreja anti-

ga do martyr Sam Sebastião, da cidade de Ponta Delgada, por alvará que teve de mercê do Rey, da sepultura para elle, mulher e filhos; em que tambem lhe concedia que pudesse ter sobre ella suas armas dependuradas com bandeira descida, como teve alguns annos, até que se desfez a igreja, para se acrescentar como agora está, e depois não houve filho nem neto a quem lembrasse uma mercê tão grande, que a nenhuma pessoa abaixo dos infantes se concedeu. Dona Guiomar de Sá, sua mulher que falleceu, no anno de mil quinhentos e quarenta e sete, tambem está com elle enterrada; fez em vida doação de quinze alqueires de terra aos padres de Sam Francisco, onde pudecem fazer casas e officinas, para n'ellas servirem a Deos, como depois fizeram um sumptuoso convento, com encargo d'uma missa resada na semana, e missas resadas no Natal, Paschoa e Espirito Santo.

«Sua filha dona Izabel, mulher de dom Pedro Lasso, de quem atraz fica dito, morrendo em Castella no anno de mil quinhentos e setenta e quatro, deixou toda a herança que n'esta ilha tinha de seu pay, em capellas, e por administradores o provedor e irmãos da casa de Misericordia da cidade de Ponta Delgada, e por capellães parentes de sua linha; fez tambem esmola do chão em que se fez a igreja do Corpo Santo na mesma cidade, para os mareantes d'ella. «Deixou tambem Gaspar de Betancor, um filho natural, que houve de Maria Dias, moça solteira, e legitimou-o depois, por nome Gaspar Pordomo, o qual, como já disse na geração dos Velhos, casou com Beatriz Velha, filha de Joam Affonso Corcos, e de Leonor Velha, filha de Pedro Velho, da qual houve os filhos e filhas já ditos na geração dos Velhos, a saber—Manoel de Betancor, que casou primeiro com uma filha de Joam do Porto, irmã de Manoel do Porto, e depois com dona Izabel irmã de Melchior Roiz, escrivão da camara da cidade, e de nenhuma houve filhos; e Balthazar de Betancor, que casou, e não houve filhos; e Melchior Betancor, que casou e teve filho e filhas.

«Houve mais Gaspar Pordomo duas filhas, a primeira dona Francisca, que não casou; a segunda, dona Simôa, que casou em Portugal com dom Joam Pereira, bisneto do conde de Feira, de quem houve uma filha chamada dona Beatriz, que casou com Joam de Frias, filho do licenciado Bartholomeu de Frias, da qual tem alguns filhos. Teve mais Gaspar de Betancor outro filho natural, homem baso, chamado Raphael de Betancor, que falleceu sem ter filhos.

«São os Betancores fidalgos de solar conhecido dos principaes deste reyno, e disem que descendentes dos doze pares de França, e dos reys das Canarias (como tenho dito) que aquelles de França vieram a conquistar como pessoas nobres e poderosas. Tem por insigneas das suas armas as sete ilhas de Canarias, e sete corôas entremeadas em seu escudo ao redor d'um leão, que está d'uma parte no meio d'elle com uma corôa na cabeça, e da outra parte um castello com sete bandeiras, e em cima do escudo uma aguia partida com duas cabeças, e uma corôa, como a teve o que da sua progenie foi Rey das mesmas ilhas de Canarias, e sobre ella uma flor de liz, que é das armas de França, o qual titulo de Rey lhe concedeu a rainha de Castella dona Catharina, por seus antecessores terem ajudado a el-Rey de Castella em certas guerras.»

Teve José Corrêa de Bittencourt de seu matrimonio os seguintes filhos:

- 1 — Tenente Coronel Manoel José da Cunha Bittencourt . . . . . Capitulo 1.º
- 2 — Capitão João José Corrêa de Bittencourt. . . . . Capitulo 2.º

#### CAPITULO 1.º

- 1 — Tenente Coronel Manoel José da Cunha Bittencourt, foi casado em Curityba, a 12 de Maio de 1819, com Anna Mauricia, filha do Sargento-mór Manoel Dias da Costa, natural de Portugal, e de

sua mulher Anna Joaquina dos Santos, natural de Curityba, filha de Manoel João dos Santos, casado em Curityba a 9 de Abril de 1782, com Francisca dos Santos Almeida; neta pela parte paterna de Antonio Gomes e de sua mulher Maria de Abreu; neta pela parte materna de Antonio Pereira de Almeida e de sua mulher Quiteria Pedrosa de Lima. Por seu avô Antonio Pereira era bisneta de João Pereira de Almeida e de sua mulher Maria dos Passos Oliveira; por sua avó Quiteria era bisneta de Antonio Dias de Leme e de sua mulher Maria Pedrosa de Lima. Foi abastado industrial de herba matte em Curityba, onde se constituiu vulto de destaque. Exerceu varios cargos de eleição popular e administrativos.

Filhos:

- |   |       |
|---|-------|
| 1-1 Brigadeiro Manoel José da Cunha Bittencourt     | § 1.º |
| 1-2 Padre Francisco Corrêa de Bittencourt . . . . . | § 2.º |
| 1-3 Brigadeiro José Corrêa de Bittencourt . . . . . | § 3.º |
| 1-4 Iphigenia Maria de Bittencourt. . . . .         | § 4.º |
| 1-5 Coronel Joaquim José Bellarmino de Bittencourt  | § 5.º |
| 1-6 Rosa Maria de Bittencourt . . . . .             | § 6.º |
| 1-7 Maria da Gloria Bittencourt. . . . .            | § 7.º |

#### § 1.º

1-1 Brigadeiro Manoel José da Cunha Bittencourt, foi homem de valor político e social; exerceu varios cargos administrativos e de eleição popular, entre os quaes o de Deputado a Assembléa Provincial, Administrador de Barreiras, Administrador dos Correios do Paraná e Director Geral dos Indios, cargo que lhe deu direito as honras de Brigadeiro. Casado com Balbina de Camargo Bittencourt, filha de José Custodio de Camargo e de sua mulher Joaquina de Mello Camargo.

Filhos:

- 2-1 Dr. Theodorico Camargo de Bittencourt, Bacharel em direito, formado pela Academia do Paraná, é chefe de secção aposentado da Secretaria Geral do Estado. Casado com Maria Rosa do Nascimento Bittencourt, filha do Major Francisco

Gonçalves do Nascimento Rosa e de sua mulher Olympia Garcez do Nascimento.

Filhos:

3-1 Abgail, falecida em criança.

3-2 Dr. Fausto Nascimento de Bittencourt, Bacharel em direito.

3-3 Oswaldo Bittencourt.

3-4 Maria Bittencourt.

3-5 Ivette Bittencourt.

2-2 Manoel José de Camargo Bittencourt, casado com Clara Sigwalt de Bittencourt, filha de Emilio Sigwalt e de sua mulher Ernestina Sigwalt. E' serventuario publico.

Filhos:

3-1 Manoel de Camargo Bittencourt Filho.

3-2 Clarice.

3-3 Cléa.

3-4 . . .

2-3 Helia de Bittencourt Pacheco, casada com o Capitão Pedro Pacheco da Silva Netto, filho de João Pacheco da Silva e de sua mulher Francisca Pacheco da Silva.

E' Director da Secretaria de Fazenda do Estado. Pertence ao exercito de 2.<sup>a</sup> linha.

Sem descendentes.

### § 2.<sup>o</sup>

1-2 Padre Francisco Corrêa de Bittencourt, foi Vigario de S. José dos Pinhães. Foi politico de evidencia, representando essa cidade na Assembléa Provincial, em varias legislaturas. Foi vulto de valor.

### § 3.<sup>o</sup>

1-3 Brigadeiro José Corrêa de Bittencourt, casado com Escolastica Franco de Bittencourt, filha do Brigadeiro Manoel de Oliveira Franco e de sua mulher Escolastica Franco de Sá Ribas.  
Foi prestigioso membro do Partido conservador que

o tinha em evidencia. Exerceu os cargos de Deputado provincial, Juiz districtal, Vereador, Director geral dos indios e Administrador dos Correios do Paraná.

Era gêmeo com seu irmão Manoel.

Filhos:

2-1 Tenente Coronel João Gualberto de Bittencourt, foi Prefeito municipal de Colombo, onde foi chefe politico, falecido em Junho de 1929, em Curityba; era casado com Hercília Espinola de Bittencourt, filha de Francisco Cezar Espinola e de sua mulher Maria Leocadia Pereira de Lima.

Filhos:

3-1 José Espinola de Bittencourt, falecido.

3-2 Clodoaldo Espinola de Bittencourt.

3-3 Mercedes, falecida.

3-4 Orlando Espinola de Bittencourt.

3-5 Zeneida Espinola de Bittencourt, casada.

3-6 Zorah Espinola de Bittencourt, solteira.

3-7 João Gualberto de Bittencourt Filho, falecido.

2-2 Maria Clara de Bittencourt Coelho, casada com Luiz Antonio da Silva Coelho, já falecidos. Foi elle proprietario da «Pendula Meridional»; homem laborioso e luctador.

Filha unica:

3-1 Hercília Coelho, casada em primeiras nupcias com Armando Paiva e em segundas nupcias com o Dr. Caio Machado Lima, advogado e jornalista de merito, filho do Dr. Vicente Machado da Silva Lima e de sua primeira mulher Antonia Moreira de Lima.

Sem filhos de seus dous matrimonios.

2-3 Olympia de Bittencourt Miranda Rego, viuva do Major Henrique de Miranda Rego.

Teve:

3-1 Olympia de Bittencourt Miranda Rego.

2-4 Anna Mauricia de Bittencourt Vasconcellos, casada com o Capitão João Carlos de Vasconcellos, já falecidos.

Teve:

3-1 Amphilouquio de Bittencourt Vasconcellos.

- 2-5 Virgilio Franco de Bittencourt, falleceu solteiro.
- 2-6 Octavio Leão Franco de Bittencourt, fallecido, foi casado com Leopoldina Camargo de Bittencourt, filha do Tenente José de Camargo Pinto, fallecido a 28 de Novembro de 1871 (sendo seus bens, constituídos por terras e propriedades no Palmital, Atuba, Papanduva, Caivá e Espigão, inventariados por 36:860\$000) e de sua mulher Leodobina Francisca da Costa.
- Filhos:
- 3-1 Walfrido de Bittencourt, casado com Anna Cabral de Bittencourt.
- Filhos:
- 4-1 Iracema de Bittencourt.
- 4-2 Jandyra de Bittencourt.
- 4-3 Jacyra de Bittencourt.
- 4-4 Oswaldo de Bittencourt.
- 4-5 Juracy de Bittencourt.
- 4-6 Octavio de Bittencourt.
- 3-2 Maria da Luz Bittencourt, casada com Urquiza Roberto Franco.
- Teve:
- 4-1 Eloisa, fallecida.
- 4-2 Maria Clara.
- 4-3 Antonio.
- 4-4 João.
- 4-5 Orlandina.
- 4-6 Octavio, fallecido.
- 4-7 Daizi.
- 4-8 Aroldo.
- 3-3 Maria Olympia de Bittencourt, casada com Luiz Adão de Camargo.
- Teve:
- 4-1 Octavio Adão de Camargo.
- 4-2 Maria da Luz.
- 4-3 Ludovina.
- 4-4 Dalila.
- 4-5 Octaviano.
- 3-4 Maria Magdalena de Bittencourt, casada com Francisco Beira Fontana.
- Teve:

- 4-1 Benedicto }  
 4-2 . . . . . } gemeos.  
 4-3 Esther, fallecida.  
 4-4 Maria Izabel.  
 4-5 Octavio, fallecido.  
 4-6 Leopoldina, fallecida.  
 4-7 Antonio, fallecido.  
 4-8 Ewaldo.  
 4-9 Gabriel.  
 4-10 Orlando.  
 4-11 Therezinha de Jesus.
- 3-5 Maria José de Bittencourt, casada com Severo Cancio Fontoura.
- Filhos:
- 4-1 Anthenor.
- 4-2 Alaide.
- 4-3 Anadir.
- 4-4 Ary.
- 4-5 João.
- 4-6 Maria da Luz.
- 4-7 Octavio.

## § 4.º

- 1-4 Iphigenia Maria de Bittencourt, casada com o Tenente Aurelio Joaquim Ribeiro de Campos, natural de Serzedello, arcebispado de Braga, Portugal, casado em Curityba a 5 de Agosto de 1838; filho de José Joaquim Ribeiro de Campos e de sua mulher Anna da Silva Dias, naturaes de Portugal.
- Teve:
- 2-1 Padre Julio Ribeiro de Campos, nascido em Curityba a 18 de Fevereiro de 1850, e ahi fallecido a 7 de Abril de 1885. Completando seu curso de preparatorios no Lyceu de Curityba, seguiu para São Paulo, onde se matriculou no Seminario Episcopal da Diocese, recebendo as Ordens Sacras a 11 de Julho de 1873. No Seminario foram-lhes confiadas as aulas de Portuguez, Latim e Mathematica. Era considerado

grande mestre e profundo pensador. Sentindo-se abalado em sua saúde, deixou o Seminário em 1876, por desejar repousar no Paraná, sendo nomeado vigário da Vara de Paranaguá, d'onde foi retirado em 1879 para exercer o lugar de Vigário Geral Forense do Paraná, em Curityba, de cuja Vigararia foi o primeiro nomeado. Reorganizou o Archivo Ecclesiastico que se achava em desordem, prestando com isso grandes serviços aos investigadores. Foi um grande vulto do clero nacional e especialmente do Curitybano que contou grande numero de sacerdotes notáveis pelo seu saber, por suas virtudes e relevantes serviços prestados a catechese e civilização indigena.

- 2-2 Coronel Aurelio Ribeiro de Campos, nascido a 15 de Outubro de 1842; era official honorario do Exercito pelos relevantes serviços prestados durante a guerra do Paraguay, tendo se distinguido pela sua bravura e sangue frio em todos os combates em que tomou parte, durante toda a campanha. Por ocasião da Revolução de 1894, fez parte das forças legaes que defenderam o Estado, prestando optimos serviços, apesar de sua avançada idade. Exerceu varios cargos publicos e ao fallecer exercia o lugar de cobrador da divida colonial. Verdadeiramente popular, gozou sempre de larga estima e consideração. Falleceu a 18 de Dezembro de 1907.

Era casado com Alexandrina Maria dos Santos.

Tiveram os seguintes filhos:

- 3-1 Ramira de Campos Natal, fallecida a 31 de Junho de 1926, foi casada com Gabriel Antonio Natal, serventuario publico do Estado.

Teve:

- 4-1 Alayde de Campos Natal, casada com Raul Ferreira Leite, filho do Coronel João Ferreira Leite e de sua mulher Hygina Celia de Jesus.

Teve:

5-1 Alice.

5-2 João.

- 4-2 Elpidio Natal, fallecido aos 33 annos, solteiro.

- 4-3 Alba Natal, casada com Lauro Godo.

Teve:

5-1 Beatriz.

- 4-4 Joanna Natal, casada com Edgard Simone.

Teve:

5-1 Gastão.

- 4-5 Antonietta Natal, casada com Guilherme Jank.

Teve:

5-1 João Lucio.

- 4-6 Hildebrando Natal.

- 4-7 Beatriz, fallecida.

- 4-8 Alceu Natal.

- 4-9 Eloah Rosina Natal.

- 3-2 Tenente Francisco de Paula Campos, nascido a 16 de Novembro de 1870 e fallecido a 29 de Agosto de 1908, foi casado com Leonor Loureiro de Campos. Filhos:

- 4-1 Eurides, fallecido em criança.

- 4-2 Waldemar de Campos, casado com Estella Müller.

- 4-3 Jacy de Campos, casado com Jeny Briggemann.

- 4-4 Lourival de Campos.

- 3-3 Julio Ribeiro de Campos, nascido a 27 de Dezembro de 1872, foi Tenente Coronel Commandante da Força Publica do Estado, fallecido em 18 de Agosto de 1917, foi casado com Julietta de Andrade Campos, tambem fallecida.

Filhos:

- 4-1 Plinio, fallecido em criança.

- 4-2 Plinio Manoel, fallecido em criança.

- 4-3 Professora Izaura de Campos, casada com Carlos Feóla, fallecido.

Filho:

5-1 Ney.

- 4-4 Dr. Manoel Ribeiro de Campos, nascido a 5 de Agosto de 1898, casado com Hortencia Chioratto.

Filha:

5-1 Zuleica.

- 4-5 Elzira de Campos, casada com Alfredo Teixeira Graça.

- Filha:  
5-1 Eunice.
- 4-6 Dejanir Campos, nascido em 24 de Outubro de 1903, casado com Irene Gomes.
- Filhos:  
5-1 Acyr.  
5-2 Maria May.
- 4-7 Nahir Campos, casada com Deomiro Zene.
- 4-8 Julio Ribeiro de Campos Filho, nascido a 17 de Dezembro de 1911.
- 3-4 Francisca Maria Campos, falecida em criança.
- 3-5 Sophia Maria Campos, casada com Victor Blaudain Gomes da Silva, ambos falecidos.
- Teve:  
4-1 Adherbal Gomes da Silva, casado com Alice Ferreira.
- Filhos:  
5-1 Victor.  
5-2 Dayse.
- 4-2 Aurora Gomes da Silva.
- 3-6 Alayde Campos, falecida aos 12 annos de idade.
- 3-7 Iphigenia Campos, casada com o Tenente Henrique Luiz Torres, ambos falecidos.
- Teve:  
4-1 Leonilia Torres, casada com Antonio Eduardo Gineste.
- Filhos:  
5-1 Iphigenia.  
5-2 Odilah.  
5-3 Julio.
- 4-2 Alkindar, falecido com 2 annos de idade.
- 4-3 Joaquim, falecido com 6 annos de idade.
- 4-4 Jacyra Torres, casada com Paulo Klingelfuss.
- Teve:  
5-1 Kibal.
- 3-8 Oliva Campos, falecida solteira aos 22 annos de idade.
- 3-9 Aurelio Ribeiro de Campos Filho, falecido, foi casado com Maria Petronilha de Oliveira.  
Sem filhos.

- 3-10 Alice Campos, casada com Alfredo Barbosa Junior.
- Teve:  
4-1 Herminia.  
4-2 Guilherme de Campos Barbosa.
- 2-3 Sophia Aurelio de Campos, casada com Manoel Bittencourt, ambos falecidos.  
Sem filhos.
- 2-4 Amelia Joaquina de Campos Loureiro, falecida, foi casada em Curityba a 18 de Abril de 1863, com José Fernandes Loureiro, de quem ella foi a primeira mulher; foi importante commerciante e abastado capitalista d'esta praça; exerceu varios cargos de eleição popular, entre os quaes o de Camarista e Presidente da Camara da Capital, prestando bons serviços. Era natural de Portugal e falleceu em Curityba, onde gozou de larga estima e merecida consideração por seu elevado character e honestidade; filho de Manoel Fernandes Loureiro e de sua mulher Euphemia do Carmo.
- Teve:  
3-1 Julia Loureiro de Oliveira, falecida, foi casada com o Coronel José Carvalho de Oliveira, filho de João Carvalho de Oliveira e de sua mulher Francisca de Bittencourt e Oliveira.
- Teve:  
4-1 Judith Carvalho de Oliveira, já falecida, foi casada em primeiras nupcias com seu tio Godofredo Carvalho de Oliveira e em segundas nupcias com Hippolito Michaud, filho de Hippolito Michaud e de sua mulher.
- Do primeiro matrimonio teve:  
5-1 Antonio Carvalho de Oliveira.  
Do segundo matrimonio não deixou filhos.
- 4-2 Josephina Carvalho de Oliveira, casada com seu tio Plinio Carvalho de Oliveira.
- Teve:  
5-1 José, falecido.  
5-2 Jenny.

- 5-3 Juvina.
- 5-4 Jayme.
- 5-5 Julia, falecida.
- 5-6 Julio, falecido.
- 5-7 Jayme, falecido.
- 5-8 Jenny, falecida.
- 3-2 Josephina Loureiro de Siqueira, falecida, foi a primeira mulher de Adelio Paulino de Siqueira, filho de José Soares de Siqueira e de sua mulher Maria da Conceição Siqueira, naturaes da Lapa. Teve:
  - 4-1 José Loureiro de Siqueira.
  - 4-2 Arnaldo Loureiro de Siqueira.
  - 4-3 Amelia, falecida.
  - 4-4 Augusto, falecido.
- 3-3 Julietta Loureiro de Ascensão, casada com o capitalista Manoel Fernandes de Ascensão. Teve:
  - 4-1 Dr. José Loureiro de Ascensão, formado em medicina pela Academia do Rio de Janeiro em Dezembro de 1927.
  - 4-2 João Loureiro de Ascensão.
  - 4-3 Joel, falecido.
- 3-4 Juvelina Fernandes Loureiro, casada com seu primo Augusto Loureiro, abastado capitalista, filho de Manoel Fernandes Loureiro e de sua mulher Francisca Gonçalves Loureiro. Sem filhos.
- 2-5 Emilia de Campos Gomes, casada em primeiras nupcias com Joaquim Severo Correia e em segundas nupcias com Manoel Francisco Gomes. Sem filhos de ambos os matrimonios.
- 2-6 Arminda de Campos Ramos, falecida, foi casada em primeiras nupcias com Manoel Francisco Correia e em segundas nupcias com Antonio Francisco Ramos. Do primeiro matrimonio teve:
  - 3-1 Manoel Francisco Correia Netto, Pharmaceutico diplomado pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, jornalista e homem de letras, já falecido, foi casado com Annita Correia.

- Sem filhos.
- 3-2 Amelia Correia Sant'Anna, casada com Athazio Sant'Anna, commerciante desta praça. Teve:
  - 4-1 Cecilia, falecida.
  - 4-2 Alice.
  - 4-3 Leonor.
  - 4-4 Maria.
  - 4-5 Arminda.
- 3-3 Francisco Correia, solteiro, Pharmaceutico, foi socio de seu irmão.
- 2-7 Anna de Campos Rebello, casada a 26 de Novembro de 1881, com o Major Hermogenes Góes Rebello, secretario aposentado da Camara Municipal de Curityba, já falecido. Teve:
  - 3-1 Manoel, falecido.
  - 3-2 Vicente Góes Rebello, casado com Gertrudes Castro Rebello. Sem filhos.
  - 3-3 Julia Campos Regis.
  - 3-4 Ernesto Góes Rebello.
  - 3-5 Hermogenes Góes Rebello Filho.
- 2-8 Messias de Campos Loureiro, por morte de sua irmã Amelia, se casou com seu cunhado José Fernandes Loureiro, 2-4 de pagina 23. Sem filhos.
- 2-9 Emilia de Campos, falecida solteira.
- 2-10 Maria Clara de Campos, falecida solteira.

## § 5.º

- 1-5 Coronel Joaquim José Bellarmino de Bittencourt, casado a 7 de Setembro de 1867 com Libania Carneiro Guimarães Bittencourt, natural de Castro, filha do Coronel Irineu Gonçalves Guimarães e de sua mulher Theodora Carneiro Lobo. Politico de prestigio, era um dos cabos eleitoraes de Curityba. Foi deputado provincial, camarista e presidente da Camara e juiz districtal. Em Janeiro de 1887 foi, por

Carta imperial, nomeado Tabellião do Publico Judicial e Notas da Capital. Na sua mocidade foi industrial de herba matte, a principio juntamente com seu pai e mais tarde por conta propria. Chegou a adquirir bôa fortuna. Com descendentes descriptos em 5-5 do 2.º volume, pagina 522.

## § 6.º

- 1-6 Rosa Maria de Bittencourt, natural de Paranaguá, casada em Curityba a 23 de Junho de 1853 com o Major Engracio Ortiz Taborda Ribas, natural de Triumpho, Rio Grande do Sul, filho de Miguel Taborda Ribas e de sua mulher Brigida Candida Ortiz e Silva. Com descendentes descriptos em 5-1 de 4-5 de pagina 532 do 2.º volume desta obra.

## § 7.º

- 1-7 Maria da Gloria Bittencourt, casada em Curityba em 17 de Maio de 1855 com o Major Manoel do Nascimento Abreu, natural do Maranhão, homem de alguma illustração, que representou papel saliente na politica do Paraná. Advogava no foro e era entendido em medicina. Por morte de sua mulher passou a segundas nupcias com Prescilliana Lisbôa de Abreu. Era elle filho de João Antonio de Abreu e de sua mulher Rosa Helena Lopes. Sem filhos.

## CAPITULO 2.º

- 2 – Capitão João José Corrêa de Bittencourt, natural da Ilha da Graciosa, casado em Curityba a 2 de Setembro de 1837 com Maria da Conceição Dias, filha do Sargento-mór Manoel Dias da Costa, natural de Portugal, e de sua mulher Anna Joaquina dos Santos. Com ascendentes descriptos no Capitulo 1.º. Filhos:

1-1 Damazo Corrêa de Bittencourt . . . . .	§ 1.º
1-2 José Manoel Corrêa de Bittencourt . . . . .	§ 2.º
1-3 Francisca Rosa de Bittencourt . . . . .	§ 3.º
1-4 Idalina Bittencourt Bonoso . . . . .	§ 4.º
1-5 Maria de Paula Bittencourt Falcão . . . . .	§ 5.º
1-6 Stephania Bittencourt . . . . .	§ 6.º
1-7 Maria da Conceição Bittencourt. . . . .	§ 7.º
1-8 Adolpho Bittencourt . . . . .	§ 8.º
1-9 Manoel Dias Corrêa de Bittencourt . . . . .	§ 9.º

## § 1.º

- 1-1 Capitão Damazo Corrêa de Bittencourt, foi escrivão de Orphãos da Capital, comediographo e amator dramatico; foi co-proprietario do Theatro S. Theodoro, hoje Guayra. Falleceu aos 51 annos de edade a 8 de Fevereiro de 1897. Casado com Christina Thereza de Moura Brito, que por morte de seu marido passou a segundas nupcias com Horacio da Silva Pereira. Filhos:
- 2-1 Cecilia de Bittencourt Linhares, casada com Edgard Cordeiro Linhares, abastado industrial de herba matte. Teve:
- 3-1 Themistocles Linhares, industrial.  
3-2 Silvio Linhares, academico de medicina.  
3-3 Cecilia Linhares.  
3-4 Ophelia Linhares.  
3-5 Edgard Linhares.  
3-6 Celia Linhares.
- 2-2 Dr. Alcebiades Corrêa de Bittencourt, bacharel em direitos, casado com Iria Cunico, filha de João Cunico e de sua mulher Josepha Cunico. Filha:
- 3-1 Josepha Christina.
- 2-3 Agatharcho Corrêa de Bittencourt, casado com Clothilde Sabatella, fallecida, filha de Antonio Sabatella e de sua mulher Maria da Luz. Filha:
- 3-1 Erothylde.

- 2-4 Damazo Corrêa de Bittencourt, serventuario postal, casado com a Professora Itacelina Teixeira de Bittencourt, Sub-Directora da Escola Normal, filha do Dr. Dezebargador Francisco Itaciano Teixeira e de sua mulher Adelaide Müller Teixeira, falecidos.  
Filhos:  
3-1 Maria Adelaide, professora normalista.  
3-2 Damazo de Bittencourt, academico de direito.
- 2-5 Dr. Aristoxenes Corrêa de Bittencourt, Juiz de Direito da Capital, casado com Hilda Langer Rodrigues, filha de Herculano José Rodrigues e de sua mulher Thusnelda Langer.  
Filhos:  
3-1 Cloris.  
3-2 Herculano, falecido.  
3-3 Damazo Carlos.
- 2-6 Aristheu Corrêa de Bittencourt, Professor Normalista, Commerciantes, casado em primeiras nupcias com Myrthe Codega e em segundas nupcias com Fanny Mäder, filha do Coronel Nicolau Mäder e de sua mulher Francisca da Costa Mäder.  
Do primeiro matrimonio teve:  
3-1 Damazo.  
3-2 Domingos.  
Do segundo matrimonio teve:  
3-3 Milton.  
3-4 Maria Christina.
- 2-7 Marilia Corrêa de Bittencourt, casada com Nelson Fauler, filho de Frederico Fauler e de sua mulher Anna Zimmermann.  
Filhos:  
3-1 Damazo.  
3-2 Maria da Luz.  
3-3 Nelson, falecido.  
3-4 Fernando.  
3-5 Lyncol.
- 2-8 Egypcialinda Corrêa de Bittencourt, casada com o Dr. Francisco Natel de Camargo, engenheiro civil, filho de Antonio Joaquim de Camargo e de sua mulher Augusta Natel.

- Filhos:  
3-1 Murillo.  
3-2 Egypcialinda.  
3-3 Maria Christina.  
3-4 Antonio Damazo.
- 2-9 Damazina Corrêa de Bittencourt Macedo, casada com o Dr. Raul de Azevedo Macedo, engenheiro civil, filho do Coronel João Ribeiro de Macedo e de sua mulher Anna Maria de Azevedo Macedo.  
Filhos:  
3-1 Dyrce.  
3-2 Cassia.  
3-3 Raul.

## § 2.º

- 1-2 José Manoel Corrêa de Bittencourt — Nho Jéca —, casado com Eulalia Nascimento de Bittencourt. Foi typo popular e de bondade; dotado de boa verve, quando exerceu o lugar de estafeta do Correio, trazia os viajantes dos trens em constante hilaridade.  
Filhos:  
2-1 João Augusto Corrêa de Bittencourt, militar, foi casado com Julia Moreira do Couto; faleceram sem deixar filhos.  
2-2 Maria Dolores de Bittencourt Laranjeira, casada com Henrique Dias Laranjeira, empregado postal aposentado.  
Filhos:  
3-1 Thucydides Dias Laranjeira, casado com Rosa Alberti Laranjeira.  
Filhos:  
4-1 Osmar Laranjeira.  
4-2 Jandyra Laranjeira.  
4-3 Deahyr Laranjeira.  
4-4 Ernesto, falecido.  
3-2 Olivia Laranjeira Vechione, casada com Horacio Garcez Vechione.  
Sem filhos.

- 2-3 Julia Francisca Bittencourt de Paula, falecida, foi casada com o Dr. José Maria de Paula, Inspector do Serviço de Protecção aos Indios do Paraná.  
Teve:  
3-1 José Bittencourt de Paula.  
3-2 Antonio Bittencourt de Paula.  
3-3 Julio Bittencourt de Paula.  
3-4 Juracy Bittencourt de Paula.
- 2-4 Sarah Bittencourt de Passos, viuva de Pedro Abrelino de Passos, official do exercito.  
Filho:  
3-1 Aymoré Bittencourt de Passos, casado a 3 de Outubro de 1929, em Curityba, com Joannita de Oliveira Bernette, filha de Cydro Bernette e de sua mulher Seraphina de Oliveira.
- 2-5 Aristides Corrêa de Bittencourt, casado com Amelia de Almeida Bittencourt.  
Filho:  
3-1 Jardimino Bittencourt.
- 2-6 Mario Corrêa de Bittencourt, casado com Antonia Tulio de Bittencourt. Elle foi assassinado em uma lamentavel disputa com um seu des-affecto, que ferido, veio perder a vida pouco tempo depois.  
Filhos:  
3-1 Jorge Corrêa de Bittencourt.  
3-2 Djanira Corrêa de Bittencourt.
- 2-7 Juvenal Corrêa de Bittencourt, casado com Helena Wekerlin Bittencourt.  
Filho:  
3-1 Edwalda Bittencourt.

## § 3.º

- 1-3 Francisca Rosa de Bittencourt e Oliveira, nasceu em Curityba em 17 de Outubro de 1838, casou no dia 17 de Setembro de 1853 com o capitalista João Carvalho de Oliveira, nascido em 19 de Agosto de 1827, na freguezia do Minho, Portugal, filho de José

- Carvalho de Oliveira e de sua mulher Maria Rita de Oliveira.  
Teve:  
2-1 Major João Carvalho de Oliveira Junior, nascido a 28 de Junho de 1854, casado com Maria Rufina de Macedo Ribas, filha de Tiburcio Borges de Macedo e de sua mulher Anna Rufina Ribas de Macedo, casados em 2 de Setembro de 1858, em Castro.  
Com descendencia já descripta em 7-3 de pagina 373 do 2.º volume.
- 2-2 Maria Rita de Oliveira, nascida em Curityba em 6 de Janeiro de 1857. Casou-se em primeiras nupcias em 27 de Julho de 1872 com Manoel José da Costa e Silva e em segundas nupcias com o capitalista Pedro Luiz de Souza Rocha, nascido em 5 de Abril de 1851, no Estado de Santa Catharina, já fallecido.  
Sem descendentes de ambos os matrimonios.
- 2-3 Coronel José Carvalho de Oliveira, nascido em 5 de Agosto de 1859, casado em 19 de Dezembro de 1885 com Julia Fernandes Loureiro, filha do capitalista José Fernandes Loureiro e de sua primeira mulher Amelia de Campos Loureiro.  
Com descendentes já descriptos em 3-1 de 2-4 do § 4.º do Capitulo 1.º, deste Titulo.
- 2-4 Januarina Carvalho de Oliveira, nascida em 24 de Outubro de 1861, casada em Curityba em 8 de Dezembro de 1877 com o Dr. Emygdio Westphalen.  
Já mencionado no volume 4.º em 4-5 de pagina 478.  
Sem descendentes.
- 2-5 Major Francisco Carvalho de Oliveira, nascido em 28 de Agosto de 1863, casado em 20 de Novembro de 1885 com Amelia Augusta Ribeiro de Oliveira, filha de João Baptista Ribeiro e de sua mulher Tiburcia de Freitas Ferreira.  
Já mencionado no volume 1.º, pagina 570.  
Ahi a descendencia.

## § 4.º

1-4 Idalina Bittencourt Bonoso, casada a 15 de Novembro de 1871 com o Capitão do exercito João Segismundo Bonoso, natural do Amazonas, fallecido em Curityba a 25 de Março de 1886, filho de João Leonardo Bonoso e de sua mulher Adelaide Emygdia Cardoso.

Filhos:

2-1 Hildebrando de Bonoso, fallecido no Rio de Janeiro no posto de General de Brigada reformado, foi casado com Patricia Nunes Bonoso, natural de Tubarão, Estado de Santa Catharina.

Sem descendentes.

2-2 Thiago Bonoso, Major reformado de cavallaria, casado com Leonor Nogueira Bonoso.

Filhos:

3-1 Alayde Bonoso Pires, casada com o medico do exercito capitão Dr. João Pires da Silva Filho.

Com tres filhos.

3-2 Aracy Bonoso Duarte Pinto, casada com o engenheiro militar Major de artilharia João Duarte Pinto.

Com um filho.

3-3 Zumalá Bonoso, casado.

3-4 Ubiratan Bonoso, solteiro.

2-3 Bolivar Washington Bonoso, casado com Vicentina Bonoso.

Filha:

3-1 Alba.

2-4 Agrippina Bonoso, casada em primeiras nupcias com Mario Lustoza e em segundas nupcias com o Cirurgião-Dentista Djalma Waldes.

Filho do primeiro matrimonio:

3-1 Napoleão Bonoso Lustoza, industrial na Capital Federal, casado com Angela Lustoza.

Filhos:

4-1 Jorge.

4-2 Ney.

## 4-3 Yêda.

Do segundo matrimonio teve:

3-2 Aivete.

3-3 Yacami.

3-4 Dubernay.

3-5 Arlete.

2-5 Cleopatra Bonoso, fallecida aos dois annos de idade.

## § 5.º

1-5 Maria de Paula Bittencourt, casada em primeiras nupcias, em Curityba, a 4 de Junho de 1864 com o Capitão José Maria Barreto Falcão, natural do Rio de Janeiro, filho de José Maria Barreto Falcão e de sua mulher Josepha Joaquina Falcão. Casou-se em segundas nupcias a 19 de Fevereiro de 1876 com Manoel Alves Monteiro, filho de Antonio José de Oliveira e de sua mulher Felicidade Alves Monteiro.

Teve do primeiro matrimonio:

2-1 Cecilia Falcão Vieira, viuva de José Rodrigues Vieira, natural de Portugal; elle fallecido em Setembro de 1925 e ella fallecida em Curityba a 18 de Março de 1929.

Teve:

3-1 Dr. Ulysses Falcão Vieira, formado em direito, advogado em Curityba, onde exerce sua actividade com intelligencia e zelo; é advogado da Companhia Estrada de Ferro São Paulo—Rio Grande e presidente do Club Curitybano. Casado com Carmen Alvarez.

Filhos:

4-1 José Vieira Netto.

4-2 Cecilia Alvarez Vieira.

4-3 Sylvia Alvarez Vieira.

4-4 Ruy Alvarez Vieira.

4-5 Ney Alvarez Vieira.

4-6 Lygia Alvarez Vieira.

3-2 José Falcão Vieira, fallecido.

Teve do segundo matrimonio:

- 2-2 Pedro Alves Monteiro, major reformado do exercito, casado com Nezinia de Araujo Monteiro.
- 2-3 Pompeu Bittencourt Monteiro, casado com Josephina Guimarães Monteiro.  
Filhos:  
3-1 Nelson.  
3-2 Pedro.  
3-3 Francisca.  
3-4 Pompeu.
- 2-4 Francisca Amelia Bittencourt de Abreu, casada com Octacilio de Abreu, foi Capitão intendente do exercito, fallecido.  
Teve:  
3-1 Yolita Monteiro de Abreu, casada com Fabio Magalhães, negociante em São Paulo.  
3-2 Noemia Monteiro de Abreu, Dactylographa, casada com Manoel Damazo de Souza.  
3-3 Aracy Monteiro de Abreu, Professora diplomada pela Escola Normal, casada com Ernesto Wolff.  
3-4 Lecticia Monteiro de Abreu, Professora Normalista.
- 2-5 Joaquim Bittencourt Monteiro, casado com Antonietta Cavalli Monteiro.  
Filhos:  
3-1 Francisca Bittencourt Monteiro.  
3-2 Zoraide Bittencourt Monteiro.  
3-3 Antonietta Bittencourt Monteiro.  
3-4 Joaquim Bittencourt Monteiro Filho.
- 2-6 Antonio Monteiro.
- 2-7 João Bittencourt Monteiro.  
Com tres filhos.
- 2-8 Manoel Bittencourt Monteiro, casado com . . . .  
Moura, filha do Dr. Euclides de Moura.

## § 6.º

- 1-6 Estephania Bittencourt, casada em primeiras nupcias a 25 de Março de 1876 com o Tenente de cavallaria Francisco da Fontoura Menna Barreto, filho do

- Commendador Antonio Vicente da Fontoura Menna Barreto e de sua mulher Clarinda Francisca Portella e em segundas nupcias com o Coronel de artilharia Innocencio Benedicto Ferraz de Oliveira, já fallecido.  
Filhos do primeiro matrimonio:  
2-1 Honorina, fallecida aos 2 annos.  
2-2 Francisco, fallecido com dias.  
Do segundo matrimonio teve:  
2-3 Pericles Bittencourt Ferraz, Major de artilharia, casado com Elisa Abreu Ferraz, filha do Capitão de Fragata Dr. Aroldo Abreu, Lente da Escola de Marinha, já fallecido.  
Sem descendentes.
- 2-4 Sophocles Bittencourt Ferraz, Medico da Inspectoria de Saúde do Porto da Capital Federal, casado com Angelita Soares de Mello Ferraz, filha do Dr. Alexandre Soares de Mello, Director General da Secretaria do Ministerio da Justiça, e de sua mulher Alzira Arruda Soares de Mello.  
Filhos:  
3-1 Daisy.  
3-2 Nelly.  
3-3 Waldir, alumno do Collegio Militar.
- 2-5 Esquilo Bittencourt Ferraz, solteiro.
- 2-6 Maria da Luz Bittencourt Ferraz, solteira.
- 2-7 Maria das Dôres (Déa) Bittencourt Ferraz, casada com o Capitão T.º Lauro de Albuquerque Lima, filho do Contra Almirante Albuquerque Lima, Lente da Escola de Marinha.  
Filho:  
3-1 Inaro Albuquerque Lima, alumno do Collegio Militar.

## § 7.º

- 1-7 Maria da Conceição Bittencourt, casada em primeiras nupcias a 16 de Agosto de 1879 com o Tenente Pedro Roque de Souza, official de cavallaria do exercito, e em segundas nupcias com o Engenheiro Civil Dr. Augusto Vieira Pamplona, nascido na cidade do

Desterro, hoje Florianopolis, aos 14 dias do mez de Setembro de 1862, filho de João Vieira Pamplona e de sua mulher Maria Theodora da Conceição Pamplona; neto paterno de Niculão Vieira Pamplona e de sua mulher Candida Vieira Pamplona; neto materno de Estanslão da Conceição e de sua mulher Caetana Pires da Conceição.

Occupou no Paraná os seguintes cargos: Engenheiro Ajudante e Director das Obras Publicas, Engenheiro Ajudante da Commissão de Terras e Colonisação do Valle do Iguassú quando se fundou a colonia de São Matheus, hoje cidade do mesmo nome, Engenheiro da Camara Municipal de Curityba, Commissario de Terras dos municipios do Serro Azul, Assunguy de Cima e Votuverava.

Foi Engenheiro das Obras Publicas da Capital Federal e actualmente é Engenheiro da Inspectoria Federal de Portos, Rios e Canaes, servindo na Fiscalisação das Obras do Porto de Paranaguá como Engenheiro Chefe Interino.

Sem filhos de seus dous matrimonios.

§ 8.º

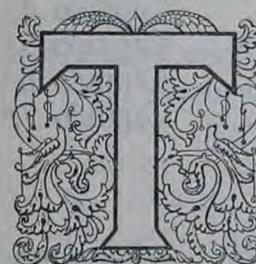
1-8 Professor Adolpho de Bittencourt, falleceu solteiro.

§ 9.º

1-9 Manoel Dias Correia de Bittencourt, casado no Rio de Janeiro.  
Sem descendentes.



## Titulo Cardoso de Lima



**T**EVE inicio este Titulo em Domingos Cardoso de Lima, natural da freguezia de S. Verissimo de Paranhos, Bispado do Porto, Sargento-mór de milicia, casado com Felicia Xavier Barbosa, que, em seu testamento feito em Paranaguá a 24 de Fevereiro e aberto a 30 de Abril de 1781, declarou ser filha de Francisco Xavier e de sua mulher Maria Leme da Silva, naturaes da villa de Parnahyba; que seu genro Manoel Lourenço Pontes move-lhe uma demanda por sonegação de dinheiro por morte de seu marido, e que no momento de dar contas a Deus declara que tal dinheiro não sonegou mas que o perdôa o aleive. Era possuidor de abundantes minas de ouro em Morretes e Anhaya bem como de grandes cabedaes. Vieira dos Santos diz que, sua casa era adornada de damasco de seda, sua mesa servida de baixella de prata, suas mocamas adornadas de grossos cordões de mais de 100 oita-

vas de ouro; que tinha uma banda de musica completa, de instrumentos de sopro, formada por escravos de sua fazenda, com a qual fazia entrada faustosa, e ao som de trompas e clarins, quando de Morretes ia a Paranaguá com sua familia. Explorou as minas de ouro de Assunguy, d'onde veio para Morretes já abastado em bens, e ahí adquiriu as minas de Penajoia — no Anhaya, da qual já nos referimos no volume 1.º, pagina 126 e seguintes e no volume 3.º, pagina 111.

Em 16 de Novembro de 1765, sendo vereador da Camara de Paranaguá, foi seu nome indicado, conjuntamente com o de seu genro Manoel Nunes de Lima, para o lugar de Capitão-mór, sendo o nome deste ultimo o escolhido. Falleceu em 1775, em Paranaguá, á cuja governança pertenceu com honra e dignidade. Foi vulto de destaque social e politico.

Teve os seguintes filhos (7):

- |   |              |
|---|--------------|
| 1 — Domingos Cardoso dos Santos Filho —<br>Porta-bandeira . . . . . | Capitulo 1.º |
| 2 — Verissimo Cardoso dos Santos . . . . .                          | Capitulo 2.º |
| 3 — Manoel Francisco dos Santos. . . . .                            | Capitulo 3.º |
| 4 — Rita Cardoso de Lima . . . . .                                  | Capitulo 4.º |
| 5 — Maria Cardoso de Lima. . . . .                                  | Capitulo 5.º |
| 6 — Antonia Xavier Cardoso. . . . .                                 | Capitulo 6.º |
| 7 — Joanna Cardoso de Lima . . . . .                                | Capitulo 7.º |

#### CAPITULO 1.º

- 1 — Domingos Cardoso dos Santos Filho — Porta-bandeira — falleceu em 1788 em estado de solteiro, legando seus bens a dous filhos naturaes — Florentina e Ignacio Cardoso —, pelo que seus irmãos promoveram em juizo uma acção de annullação de herança. Era mineiro e explorou o serviço de extracção de ouro das minas de Penajoia e do Marumby.

#### CAPITULO 2.º

- 2 — Verissimo Cardoso dos Santos, era solteiro por occasião da morte de sua mãe.

#### CAPITULO 3.º

- 3 — Manoel Francisco dos Santos, em 1781 se achava preso na fortaleza de Paranaguá. Era casado com Maria Angelica Borba. Foram possuidores das lavras do Rio do Pinto, por herança do Sargento-mór Domingos Cardoso de Lima, que venderam em 1806 a Antonio Rodrigues Pinto por 53\$600. Nessas lavras residia Antonio Teixeira Penajoia.

#### CAPITULO 4.º

- 4 — Rita Cardoso de Lima, casada com o Sargento-mór Francisco José Taveira de Mesquita; possuíam propriedades junto ao Rio Marumby-Anhaya e se dedicaram ao serviço de exploração do ouro extrahido das «Minas de Penajoia». A sua patente de Sargento-mór das Ordenanças foi passada a 30 de Junho de 1772, na vaga pelo fallecimento de seu sogro.

#### CAPITULO 5.º

- 5 — Maria Francisca Cardoso de Lima, casada com o Capitão Manoel Lourenço Pontes, natural da Villa de Mouros, termo de Caminha, Arcebispado de Braga, filho de João Affonso Pontes, de S. Eulalia do Villar dos Mouros, e de sua mulher Maria Lourenço Pontes, de S. Thiago do Jopol, termo de Caminha-Braga. Exerceu os cargos da Governança de Paranaguá, entre os quaes o de Juiz Ordinário, Provedor das Fazendas Reaes, de Depositos e Ausentes, Intendente dos Reaes Quintos e Superintendente das Terras Mineræes. Em 1763 exercia o cargo de Ouvidor geral por Lei. Demandou contra sua sogra, allegando sonegação de dinheiro no inventario de seu sogro. Possuía terras e intensa lavoura na Lagoa e residia em Morretes, na Ponte Alta. Falleceu em Morretes a 28 de Junho de 1797, tendo antes explorado, com sua grande escravatura, o serviço das Minas de ouro do Anhaya.

## Filhos:

- 1-1 Sargento-mór Antonio Ricardo dos Santos . . . § 1.º  
 1-2 José Lourenço Pontes . . . . . § 2.º  
 1-3 Rita Maria de Lima . . . . . § 3.º  
 1-4 Manoel Lourenço Pontes Filho . . . . . § 4.º  
 1-5 João Bernardino Pontes . . . . . § 5.º

## § 1.º

1-1 Sargento-mór Antonio Ricardo dos Santos — o velho —, foi casado primeiro com Maria Magdalena de Lima, viuva de seu irmão José Lourenço Pontes; foi casado em segundas nupcias, em Morretes, a 9 de Dezembro de 1814 com Maria da Luz Paraiso, filha de Raymundo José Sanabio e de sua mulher Maria da Luz, 3-2 de pagina 86 do 3.º volume. Falleceu o Sargento-mór, em Morretes, em 1862, sendo natural de Cananéa.

Do primeiro matrimonio teve 3 filhos:

2-1 Luiza Gonçalves Cordeiro, casada com Joaquim José Gonçalves Cordeiro, 4-11 de pagina 244 do 3.º volume, com ascendentes e descendentes ahi descriptos, pelo que só mencionamos os filhos sem detalhar a descendencia completa.

## Filhos:

- 3-1 Modesto Gonçalves Cordeiro, casado com Julia dos Santos Cordeiro, 5-1 de pagina 244 do 3.º volume.  
 3-2 Affonso Gonçalves Cordeiro, casado com Bertha Keller Cordeiro, 5-2 de pagina 244 do 3.º volume.  
 3-3 Antonio Ricardo dos Santos Sobrinho, casado com Lydia do Nascimento Santos, 5-3 de pagina 245 do 3.º volume.  
 3-4 Maria dos Anjos Agner, casada com Luiz Manoel Agner, 5-4 de pagina 249 do 3.º volume.  
 3-5 Leopoldina Gonçalves Cordeiro, casada com Antonio Gonçalves Cordeiro, 5-5 de pagina 254 do 3.º volume.

- 3-6 Tenente Manoel Gonçalves de Moraes, casado primeiro com Maria Cordeiro de Moraes e em segundas nupcias com Deolinda Gonçalves de Moraes e em terceiras nupcias com Anna Gonçalves Dias, 5-6 de pagina 270 do 3.º volume.  
 3-7 Joaquim Gonçalves Cordeiro, casado em primeiras nupcias com Petronilha Martins, passou a segundas nupcias. 5-7 de pagina 271 do 3.º volume e 4-7 de 3-10 de pagina 156 do 4.º volume.  
 2-2 Justina Rodrigues da Trindade, casada com o Comendador Modesto Gonçalves Cordeiro, 4-7 de pagina 202 do 3.º volume, onde damos sua biographia, ascendentes e descendentes pelo que aqui só mencionaremos seus filhos.  
 Filhos:  
 3-1 Major Ricardo Gonçalves Cordeiro, casado com Anna Antonia Pereira, 5-1 de pagina 203 do 3.º volume.  
 3-2 Tenente Coronel Firmino Gonçalves Cordeiro, casado em primeiras nupcias com Anna de Moraes Roseira e em segundas nupcias com Francisca Alves Pereira, 5-2 de pagina 205 e 210 do 3.º volume.  
 3-3 Major Fernando Gonçalves Cordeiro, casado com Francisca Antonia Pereira, 5-3 de pagina 214 do 3.º volume.  
 3-4 Joaquim Gonçalves Cordeiro, fallecido com 11 annos.  
 3-5 Delphina Gonçalves Cordeiro, fallecida em criança.  
 3-6 João Gonçalves Cordeiro, fallecido em criança.  
 3-7 Anna Gonçalves Cordeiro, casada com João Pereira da Silva, 5-7 de pagina 221 do 3.º volume.  
 3-8 Rosa Maria de Lima, casada com o Major Antonio Polydoro, 5-8 de pagina 222 do 3.º volume.  
 3-9 Antonio Gonçalves Cordeiro, 5-9 de pagina 226 do 3.º volume.  
 3-10 Maria Thereza da Luz, casada com Antonio Gonçalves do Nascimento, 5-10 de pagina 227 do 3.º volume.

- 3-11 Capitão Antonio Modesto Gonçalves de Moraes, casado com Rita Negrão Lisbôa, 5-11 de pagina 228 do 3.º volume.
- 3-12 Clara Gonçalves Cordeiro, 5-13 de pagina 228 do 3.º volume.
- 3-13 Mathilde Gonçalves Cordeiro, casada com o Coronel Bento Gonçalves Cordeiro, 5-12 de pagina 228 do 3.º volume.
- 3-14 Tito Gonçalves Cordeiro, casado com Amelia Cordeiro, 5-14 de pagina 228 do 3.º volume.
- 3-15 Modesto, falecido em criança.
- 2-3 Rosa Maria de Lima, casada com Manoel Gonçalves Cordeiro do Nascimento, 4-8 de pagina 229 do 3.º volume, ahi os ascendentes e descendentes pelo que aqui só mencionamos os filhos, sem detalhes.
- Filhos:
- 3-1 Antonio Gonçalves do Nascimento, casado com Maria Thereza da Luz, 5-1 de pagina 229 do 3.º volume.
- 3-2 Capitão Francisco Gonçalves do Nascimento Rosa, casado em primeiras nupcias com Thereza de Moraes Roseira e em segundas nupcias com Olympia Garcez do Nascimento, 5-2 de pagina 229 do 3.º volume.
- 3-3 Joaquina Maria Rosa de Lima, casada com Antonio de Loyola e Silva, 5-3 de pagina 231 do 3.º volume.
- 3-4 Izabel Gonçalves Nascimento, casada com o Coronel José Antonio Nobrega, 5-4 de pagina 235 do 3.º volume.
- 3-5 Manoel Gonçalves Nascimento, falleceu solteiro.
- 3-6 Maria Rosa de Lima Bittencourt, casada com o Coronel Modesto Gonçalves de Bittencourt, 5-6 de pagina 237 do 3.º volume.

Do segundo matrimonio de 1-1:

- 2-4 Maria da Luz Paraizo Loyola, casada com o Tenente José Ignacio de Loyola, 5-1 de pagina 113 do 3.º volume, ahi os ascendentes e descendentes pelo que aqui só mencionamos os filhos, sem outros detalhes.
- Filhos:

- 3-1 Maria Leonizia de Pinho, casada com Ubaldo Theodorico de Pinho, 6-1 de pagina 113 do 3.º volume.
- 3-2 João Gonçalves de Loyola, 6-2 de pagina 113 do 3.º volume.
- 3-3 Francisca da Luz Loyola Garnier, casada com o General reformado Francisco Aristides Garnier, 6-3 de pagina 113 do 3.º volume.
- 3-4 General Servando de Loyola e Silva, casado com Herminia Rebello de Loyola, 6-4 de pagina 114 do 3.º volume.
- 3-5 Silvina da Luz de Loyola e Souza, casada com o Major Antonio Luiz Fagundes da Silva, 6-5 de pagina 115 do 3.º volume.
- 3-6 Ernestina da Luz Loyola Xavier, casada com o Capitão João Baptista Xavier, 6-6 de pagina 115 do 3.º volume.
- 3-7 Sebastião, falecido na infancia.
- 3-8 Alzira de Loyola Santos, casada com o Capitão Urbano Teixeira dos Santos, 6-8 de pagina 116 do 3.º volume.
- 3-9 Etelvina de Loyola e Silva, casada com o Coronel João Monteiro do Rosario, 6-9 de pagina 116 do 3.º volume.
- 2-5 Antonio, falecido em criança.
- 2-6 Manoel Ricardo do Nascimento, casado em primeiras nupcias com Maria Caetana de França e em segundas nupcias com Virginia de Oliveira Bittencourt, 5-3 de pagina 116 do 3.º volume, ahi os ascendentes e descendentes, pelo que aqui só mencionamos os filhos, sem outros detalhes.
- Filhos do primeiro matrimonio:
- 3-1 Manoel Ricardo, falecido em criança.
- 3-2 Joaquina Nascimento Sink, casada com Antonio Sink, 6-2 de pagina 116 do 3.º volume.
- 3-3 Maria Luiza do Nascimento Loyola, casada com o Capitão Vicente Ferreira de Loyola, 6-3 de pagina 116 do 3.º volume.
- 3-4 Maria Caetana Correia, casada primeiro com Joaquim Gonçalves Cordeiro, em segundas nupcias

com Lourenço Correia Pereira e a terceira vez com o Commendador Prescilliano Pereira Correia, 6-4 de pagina 118 do 3.º volume.

Do segundo matrimonio teve:

- 3-5 Coronel Antonio Ricardo do Nascimento, casado em primeiras nupcias com Hermancia Borges de Macedo e em segundas nupcias com Maria Rosalina Caiut, 6-5 de pagina 124 do 3.º volume.
  - 3-6 Rosa do Nascimento, fallecida em criança.
  - 3-7 Virginia do Nascimento Gelbeck, casada com o agrimensor Adalberto Gelbeck, 6-7 de pagina 125 do 3.º volume.
  - 3-8 Ernestina do Nascimento, casada primeiro com Claudio Fumagalli, depois com Arthur de Almeida Torres, 6-8 de pagina 127 do 3.º volume.
  - 3-9 Aurea do Nascimento, casada com Leoncio Moreira Lobo, 6-9 de pagina 127 do 3.º volume.
  - 3-10 Carmella do Nascimento Monforte de Moraes, casada com o Major José Gonçalves de Moraes, 6-10 de pagina 127 do 3.º volume.
- 2-7 Commendador Antonio Ricardo dos Santos — Dódoca —, casado com Cordula Martins dos Santos, 5-4 de pagina 130 do 3.º volume, onde descrevemos os seus ascendentes, traços biographicos e descendentes pelo que aqui apenas mencionamos os filhos, sem outros detalhes.
- Filhos:
- 3-1 Horacio Ricardo dos Santos, casado em primeiras nupcias com Julia Ferreira da Luz e em segundas nupcias com Francisca Leal Pancada, 6-1 de pagina 131 do 3.º volume.
  - 3-2 Dignitario Antonio Ricardo dos Santos Filho, casado com Elisa Romaguera dos Santos, 6-2 de pagina 132 do 3.º volume.
  - 3-3 Carmelita } fallecidas na infancia.
  - 3-4 . . . . . }
- 2-8 Maria Francisca da Luz Gomes, casada com o Capitão Manoel Cordeiro Gomes, 5-5 de pagina 134 do 3.º volume, onde vêm descriptos os ascendentes e descendentes e traços biographicos, pelo que aqui só

vêm mencionados os seus filhos, sem maior detalhes.

Filhos:

- 3-1 Manoel, fallecido em criança.
  - 3-2 Maria Euphrasia da Luz Negrão, casada com o Major Ricardo de Souza Dias Negrão, 6-2 de pagina 145 do 3.º volume.
  - 3-3 Maria Francisca da Luz Negrão, casada com o Capitão João de Souza Dias Negrão, 6-3 de pagina 145 do 3.º volume. São os pais do auctor desta obra.
  - 3-4 Capitão Manoel Cordeiro Gomes, casado com Unistarda Nogueira de Barros, 6-4 de pagina 147 do 3.º volume.
  - 3-5 Amelia da Luz Gomes de Oliveira, casada com o Capitão João Ferreira de Oliveira, 6-5 de pagina 151 e 6-3 de pagina 51 do 3.º volume.
  - 3-6 Manoel
  - 3-7 Guilhermina } fallecidos em criança.
  - 3-8 Antonio }
  - 3-9 Professora Guilhermina da Luz Gomes, 6-9 de pagina 151 do 3.º volume.
- 2-9 Francisca Maria da Luz Santos, casada com o Coronel José Antonio dos Santos, 5-6 de pagina 152 do 3.º volume, ahí os ascendentes e descendentes pelo que aqui só mencionamos os nomes dos filhos sem outras minudencias.
- Filhos:
- 3-1 Maria Narciza dos Santos, casada primeiro com João Ricardo Guimarães e em segunda vez com o Major Vicente Ferreira de Loyola, 6-1 de pagina 152 do 3.º volume.
  - 3-2 Leopoldo José dos Santos, fallecido solteiro.
  - 3-3 Francisca dos Santos Rebello, casada com o Coronel José Pinto Rebello, 6-3 de pagina 155 do 3.º volume.
  - 3-4 Coronel José Antonio dos Santos, casado com Maria Rosa Pancada de Araujo, 6-4 de pagina 157 do 3.º volume.
  - 3-5 Guilhermina dos Santos Loyola, casada com o

Coronel Joaquim Antonio de Loyola, 6-5 de pagina 157 do 3.º volume.

3-6 Maria da Luz Santos Abreu, casada com o Coronel Arthur Ferreira de Abreu, 6-9 de pagina 160 do 3.º volume.

3-7 Coronel Francisco Heraclito dos Santos, casado com Maria Rosa de Araujo Santos, 6-10 de pagina 163 do 3.º volume.

3-8 Coronel Antonio Leopoldo dos Santos, casado com Julia da Luz Santos, 6-11 de pagina 163 do 3.º volume.

2-10 Thereza Maria da Luz Guimarães, casada com o Commendador Joaquim Americo Guimarães, 5-7 de pagina 164 do 3.º volume. Sem descendentes.

§ 2.º

1-2 José Lourenço Pontes, foi casado com Maria Magdalena de Lima, que por sua morte passou a segundas nupcias com o Sargento-mór Antonio Ricardo dos Santos, 1-1 do § 1.º deste Capitulo. Sem descendentes.

§ 3.º

1-3 Rita Maria de Lima, natural de Cananéa, casada com o Capitão Francisco José de Freitas.

Filhos:

2-1 Escolastica Maria de Freitas Miró, casada em Morretes a 15 de Junho de 1818 com Manoel Miró, filho de Jacintho Miró e de sua mulher Manoela des Prad, natural de Catalunha, villa de Franca de S. Maria de Panades.

Filhos:

3-1 Commendador Manoel Miró, casado com Irmina Guimarães Miró, filha dos Viscondes de Nacar, 6-7 de 5-1 de paginas 164 e 193 do 3.º volume, ahi os ascendentes e descendentes e traços biographicos.

3-2 Jacintho Miró, foi casado, sem filhos.

3-3 Maria Miró Silveira, casada com o Capitão

João Silveira de Miranda, fallecido em Curityba, em Setembro de 1880. Natural de S. Catharina.

Filhos:

4-1 Coronel Emilio Silveira de Miranda, casado em Curityba a 2 de Janeiro de 1858, com Maria Francisca Ribas, filha do Capitão João Antonio de Sá Ribas. Foi commerciante e exerceu varios cargos da administração publica.

Filhos:

5-1 João Silveira de Miranda, casado.

5-2 Olegario Silveira de Miranda, falleceu solteiro.

5-3 Adolpho Silveira de Miranda, casado.

5-4 Julia Silveira de Miranda, viuva de João Moreira.

5-5 Paulina Silveira de Miranda, solteira.

5-6 Brasilia Silveira de Miranda, casada com Mauricio Schwen.

5-7 Januaria Silveira de Miranda, casada com Jorge Schwen.

4-2 Major Arlindo Silveira de Miranda, negociante e depois fazendeiro de criação de gado em Palmas, onde foi casado com Maria Candida de Oliveira.

Filhos:

5-1 Cherubina Miranda Pacheco, casada com Oliverio dos Santos Pacheco.

Filho:

6-1 Francisco dos Santos Pacheco, casado com Maria Elysia Santos.

5-2 Jorge Miró de Miranda, casado com Maria da Gloria Ribas, ambos fallecidos.

Filhos:

6-1 Magdalena Miranda Vianna, casada com Manoel Vianna Junior, alto funcionario da Fazenda do Estado.

6-2 Laurinda Miranda Araujo, casada com José Saul de Araujo.

6-3 Carmella Miranda Moura, casada com Arthur Euclides de Moura.

6-4 Aristides Miranda, solteiro.

6-5 Alcebiades Miranda, solteiro.

6-6 Cicero Miranda, solteiro.

- 5-2 Arlindo Miranda, casado com Adelaide Wolf.  
Sem filhos.
- 5-3 Magdalena Miranda Pinto, casada com Pedro Ferreira Pinto.  
Filha:  
6-1 Maria da Luz Ferreira, viuva de Roberto Cluset.
- 5-4 Pedro, falecido solteiro.
- 5-5 Antonio Caetano de Miranda, casado com Anna Kachan.  
Filhos:  
6-1 Thereza, solteira.  
6-2 João Arlindo, solteiro.  
6-3 Ayrton Luiz, solteiro.  
6-4 Antonio, solteiro.  
6-5 Etelvina, falecida solteira.  
6-6 Pedro, solteiro.  
6-7 Julia, solteira.
- 5-6 Francisca Olympia da Silveira, casada com o Tenente Coronel Napoleão Marcondes de França, ambos falecidos. Com ascendentes e descendentes em 5-5 de pagina 452 do 3.º volume.
- 5-7 Analia da Silveira Santos, casada com Libino Pacheco dos Santos, falecido.  
Filhos:  
6-1 Arlindo, solteiro.  
6-2 Maria Caetana dos Santos, viuva de Alexandre Pormã.  
6-3 Maria da Conceição Santos, casada com João Mariano de Oliveira.  
6-4 João, solteiro.  
6-5 Luiz, solteiro.  
6-6 Affonso, solteiro.  
6-7 Maria da Luz, solteira.  
6-8 Francisco, solteiro.  
6-9 Gaspar, solteiro.  
6-10 Antonia, solteira.
- 5-8 Maria da Luz Silveira, casada com Eusebio Corrêa de Oliveira.  
Filhos:  
6-1 Alfredo Corrêa de Oliveira, casado com Haydée Ribas.

- 6-2 Walfredo Corrêa de Oliveira, casado com Maria Aust.
- 6-3 Weladimer Corrêa de Oliveira, solteiro.
- 6-4 Eloyna Corrêa de Oliveira, casada com Claudio Sotto Mayor Cordeiro.
- 6-5 Eusebio Corrêa de Oliveira, casado com Alfredina Freitas.
- 6-6 João Catulino Corrêa de Oliveira, solteiro.
- 6-7 Arlindo Renato Corrêa de Oliveira, solteiro.
- 6-8 Maria Evilasia Corrêa de Oliveira, solteira.
- 6-9 Boreal, falecida solteira.
- 6-10 Rosa Corrêa de Oliveira, solteira.
- 4-3 Manoel da Silveira Miró, tomou parte na guerra contra o Paraguay desde seu inicio, e pertenceu a gloriosa columna que operou na memoravel Retirada de Laguna, tão brilhantemente narrada pelo venerando e inolvidavel Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay. Foi um dos martyres do cholera morbus que tantas vidas preciosas nos roubou. De acordo com o seu desejo de ser enterrado em terras brasileiras, foi sepultado em Matto Grosso no lugar — Bello Jardim.
- 4-4 Maria Clara Silveira da Rocha, viuva de Joaquim Pedro da Rocha, já viuvo de Rosa Miró da Rocha, 3-7 adiante.  
Filhos:  
5-1 Augusto Silveira da Rocha, casado com Estephania Rocha.  
5-2 Cezar Silveira da Rocha, casado com Lucia Grillo da Rocha, filha de Sebastião Francisco Grillo e de sua mulher Lucia Silveira Grillo, 5-4 de 4-8 adiante.  
Sem filhos.
- 4-5 Escolastica Silveira de Miranda, casada em primeiras nupcias a 8 de Setembro de 1857, com o Capitão Francisco Antonio Nobrega, já viuvo de Rita Maria Nobrega. Foi casada em segundas nupcias com o Dr. José Gomes do Amaral, Tenente-Coronel, illustre medico do Corpo de Saúde do exercito, que tomou parte na Campanha do Paraguay.  
Sem descendencia.

4-6 Maria da Luz Silveira Miró, casada com seu tio Francisco Miró, 3-5 adiante.

Filhos:

5-1 Capitão Ercilio Miró, da Força Publica do Paraná, casado com Maria Joppert.

Filhos:

6-1 Francisco Miró.

6-2 Nady Miró.

6-3 Jorge Miró.

6-4 Edith Miró.

6-5 Maria da Luz Miró.

5-2 Mario Miró, casado com Anna Fonseca Miró.

Filhos:

6-1 Annita Miró Vernalhe, casada com o Dr. Roque Vernalhe, medico do Serviço de Prophylaxia do Estado do Paraná.

Filhos:

7-1 Nelson.

7-2 Rosalia.

7-3 Milton.

6-2 Javert Miró.

6-3 Esther Miró.

6-4 Altiva Miró.

6-5 Maria Antonietta Miró.

6-6 Mario Miró Filho.

6-7 Walkiria Miró.

5-3 João Miró, casado com Anna Turner, filha de Guilherme Turner, natural da Inglaterra.

Filhos:

6-1 Maria Elisa Miró, casada com . . . . da Costa. Sem filhos.

6-2 João Miró Filho.

6-3 Diva Miró.

5-4 Maria Christina Miró, casada com Antonio Monteiro.

Filhos (10):

6-1 Aline Miró Monteiro.

6-2 Accacia Miró Monteiro.

6-3 Lauro Miró Monteiro.

6-4 Alice Miró Monteiro.

6-5 Ruy Miró Monteiro.

6-6 Maria da Luz Monteiro.

6-7 Milton Miró Monteiro.

6-8 . . .

6-9 . . .

6-10 . . .

4-7 Coronel Augusto Silveira de Miranda, exerceu varios cargos da Administração do Estado do Paraná, foi Commissario de Policia, e como tal assumiu o lugar de Chefe de Policia durante o governo do Dr. Vicente Machado. Era politico em evidencia. Foi casado com Maria Ferreira Leite.

Teve:

5-1 Maria Augusta Silveira de Miranda, casada com João Barbosa de Almeida.

Filho:

6-1 Antonio Barbosa de Almeida, casado com Cecilia Gloger.

Filhos:

7-1 Antonio.

7-2 Léa.

7-3 Ruy.

5-2 Maria Clara Miranda, casada com Alberto Silva.

Filhos:

6-1 Daura.

6-2 Louri.

6-3 Alberto.

4-8 Capitão de Fragata Bernardo Silveira de Miranda, official da armada de guerra Nacional, já fallecido. Exerceu o commando em varios paquetes do Lloyd Brasileiro, passando depois a pertencer a alta Administração dessa Empreza. Foi casado com Beatriz Ferro Cardoso de Miranda.

Sem filhos.

4-9 Lucia Silveira Grillo, casada com Sebastião Francisco Grillo, filho do portuguez Manoel Francisco Grillo, que foi acreditado commerciante em Morretes, e de sua mulher Joanna do Nascimento Grillo. E' negociante e capitalista, residente em Curityba.

Filhos:

- 5-1 Noemia Grillo de Souza Lobo, casada com Rogerio de Souza Lobo.  
Filhos:  
6-1 Ary.  
6-2 René.  
6-3 Loé.  
6-4 Ivette.  
6-5 Rogerio.  
6-6 Arlette.
- 5-2 Maria Grillo Malheiros Pinto, casada com José Malheiros Pinto, commerciante em Curityba.  
Filhos:  
6-1 Adahyr.  
6-2 Lelia.  
6-3 Raul.  
6-4 Ruth.  
6-5 José Maria.  
6-6 Orlando.  
6-7 Regina.
- 5-3 Dr. Cezar Silveira Grillo, engenheiro civil. E' official de gabinete do Ministro da Viação, casado com Maria de Lourdes Pereira Grillo, filha do Almirante Theotonio Pereira.  
Filhos:  
6-1 Cezar.  
6-2 Ledo.  
6-3 Claudio.
- 5-4 Lucia Silveira Grillo, foi casada em primeiras nupcias com Lauro da Silva Pereira e em segundas nupcias com Cezar da Rocha, filho de João Pedro da Rocha e de sua mulher Maria Clara Silveira, 5-2 de 4-4, retro.  
Filho do primeiro matrimonio:  
6-1 Lauro.  
Do segundo matrimonio ainda não tem filhos.
- 5-5 Alice Grillo Pimentel, casada com o Dr. Roberto Pimentel.  
Ainda sem filhos.
- 5-6 Dr. Heitor Viniccus Silveira Grillo, agronomo. Assistente do Instituto Biologico do Rio de Janeiro, do Ministerio da Agricultura. Solteiro.

- 5-7 Marina Grillo Barbosa Lima, casada com o Dr. José Barbosa Lima, medico.  
Filhos:  
6-1 Hebe.  
6-2 Maria de Lourdes.  
6-3 Candida Maria.
- 5-8 Beatriz Grillo Soares, casada com Omilio Soares, Engenheiro agronomo.  
Ainda sem filhos.
- 5-9 Yolanda Grillo, solteira.
- 3-4 Commendador José Miró de Freitas, fallecido a 4 de Dezembro de 1881, casado com Catharina Ferreira Alves, filha de Joaquim José Alves, fallecido a 20 de Julho de 1865, e de sua mulher Maria Joaquina Luiza Monteiro de Mattos; neta pela parte materna do Sargento-mór José Joaquim Pinto do Valle e de sua mulher Anna Rosa de Lima; neta pela parte paterna do Capitão-mór, de Antonina, Manoel José Alves.  
Filhos:  
4-1 Guilhermina Miró Alves, casada com o Commendador Joaquim José Alves, filho de Joaquim José Alves — o velho — e de sua mulher Seraphina Rodrigues Ferreira.  
Filhos:  
5-1 Maria Eugenia Miró Alves, foi casada com José Borges de Macedo Ribas.  
Filhos:  
6-1 José Borges Junior, casado com Carmen Carvalho.  
Filhos:  
7-1 Carmen Maria, fallecida.  
7-2 Maria José.  
6-2 Dr. Oscar Borges Ribas, casado com Nadyr Junqueira.  
Filhos:  
7-1 Maria Olympia, fallecida.  
7-2 Nice.  
7-3 Lia.  
7-4 Carlos Eduardo.

- 6-3 Anna Miró Borges Ribas, casada com Alfredo Guimarães Villela.  
Filhos:  
7-1 Sylvio, falecido.  
7-2 Alfredo Ribas Villela.
- 6-4 Léa, falecida.
- 5-2 Joaquim José Alves Junior, casado com Joaquina Barros Alves, filha do Commendador Antonio de Barros e de sua mulher Thereza de Lima Barros, 6-4 de pagina 58 do 3.º volume.  
Filhos:  
6-1 Thereza de Barros Alves Lopes, casada com o Dr. Francisco Avelino Lopes.  
Filha:  
7-1 Nylsa.
- 6-2 Guilhermina Barros Alves, casada com Vicente Giorgio.  
Filha:  
7-1 Eunice.
- 6-3 Laura Barros Alves, falecida, foi casada com Antonio Couto Pereira.  
Filha:  
7-1 Cléa.
- 6-4 Maria da Conceição, falecida.
- 6-5 Cecília Barros Alves, casada com Arion Vasconcellos.  
Filha:  
7-1 Zilá.
- 6-6 Ary Barros Alves.
- 5-3 Ismenia Miró Alves Vieira de Alencar, casada com o Dr. Manoel Vieira B. de Alencar. Advogado do Foro da Capital, foi Juiz de Direito no Interior do Estado.  
Filhos:  
6-1 Dr. Manoel Vieira de Alencar.  
6-2 Dr. Alarico Vieira de Alencar.  
6-3 Gastão Vieira de Alencar.  
6-4 Violeta Vieira de Alencar, casada com o Dr. Paulino Franco de Carvalho.  
Filhos:  
7-1 Maria Violeta.

- 7-2 Carlos.
- 6-5 Dr. João Vieira de Alencar, medico.
- 5-4 Guilhermina, falecida.
- 5-5 Guilhermina Miró Alves, solteira.
- 5-6 Dr. Euclides Miró Alves, casado com Clara Alves Pégas.
- 5-7 Maria Clara Miró Alves, falecida, foi casada com Eugenio Bittencourt.  
Filha:  
6-1 Guilhermina Miró Alves de Bittencourt.
- 5-8 Maria Julia Miró Alves, casada com o Coronel José Borges de Macedo Ribas.  
Filhos:  
6-1 Francisco Alves de Macedo Ribas.  
6-2 Euclides Alves de Macedo Ribas.  
6-3 Estella Alves de Macedo Ribas.  
6-4 Cynira Alves de Macedo Ribas.
- 5-9 José Miró Alves, falecido.
- 5-10 Esther Miró Alves, solteira.
- 4-2 Maria Miró Ribeiro Vianna, viuva do Commendador João Manoel Ribeiro Vianna, filho do Commendador Bernardo José Ribeiro Vianna, natural de Vianna de Castella, e de sua mulher Rosa Maria do Nascimento Vianna; neto pela parte paterna de João Manoel Ribeiro e de sua mulher Gertrudes Rosa, de Vianna de Castella; neto pela parte materna de José Borges de Macedo e de sua mulher Maria Rosa de Lima; por esta, bisneto do Capitão Nicoláu Pinto Rebello — o velho — e de sua mulher Lourença Floriana de Lima, natural de Paranaguá, falecida com testamento em Curityba a 18 de Março de 1860; por esta, era terceiro neto do Capitão-mór Manoel Nunes de Lima e de sua mulher Joanna Cardoso de Lima; por esta, quarto neto do Sargento-mór Domingos Cardoso de Lima e de sua mulher Felicia Xavier Barbosa, que servem de Titulo deste.  
Pelo Ajudante José Borges de Macedo, era bisneto do Capitão Cyrino Borges de Macedo, residente em Castro; por este, terceiro neto de Bento Ribeiro Guimarães e de sua mulher Maria Correia de Macedo, fal-

lecida em Antonina em 1786; por esta, quarto neto de João Correia da Fonseca e de sua mulher Catharina de Macedo Baldraga, falecida com testamento em Curityba a 13 de Agosto de 1799, no qual declarou ser natural da cidade de S. Paulo, filha de Duarte de Tavora Gambôa e de sua mulher Maria de Cerqueira Leme. Os dados da ascendencia do Capitão Cyrino Borges de Macedo foram por nós extrahidos do Cartorio de Orphãos de Curityba, então a cargo do saudoso Coronel Izaias Alves, do livro de Registro de Testamentos. Por elle conseguimos a ligação de Maria de Cerqueira Leme com a Genealogia Paulistana do Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, no volume 3.º, Titulo Borges de Cerqueira, pagina 536 em 3-2 de 2-2, o que equivale a remontar os troncos da Familia á data da fundação da nacionalidade portugueza. O progenitor dos — Borges — foi Gonçalo Annes, 11.º avô de Simão Borges de Cerqueira, da linhagem dos — Regos — muito illustre de Portugal, cujas armas vem descriptas no volume 3.º da Genealogia Paulistana, em nota de pagina 515.

Filhos:

- 5-1 Dr. João Manoel Ribeiro Vianna Junior, medico formado pela Academia do Rio de Janeiro. Faleceu em consequencia de uma operação a que se submetteu no Rio de Janeiro. Era solteiro.
  - 5-2 Rosa do Nascimento Vianna, falleceu solteira em plena mocidade.
  - 5-3 Elvira, fallecida.
  - 5-4 Dr. Bernardo Ribeiro Vianna, medico de nomeada e fazendeiro em Palmas, onde se casou com Maria Nazareth Ribas Vianna.
- Filhos:
- 6-1 Moacyr, fallecido.
  - 6-2 Iracy Ribeiro Vianna, academico de medicina.
  - 6-3 Helvia Ribeiro Vianna.
- 5-5 Major Erasmo Ribeiro Vianna, representante commercial, casado com Mary Balster Vianna, filha de Arthur L. Balster e de sua mulher Maria Luiza Machado Balster.

Filhos:

- 6-1 Dr. Newton Balster Vianna, engenheiro civil, casado com Gloria Cardoso Vianna.
  - 6-2 Aracy Balster Vianna Rosa, casada com Theophilo Rosa Filho.
- Filho:
- 7-1 Rogne Luiz.
- 6-3 Zaira, fallecida.
  - 6-4 Helcia Balster Vianna.
  - 6-5 Ogarita Balster Vianna.
- 5-6 Maria Eugenia Vianna Vossio Brigido, viuva de José Maria Vossio Brigido, alto funcionario de Fazenda, fallecido em Paranaguá em 1923, quando no exercicio do cargo de Inspector da Alfandega, que vinha exercendo em commissão ha alguns annos.
- Era natural do Ceará.
- Filhos:
- 6-1 Rosa Vianna Brigido.
  - 6-2 Zilda Vianna Brigido Rangel, casada com seu primo Dr. Francisco da Costa Rangel, advogado residente no Rio de Janeiro, onde é abastado commerciante.
- Filhos:
- 7-1 Maria Francisca.
  - 7-2 José Julio.
- 6-3 Maria José, fallecida.
  - 6-4 Raymundo, fallecido.
  - 6-5 Odette Vianna Brigido.
  - 6-6 João Vianna Brigido, solteiro.
  - 6-7 José Vianna Brigido, solteiro.
- 5-7 Helvia, fallecida.
  - 5-8 Eugenio, fallecido.
- 4-3 Coronel José Miró de Freitas, casado com Anna Baptista Rosa.
- Filha:
- 5-1 Anna Baptista Miró Guimarães, casada com o Dr. Flavio Guimarães.
- Filhos:
- 6-1 Eunice.

- 6-2 José.  
6-3 Plauto.
- 3-5 Francisco Miró, casado com Maria da Luz Silveira, filha do Capitão João Silveira de Miranda e de sua mulher Maria Miró Silveira de Miranda.  
Com descendencia descripta em 4-6 de 3-3 retro.
- 3-6 Francisca Miró Gonçalves Pecego, casada em Morretes a 23 de Maio de 1863 com José Gonçalves Pecego Junior, que foi commerciante em Paranaguá e um dos concessionarios da Estrada de Ferro do Paraná.  
Filhos:  
4-1 Dr. Manoel Pecego Junior, engenheiro, casado com Gilda Guedes, filha do Almirante Guedes.  
Filho:  
5-1 Edmundo Pecego Junior.  
4-2 Luiz Pecego Junior.  
4-3 Esther Pecego Junior.  
4-4 Ercilia Pecego Junior.  
4-5 Joaquim Pecego Junior, casado com uma filha do Almirante Pereira Guedes.
- 3-7 Rosa Miró da Rocha, casada com Joaquim Pedro da Rocha, residiu em Morretes de 1846 a 1863 quando transferio sua residencia para o Rio da Prata.  
Filhos:  
4-1 Rosalina Rocha, viuva de Rodolpho Moreira.  
Filhos:  
5-1 Maria Rosa.  
5-2 Rosalina.  
5-3 Rodolpho.  
5-4 Sarah.  
5-5 Ivan.  
4-2 Rosina Rocha, casada com Alexandre Lorona.  
4-3 Maria Rocha, casada com Carlos Lacacio Rosa. Residem na Argentina.  
Com filhos.
- 3-8 Ritta Miró, fallecida com testamento a 9 de Dezembro de 1856, casada com Francisco Antonio Nobrega, fallecido a 29 de Janeiro de 1880.  
Filhos:

- 4-1 Adolpho }  
4-2 Alzira } fallecidos em criança.  
4-3 Julia }
- 2-2 Victoriano José de Freitas.
- 2-3 Maria Ritta de Lima, casada a 14 de Janeiro de 1816 com o Tenente Ignacio José de Loyola.  
Filhos:  
3-1 José Ignacio de Loyola, casado com Maria da Luz Paraizo Loyola, 5-1 de 4-5 de pagina 113 do 2.º volume, ahi a descendencia e ascendencia e 4-1 de 3-6 de pagina 149 do 4.º volume.  
3-2 João de Loyola e Silva, casado com Benedicta Maria dos Prazeres Loyola, 4-3 de 3-6 do 1.º volume, pagina 215, ahi os ascendentes e descendentes e 4-3 de pagina 165 do 4.º volume.  
3-3 Antonio de Loyola e Silva, casado com Joaquina Maria de Lima, 5-3 de 4-8 de pagina 231 do 3.º volume, ahi a ascendencia e descendencia e 4-3 de pagina 154 do 4.º volume.

## § 4.º

- 1-4 Manoel Lourenço Pontes Filho, casado com Izabel Maria Antunes do Amaral, filha de José do Amaral e de sua mulher Izabel de Souza.  
Filhos:  
2-1 Manoel Lourenço Pontes Netto, natural de Morretes, onde falleceu em 18 de Junho de 1840, casado com Candida Anna Maria.  
Sem filhos, pelo que deixou seus bens a sua mulher, e si esta fôr fallecida, deixa:  
1) a Benedicta Lourença do Amaral e a seu marido Pedro Luiz Cordeiro e a sua filha legitima Clara, devendo a autoridade lhe tomar conta quando qualquer deste casal tenha procedimento escandaloso no modo de viver;  
2) a sua madrinha Maria Manuela do Amaral, casada com Lupercio José Taveiro - Pai;

- 3) a sua irmã Mariana, casada com Venancio Carneiro dos Santos;  
 4) a sua irmã Antonia Lourenço do Amaral, casada com Ignacio José da Costa.  
 5) a seu irmão Hyppolito Lourenço das Neves.
- 2-2 Marianna Lourenço do Amaral, casada com Venancio Carneiro dos Santos.
- 2-3 Hyppolito Lourenço das Neves.
- 2-4 Antonia Lourenço do Nascimento Costa, casada com Ignacio José da Costa.  
 Filhos:  
 3-1 Cypriano José da Costa, casado com Candida Maria Gomes, falecida no Quarteirão do Atuba-Curityba a 13 de Fevereiro de 1862, victimada por um raio quando se achava a passeio; filha de Antonio Luiz Gomes — o maneta — que foi advogado provisionado em Morretes, e de sua mulher Maria Rosa do Sacramento. Possuía fabrica de beneficiar herva matte em S. João da Graciosa, no lugar chamado Fortaleza, e em Morretes.  
 Filhos:  
 4-1 Coronel Ignacio Gomes da Costa, nascido a 30 de Setembro de 1857, casado com sua sobrinha Candida Saldanha da Costa. Official reformado do exercito. Foi um dos bravos defensores da cidade da Lapa, durante o memoravel assédio de 1894, em que as forças legalistas sob o commando do intrepido General Antonio Ernesto Gomes Carneiro defenderam, durante 26 dias, a praça, atacada por forças federalistas do General Gumercindo Saraiva em numero muitas vezes superior. Foi Commandante da Guarda Civica de Curityba e da Força militar do Paraná.  
 Filhos:  
 5-1 Hylza da Costa, solteira.  
 5-2 Cypriano Gomes da Costa, solteiro.  
 5-3 Moacyr Gomes da Costa, falecido com

- 26 annos de idade em 9 de Abril de 1927, solteiro.
- 5-4 Ary Costa, casado com Zinah Accioly da Costa. Sem filhos.
- 5-5 Ignacio, falecido em criança.
- 5-6 Jandyra, falecida em criança.
- 4-2 Ignacio, falecido com 3 annos.
- 4-3 Antonia da Costa Fonseca, nascida a 29 de Junho de 1858, e falecida a 16 de Setembro de 1892, casada com João Pereira da Fonseca, já falecido.  
 Teve:  
 5-1 Candida Fonseca de Britto, casada com Miguel de Britto, já falecido.  
 Teve 2 filhos:  
 6-1 Celsa de Britto Correia Lima, casada com José Correia Lima.  
 Sem filhos.  
 6-2 Amenaide, falleceu solteira.
- 5-2 José Pereira da Fonseca, nascido a 12 de Setembro de 1879, casado com Amelia Silva, já falecidos.  
 Filhos:  
 6-1 Attilio Fonseca, casado.  
 Com dous filhos.  
 6-2 Darcy.  
 6-3 Jacy.  
 6-4 Zaira.
- 5-3 Anna da Fonseca Miró, casada com Mario Miró.  
 Filhos:  
 6-1 Annita Miró, casada com o Dr. Roque Vernalha, medico.  
 Filhos:  
 7-1 Nelson.  
 7-2 Roque.  
 7-3 Milton.
- 6-2 Javert.  
 6-3 Esther.  
 6-4 Altiva.  
 6-5 Diva, falecida.  
 6-6 Maria Antonieta.

- 6-7 Mario.  
6-8 Walkiria.
- 4-4 Dulcia da Costa Saldanha, nascida a 22 de Setembro de 1861, falecida, foi casada com Pedro Martins Saldanha.  
Filhos:  
5-1 Capitão Alcides da Costa Saldanha, foi official da Força Publica do Paraná, casado com Cecilia da Costa Lobo, já falecidos.  
Filhos:  
6-1 Rubens.  
6-2 Eloah Saldanha de Almeida, casada com Hydes Velloso de Almeida.  
Filhos:  
7-1 Ahyr.  
7-2 Hariclée.
- 5-2 Candida Saldanha, casada com seu tio o Coronel Ignacio Gomes da Costa, atraz referido.
- 5-3 Ormino, falecido em criança.
- 5-4 Oswaldo da Costa Saldanha, casado com Rosa Lombardi.  
Filhos:  
6-1 Levy.  
6-2 José.
- 5-5 Pedro, falecido.
- 5-6 Honorata, falecida.
- 5-7 Pedro da Costa Saldanha, casado com Anna de Macedo Saldanha.  
Filhos:  
6-1 Osiris.  
6-2 Pedro.  
6-3 Jurandyr.  
6-4 Luiz.  
6-5 Osny.  
6-6 Reny.
- 5-8 Elvira da Costa, casada com João de Oliveira Franco Gomes.  
Filhos:  
6-1 Dulcia.  
6-2 Lelia.

- 6-3 Ruy.  
6-4 Leny.
- 5-9 Maria da Gloria, casada com João Argemiro de Loyola.  
Filhos:  
6-1 Agostinho.  
6-2 Acyr.
- 3-2 Ireneo José da Costa, casado em Curityba a 18 de Fevereiro de 1834 com Maria de Deus e Silva, filha de Manoel Borges de Sampaio e de sua mulher Izaabel Maria da Silva.  
Filhos:  
4-1 João Alves da Costa.  
4-2 Antonio Borges da Costa.  
4-3 Manoel Alves da Costa — Nhônho —, casado. Com filhos.
- 3-3 Iphigenia Lourença do Amaral, casada em primeiras nupcias com Antonio Luiz Gomes e em segundas nupcias com Venancio do Amaral.  
Sem descendentes.
- 3-4 Ritta Lourença da Costa Britto, casada com José Maria de Castro Britto, natural de Portugal. Foi homem de alguma cultura. Foi professor particular de Portuguez, Francez, Latim, Mathematica, Historia e Geographia, no Porto de Cima, prestando relevantes serviços a mocidade. Negociou em herba matte com seu cunhado Cypriano da Costa.  
Filhos:  
4-1 Francisco }  
4-2 Gil } falecidos.  
4-3 João }  
4-4 Maria }
- 4-5 Antonia do Amaral, foi casada com Joaquim José Buquera, Telegraphista Nacional aposentado, filho de José Joaquim Gonçalves — o Buquera — e de sua mulher Sebastiana Pereira de Amorim, naturaes de Guaratuba. Por terem residido no Rio Buquera, proximo a colonia Euphrosina, na Bahia de Paranaguá, foram chamados — Buquera. Teve:

- 5-1 Joaquina Buquera Arantes, viuva de Alfredo Ferreira Arantes.  
Filhos:  
6-1 Manoel.  
6-2 Antonio.  
6-3 Cleonice.
- 5-2 Sophia Buquera Bastos, casada com Eugenio Pereira Bastos.  
Filhos:  
6-1 Maria José.  
6-2 Diva, fallecida.  
6-3 José Maria.  
6-4 Joaquim.  
6-5 Dermeval.
- 5-3 Emmanuel Buquera, casado com Virgilia Arantes.  
Filhos:  
6-1 Annita.  
6-2 Joaquim.  
6-3 Adhemaro.
- 5-4 Antonio Buquera, casado com Maria da Conceição Correia.  
Filhos:  
6-1 Dicezar.  
6-2 Antonio.  
6-3 Murillo.  
6-4 Maria da Luz.
- 5-5 Lydia Buquera.  
5-6 Elpidia Buquera.  
5-7 Godofredo Buquera.  
5-8 Maria da Conceição Buquera.  
5-9 Lilia Buquera.  
5-10 Levy Buquera.
- 4-6 Francisca de Britto Fonseca, casada com José Ribeiro da Fonseca.  
Filhos:  
5-1 Darcy Ribeiro da Fonseca, casado com Antonia Peixoto.  
Sem filhos.
- 5-2 Heloisa Ribeiro da Fonseca, casada com Antonio . . . . .

- Filho:  
6-1 . . . . .  
5-3 Maria Ribeiro da Fonseca, solteira.  
5-4 Aracy Ribeiro da Fonseca, solteira.  
5-5 José Ribeiro da Fonseca Junior.
- 3-5 Manoel José da Costa, casado com Maria da Costa.  
Filhos:  
4-1 Cypriano Costa, casado com Balbina Costa.  
Sem filhos.  
4-2 Manoel José da Costa Filho, casado.  
Com filhos.  
4-3 Maria da Costa, casada com Antonio Possidente.  
Com varios filhos.

## § 5.º

- 1-5 João Bernardino de Pontes, casado com sua prima Maria Joaquina da Silva, filha do Capitão Aniceto Borges da Silva e de sua mulher Antonia Xavier Cardoso, este, natural de S. Clara do Torrão-Portugal, filho do Dr. Manoel Borges da Silva e de sua mulher Brigida do Nascimento, naturaes da referida freguezia de S. Clara. § 8.º do Capitulo 6.º

## CAPITULO 6.º

- 6 — Antonia Xavier Cardoso, casada com o Capitão Aniceto Borges da Silva, que serviu nos cargos da Governança de 1750 a 1800, filho do Dr. Manoel Borges da Silva e de sua mulher Brigida do Nascimento, naturaes de S. Clara do Torrão, Bispado do Porto-Portugal.  
Filhos:  
1-1 Ritta Xavier Cardoso da Silva . . . . . § 1.º  
1-2 Serafim Borges da Silva . . . . . § 2.º

1-3 João Borges da Silva . . . . .	§ 3.º
1-4 Polycarpo Borges da Silva . . . . .	§ 4.º
1-5 José Borges da Silva . . . . .	§ 5.º
1-6 Joaquim Borges da Silva . . . . .	§ 6.º
1-7 Joaquina Cardoso da Silva . . . . .	§ 7.º
1-8 Maria Joaquina da Silva . . . . .	§ 8.º

## § 1.º

1-1 Ritta Xavier Cardoso da Silva.

## § 2.º

1-2 Serafim Borges da Silva.

## § 3.º

1-3 João Borges da Silva.

## § 4.º

1-4 Polycarpo Borges da Silva.

## § 5.º

1-5 José Borges da Silva.

## § 6.º

1-6 Joaquim Borges da Silva.

## § 7.º

1-7 Joaquina Cardoso da Silva.

## § 8.º

1-8 Maria Joaquina da Silva, casada com seu primo João Bernardino Pontes, § 5.º do Capítulo 5.º

## CAPITULO 7.º

7 — Joanna Cardoso de Lima, casada com o Capitão-mór Manoel Nunes de Lima, natural da Villa de Espozende-Braga, filho de Sebastião Nunes Gomes e de sua mulher Anna de Lima, também naturaes da Villa de Espozende. Nomeado Capitão-mór de Paranaguá por Patente de 15 de Dezembro de 1765, tomou posse a 15 de Março de 1766, vindo a fallecer nesse mesmo anno.

Filhos:

1-1 Lourença Floriana de Lima . . . . .	§ 1.º
1-2 Maria Magdalena de Lima . . . . .	§ 2.º
1-3 Anna Rosa de Lima . . . . .	§ 3.º
1-4 José de Lima . . . . .	§ 4.º
1-5 Joaquim de Lima . . . . .	§ 5.º

## § 1.º

1-1 Lourença Floriana de Lima, fallecida com testamento a 18 de Março de 1860, com 80 annos, natural de Paranaguá, casada com o Capitão Nicolau Pinto Rebello — o velho —, natural de Viseu-Portugal, fallecido em Curityba em 1836, filho de Antonio Ozorio Rebello.

Foi Vereador, de cujo cargo pediu escusa em Maio de 1829 por ter sido nomeado Administrador do Correio de Curityba. Foi Juiz Ordinario em 1824 e em Maio desse anno, como Ajudante de milicia de Curityba, assignou a acta de juramento á Constituição Política do Imperio do Brasil, com o Povo, Nobreza e Tropas. Em Maio de 1806 foi nomeado Tabellião do Publico Judicial e Notas de Curityba, servindo até 1812. Em 12 de Outubro de 1834 assignou a acta da Sessão da Camara onde se achavam reunidos os Vereadores e os demais «Benemeritos cidadãos da Governança de Curityba» para applaudirem a Reforma da Constituição do Imperio. Essa acta vem assignada por 33 pessoas das principaes.

Foi em 1833 Juiz Municipal interino.

Filhos:

- 2-1 Bernardo Pinto Rebello, natural de Paranaguá. Partiu para o Sul, d'onde não deu notícias durante 30 annos.
- 2-2 Fermiano Pinto Rebello, partiu para as guerrilhas do sul, d'onde não mais deu notícias suas.
- 2-3 Manoel Pinto Rebello, partiu para o sul com seus irmãos, sem dar notícias suas.
- 2-4 José Pinto Rebello, partiu para o sul com seus irmãos acima referidos.
- 2-5 Maria Floriana de Lima, casada com o Ajudante José Borges de Macedo, natural de Castro, filho do Capitão Cyrino Borges de Macedo, natural de Castro; por este, neto de Bento Ribeiro Guimarães e de sua mulher Maria Correia de Macedo, fallecida em Antonina em 1786; por esta, bisneto de João Correia da Fonseca e de sua mulher Catharina de Macedo Baldraga, fallecida com testamento a 13 de Agosto de 1799, do qual extrahimos sua ascendencia e descendencia, e onde declarou ser natural da cidade de S. Paulo e ser filha de Duarte de Tavora Gambôa e de sua mulher Maria de Cerqueira Leme.

Attribuimos o desaparecimento do sobre-nome — Tavora — ás lutas politicas e religiosas entre o Marquez de Pombal e a illustre e nobre familia Tavora de Portugal, que occasionou tão funestas perseguições contra ella, como é do dominio da historia.

O testamento de Catharina de Macedo Baldraga, foi transcripto em livro de Testamentos existente no Cartorio de Orphãos de Curityba, d'onde colhemos esses dados graças a obsequiosidade do seu então proprietario Snr. Coronel Izaias Augusto Alves, illustre amigo, a quem rendemos as nossas saudosas homenagens, por nos ter franqueado por muitos annos o seu precioso cartorio. Por este testamento conseguimos a ligação genealogica de Maria de Cerqueira Leme com a preciosa Genealogia Paulistana do saudoso e illustrado Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, no volume 3.º, Titulo Borges de Cerqueira, pagina 536, em 3-2 de 2-2, o que equivale a remontar os troncos da

Familia á data da fundação da nacionalidade portugueza. O progenitor dos — Borges — foi Gonçalo Annes, 11.º avô de Simão Borges de Cerqueira, da linhagem dos — Regos —, muito illustre de Portugal, cujas armas vêm descriptas no volume 3.º da Genealogia Paulistana, em nota final de pagina 515.

O Ajudante José Borges de Macedo falleceu com testamento em Curityba a 4 de Agosto de 1851. Foi politico de destaque e prestigioso membro do Partido Liberal. Exerceu com dignidade e zelo os cargos da governança. Muito trabalhou em pról da emancipação politica da então Comarca de Paranaguá-Curityba, cuja realisação não chegou a ver, pois falleceu 2 annos antes desse acontecimento. Foi Delegado de Policia em Curityba, onde foi Camarista e Presidente da Camara. Com a reorganisação municipal realisada em 1833, foi pelo Presidente de S. Paulo nomeado, a 28 de Agosto desse anno, para o lugar então creado, de Prefeito municipal de Curityba. Em 12 de Outubro de 1834 assignou a Acta de acclamação e applauso da approvação e juramento da Reforma da Constituição do Imperio, perante a Camara Municipal de Curityba, onde compareceram as principaes pessoas da Villa, sendo dados os vivas do estylo. Tal era o seu valor politico que, em 1850, desejando o partido conservador, então no poder, vencer a eleição que se ia disputar nas urnas, resolveu formar um processo contra a Camara de que José Borges de Macedo era Presidente, sendo elle e os demais camaristas presos e remetidos para o Rio de Janeiro, o que magoando-o profundamente contribuiu para abreviar a sua morte. Curityba honrando-lhe a memoria, deu o seu nome a uma das suas ruas.

Filhos:

- 3-1 Rosa Borges Vianna, fallecida com testamento em 1900, casada com o Commendador Bernardo José Ribeiro Vianna, natural de Vianna de Castello-Portugal, filho de João Manoel Ribeiro e de sua mulher Gertrudes Rosa Ribeiro. Foi abastado commerciante e industrial.

## Filhos:

- 4-1 Commendador João Manoel Ribeiro Vianna, foi comerciante em Antonina a cuja edilidade pertenceu; foi casado com Maria Miró Vianna, filha do Commendador José Miró de Freitas e de sua mulher Catharina Ferreira Alves, com descendentes em 4-2 de 3-4 de 2-1 do § 3.º, Capitulo 5.º, deste Titulo.
- 4-2 Major Francisco de Paula Ribeiro Vianna, casado com Francisca Munhoz Vianna, 5-6 de pagina 249 do 1.º volume, ahi a descendencia.
- 4-3 Carolina Vianna Ramos, casada com José Joaquim Teixeira Ramos.

Acreditado negociante em Curityba.

## Filhos:

- 5-1 Coronel Alvaro Teixeira Ramos casado com Maria Diniz Ramos.

O «Estado de S. Paulo» assim noticiou a sua morte:

«Coronel Alvaro Ramos.

«Falleceu hontem, repentinamente nesta capital, ás 15 horas, o sr. coronel Alvaro Ramos, director geral aposentado da Prefeitura Municipal.

«Natural de Curityba, Estado do Paraná, fez os seus primeiros estudos no antigo Lyceu Paranaense, hoje Gymnasio do Estado, tendo tido como companheiros Emilio de Menezes, Nestor Victor, Emiliano Pernetta, Rocha Pombo e outros. «Collaborou no jornal «A Republica», de Curityba, fundado pelo Dr. Eduardo Mendes Gonçalves, seu cunhado, batendo-se pela causa republicana.

«Transferindo, mais tarde, sua residencia para Ribeirão Preto, alli fundou o jornal «Diario da Manhã». Naquella cidade, com Francisco Glycerio, Alves Guimarães e Herculano de Freitas, organisou a Junta Republicana, da qual foi secretario. «Achava-se elle na redacção do seu jornal, em 15 de Novembro, quando lhe vieram trazer o telegramma expedido pelo general Glycerio, comunicando a proclamação da Republica.

«Immediatamente se dirigiu a casa do dr. Herculano de Freitas, para lhe dar a grata nova. Ambos partiram, então, em trem especial, para Batatas, e ahi, no edificio da Camara Municipal, onde tambem se encontrava o senador Rodolpho Miranda, fizeram ao povo a communicação solemne da proclamação da Republica.

«Por occasião da revolta de 93 formou ao lado das forças de Floriano Peixoto, prestando serviços que lhe valeram a promoção de tenente-secretario ao posto de major e mais tarde ao de coronel.

«Terminada a revolta, foi nomeado secretario da Intendencia Municipal, na vaga aberta com o pedido de demissão do dr. Americo de Campos Sobrinho.

«Com a reforma da Prefeitura foi nomeado seu director geral, cargo que occupou durante 25 annos.

«Foi secretario do conselheiro Antonio Prado, quando prefeito, sendo um dos seus bons auxiliares.

«O coronel Alvaro Ramos contava 59 annos de idade e era filho do sr. José Joaquim Teixeira Ramos e de d. Carolina Vianna Ramos. Era viuvo da exma. sra. d. Maria Diniz Ramos e deixa os seguintes filhos: sr. Luiz Ramos, director da Directoria do Expediente da Prefeitura, casado com d. Alice Vidigal da Silva Ramos; d. Isaura Ramos Christoffel, casada com o dr. Arthur Rangel Christoffel, e d. Alzira Ramos Gonçalves, casada com o dr. Annibal Mendes Gonçalves.

«Deixa tambem seis netos.

«O enterro sahirá hoje, ás 16 horas e meia, da avenida Angelica n. 9, para o cemiterio da Consolação.

« — O sr. dr. Pires do Rio, prefeito municipal, ao ter conhecimento do fallecimento do sr. coronel Alvaro Ramos, que por muitos annos exerceu o cargo de director geral daquelle departamento, encarregou o dr. Luiz Tavares, director geral, de apresentar pesames á familia e determinou que o expediente fosse hoje suspenso, em homenagem ao extincto.»

## Filhos:

- 6-1 Luiz Ramos, Director da Directoria do Expe-

- diente da Prefeitura de S. Paulo, casado com Alice Vidigal da Silva Ramos.
- 6-2 Izaura Ramos Christoffel, casada com o Dr. Arthur Rangel Christoffel.
- 6-3 Alzira Ramos Gonçalves, casada com seu primo Dr. Annibal Mendes Gonçalves.
- 5-2 Maria Eugenia Ramos Antunes, viuva do Dr. Olympio Cezar Antunes.
- 5-3 Candida Ramos Guimarães, viuva do Coronel Paulino de Souza Guimarães, dotado de brilhante intelligencia e de ideaes avançados, propugnou efficazmente pela abolição do elemento servil e pela republica, de cujas idéas foi ardoroso adepto.
- 5-4 Julieta Ramos Gonçalves, viuva do Dr. Eduardo Mendes Gonçalves, engenheiro civil, que foi ardoroso propagandista da republica, na então Provincia do Paraná. Foi camarista supplente, eleito pelo partido republicano; ao empossar-se do lugar de camarista, apresentou varias moções republicanas. Foi um dos fundadores do Club Republicano de Curityba e um dos redactores da «A Republica», organ desse partido. Foi Director de Obras Publicas. Proclamada a nova forma de governo assumiu posição de destaque, sendo eleito Deputado Federal á Constituinte Brasileira.
- Filho:
- 6-1 Dr. Annibal Mendes Gonçalves, casado com sua prima Alzira Ramos, 6-3 de 5-1, retro.
- 5-5 Rosa Ramos Durão, viuva do Major Dr. Arthur Durão, engenheiro militar.
- 5-6 Carolina Ramos Bayma, viuva do Dr. Theodoro Bayma, medico de nomeada em S. Paulo, que prestou relevantes serviços ao Paraná jugulando a epidemia da febre typhoide de Curityba, para onde veio de S. Paulo como higienista.
- 5-7 Ermelinda Ramos Americano, esposa do Dr. Oscar Americano.
- 5-8 Mercedes Ramos Moreira, esposa do Dr. Joaquim de Lima Fernandes Moreira.
- 5-9 Dr. Plinio Ramos, fallecido.

- 4-4 Ermelina Vianna de Lima Santos, casada com o Dr. Ernesto Francisco de Lima Santos, fallecido a 16 de Agosto de 1890. Bacharel em Direito, foi Juiz de Orphãos e ausentes de Curityba; por acto de 15 de Fevereiro de 1862, do Presidente da Provincia, foi nomeado para o lugar de Inspector geral da Instrução Publica. Nesse mesmo anno foi nomeado Delegado de Policia de Curityba e depois Juiz Municipal.
- Filha:
- 5-1 Helia de Lima Santos.
- 4-5 Maria Rosa Vianna Massa, viuva de Frederico Vicente Massa.
- Filhos:
- 5-1 Vicente Massa, casado com Iracema da Motta Doria Massa, filha do Capitão Arthur de Menezes Doria e de sua mulher Sylvia da Motta Doria.
- Filhos:
- 6-1 Arthur, fallecido.
- 6-2 Maria Rosa.
- 6-3 Stella, fallecida.
- 5-2 Cezar Massa, casado com Alayde Kost Massa.
- Filhos:
- 6-1 Frederico Vicente Kost Massa.
- 6-2 Edith, fallecida.
- 6-3 Lysette, fallecida.
- 4-6 Philomena Vianna Garcez, casada com Theophilo Moreira Garcez, abastado commerciante em Curityba, onde falleceu a 7 de Abril de 1890.
- Filhos:
- 5-1 Dr. Bernardo Moreira Garcez, Bacharel em direito. Foi Commissario de Policia da Capital e Juiz Substituto Federal da Secção do Paraná. Foi casado com Noemia Feijó Garcez, filha do Coronel Thimotheo de Souza Feijó e de sua mulher Laura Adelina Feijó, naturaes do Rio Grande do Sul; neta pela parte paterna de João de Souza Feijó, natural do Rio Grande do Sul, e de sua mulher Ambrosina Garcez Feijó, natural do Paraná; neta pela parte materna do Por-

tuguez João da Cunha e de sua mulher Amabilia da Cunha, do Rio Grande do Sul. Possuía importante Fazenda de criação de gado vaccum no Tibagy. Falleceu a 17 de Agosto de 1925.

Filhos:

6-1 Odette Garcez Barros, casada com Arnaldo de Lima Barros, filho de José de Barros e de sua mulher Guilhermina de Lima Barros.

Filhos:

7-1 Arnaldo Garcez de Barros.  
7-2 Bernardo Garcez de Barros.  
7-3 Maria de Lourdes.

6-2 Theophilo Moreira Garcez, casado com Cecília Bittencourt Linhares. Sem filhos em 1930.

6-3 Timotheo Moreira Garcez.

6-4 Zilda Feijó Garcez.

6-5 Hylde Feijó Garcez.

6-6 Bernardo Moreira Garcez.

5-2 Dr. João Moreira Garcez, Engenheiro civil. Foi Director de Obras Publicas, Secretario de Obras Publicas e Prefeito Municipal de Curityba que lhe deve assignalados serviços com a remodelação geral da Cidade, o calçamento a asphalto de varias ruas e a paralelepipedo de grande numero de outras ruas. E' actualmente Deputado Federal pelo Paraná. E' casado com Leonor Silveira da Motta, filha do Dezebargador Joaquim Ignacio Silveira da Motta e de sua mulher Etelvina de Oliveira Lima, 7-7 de 6-1 de pagina 478 do 2.º volume, ahi os traços biographicos, ascendentes e descendentes.

3-2 Maria do Rosario Borges Garcez, nascida a 5 de Outubro de 1831 e fallecida em 1912, foi casada a 17 de Junho de 1847 com Joaquim Moreira Garcez, natural de Penafiel, Portugal.

Filhos:

4-1 Maria da Conceição Garcez Ribas, foi casada com o Major João Evangelista dos Santos Ribas, fallecido, filho de Antonio dos Santos Pinheiro e de sua mulher Gertrudes de Oliveira Ribas, 5-8 de 4-9 de pagina 417 do 2.º volume, ahi os ascendentes e descendentes.

4-2 Balbina Garcez Guimarães, foi casada com José Mathias Guimarães, já fallecidos.

Filhos:

5-1 Maria Augusta Garcez Missorelli, casada com José Missorelli.

5-2 Rosa Garcez Moratori, casada com Orestes Moratori.

5-3 Nestor Garcez, falleceu solteiro.

4-3 João Moreira Garcez Sobrinho, casado com Maria Lina F. Garcez.

Filhos:

5-1 Rosina Garcez, fallecida solteira.

5-2 Durvalina Garcez, viuva de Zacarias de Paula Xavier Filho.

Filho:

6-1 Ismail.

4-4 Anna Rosa Garcez Franco, casada com o Major Adolpho Ribas de Oliveira Franco, filho do Brigadeiro Manoel Oliveira Franco e de sua mulher Escolastica Joaquina de Sá Ribas, com ascendentes e descendentes descriptos em 6-5 de 5-9 de paginas 461 e 469 do 2.º volume.

4-5 Julio Ferreira Garcez, natural de Castro, casado com Julia de Almeida Garcez, residentes no Rio Grande do Sul.

Filhos:

5-1 Manoel Ferreira Garcez, casado. Com 5 filhos.

5-2 José Ferreira Garcez, casado. Com 3 filhos.

5-3 Anna de Almeida Garcez, solteira.

5-4 Laura de Almeida Garcez, solteira.

5-5 Maria Antonietta Garcez, casada.

Filhos:

6-1 Julio.

- 6-2 Jacques.
- 4-6 Major Gregorio Affonso Garcez, nascido no Rio Grande do Sul a 28 de Novembro de 1860. Foi Sub-Delegado de Policia, Juiz Districtal em 4 quatriennios, representante da Companhia de Seguros de vida Sul America. E' socio do Mignon-Palacio. Casado em 5 de Fevereiro de 1891 com Iphigenia de Bittencourt Garcez, falecida em 17 de Agosto de 1918, filha do Major Antonio Francisco Correia de Bittencourt e de sua mulher Maria Francisca da Cruz Biscaia, 6-1 de 5-2 de pagina 186 do 4.º volume, ahi os ascendentes e descendentes.
- 3-3 Francisco Borges de Macedo, casado em primeiras nupcias com Constança Perpetua Borges e em segundas nupcias com . . . . Portes.  
Sem descendentes.
- 3-4 Balbina Placidina Borges, casada com Manoel Antonio Carneiro.  
Sem descendentes.
- 3-5 Capitão Tiburcio Borges de Macedo, foi casado com Anna Rufina Ribas, filha do Capitão Benedicto Marianno Ribas e de sua mulher Maria do Rosario Carneiro, com ascendentes e descendentes em 6-4 de 5-1 de paginas 368 e 370 do 2.º volume.
- 3-6 Escolastica Maria Borges Ferreira, casada em Curitiba a 25 de Fevereiro de 1848 com o Coronel Lino de Souza Ferreira, filho de José Joaquim de Souza Ferreira e de sua mulher Maria Rita do Rego, naturaes da Villa de Chaves-Portugal. Apesar de reiteradas tentativas de nossa parte, não conseguimos os dados relativos a este ramo, pelo que aqui só mencionamos os nomes de alguns de seus filhos:
- 4-1 Major Arthur de Souza Ferreira.  
4-2 Capitão João Lino Ferreira.  
4-3 Capitão Durval de Souza Ferreira.
- 3-7 José Borges de Macedo Filho, nascido em 1836 e falecido em 1910, foi casado com Maria do Carmo Floriano de Castro, nascida em 1838 e falecida em 1878.

## Filhos:

- 4-1 Escolastica Borges de Castro, casada com Honorio de Castro.
- 4-2 Constantino Borges de Macedo, casado com Rosa Pinto de Macedo.
- 4-3 Manoel Borges de Macedo, casado com Espirituosa Gomes.
- 4-4 Arthur Borges de Macedo, casado com Francisca Amelia de Macedo.
- 4-5 José Borges de Macedo, casado com Sinhá Mineiro.
- 4-6 João Borges de Macedo, casado com Maria Borges.
- 4-7 Maria Borges de Macedo, casada com Alfredo Lantmann.
- 4-8 Ursula Borges de Macedo Saldanha, casada com Pedro de Freitas Saldanha.
- 4-9 . . . }  
4-10 . . . } falecidos de menor idade.  
4-11 . . . }
- 3-8 Porcina Placidina Borges, casada em primeiras nupcias com Irineu Gonçalves Guimarães, e em segundas nupcias a 14 de Fevereiro de 1868, com Antonio Nunes da Rocha Rios, filho de Antonio Alves Rios e de sua mulher Carlota Nunes Rocha.  
Filha do primeiro matrimonio:
- 4-1 Hermancia Borges Guimarães, casada em primeiras nupcias com Antonio Marçal de Oliveira e em segundas nupcias com Antonio Ricardo do Nascimento.
- 3-9 Joaquim José Borges de Macedo, nascido em Maio de 1840, casado com Castorina Estellita Leal Borges.  
Filhos:
- 4-1 Palmyro Borges de Macedo.  
4-2 . . .  
4-3 . . .  
4-4 . . .
- 2-6 Tobias Pinto Rebello, foi casado em primeiras nu-

pcias com Florisbella Maria do Nascimento Padilha (sem descendentes) e em segundas nupcias com Benedicta Francisca de Assis Andrade, falecida a 23 de Abril de 1845. Foi esta casada em primeiras nupcias com Joaquim Pinto Rebello, irmão do seu segundo marido. Era ella filha do Sargento-mór Ignacio Lustoza de Andrade e de sua mulher Maria Catharina de Moraes Cordeiro, 3-1 de pagina 116 do 2.º volume, ahi os ascendentes e descendentes.

Filhos:

3-1 Major João Tobias Pinto Rebello, casado com Virginia de Macedo Rebello, 5-7 de pagina 164 do 2.º volume, ahi os descendentes.

3-2 Francisca, falecida em criança.

3-3 Lourença Francisca de Assis Virmond, casada com o Coronel Eduardo Alberto de Andrade Virmond, 5-9 de pagina 164 do 2.º volume, ahi a descendencia.

O Capitão Tobias Pinto Rebello teve, alem dos tres filhos acima referidos, mais a filha primogenita:

a) Constança Gonçalves, nascida em Curityba a 21 de Setembro de 1831, casada em Curityba com Francisco José Gonçalves, nascido em Caminha, Provincia do Minho, Portugal, a 18 de Abril de 1816 e falecido em Curityba a 2 de Março de 1894, depois de ter sido aqui acreditado commerciante, por muitos annos.

Filhos:

4-1 Maria da Luz Carvalho de Oliveira, nascida nesta Capital, casada com o capitalista João Carvalho de Oliveira, viuvo de Francisca Rosa de Bittencourt, de pagina 30.

Filhos:

5-1 Maria, falecida solteira.

5-2 Viriato Carvalho de Oliveira, casado em primeiras nupcias com Aristida Rocha Carvalho de Oliveira, ambos falecidos; foi casado em segundas nupcias com Emilia da Cunha Carvalho de Oliveira.

Filhos do primeiro matrimonio:

6-1 Aristides Carvalho de Oliveira, engenheiro agronomo, funcionario publico,

casado com Antonietta Costa Carvalho de Oliveira.

Filha:

7-1 Maria Antonietta.

6-2 Maria da Luz, casada com Benedicto Storachi.

Filhos:

7-1 Caio.

7-2 Yeda.

6-3 Acrisio, solteiro.

6-4 Andyra Carvalho dos Santos, casada com o Dr. Antonio Leopoldo dos Santos Filho.

Filhos:

7-1 Antonio.

7-2 Regina.

6-5 Adhemar Carvalho, casado com Ottilia Fernandes.

Do segundo matrimonio teve:

6-6 Nair Carvalho, casada com Luiz Chamano.

Filhos:

7-1 Manoel.

7-2 Olga.

7-3 João.

5-3 Godofredo Carvalho de Oliveira, casado com sua sobrinha Judith Carvalho de Oliveira, filha de José Carvalho de Oliveira e de sua mulher Julia Carvalho de Oliveira, já falecidos.

Filho:

6-1 Antonio.

5-4 Julio Carvalho de Oliveira, falecido solteiro.

5-5 Plinio Carvalho de Oliveira, casado com sua sobrinha Josephina Carvalho de Oliveira, filha de José Carvalho de Oliveira e de sua mulher Julia Carvalho de Oliveira.

4-2 Francisca Gonçalves Loureiro, nascida nesta Capital, casada com Manoel Fernandes Loureiro, natural de Portugal, foi commerciante muito acreditado; falecido.

Filhos:

5-1 Augusto Loureiro, capitalista, nascido nesta Capital, casado com sua prima Jovelina Loureiro, filha de José Fernandes Loureiro.

- Sem descendencia.
- 5-2 Manoel Fernandes Loureiro, negociante e capitalista em Curityba, casado com Jovina Bittencourt Loureiro, filha do Coronel Joaquim José Bellarmino de Bittencourt, § 5.º de pagina 25.  
Filhos:  
6-1 Manoel.  
6-2 Ecléa.  
6-3 Joaquim.  
6-4 Vera.  
6-5 Geraldo.
- 5-3 Ernestina Lourença Lobo, casada em primeiras nupcias com Luiz Braga de Carvalho e em segundas nupcias com Sebastião de Sant'Anna Lobo, já fallecido.  
Sem descendencia.
- 4-3 Brasilia Gonçalves Moura, nascida nesta Capital, casada em primeiras nupcias com José Francisco de Carvalho, fallecido, e em segundas nupcias com Antonio Augusto Ferreira de Moura, tambem fallecido.  
Filhos do primeiro matrimonio:  
5-1 José, fallecido.  
5-2 Brasilio de Carvalho, solteiro.  
Do segundo matrimonio teve:  
5-3 Maria, casada em primeiras nupcias com Alberto Travassos (sem descendencia) e em segundas nupcias com Lauro Ribeiro.  
Filhos:  
6-1 Carlos Armando.  
6-2 Paulo Haroldo.
- 5-4 Oscar Moura, fallecido solteiro.
- 4-4 Anna Gonçalves Teixeira, nascida nesta Capital, casada com Augusto de Assis Teixeira, acreditado commerciante portuguez, fallecido.  
Filhos:  
5-1 Aurora Assis Teixeira, fallecida, foi casada com o Coronel do Exercito Dr. Oscar Saturnino de Paiva.  
Filhos:  
6-1 Maria Dagmar, casada com o Tenente do exercito Aducto Castello Branco.

- Filhos:  
7-1 Maria Thereza.  
7-2 Iracema.
- 6-2 Rubens de Paiva, official do exercito, solteiro.  
6-3 Zilda, solteira.  
6-4 Beatriz, solteira.  
6-5 Murillo, fallecido.
- 5-2 Alberto Gonçalves Assis Teixeira, casado com sua prima Petronilha da Rocha, filha do fallecido General Dr. Ismael da Rocha.  
Filhos:  
6-1 Mario Augusto.  
6-2 Ismael.  
6-3 Carlos.  
6-4 Aloysio.
- 5-3 Antonio Pio de Assis Teixeira, casado com Ristori Villas Bellas Teixeira.  
Filha:  
6-1 Maria de Lourdes.
- 4-5 Escolastica Gonçalves Abreu, nascida na Palmeira, fallecida, foi casada com Manoel Martins de Abreu, que foi acreditado commerciante em Curityba. Foi Presidente da Junta Commercial e Provedor da S. Casa de Misericordia por muitos annos.  
Filhos:  
5-1 Abilio de Abreu, acreditado commerciante, casado com Gertrudes de Almeida Abreu, filha de José Rodrigues de Almeida.  
Filhos:  
6-1 Ernani.  
6-2 Ophelia.
- 5-2 Lydia de Abreu Pires, casada com Gabriel Nunes Pires, 7-4 de pagina 438 do 3.º volume.
- 5-3 Maria Mercedes, casada com o General Manoel Pedro de Alcantara.  
Filhos:  
6-1 Antonietta.  
6-2 Mario.  
6-3 Margot.
- 5-4 Esther Abreu, casada com o Dr. Arthur Obino.

Filhos:

6-1 Raul.

6-2 Arthur Oscar.

- 4-6 D. Alberto José Gonçalves, Bispo de Ribeirão Preto, nascido na Palmeira a 20 de Julho de 1859. Vindo em tenra idade para esta Capital, frequentou a escola publica regida pelo Professor Antonio Ferreira da Costa e o Lyceu Paranaense. Em 1874 matriculou-se no Seminario Episcopal de S. Paulo. Em 1878 foi nomeado professor desse estabelecimento, leccionando varias disciplinas até 1888; autor de uma grammatica latina e de Elementos de Geometria. Ordenado sacerdote em 17 de Setembro de 1882. Vigario Collado desta Parochia de Curityba a 16 de Julho de 1888, tomou posse a 8 de Setembro do mesmo anno. Concluiu a Matriz, hoje Cathedral Metropolitana. Em 1890 Vigario Geral Forense do Bispo de S. Paulo n'este Estado até Setembro de 1894 quando se installou o Bispado de Curityba, que governou por varias vezes, nas ausencias do respectivo Bispo. Director interino da Instrucção Publica. Provedor da S. Casa de Misericordia de Curityba por onze annos, reformou o Hospital e construiu o Hospicio N. S. da Luz. Eleito Deputado em 1889, á Assembléa Provincial, dissolvida com o advento da Republica. Eleito Deputado ao Congresso do Estado, do qual (congresso) foi Vice-Presidente e depois Presidente. Eleito Senador Federal em 1895 e reeleito em 1896, honrou o seu Estado pela sua illustração e prestigio, como leader da politica do Paraná, tendo occupado durante nove annos com competencia o lugar de 2.º Secretario. Nomeado Bispo de Ribeirão Preto a 5 de Dezembro de 1908, sagrado a 2 de Fevereiro de 1909, tomou posse do mesmo a 28 do dito mez. Possui a medalha *pro Ecclesia et Pontifice*; é commendador da Corôa da Italia, e faz parte da Academia de Letras do Paraná. Foi politico de evidencia e prestigio na politica Nacional, da qual se acha hoje arredado.
- 4-7 João Rebello Gonçalves, nascido na Palmeira, negociante e mais tarde funcionario Federal, falleceu sol-

teiro no Rio de Janeiro. Foi maçon e pertencia ao quadro de grande numero de Lojas do Oriente da Capital Federal, pertencendo ao Conselho Geral da Ordem e a Grande Assembléa. Era um convicto.

- 4-8 Major José Euripedes Gonçalves, nascido na Palmeira, foi politico em evidencia em Campina Grande, onde foi Prefeito Municipal. Espirito affeito ao bem, é muito considerado e estimado por suas maneiras democraticas. Foi por muitos annos membro da Junta de alistamento militar de Curityba, serviço considerado modelar, pela maneira pela qual elle o organizou, com devotamento e competencia. Hoje é funcionario municipal aposentado. Viuvo de Almedina da Gama Gonçalves.

Filhos:

5-1 Manoel da Gama Gonçalves, Engenheiro agronomo, funcionario do Estado, casado com Osmininda da Rocha Gonçalves.

Sem descendentes.

5-2 Luiz Gonçalves, funcionario do Estado do Rio Grande do Sul, casado com Luiza do Nascimento Gonçalves.

Filhos:

6-1 Hamilton.

6-2 Odilon.

6-3 Luiz.

5-3 Esther Gonçalves, casada com Fausto Pinto de Souza.

Filha:

6-1 Almedina.

5-4 Leony Gonçalves, casada com Luiz Florindo Vieira Guimarães, funcionario Federal.

Filha:

6-1 Lia.

5-5 Judith Gonçalves, casada com José Ernesto de Moura Brito, escrivão de orphãos da Capital.

Filhos:

6-1 Ruth.

6-2 Francisco.

5-6 José Gonçalves Filho, casado com Yolanda Pinto Dias Gonçalves.

- 5-7 Leonidas Gonçalves, commerciante, solteiro.  
 5-8 Raul Gonçalves, fallecido solteiro.
- 4-9 Manoel José Gonçalves, nascido n'esta Capital, Tabelião de notas de Curityba, casado com Elisa Stoll Gonçalves.  
 Filhos:  
 5-1 João Stoll Gonçalves, Bacharel em direito, casado com Zenitt Gentil Gonçalves.  
 Sem descendencia.  
 5-2 Carlos Alberto Gonçalves, Engenheiro agronomo, funcionario federal, casado com Olga de Macedo Gonçalves.  
 Sem descendencia.  
 5-3 Stella Gonçalves, solteira.  
 5-4 Edith Gonçalves, casada com o official de marinha Gastão Moutinho.  
 Filhos:  
 6-1 Haroldo.  
 6-2 Gastão.
- 5-5 Maria Constança Gonçalves, casada com Amado Pedro Caminha.  
 Filhos:  
 6-1 Amado.  
 6-2 João Carlos.
- 5-6 Odette Gonçalves, casada com Augusto Mocelin.  
 Filho:  
 6-1 Luiz Renato.
- 4-10 Sergio Gonçalves, nascido n'esta Capital, fallecido solteiro no Rio de Janeiro.
- 4-11 Carlinda Gonçalves da Rocha, nascida n'esta Capital, casada com o General Dr. Ismael da Rocha, fallecido no Rio de Janeiro. Foi chefe do serviço sanitario do Exercito.  
 Filhos:  
 5-1 Francisco da Rocha, official da marinha mercante, casado com Zilda Gonçalves.  
 5-2 Dr. Raul da Rocha, formado em direito, casado com Almerinda Cordovil da Rocha.  
 Filha:  
 6-1 Ismar.

- 5-3 Petronilha da Rocha, casada com seu primo Alberto Gonçalves Teixeira.
- 5-4 Maria da Rocha, professora publica, solteira.
- 5-5 Oscar da Rocha, empregado no commercio, solteiro.
- 5-6 Zelpha da Rocha, solteira.
- 5-7 Lindora da Rocha, casada com o Dr. Fernando de Abreu Coutinho.  
 Filhos:  
 6-1 Maria Thereza.  
 6-2 Antonio.
- 5-8 Lucy da Rocha, casada com Jorge Niemeyer.
- 5-9 Dr. Annovaldo da Rocha, Engenheiro civil, funcionario publico no Estado do Rio de Janeiro.
- 5-10 Waldir da Rocha, estudante de medicina.
- 2-7 Joaquim Pinto Rebello, casado a 22 de Agosto de 1833 com Benedicta Francisca de Assis Andrade que passou a segundas nupcias com seu cunhado (2-6) Tobias Pinto Rebello. 4-3 de pagina 117 do 2.º volume, ahi a descendencia.  
 Filhos:  
 3-1 Maria das Mercês Pinto Rebello, nascida em 1832, casada com o Tenente Coronel Manoel Antonio de Andrade, 5-1 de pagina 117 do 2.º volume, ahi a descendencia.  
 3-2 Coronel Nicolau Pinto Rebello, nascido em Abril de 1835, casado a 8 de Setembro de 1869 com Herminia Leopoldina Marques, 5-2 de pagina 146 do 2.º volume, ahi a descendencia.  
 3-3 Coronel José Pinto Rebello, nascido em 1839, casado com Francisca dos Santos Rebello, 5-3 de pagina 149 do 2.º volume, ahi a descendencia.  
 3-4 Ubaldina Francisca de Assis, nascida em 1838, casada em primeiras nupcias com Manoel Ribeiro de Macedo Junior, 5-4 de pagina 152 do 2.º volume, ahi a descendencia; casada em segundas

- nupcias com o Tenente Coronel Manoel Antonio de Andrade, 5-1 de 4-3 de pagina 157 do 2.<sup>o</sup> volume, ahi a descendencia.
- 3-5 Manoel Pinto Rebello, 5-6 de pagina 158 do 2.<sup>o</sup> volume.
- 3-6 Paulina Francisca de Assis Taborda Ribas, casada com o Capitão Joaquim Taborda Ribas, 5-6 de pagina 158 do 2.<sup>o</sup> volume, ahi a descendencia.

§ 2.<sup>o</sup>

- 1-2 Maria Magdalena de Lima, casada com o Coronel Manoel Gonçalves Guimarães, natural de Portugal, que foi homem de grande valor moral. Era possuidor de avultada fortuna e de muitas sesmarias de terras em Castro, Ponta Grossa e Curityba, entre as quaes a de Carambey, S. Cruz, Samambaya e Bariguy; sendo um dos signatarios do Termo ou Auto da Ereccão a Villa com o nome de Castro, da antiga povoação do Yapó, em 20 de Janeiro de 1789.
- Dedicava-se a compra e venda de animaes no Sul, que vendia em Sorocaba. Foi Guarda-mór das aguas mineraes a talho aberto.
- Foi contractador dos Impostos de Pedagio do Porto de Cima e Registro do Rio Negro, por diversas vezes, arrendando a outros, porem, esses contractos.
- Fez construir um Altar a N. S. do Parto, em sua fazenda de S. Cruz, obtendo, por Provimento de 10 de Setembro de 1798, do Bispo de S. Paulo, a faculdade de poder nelle mandar rezar missas, com indulgencia de 100 dias aos que rezassem diante da virgem.
- Construiu a sua custa, a Capella de S. Francisco de Paula, de Curityba, a qual foi benzida em 13 de Abril de 1811, as 4 horas da tarde, com grande solemnidade, estando a igreja ornada inteiramente com pompa, com todos os ornamentos e as 4 côres de que uza a igreja romana.
- Em 1809, dirigiu o Coronel Manoel Gonçalves Guimarães a seguinte petição ao Bispo de S. Paulo:

«Exmo. e Revmo. Snr.

«Diz Manoel Gonçalves Guimarães da villa de Curityba, deste Bispado que constituiu hua Capella a S. Francisco de Paula, na mesma villa, e como deseja fazer celebrar Missa e os officios Divinos nella, pede a V. Ex.<sup>a</sup> Reverendissima conceder-lhe emquanto o sup.<sup>te</sup> faz o Patrimonio, e obtem Provizão, benzendo-se ja a dita Capella Mór e Receberá Merce. — (Assignado) Manoel Gonçalves Guimarães.

«Despacho.

«Concedemos na forma que Requer. Paço Episcopal de S. Paulo vinte e dois de Abril de mil oito centos e nove (1809).

«Visita.

«Aos treze dias do mez de Abril de mil oito centos e onze nesta villa de Curityba, em a Sachristia da Capella de S. Francisco de Paula, aos treze dias do mez de Abril de Mil oitocentos e onze, eu e o muito Reverendo Snr. Vigario Thomé Alves de Castro fomos vindo, afim de visitar a dita Capella, e indagar se estava ou não sufficiente para o Reverendissimo Vigario Collado José Barboza de Brito benzer na forma do despacho de Sua Ex.<sup>a</sup> Reverendissima; e porque estava a Capella Mór inteiramente completa, e com todos os ornamentos das quatro cores de que uza a Igreja, Pedra de Ara, e Calix, e todos os mais necessarios para a celebração, como consta do Livro de inventario do mesmo Santo; e por assim ser, fiz este termo que assignei com o Escrivão de seu cargo João de Góes e Araujo, Thomé Alves de Castro; e logo mais abaixo se acha o seguinte:

«É logo no mesmo dia pelas quatro horas da tarde, foi o Reverendo, digo veio o Reverendissimo Vigario de Sobrepelliz e estava acompanhado do clero desta villa digo Freguezia, com cruz alçada, e solememente benzeo na forma do Ritual de Paulo V, Pontifice Maximo, e para constar se mandou fazer este termo, em que se assignou o mesmo Reverendo Vigario Collado e elle entregou para lançar no livro do Tombo desta freguezia, e eu João de Góez Escrivão do Juizo

Ecclesiastico que escrevi. — (Assignado) Thomé Alves de Castro — José Barboza de Brito.»

«Escriptura de transacção amigavel e composição que fizeram os Irmãos da Confraria de S. Francisco de Paula, com os Irmãos da Veneravel Ordem Terceira como abaixo se declara:

«Saibão quantos este publico Instrumento de Escriptura de Transacção e amigavel composição que fizeram os Irmãos da Confraria de São Francisco de Paula, e os Irmãos da Veneravel ordem Terceira virem, que, sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de Mil oito centos e onze aos nove dias do mez de Março do dito anno nesta villa de Nossa Senhora da Luz dos Pinhaes de Curitiba, e sendo ahi presentes em meza em que presidio o Reverendo Commissario Antonio Joaquim da Costa e mais Irmãos de São Francisco das Chagas, e os Irmãos da Confraria de Sam Francisco de Paula com assistencia do Irmão Thesoureiro e Director da mesma o Coronel Manoel Gonçalves Guimarães e na presença do Provedor da Camara o Doutor João de Medeiros Gomes, e querendo os mesmos concordarem no Estabelecimento da mesma Ordem Terceira de hum modo constante que para o futuro não deixe duvidas nem suscite disenções sobre o Estabelecimento da mesma Ordem Terceira para a Igreja de São Francisco de Paula, visto que a mesma ordem não tem Igreja sua e aproveitava para os seus respeitosos cultos, e concordarão os mesmos Irmãos tanto da Ordem Terceira com os de Sam Francisco de Paula de fazerem esta mudança para a sobredita Igreja, ficando obrigados todos, como por esta se obrigão de concorrerem com a metade das despesas que se houverem de fazer daqui em diante na Obra do dito São Francisco de Paula até que fique inteiramente concluida ficando obrigado o Irmão Thesoureiro e Director a quem se encarrega a conclusão desta Obra a concluir e acabar a mesma e fazer demais o acrescentamento da Sachristia que deve ser o privativo da mesma ordem e no côro que ( . . . . . ) da obra

não admitta este acrescentamento, ficará a mesma Sachristia actual servindo para a mesma Ordem Terceira. Igualmente se obriga o mesmo Thesoureiro e Director a fazer o acrescentamento que for proporcionado e admissivel no Corpo da Igreja; assim a fazer, desde logo huma torre para os sinos da mesma ordem e Confraria e deixar o lado opposto a obra feita com os accessorios necessarios para se poder levantar a segunda torre a todo o tempo quando as circumstancias o permittirem; igualmente concordaram e convencionaram de poder servir-se qualquer destas Irmandades dos ornamentos e alfaias de outra e todos os pertences nas festividades e funcções que cada huma fizer na sua repartição em todas as occasiões que necessitarem, sem que haja contradicção depressiva alguma. E ficarão os Irmãos tanto da ordem Terceira como os de Sam Francisco de Paula gosando das sepulturas Gratuitas na forma em que he costume em todas as Confrarias.

«E outrosim assentaram os mesmos Irmãos da Ordem Terceira e se obrigaram a fazer os pagamentos necessarios na forma que acima tem assentado ao Irmão Thesoureiro e Director da Obra de Sam Francisco de Paula dar metade de todas as despesas que o mesmo Thesoureiro apresentar e os tiver feito ficando encarregado o Syndico da Ordem Terceira como Procurador da mesma a fazer os ditos pagamentos ao dito Thesoureiro e Director em todas as occasiões em que lhe for pedido para o que deverá o Syndico promover a cobrança dos créditos que se devem á mesma Ordem, assim como todas as mais dividas. E para que fique firme e valiosa esta transacção e concordata celebrada expontaneamente entre todos os Irmãos acima referidos e com approvação do Doutor Provedor que assistio e tendente ao (explendor?) do Culto divino, exercia suas obrigações Religiosas fizeram esta que todos assignaram e o dito Provedor. Eu Nicolau Pinto Rebello Tabellião que o Escrevi.

«O Provedor João de Medeiros Gomes.

- «Antonio Joaquim da Costa  
Commissario.  
Antonio Ribeiro de Andrade  
Pro Ministro.  
Ignacio de Sá Sottomayor  
Pro vice Nen.<sup>o</sup>  
Luiz Gomes da Silva  
Secretario.  
Antonio José da Silva Carram  
Syndico.  
Claro Francisco de Vasconcellos  
Vigario do Culto Divino.  
José Cardoso ( . . . . . )  
Definidor.  
José Leme do Prado  
Pro definidor.  
João Antonio Pinto  
Pro definidor.  
Salvador Baptista Diniz  
Francisco Pacheco de Oliveira  
Manoel ( . . . . . )»

Da «Gazeta Paranaense» de 26 de Setembro de 1886, extrahimos a seguinte noticia sobre a vida do Coronel Manoel Gonçalves Guimarães:

«Apontamentos.

«Manoel Gonçalves Guimarães.

«Parece indubitavel que a nossa provincia começou a ser povoada pelo interior.

«Tendo sido a capitania de S. Vicente, a primeira colonizada do paiz, e dirigindo sempre a avidez de riquezas ou o desejo de descobrimentos os primeiros colonos para os sertões, é pelo menos muito provavel que o territorio do Paraná fosse conhecido antes pelo noroeste. Alem do que nos dizem algumas chronicas antigas, apezar de muito deficientes e confusas, temos a favor dessa precedencia do povoamento pelo interior o facto de terem vindo por aquella parte os homens que figurarão aqui durante os primitivos tempos, pelo menos aquelles que nos são conhecidos.

«Deixemos porem de lado essa ordem de investiga-

ções, pois requerem mais serio exame de documentos e mais aturado trabalho, e nos occupemos de um desses mais antigos colonos que representarão papel saliente na civilização de vastas paragens que comprehende hoje a provincia do Paraná.

«Referimo-nos ao coronel Manoel Gonçalves Guimarães, portuguez que aportou á S. Vicente pelos meados do seculo passado. Como todos os europeus que procuravão as plagas do Novo Mundo, Manoel Gonçalves andava em busca de cabedaes. Internando-se nos campos de Piratininga, escolheu uma grande zona nas proximidades do rio Tibagy. Percorrendo as paragens circumvisinhas, começou a tirar vantagens da riqueza natural do paiz.

«Nos tempos coloniaes, antes da lei dos quintos, não era permitido a ninguem utilizar-se do ouro ou dos diamantes que descobrisse em terras da colonia portugueza.

«O coronel Manoel Gonçalves, porem, não se submetteu de todo á essa lei, e entendendo que o ouro que a custa do proprio trabalho e actividade chegasse a extrahir, lhe pertencia pelo melhor dos direitos. Explorando o paiz, para elle attrahindo quantos compatriotas podia, ia dest'arte formando em torno de si um certo prestigio. Por esse tempo, ou talvez pouco antes começou tambem a crear-se um nucleo de homens sobre uma das margens do pequeno rio Yapó, justamente em paragem, onde por muitos annos vivião algumas tribus selvagens um tanto doces ao trato dos estrangeiros. Esse nucleo de homens foi a origem da cidade de Castro.

«Os jesuitas, mesmo muito tempo antes de Manoel Gonçalves que cuidavão de explorar os sertões, travando conhecimento com as numerosas hordas indigenas, e tinhão, desse modo, como que desbravado a inculta região, onde aquelle homem de vontade devia dar um exemplo edificante aos novos colonisadores. Proximos á estancia de M. Gonçalves ficavão alguns reductos da companhia, como a immensa fazenda do Pitanguy, um verdadeiro estado, a da Igreja

Velha, á alguma distancia da villa do Tibagy, etc. Manoel Gonçalves, animado pelo exito que no paiz tiverão seus sonhos, vendo que estava em uma terra dotada por Deus de tudo quanto ha de grande e de bello na natureza, concebia planos que indicavão mais alguma cousa que um espirito vulgar.

«Das poucas pessoas que em criança o conhecião, entre esses, o ha pouco fallecido commendador Roseira, uma reliquia veneranda dos antigos tempos da provincia, affirmão que Manoel Gonçalves era um homem extraordinario, de uma energia inquebrantavel, de uma vontade que não dobrava nunca ante quaesquer obstaculos, de uma actividade prodigiosa. De uma constituição forte, corpulento, sempre expansivo e sempre pensativo, como que tendo no ar franco uma expressão de mysterio, olhar penetrante que se insinuava rudemente nos corações, parecia elle um moço na idade em que as forças no geral dos homens se quebrantão. Conta-se que muitas vezes anoutecia no logar e ia no dia seguinte amanhecer em S. Paulo, caminhando toda a noute, sem fatigar-se nem adoecer. Diz-se mais que em epocha de perigo, quando encontrava alguém no caminho, collocava-se com tal arte sobre o animal, que não era percebido.

«Mas, dissemos que Manoel Gonçalves, trabalhando e procurando colher os melhores proveitos do paiz, não tinha muito cuidado em respeitar a lei que prohibia apossar-se de ouro e pedras preciosas. Pois bem: accusado perante o governo da metropole, é o já então poderoso estancieiro mandado para Portugal, tendo de ir pagar na prisão do Limoeiro a afouteza com que infringia os mandamentos reaes.

«De volta, porem, do Limoeiro, achou já installada a villa de Castro, antiga freguezia de Sant'Anna do Yapó, isto em 1778, si nos não engana a memoria.

«As cousas havião melhorado. A lei que regulava a extracção do ouro já não era tão rigorosa. Os jesuitas já pouco cuidavão das suas fazendas e até abandonavão a administração dellas para ir levar a fé a outros pontos do sertão.

«Mais disposto ainda e mais renovado de forças, recommençara logo Manoel Gonçalves o trabalho de estabelecer uma grande fazenda, a modelo das melhores conhecidas n'esse tempo. Dispondo de alguns capitaes cuidou de prover-se de braços, comprando numerosas familias africanas, povoando assim as terras de que já se apossara, com o melhor proveito. A fazenda de S. Cruz, tão conhecida nos Campos Gerais, tornou-se em pouco tempo notavel.

«Um regimem especial foi ali estabelecido. Alem de uma casa para morada, com certo gosto e em grandes proporções, havia uma capella, e outros muitos commodos para o respectivo capellão e para hospedes. «Aos domingos, havia missa e celebração de sacramentos. Os escravos que tinham suas cabanas por toda a extensão da propriedade e que tinham entre si uma policia especial, nunca deixavão de assistir ás ceremonias do culto divino; bem como os povos da redondeza, que tinham por dever estar aos domingos em S. Cruz. Em certas epochas do anno, havia na fazenda festas religiosas mais solemnes.

«Que bello espectaculo devia ser esse — lá no meio do sertão, o Deus Humanado elevar-se entre novellos de incenso sobre as cabeças da rude multidão prosternada!

«Manoel Gonçalves Guimarães entretinha relações estreitas com os principaes homens de Curityba, e aqui forão conhecidos de muitos ainda alguns dos filhos d'aquelle benemerito varão, cujos descendentes formarão muitas da principaes familias da provincia.

«E' um dos nossos grandes patriarchas, cuja memoria deve ser para nós immorredoura. — Nivaldo Braga.»  
— Falleceu o Coronel Manoel Gonçalves Guimarães em Março de 1816, sendo em sua intenção rezadas 5 missas que mandou reza o Irmão Thesoureiro o Capitão Manoel Gonçalves Guimarães, seu filho, as quaes missas foram pagas a razão de 320 reis cada uma, conforme o recibo passado pelo Padre Augusto Gonçalves Guimarães, tambem seu filho, a 30 de Março de 1816.

De seu matrimonio teve os seguintes filhos:

- 2-1 Padre Augusto Gonçalves Guimarães. Antes de se ordenar se dedicou a negocios de animaes, cujas compras effectuava no Sul para revender nas feiras de Sorocaba, tendo em 10 de Janeiro de 1795, seu Pai firmado contracto com seu cunhado Manoel Nunes de Lima, por cujo contracto seu filho Augusto devia acompanhar Nunes de Lima em sua viagem ao Sul. Falleceu em Curityba a 7 de Junho de 1835, sendo seus bens partilhados entre seus irmãos. Por sua alma foram mandadas rezar 5 missas pela Irmandade do Santissimo Sacramento, em 16 de Novembro de 1835.
- 2-2 Balbina Iria Guimarães Branco, casada com o Tenente Antonio José Pereira Branco. Já descripta em Titulo Pereira Branco, neste volume.
- 2-3 Anna Ubaldina de Guimarães e Silva, casada com o Chefe de Legião João da Silva Machado, depois Barão de Antonina e Senador do Imperio, nascido na villa de Taquary, Estado do Rio Grande do Sul, a 17 de Junho de 1782, filho de Manoel da Silva Jorge e de sua mulher Antonia Maria de Bittencourt. Residiu desde moço na então provincia de S. Paulo, e ao seu progresso e desenvolvimento dedicou toda a sua vida, começando a figurar na politica desde 1821, em que o encontramos eleitor para a Constituinte portugueza na parochia de Curityba, e depois, em 1829, já no posto de tenente-coronel de milicias, eleito como um dos primeiros supplentes do Conselho do Governo, e da 1.<sup>a</sup> legislatura provincial (1835—37) sendo que, nas 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>, foi contemplado pelos eleitores paulistas como um dos membros da Assembléa. Foi chefe de legião e commandante superior da guarda nacional da comarca de Curityba, e pelo seus serviços á causa legal obteve em 1842 a nomeação de coronel honorario do exercito e o gráo de official da Ordem do Cruzeiro, sendo anteriormente eleito para vice-presidente da provincia pela Assembléa Provincial no biennio de 1837—38. Além destes serviços prestou outros em relação á colonisação e catechese dos indios, estabelecendo a

colonia allemã do Rio Negro e os aldeamentos de Jatahy, na antiga Provincia do Paraná, e a de S. João Baptista do Rio Verde, na de S. Paulo.

Fez explorações, e foi incumbido pelo Governo, da abertura de uma estrada que, partindo do littoral da provincia do Paraná, fôsse terminar em certo ponto da de Matto-Grosso. Em recompensa destes serviços e de outros, foi agraciado com o titulo de veador honorario da casa imperial, grande dignatario da Ordem da Rosa e barão com honras de grandeza, sendo eleito e escolhido em 1854 senador pela antiga provincia do Paraná.

Relativamente a seus serviços de explorações das correntes dos nossos grandes rios, procurando a melhor via de penetração e communicação com a Provincia de Matto Grosso, relevantes foram elles e sobre esse assumpto o sabio Dr. J. A. Faivre, assim responde a circular do Presidente da Provincia do Paraná, dirigida em 1857 á elle e a diversos sertanistas, pedindo informações relativas a navegabilidade dos Rios Ivahy, Tibagy e Paranapanema:

«Julgo preferivel a navegabilidade do Rio Ivahy aos demais. Não tendo estudado pessoalmente os Rios, procurei colher informações a respeito, sabendo que em 1845 o Snr. Vergueiro, genro do Barão de Antonina, com 10 ou 12 camaradas, desceu pelos Rios Verde, Tibagy, Paranapanema ao Paraná e por este desceu 8 a 10 leguas até enfrentar ao Ivinheima no Rio Ivahy, por este subio sem grandes difficuldades até o lugar da Colonia Thereza, com canoas de 30 a 40 saccos de arroz. Da embocadura do Ivahy até o rio Mourão, 30 leguas, pódem navegar barcos a vapor. . . . . Apresenta o Ivahy váos e corredeiras mais ou menos rapidas, porem todas navegaveis sem maiores esforços. As corredeiras quasi que desaparecem nas enchentes. O rio que não é caudaloso corre por declive manso . . . . .»

Conclue o Dr. Faivre opinando pela navegabilidade do Rio Ivahy.

O Coronel Joaquim José Pinto Bandeira, assim res-

ponde a circular: « . . . . . Ha 10 annos o Tenente Coronel Luiz Vergueiro com o mappista João Henrique Elliot descendo, embarcados, pelo Paraná até a embocadura do Ivahy e subindo por este desembarcaram no Ivahyzinho, duas leguas acima do lugar da Colonia Thereza, e mais avançariam se subissem até o grande Salto que ha nas proximidades da estrada de Guarapuava logo após a junção dos Rios que formam o Ivahy. . . . . » e termina opinando pela navegabilidade do Rio Ivahy, que julga superior aos demais, por sua navegabilidade e menos distancia com Matto Grosso e com nossos Portos de mar.

O Brigadeiro Loures assim se refere:

« . . . . . Em 1845 houve outra expedição dirigida pelo Barão de Antonina e seu genro o Tenente Coronel Luiz Pereira de Campos Vergueiro que embarcou no Rio Verde e fazendo um circulo por este rio, o Paranapanema, Paraná e Ivahy, veio desembarcar onde se fundou a Colonia Thereza, sahindo para os Campos Geraes por um pique anteriormente feito pelo Barão de Antonina.»

O Coronel Francisco de Paula Ferreira Ribas diz: « . . . . . O Rio Paranapanema desde a barra do Taquary até a fóz do Tibagy não é de modo algum navegavel pelos obstaculos que tem quer de cachoeiras, quer de corredeiras. O Tenente Coronel Luiz Pereira de Campos Vergueiro foi o unico que por sua temeridade, coragem e perseverança pôde percorrel-o quando subio pelo Ivahy.»

— Do «*Centenario do Rio Negro. — IV. — O Barão de Antonina. — Por Ermelino de Leão*», extrahimos: «Falar no Rio Negro é relembrar o vulto extraordinario de João da Silva Machado.

«Quem lhe conhece a biographia, não pode deixar de tel-o na conta de benemerito servidor do Paraná.

«Gaucho humilde, nascido em um lar modesto na Villa de Taquary a 17 de Junho de 1782, sem receber as luzes da instrucção, Silva Machado, pelos seus proprios esforços ascendeu ás mais altas posições que

poderia alcançar um homem da sua tempera e da sua educação.

«Começando a existencia como aprendiz de alfaiate, reconheceu, desde logo, que o seu temperamento dinamico não se coaduna com a vida sedentaria de costureiro.

«Trocou a linha e a agulha, pelo chicote e a montaria. Faz-se feitor de fazenda pastoril. Comprava nos pampas, as tropas, que conduzia para a feira de Sorocaba, onde as vendia a bom mercado.

«Com a sua actividade e o seu tino amoedou uma pequena fortuna, adquiriu, por occupação, vastos tratos de terras; e tornou-se um dos homens de maior valor da, então, terceira comarca de S. Paulo.

«Cogitou, então, de constituir familia, procurou dama de mais alta posição desposando d.<sup>a</sup> Ubaldina do Paraizo Guimarães, filha do Coronel Manoel Gonçalves Guimarães.

«Em 1821, era escolhido eleitor dos deputados ás Cortes Constituintes de Lisbôa; em 1829 presidio os destinos da Villa Nova do Principe (Lapa) e era eleito supplente ao Conselho Geral da Provincia de S. Paulo; e mais tarde membro effectivo da mesma assembléa, sendo reeleito successivamente e occupando o cargo de vice-presidente.

«Concorreu para a reconstrucção da Estrada da Ribeira, para o calçamento no trecho da Serra, da antiga Estrada da Graciosa. Explorou o morro Tayó, os sertões da Ribeira, do Paranapanema, do Tibagy, do Ivahy, etc.

«Durante a guerra dos farrapos, embora liberal e rio-grandense, prestou á causa do imperio valiosos serviços, pondo ao dispor do throno a sua burra e o seu prestigio. Quando occorreu a sedição de Sorocaba, foi elle que, abandonando os seus amigos e collocando os seus serviços ao dispor do governo quem efficazmente concorreu para a victoria pacifica do grande Barão, depois Duque de Caxias.

«Accusaram-no de desertor dos seus arraiaes; chamaram-no de venalisado pelos seus adversos a troco do

baronato e da presidencia da futura provincia do Paraná. . . . .

«A primeira imposição que fez foi a da immediata installação da Provincia. . . . .

«A facil victoria de Caxias modificou, em parte, os seus altos projectos, adiando-os.

«Comtudo a sua tenacidade venceu os obstaculos e logrou os seus objectivos.

«Installada a provincia, foi eleito senador. Dignitário da Ordem da Rosa, guarda roupa honorario da Casa Imperial, Barão com grandeza e Vedor de S. M., a Imperatriz, galgou, pelos seus meritos, pelas suas virtudes e pelas suas ambições, os mais elevados postos. Falleceu a 19 de Março de 1845, com 93 annos de activa, brilhante e util existencia.

«Eis, em traços rapidos, o que foi esse homem prodigioso e benemerito, que se chamou João da Silva Machado — Barão de Antonina.

«O humilde alfaiate de Taquary elevado a grande do Imperio, a senador vitalicio da Provincia, que, com os seus esforços, fora installada. . . . .

«O Barão de Antonina, é, na comparação hugoana, no nosso passado, uma alta montanha, a ultima a receber os esplendores do sol, enquanto o vale se cobre do véo penumbroso da noite propinqua. Elle resplandesce ainda, enquanto a massa dos seus contemporaneos, immerge no nimbo do olvido.»

— Da magnifica monographia escripta em commemoração ao centenario da Colonisação allemã do Rio Negro, pelo Dr. Djalma Forjaz, illustre Director do Archivo Publico Paulista, inserida no Livro commemorativo a esse facto, editado pelos Snrs. Mario Felippo Olivero e Leonardo Arbigaus, extrahimos o seguinte excerpto relativo ao Barão de Antonina:

« . . . . . Em 1816 os tropeiros, que transitavam da Capitania de São Pedro do Sul para as mais capitancias do Norte, requereram a D. João VI a factura de um caminho, entre a Villa de Lages, em Santa Catharina, e Lapa, no Paraná, desde o lugar denominado Campo Alto, até o Campo do Tenente, que era

então um sertão de cerca de quarenta leguas. O que existia, com o nome de Estrada da Matta, uma vereda aberta pelo proprio gado, só trilhada pela necessidade, acarretava grandes prejuizos, não só ao Erario Real, pela diminuição das rendas, como tambem aos Tropeiros, pela perda de mais de metade dos seus animaes.

«Para a factura daquelle caminho, por onde se fazia o commercio, talvez o principal e o mais necessario a seis capitancias, tão util á prosperidade da nação, como vantajoso aos interesses do Erario Real, offereram os referidos tropeiros contribuir com 100 reis por cabeça de cada um dos animaes que passassem depois do caminho feito, até aquelle tempo que fosse necessario para indemnizar a metade de sua despeza, sendo a outra metade da factura do mencionado caminho a custa do doado Pedro Alves da Costa Corte Real e Mello, senhor dos meios direitos do registro de Curityba, attendendo ás grandes vantagens que viria a auferir.

«Em 9 de Setembro de 1820, D. João VI, reconhecendo que S. Paulo ficaria prejudicado por não poder contar com um consumo certo e superfluo da sua producção, baixou uma Carta Regia, ordenando a João Carlos Augusto Oyenhansen, seu governador e capitão general, que mandasse construir o caminho solicitado, fazendo-se a despeza, metade pela casa doada, e metade pela Real Fazenda e pelos donativos que fossem prestados pelos interessados na importante obra.

«O Capitão General Oyenhansen, em virtude dessa Carta Regia, tratou logo de iniciar os trabalhos da estrada, indicando em 1.º de Outubro de 1820 para dirigil-a João da Silva Machado, «o unico homem, como declarou, que achava sufficiente para ser encarregado da inspecção da obra». Esta indicação, porem não foi julgada pelo Rei, no momento, conveniente, porque elle já estava incumbido, aliás, do descobrimento de minas de ouro nas montanhas de Itaió, como fazia certo a tradição; devia, pois, ser escolhida outra

pessoa. Insistindo por ella, Oyenhausen fez com que Silva Machado expozesse o seu modo de pensar, em um plano, que remetteu, em 16 de Dezembro de 1820, a El-Rei, e é o seguinte:

«Para emprehender-se a grande obra da abertura da estrada do Sertão se pode propôr com as condições seguintes:

«A Matta que terá quarenta leguas mais ou menos, se estende a que fica entre os dois pontos denominados — Campo do Tenente ao Campo Alto.

«Em toda a referida extensão se fará uma perfeita derrubada de trezentos palmos de largura, no centro destes em o lugar mais apropriado se destrancará a conveniente estrada que deverá ter quarenta palmos de largura, tirando desta, todos os madeiros, afim de não impedir a marcha dos animaes.

«Como sejam mais de cento e vinte os arroios que tem a Matta, está entendido que nelles se farão as precisas pontes de madeira de quinze até vinte palmos de largura, á excepção daquelles arroios que correndo por lugar firme e seguro, se possam de um e outro lado desbarrancar afim de minorar o numero das pontes, pois que sem estas, lucram os animaes o bem de encontrar mais frequentes bebedouros, sempre recommendaveis na marcha.

«Na extensão das diversas varzeas que ora são pantanozas, se abrirão as precisas vallas, que servirão de exgotto á estrada central, levando os aterrados que forem indispensaveis.

«Convirá muito, a bem das tropas, que em toda a extensão das ditas quarenta leguas se façam na distancia de duas a tres leguas, roçados de duzentas braças, em quadra, nos lugares mais apropriados, para que depois de queimados venham a servir não só de pastagem, como de descanso e pouso as tropas, do que muito necessitam.

«A ultimação desta obra como fica expendido, demanda seis annos contados de seu começo, por isso que a estação alli é rigorosa aos trabalhadores, e demais, o primeiro anno se faz indispensavel para co-

nhecer com miudeza, não só de toda a matta, e nella demarcar o melhor e mais seguro seguimento da nova estrada, como para comprar a precisa escravatura e fazer plantações que assegurem o necessario alimento a bem da mesma, e mais assalariados que a ella se devem reunir.

«Como talvez succeda que a pessoa que for encarregada de dita estrada não tome a sua conta o reparo e conservação da mesma, e então não terá que responder por aquella que se deteriorar depois de ultimada; cumpre que depois de ter feito as primeiras duas leguas e com aviso do encarregado da estrada mande o Illmo. e Exmo. Senhor General quem conheça della, para no caso de estar nos termos prescriptos, dar o preciso attestado afim de que por tal distancia feita e approvada, mais não responda e sim pelos que se seguirem, observando-se a respeito destas o mesmo que se lembra sobre as primeiras duas leguas.

«Como um tal serviço fica distante das povoações da Villa Nova do Principe e ainda mais de Curityba e Castro, se torna indispensavel que os capitães môres, ou commandantes respectivos destas villas, estejam auctorizados pelo Exmo. Senhor General para mandar do Corpo das Ordenanças aquelle numero de trabalhadores que exigido for pela pessoa que toma a sua conta a factura de dita estrada, sem que exceda a sessenta homens desta classe, os quaes em trimestres successivos serão substituidos por outros, salvo aquelles que por sua vontade quizerem permanecer no serviço, vencendo uns e outros o salario de seis vintems por dia em que trabalharem, alem do preciso e costumado alimento para tal gente.

«Sendo constante que a matta é actualmente infestada do gentio selvagem, tendo feito nella muitos estragos e mortes aos viandantes; é mais de temer os respectivos acomettimentos e ataques do mesmo no decurso de tanto tempo de trabalho, e no dever de prevenir isto, se torna indispensavel a prestação de um destacamento de vinte soldados e dois officiaes

superiores armados, do Regimento de Cavallaria Miliciana de Curityba, o qual destacamento em trimestres successivos será substituído por outro com o vencimento e munício respectivo, sendo estes pagos pela pessoa encarregada de dita estrada, e a mesma também os fornecerá de pólvora e bala para que com segurança, não só sirvam de escoltar os transportes de mantimentos como de guarda aos pontos do trabalho, e mesmo naquelles que parecer conveniente, com ordem ao Commandante para que faça observar o que recommendado lhe for pela pessoa encarregada da sobredita obra.

«Resta tratar da precisa indemnisação aos adiantados e importantes desembolsos por que deve passar a pessoa que desta tão assignalada tarefa haja de se encarregar, quando é bem conhecido o interesse que della deve precisamente resultar, não só a bem do commercio, como do Estado, o qual succedendo ter em vista a factura desta obra, sem que para ella a Real Fazenda adiante os precisos desembolsos, bem se pode facilitar esta empreitada confiando-a a quem com segura firma afiance o resultado, e a esse se poderá ceder a renda dos Meios Direitos do Registro de Curityba por quatro trienios, satisfazendo como é de estylo para a Real Fazenda por cada um de ditos trienios a somma de trinta contos de reis, ficando o lucro ou perda que deste contracto possa resultar, em parte da paga de dita estrada, a qual deverá no todo ficar satisfeita pelos Meios Direitos que percebe a Casa Doadada no mesmo Registro de Curityba, pois que tendo esta uma igual vantagem na abertura da estrada, deve passar por uma proporcionada quota e nenhuma mais razoavel a este rendimento Doadado, qual a de se ordenar, que quanto em cada um dos referidos quatro trienios exceder á somma de trinta contos de reis, pertença a pessoa que da dita obra se encarregar, sem que a mesma casa, todavia resulte responsabilidade por aquelles trienios em que seu rendimento não chegue aos ditos trinta contos de reis e para tudo se precederão as precisas

e convenientes ordens que segure o resultado de quanto fica expellido.

«Tendo referido quanto lembra tendente a derrubada e fatura da nova estrada, cumpre não ficar em silencio sua conservação e reparo que por tantos titulos se faz recommendavel, e para que a necessaria despesa com a dita conservação e reparo não recaia em dispendio da Real Fazenda, parece conveniente que para isto se lance mão da lembrança, ou offercimento que fizeram os tropeiros de contribuir com 100 reis por animal assim vaccum, como cavallar ou muar, que pela nova estrada passar, cuja cobrança poderá ter logar logo que se dê principio a factura da mesma para que assim por dito rendimento se faça esta despesa e quando pareça mais conveniente que o mesmo encarregado da factura da nova estrada, o seja do reparo e conservação, a esse se permittirá a cobrança de dito rendimento para lhe ficar pertencendo com obrigação de a fazer conservar e reparar como fica dito e isto durante o tempo dos sabidos quatro trienios. (Maço das Ordenanças de Curityba — Plano de Antonina).»

«Conseguiu ainda Oyenhausen que os tropeiros da Estrada da Matta se promptificassem a pagar desde logo a contribuição a que se tinham obrigado, cuidando, pois, de resolver o problema pelo lado pecuniario, escassas como eram as rendas publicas.

« . . . . . Assim o Brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, na sessão de 27 de Outubro de 1824 propoz que se «concertasse a estrada da matta, que communicava esta Provincia com a do Rio Grande do Sul, estabelecendo-se uma freguezia no meio della, ou no lugar que parecesse melhor, com um parcho e destacamento militar de 30 homens, afim de facilitar os recursos aos viandantes e mesmo aquelle concerto». «Queriu o Brigadeiro Tobias que a povoação fosse feita junto ao Rio Tajahy, no lugar denominado Rodeio Grande.

«O Conselho do Governo, em sessão de 10 de Novembro de 1824, depois de discutir aquelle projecto,

assentou: «que a fundação de uma povoação na estrada da Matta era útil e interessante, porém que para esse mesmo fim se devia quanto antes dar principio á abertura da mencionada Estrada da Matta, na forma determinada pela Carta Regia de 9 de Setembro de 1820 e Aviso de 30 do dito mez e anno, por ser esta obra a mais importante, não só para esta Provincia, mas também para todas as provincias deste Imperio, para onde se exportam bestas muares, sem as quaes não se pode fazer a importação e exportação dos generos do commercio para as mesmas provincias e igualmente a mais vantajosa para os interesses da Fazenda Nacional por ser a principal fonte das rendas della». Deliberou ainda o Conselho: que por todas as villas do sul fossem convidadas as familias que alli se quizessem estabelecer, gosando dos privilegios conferidos aos novos povoadores dos logares infestados pelos indios barbaros pela Carta Regia de 13 de Maio de 1808, mandada observar em São Paulo pelo Aviso de 9 de Dezembro do mesmo anno. Expediu ordem á Camara de Villa Nova do Principe para que convidasse os commerciantes de bestas e gado a se prestarem ao pagamento da contribuição que offereceram no anno de 1820, de 100 reis por cabeça de animaes que passassem na Estrada da Matta. Finalmente, as camaras de Villa Nova do Principe, Curityba e Castro deviam lembrar tudo quanto lhes parecesse conveniente para a abertura da Estrada e estabelecimento da Povoação e nomear um homem de conhecida probidade, intelligencia e conhecimento do Paiz para inspecionar a obra.

«Com as informações dessas camaras, resolveu o Conselho do Governo, em sessão de 13 de Outubro de 1825, que se puzesse em praça esta obra.

«Não tendo havido arrematantes, João da Silva Machado, em 29 de Dezembro de 1825 apresentou ao Presidente da Provincia novo plano para realisar-a no todo ou em parte, tirando-se do imposto que se pagava no registo de Coritiba, das partes que competiam a Fazenda Nacional e á Casa Doadá uma certa

quantia pelo tempo de seis annos, para a despeza com a construcção e destinando-se os cem reis que os tropeiros já tinham offerecido, para a despeza de conservação. (O prazo para a construcção da estrada seria reduzido para 3 annos se se fizessem sómente os pontos peiores, 13 leguas.)

«Aprovado pelo Conselho do Governo em sessão de 4 de Fevereiro de 1826, o Barão de Congonha do Campo, encarregou-o, a 20 do mesmo mez da Inspeccão da Estrada, conforme o plano que propoz.

«E' do theor seguinte a Portaria que o nomeou:

«Para o Sargento Mór João da Silva Machado.

«Merecendo approvação o plano que offereceu o Snr. Sargento Mór João da Silva Machado para o concerto geral, ou parcial da Estrada da Matta attento o consideravel prejuizo que presentemente soffrem os tropeiros, e bem assim o arbitrio que propoem para se occorrer ás indispensaveis despezas, como deliberou o Conselho do Governo em Sessão de 4 do corrente, por isso que estando já determinado pela Carta Regia de 9 de Setembro de 1820 o mencionado concerto e os meios pecuniarios de que se devia lançar mão, coincide esta disposição com o que indica o referido Plano; e tendo cessado os motivos que naquella epoca obstavam a que o mesmo Snr. Sargento Mór fosse encarregado da direcção de semelhante obra, de reconhecida utilidade publica, e que portanto convem seja principiada quanto antes, visto que até o presente não tem comparecido lançadores á ella, os quaes foram convidados pela Portaria constante da cópia inclusa: o Presidente desta Provincia ha por bem encarregar da direcção, inspecção della o referido Snr. Sargento Mór João da Silva Machado, conforme o que propõe naquelle Plano, dando principio á mesma em tempo proprio, e para o que deverá desde já ir deduzindo quinhentos reis dos Direitos que se pagam de cada besta no Registo tanto para a Fazenda Nacional, como para a Casa Doadá, para o que é auctorisado pela ordem junta, exigindo dos Capitães Móres das Villas circumvisinhas todos os auxilios de

trabalhadores, e o mais de que precisar, que lhe prestarão com zelo e efficacia, á vista da presente determinação, confiando do seu zelo, prestimo e actividade, que desempenhará satisfactoriamente esta commissão, da qual dará conta no fim de cada anno, bem como das despezas que fizer no concerto geral da Estrada, ou dos cinco pontos principaes de que trata o que fica ao seu arbitrio pela experiencia que tem, do que é mais util e interessante ao bem Publico. — Palacio do Governo de São Paulo 20 de Fevereiro de 1826. Barão de Congonha do Campo.»

«Tendo iniciado os trabalhos da construcção da Estrada em 26 de Março, João da Silva Machado fazia a 8 de Maio ao Presidente da Provincia essa communicação, adoptando para tal fim uma serie de providencias, que ao Governo pareceram acertadas (off. de 15 de Julho de 1826).

«Assim construiu o «Abarracamento de S. Lourenço», nas margens do rio do mesmo nome, composto de: uma casa coberta de telhas, com 131 palmos de frente, com cozinha de 19 palmos, emendada no flanco direito da casa; tinha de frente 7 portas e 2 janellas, no fundo 5 portas; por dentro 6 e na varanda do flanco 4 janellas.

«Um paiol separado, porem, no mesmo alinhamento da casa, o qual, coberto de telhas com uma porta em frente e o mais fechado de páo a pique, tinha 33 palmos de frente e 28 de fundo.

«Dois monjillos juntos, debaixo de uma casa de palha a 200 passos da do Abarracamento, que trabalhavam com agua que trazia um rego de 600 braças de comprimento.

«Uma olaria e forno de cozer telha a 150 passos da frente da casa do Abarracamento.

«Uma porção de capoeiras que levavam 60 alqueires de planta de milho.

«Pedi e lhe foi enviado, um destacamento composto de um cabo e oito soldados do Regimento de Cavalaria n. 18, da 2.<sup>a</sup> linha do exercito, não só para manter entre os trabalhadores a ordem, como principal-

mente para defendel-os das continuadas aggressões dos indios selvagens.

«Ainda a seu pedido, tiveram ordem os capitães môres de Castro, Coritiba e Villa do Principe de auxiliarem efficazmente o inspector da estrada e, para que não lhe faltassem trabalhadores, aos mesmos capitães môres foi determinado que acariciassem os povos refugiados e os fizessem ir trabalhar na Estrada, vencendo o competente jornal, sem receio de que fossem vexados por qualquer motivo.

«Antes de terminada a estrada, poude o snr. João da Silva Machado dispensar o destacamento da 2.<sup>a</sup> linha em Janeiro de 1829 por desnecessario, visto como havia a maior ordem e socego entre os trabalhadores e mesmo porque estes eram sufficientes para se defenderem de algum ataque do gentio.

«João da Silva Machado não se limitou a fazer a estrada sómente no territorio de São Paulo; quando foi se approximando dos limites desta Provincia, requereu ao Imperador que fosse feita tambem na parte que pertencia á Provincia de Santa Catharina e teve a satisfação de receber a necessaria ordem por Aviso de 14 de Fevereiro de 1828.

«Em 2 de Setembro de 1828 communicava elle ao Governo que a estrada já se achava quasi concluida. A este respeito, por occasião da abertura do Conselho do Governo em 4 de Outubro, escreveu o Bispo D. Manoel, vice-presidente em exercicio, na Falla do Governo:

«Eu me congratulo com o Conselho pelo quanto é digno de louvor o haver determinado a abertura da Estrada da Matta, quando era um trilho, entre esta e a Provincia do Rio Grande do Sul, e faço justiça ao patriotismo do sargento-mór João da Silva Machado pelo zelo, acerto e promptidão com que ha desempenhado a confiança que nelle se pozera, visto que a estrada está tocando ao seu fim, e des'arte não terão de estremecer os mais intrepidos negociantes na passagem de suas tropas, deixando, como outr'ora, de naufragar n'aquelle transito a fortuna de honestas

familias: o dito sargento-mór tem sido incansavel, e sobretudo é notavel que não se lhe mandasse pôr em pratica o projecto de criar uma freguezia no meio do sertão, e elle a tenha feito nascer, edificando uma capella, para a qual logo nomeei um Capellão Curado e conta já não pequeno numero de novos povoadores.» «Em Maio de 1829 estava terminada a Estrada da Matta, tendo-se chegado ao Campo Alto, lugar marcado para o seu termo. A estrada ficou no seu começo no Campo do Tenente ao Campo Alto, com uma extensão de 20 leguas, quando pelo seguimento da antiga, essa distancia foi sempre avaliada em 40 leguas. A escolta de trabalhadores que a tinha concluido, vinha regressando com o serviço de roçar as brotas e compôr os passos que precisavam alguma mão de obra e, achando-se em Julho já no salto de Tajahy, distante do Abarracamento 8 leguas, terminava completamente este serviço em 3 de Setembro, data em que chegou sem embaraço algum ao Abarracamento de S. Lourenço um carro, que João da Silva Machado fez para transportar áquelle logar as ferramentas, utensilios de cosinha e outros objectos, usados no trabalho de construcção.

«O Bispo D. Manoel, recebendo tão grata noticia, não pode deixar de felicital-o, pedindo para receber mais uma vez os justos e bem merecidos louvores e agradecimentos pelo zelo, actividade e patriotismo com que conseguiu áquelle tão util, como grande obra.

«Estava, pois, realisada essa obra reclamada durante muitos annos, como sendo de premente necessidade, apesar das difficuldades que tiveram de ser vencidas, no espaço de tempo de tres annos.

«De todas as despezas feitas João da Silva Machado apresentou ao Presidente da Provincia em 22 de Abril de 1830, uma conta detalhada, conta que em 28 de Abril de 1830 foi remetida ao Conselho. Por não tel-a achado nos papeis dessa corporação não podemos publicar a importancia despendida e assim fazer-mos uma ideia do que na epoca se reputava uma obra de grande custo.

«Sendo imprescindivel conserval-a por mais dois annos, roçando as brotas em toda a largura da mesma e compor os passos, afim de se não perder uma obra de tão grande custo, João da Silva Machado apresentou um calculo aproximado para esse serviço annualmente, revelador do grande escrupulo que se tinha ao dispôr dos dinheiros publicos. Esse calculo, bastante interessante para se lêr, importava em . . . . 1:666\$800 reis.

«O Presidente em Conselho resolveu remettel-o á Assembléa Geral Legislativa, para esta tomar em consideração a providencia reclamada, seja impondo a mesma contribuição que os tropeiros já tinham offerecido, cuja cobrança não se tinha exigido por juridicos fundamentos, ou a que parecesse bastante, calculando-se pelo numero de animaes que estavam na Provincia, ou seja auctorizando que a despesa de 1:666\$800, julgada necessaria para a conservação da Estrada, ficasse a cargo da Fazenda Publica, visto que a Carta Regia determinando a factura da Estrada, só auctorizou a despesa para a sua construcção.

«Ficou resolvido, de accordo com a proposta do Inspector da Estrada, conservar-se o Abarracamento de S. Lourenço, como um ponto de apoio, d'onde pudessem facilmente ser soccorridos os trabalhadores que fossem destinados aos futuros reparos da Estrada da Matta entre S. Paulo e Rio Grande do Sul, visto como alli se devia conservar o gado para municio, animaes de transporte e a ferramenta necessaria.

«João da Silva Machado, depois de haver feito a Estrada da Matta, ainda continuou por annos a cuidar della, e sendo encarregado de concertal-a em 1835, teve occasião de apresentar ao Presidente da Provincia Rafael Tobias de Aguiar as seguintes considerações: «E' preciso todos os annos nos primeiros dias do mez de Março entrarem 50 trabalhadores, para roçar as brotas, compor passos, aterrados e pontes e igualmente destrancar a madeira dos flancos da Estrada, arredando-a para as encostas do matto, ou pondo-a ao correr da mesma, afim de que toda a largura

das 20 braças de derrubada sirva afinal de passadiço para as tropas, e fique um dia reduzida aquella estrada a uma continuada campina. Este serviço ha de absorver annualmente 1:600\$000 pouco mais ou menos, visto que os salarios tem subido, bem como os preços dos mantimentos e rezes para o municio; se contudo passar algum anno sem se compôr, então já não se faz o reparo com a dita quantia.

\* \*

«O Barão de Antonina (João da Silva Machado) é um daquelles magnificos exemplos de brasileiros antigos que, sem as doçuras da fortuna e as prerogativas da cultura no inicio da vida, á custa exclusivamente de uma intelligencia lucida e perspicaz e de uma vontade ferrea, foi aos poucos galgando os mais altos postos da politica e da administração.

«Filho legitimo de Manoel da Silva Jorge e de d. Antonia Maria Bittencourt, nasceu a 17 de Junho de 1782 na Villa de Taquary, provincia do Rio Grande do Sul. No inicio de sua vida adulta exerceu o humilde mistér de alfaiate; sua energia e intelligencia, porem, não permittiram que por muito tempo se dedicasse a esse ramo de trabalho. Passava em breve a ser feitor de uma fazenda, e depois a negociar com gado, adquirindo tropas na região do Prata, atravessando com ellas todo o sul do Brasil, e indo vendel-as nas feiras de Sorocaba, em São Paulo, de Sant' Anna na Bahia e até de Caxias, no Maranhão.

«Taes viagens, ao mesmo tempo que lhe ensinavam a conhecer os homens, iam lhe despertando o amor pela nossa natureza, exuberante e virgem, infundindo-lhe na alma o sentimento da terra, unico que aprimora os espiritos e crea as verdadeiras aristocracias.

«Com a fortuna ganha a custa do trabalho, adquiriu e negociou latifundios nos sertões de São Paulo, Paraná e Matto Grosso.

«Casou-se já rico, com d. Anna Ubaldina do Paraizo Guimarães, filha do Coronel Manoel Gonçalves Guimarães e de d. Maria Magdalena de Lima, deixando uma numerosa descendencia em São Paulo.

«A fortuna, as terras que possuia, o conhecimento profundo dos homens, as relações innumeradas que adquiriu no tempo de sua vida errante, foram-no insensivelmente encaminhando para os cargos de representação, onde poderia prestar á Patria os serviços inestimaveis que até então tinha prestado a si proprio. «Em 1821 era escolhido eleitor da quinta comarca de São Paulo, encarregado da eleição dos representantes do Brasil ás Côrtes Constituintes de Lisboa, em 1829, alem de Presidente da Camara de Villa Nova do Principe, ia como supplente para o Conselho Geral da Provincia de São Paulo e membro effectivo na segunda Legislatura (1830—1833); era eleito deputado á Assembléa Provincial de São Paulo da primeira, segunda, terceira e quarta legislaturas, de 1835 a 1843, exercia no periodo de 1837 a 1838, o cargo de vice-presidente da provincia.

«Os serviços que prestou ao Estado, nesse periodo de sua vida, são aquelles que melhores fructos produziram posteriormente, pois se referem todos ao povoamento do nosso solo. Encarregado de aldeamento de indios, da abertura de estradas importantissimas, da fundação de colonias estrangeiras, da exploração de terrenos com metaes preciosos, houve-se com tal proficiencia e previsão que sua acção benefica foi o marco inicial do desenvolvimento ulterior das regiões ás quaes dedicou sua actividade. Cumpre salientar desses trabalhos, a construcção da Estrada da Matta, via publica que poz em communicação as provincias do Rio Grande do Sul e de São Paulo, atravessando Santa Catharina e Paraná, arteria aorta do commercio no Sul do Brasil. A colonia allemã do Rio Negro, o segundo nucleo estrangeiro em nossa terra, tambem é obra sua. Tem portanto o Barão de Antonina uma grande parte na origem desse phenomeno social de tão grande monta para nós, que é o da transfusão do sangue europeu na nossa gente, trazendo-lhes novas energias e concorrendo para o engrandecimento futuro de nossa patria. Ainda podemos mencionar a construcção da estrada de Coritiba a Antonina (1830),

a estrada da Graciosa, a de Paraná a Matto Grosso. Dentre os aldeamentos de índios, salientemos os dos rios de Jatahy, Paranapanema, Paraná, Ivinheima, Dourado e Santa Maria, entre as províncias do Paraná e Matto Grosso; de São João Baptista do Rio Verde, na de São Paulo, que deram origem a florescentes povoações.

«Naquelles tempos, a posse da terra estava quasi sempre ligada ao prestigio na politica e ao commando no militarismo. Não fugiu o Barão de Antonina a esta regra. Tomou parte em varias campanhas, e passou por varios postos de commando, tendo sido Capitão mór da Villa Nova do Principe, Tenente Coronel de Milicias, Commandante Superior dos guardas nacionaes do sul da Provincia e Coronel Honorario do Exercito.

«Quando as missões foram invadidas em virtude da guerra que mantinhamos com a Republica Argentina, promptamente organizou elle em Coritiba um batalhão de voluntarios, com o qual iria repellir a invasão. Tal não foi necessario, porem, devido a paz firmada com aquella Republica pelo nosso Governo Imperial.

«A sua estrella militar, porem, brilhou com mais fulgor por occasião da revolta liberal de 1842.

«A quinta comarca de São Paulo, actual provincia do Paraná, era uma das melhores esperanças dos revolucionarios liberaes.

«Encarregado pelo Governo de suffocar ainda no embrião a revolta dessa comarca, o Barão de Antonina empregou no desempenho desse mistér não só a força de suas tropas militares, como tambem o seu prestigio e as suas relações. Para avaliarmos da importancia da missão que lhe foi confiada, que era a do Commando Superior das Forças em operações no sul da provincia, basta attentar para o facto de que, se Coritiba adherisse aos revoltosos, os liberaes de São Paulo fundir-se-iam com os liberaes do Rio Grande do Sul, tambem em revolta.

«Da felicidade com que se houve nesses encargos

espinhosos, resultaram para o Barão de Antonina honorarias e dignidades, assim como um favor crescente junto á Casa Imperial. Dignitario da Ordem da Rosa, guarda-roupa honorario da Casa Imperial, Barão de Antonina, por decreto de 11 de Setembro de 1843, Barão com grandesa, por decreto de 13 de Agosto de 1860, obteve ainda o Officialato da Imperial Ordem do Cruzeiro, a Vedoria de S. M. a Imperatriz, etc.

«Quando foi creada a provincia do Paraná em 1853, foi o seu primeiro representante no Senado do Imperio.

«Falleceu, depois de uma vida laboriosa e util aos seus semelhantes, com 93 annos de idade, a 19 de Março de 1875. Muito lhe deve a colonisação e povoamento do Sul de São Paulo, principalmente o Estado do Paraná, centro principal de sua actividade.

.....  
«Tomando desde logo providencias para se promover a catechese dos índios que habitavam o sertão da Matta, João da Silva Machado escolheu da Villa do Principe, em que morava, e da de Coritiba, aquelles índios, que outr'ora apprehendidos, estavam sufficientemente instruidos em o nosso idioma, requisitando-os então aos capitães môres das referidas villas para a empresa premeditada.

.....  
«Já então João da Silva Machado tinha feito nascer, no Rodeio Grande, como queria Rafael Tobias, uma povoação nas margens do Rio Negro, construindo á 8 kilometros do Abarracamento de São Lourenço, na margem esquerda, uma Capella, no local onde se acha hoje uma praça ajardinada, denominada Hercilio Luz e pertencente a Santa Catharina, em virtude do accordo que este Estado fez com o do Paraná na questão de limites entre elles. Em 1859 foi removida para a margem direita e collocada no local onde se encontra, actualmente, a Matriz.

«Esta Capella foi logo elevada a *Capella Curada*, conforme se vê da seguinte Provisão do Bispo de São Paulo, Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade:

«D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, por mercê de Deus e confirmação da Sé Apostolica, Bispo de São Paulo, e do Conselho de Sua Magestade Imperial, etc. etc.:

«Aos que esta Provisão virem Saúde e Benção em o Senhor. Fazemos saber que attendendo ao que por sua petição representou o Sargento-Mór João da Silva Machado, Director da Estrada da Matta no Caminho para o Continente do Sul: Havemos por bem pela presente erigir e construir Capella Curada a que está constituida na dita Matta, cujos limites depois de bem combinados entre o muito Reverendo Parocho da Villa do Principe e o Reverendo Capellão, serão designados por termo a que ambos assignarão, bem assim será apontado o numero de applicados que ficam pertencendo a dita Capella, cujo termo será remettido em carta feichada a Camara Episcopal, sendo obrigado o muito Reverendo Capellão a ter os livros competentes para os assentos de baptisados, obitos e casamentos, e o livro do Tombo da Villa do Principe para todo o tempo constar.

«Dada em São Paulo sob o nosso Signal e Sello das nossas Armas, aos 26 de Julho de 1828. E eu, o Padre Ildefonso Xavier Ferreira, Official da Camara Episcopal, o escrevi. D. Manoel, Bispo.»

«Quarenta e quatro dias depois desta Provisão, esse mesmo Bispo, attendendo á justa representação de 108 moradores, afim de se crear alli uma nova freguezia, baixou esta nova Provisão:

«Tendo chegado a nossa presença a representação de 108 moradores, constantes de uma petição, da Capella Curada da Matta, no Caminho do Sul, munida do officio do Director da Estrada do mesmo Caminho, para levarmos á Augusta Presença de Sua Magestade Imperial, afim de crear-se alli uma nova Freguezia, conhecendo nós tão justa reclamação e em beneficio tanto espiritual como temporal dos mesmos moradores: Havemos por bem pela presente por nós somente assignada determinar que os sobreditos moradores fiquem pertencendo desde já a Capella Curada e o

muito Reverendo Parocho da Villa do Principe, marcando os limites da Capella conforme a Provisão por nós mandada passar por signaes naturaes, V. G., rios caudalosos, montes, etc., fixará aos mencionados moradores do seu ról para serem lançados no do Capellão Curado, para cujo effeito será esta apresentada a ambos, afim de que dêem inteiro cumprimento, lançando tudo nos livros do Tombo para todo o tempo constar e farão patente lendo por tres vezes a Estação da Missa Eventual. Dada em São Paulo aos 9 de Setembro de 1828. — (a.) Manoel, Bispo.»

«O Ministro do Imperio, Visconde de São Leopoldo, por portaria de 8 de Novembro de 1827, determinou ao presidente de São Paulo que desse desde logo as providencias precisas para o recebimento de colonos que iam ser enviados para cá, recommendando-lhe que na distribuição das terras fossem escolhidas as mais salubres, não só porque assim o aconselhava a humanidade, mas, porque as vantagens de que uns gozassem, podiam decidir outros a que viessem procural-as e deixando ao seu discernimento fixal-os, se julgasse conveniente, na nova povoação dos Campos de Guarapuava ou em Villa Nova da Franca do Imperador, ou em qualquer outro lugar que em Conselho elegeisse por mais vantajoso.

«Em consequencia da Portaria Imperial a Inspeção da Colonisação estrangeira na Côrte remetteu para São Paulo, em diversas levas, 955 colonos allemães, assim discriminadamente:

13 de Dezembro de 1827 — Galéra Maria	226
31 de Janeiro de 1828 — Bergantin Paquete do Rio	39
22 de Maio de 1828 — Sumaca Santa Delfina	89
27 de Junho de 1828 — Sumaca Rocha	175
13 de Novembro de 1828 — Galéra Nova Piedade	397
16 de Março de 1829 — Bergantim Prudente	
	José Egypto 29

«Determinou o Governo Geral em 21 de Março de 1828 que se desse a cada familia 400 braças de terra em quadra no lugar em que ficassem estabelecidos,

favor este que o Ministro do Imperio por Aviso de 5 de Maio de 1828 ampliou aos solteiros que se casassem. A cada colono que se sujeitasse a residir nas colonias, maior de 10 annos, mandou-se dar um subsidio de 160 réis diarios, por um anno, e aos menores de 10 annos, 80 réis.

«Foram todos desembarcados no porto de Santos e, como durante muito tempo ficasse incerto o seu destino, a despesa só com o subsidio annual attingiu cerca de 50:000\$000.

«Esses colonos deram origem as duas primeiras colonias estrangeiras que se fundaram em São Paulo na epoca da colonisação official, colonisação, como já vimos, que a Lei de 15 de Setembro de 1830 prohibiu. Essas duas colonias foram Santo Amaro e Rio Negro, fundadas em 1829. A primeira nas margens do rio Taquacetuba, districto da freguezia de Santo Amaro, a seis e meia leguas desta Capital, e a segunda na capella do Rio Negro, nas margens do rio do mesmo nome, na estrada geral da antiga provincia de São Paulo para a de Rio Grande do Sul.

«Foram enviados para o Rio Negro 238, em virtude de deliberação que já se tinha tomado. Seguiram para Conceição de Itanhaem, onde ficaram localizados 39 e ficaram no Cubatão de Santos 37. O restante tomou o destino que lhes aprouve, ou ajustaram-se com particulares, ou se dedicaram á industria fabril, ou entregaram-se ao commercio por conta propria.

«Não vieram mais colonos para São Paulo porque assim o exigiu o Presidente da Provincia, do Ministro do Imperio em 20 de Novembro de 1828, ponderando que as despesas que estavam sendo feitas com os que já tinham vindo, eram superiores ás forças dos cofres provinciaes.

«Houve duas remessas de colonos para Rio Negro a pedido do Barão de Antonina. A primeira foi determinada pelo Conselho do Governo na sessão de 19 de Novembro de 1828 e a segunda pelo presidente da Provincia em 5 de Maio de 1829.

«O Barão de Antonina foi nomeado Director dessa

colonia por acto de 6 de Dezembro de 1828. Essas familias, confiadas ao cuidado do Barão de Antonina, sahiram de Santos em 30 de Novembro de 1828 no Bergantim americano «Otter» do commando do Capitão R. Scathcart, e chegaram a Paranaguá a 7 de Dezembro, dahi seguiram para Morretes, Curitiba, Villa do Principe, chegando ao logar do seu destino, Rio Negro, em 19 de Fevereiro de 1829. Uma das familias, a de Carlos Tromer, ficou em Paranaguá, onde veio a comprar um sitio do Vigario, e duas outras ficaram provisoriamente em Curitiba por molestias, seguindo depois para o seu destino. A despesa com o transporte foi de mais de 1:000\$000, até Morretes, segundo o officio do Presidente da Provincia ao Ministro do Imperio em 19 de Fevereiro de 1829. «As 19 familias foram arranchadas, umas no arruamento da Povoação e outras nos suburbios, onde formaram suas chacinhas, visto que todo o terreno alli era devoluto, devendo depois lhes ser demarcadas 400 braças de terras em Matta. Em 18 de Julho de 1829 a povoação já contava mais de 160 fogos.

«A chegada dos colonos allemães no Rio Negro deu um grande impulso á nascente povoação, porque, como assevera João da Silva Machado em officio de 18 de Junho de 1829, foram logo fazendo suas casas de um e outro lado do rio, no que foram imitados por outros povoadores, estabelecendo-se assim, um grande movimento em ambas as margens do Rio Negro em busca de viveres e outros objectos preciosos. Alem das casas de moradia, foram feitas tambem casas de negocio, formando-se assim uma bella povoação, cortada ao meio pelo referido rio, com mais de 160 fogos.

«Havendo necessidade de se fazer uma ponte sobre o Rio Negro para uso dos moradores, propoz o Barão de Antonina que se arrecadasse uma meia passagem dos tropeiros para esse fim, procedendo-se assim do modo por que se fazia em Castro e Sorocaba, que tinham moradores em ambas as margens dos rios que banhavam esses logares.

«O Presidente da Provincia, José Carlos Pereira de Almeida Torres, em officio de 20 de Outubro de 1829, determinou a João da Silva Machado que, logo que o recebesse, fizesse suspender o subsidio aos colonos allemães que se encontravam no Rio Negro, visto como a esse tempo ter-se-ia findo o praso pelo qual Sua Magestade, o Imperador, lh'os mandara abonar e que continuando a promover o bom arranjo dos ditos colonos, applicasse todo o seu cuidado, afim de que elles se empregassem effectivamente nos trabalhos de agricultura e criação de gado, conseguindo desta sorte os meios necessarios para subsistirem independentemente dos soccorros da Fazenda Publica, a qual não se achava nas condições de os prestar, ainda quando não houvesse expirado o dito praso.

«O Barão de Antonina ponderou que, se cumprisse a ordem, os colonos ficavam completamente desamparados, em um sertão falto de todos os recursos, pois, tendo chegado alli de pouco, mal tinham tido tempo de fazer um rancho para o seu abrigo e pequenas plantações, das quaes não podiam obter o preciso sustento tão de prompto; ainda mais, algumas familias, tendo por chefes velhos ou viúvas, que deviam sustentar filhos de menor idade, iam lutar com um futuro muito desgraçado, se o Estado não lhes continuasse dar mais alguns soccorros até que pudessem libertar da miseria a que ficavam expostos.

«A' vista de taes ponderações, o Presidente da Provincia mandou que João da Silva Machado pagasse o subsidio até o mez de Dezembro, não obstante as ordens do Imperador a este respeito, mas, esperando por isso mesmo do zelo e patriotismo com que tinha promovido o arranjo e estabelecimento da Colonia, elle empregasse todo o seu cuidado em dirigil-os á uteis trabalhos de que pudessem quanto antes colher vantajosos resultados, deixando de ficar á cargo da Fazenda Publica e livres de vexames e miseria, muito certo de que, tendo mostrado tão lóuvaveis desejos de promover a prosperidade da nascente Povoação

que criou, para o que pediu a remessa das mesmas familias, continuaria a prestar-lhes toda a protecção, como era proprio de seu character.

«Ouvido o Conselho do Governo, este foi de parecer que se pedisse a Sua Magestade Imperial a necessaria authorisação para dar-se aos colonos de que se trata, outro mez de subsidio alem daquelle com que o Presidente os tinha mandado soccorrer, o que foi approved por aviso de 30 de Janeiro de 1830.

«O Governo deixou ao criterio do Barão de Antonina dar o subsidio de Janeiro, quando visse que delle havia maior necessidade, pois o Barão vinha providenciando para que os colonos tivessem trabalhos e ganhassem por si nos diversos serviços que estavam sendo feitos na povoação. . . . .

«Rio Negro só passou de Capella á Freguezia depois de alguns annos.

«João da Silva Machado, já em 18 de Julho de 1829, verificando que a povoação ia progredindo com grande vantagem, possuindo então mais de 160 fogos, e portanto, fazendo-se digna da protecção do Governo, solicitava ao Presidente da Provincia as necessarias providencias no sentido de ser erecta em Freguezia do Bom Jesus da Columna do Rio Negro.

«Tanto o Conselho do Governo como o Bispo Diocesano, convencidos da necessidade e utilidade que resultava aos povos, da creação da supracitada Capella em Freguezia, propuzeram a Sua Magestade Imperial a adopção da medida solicitada. . . . . (assignado) *Dr. Djalma Forjaz.*»

— O historiador Dr. Ermelino de Leão, na sua preciosa monographia «A Revolução dos Farrapos e a quinta comarca de São Paulo», publicada no Livro commemorativo ao centenario da colonisação allemã no Rio Negro, editado pelos Snrs. Mario Felippo Olivero e Leonardo Arbigauss, tratou largamente da vida e serviços do Barão de Antonina, donde extraímos o seguinte excerpto:

«O movimento revolucionario, que irrompeu em Porto Alegre a 20 de Setembro de 1835, tinha ao começo,

se circumscripto á Provincia do Rio Grande do Sul, de sorte que pouco sensível se tornou para á vida da terceira comarca de São Paulo, que mais tarde veio a constituir o Estado do Paraná. Entretanto, a luta que se travava nos Pampas, interessava a toda a nacionalidade, porque allí se debatiam principios politicos que a dividiam e o apaixonavam. De um lado se encontraram os restauradores, que visavam repôr D. Pedro I, no throno, e que sonhava . . . . . em parte, com um retrocesso ao absolutismo dos tempos coloniaes; de outro, os avançados, que não satisfeitos com as consequencias da abdicação, tentavam integrar o Brasil, ao systema politico do Continente, tomando, por isso, a denominação de «continentinos».

«As duas forças — a conservadora, systematisada e arregimentada pelas Sociedades Defensoras da Independencia, visando conservar a monarchia constitucional proclamada na colina do Ipiranga; e a republicana, que considerava o Sete de Abril, como *uma journée des dupes* (pois quando projectavam a abolição da dymnastia, surgia, inesperadamente, a abdicação de D. Pedro I e o advento do segundo reinado) depa-ravam-se a frente dos restauradores dos miguelistas, saudosos dos ominosos tempos coloniaes.

«A Republica de Piratinim se havia limitado aos pagos gauchos; e era ao principio, considerada uma luta regional, sem efficiencia fora da zona, em que irrompera. Quando, porem, os republicanos procuraram conquistar a Provincia de Santa Catharina, occupando Lages, a revolução assumiu um character mais grave, obrigando a Regencia a tomar medidas mais energicas e a lançar suas vistas para o Sul de São Paulo, ameaçado de invasão.

«Desde Novembro de 1837 se achava em Lages, o coronel reformado Manoel dos Santos Loureiro, commandando uma força de 150 homens da Guarda Nacional; e praticando uma serie de extorsões e violencias, segregando de si as sympathias das proprias autoridades locais, que não desejavam pactuar com

os seus processos tyranicos e deshonestos, como nos conta o Almirante Boiteux na monographia — Republica Catharinense.

«Uma das pessoas que cahiu no desagrado de Loureiro e do Presidente Pardal foi Silva Machado, o fundador do Rio Negro, Chefe de Legião da Guarda Nacional de Curityba, por ter offerecido abrigo generoso aos fugitivos das duas facções em luta, todos seus conterraneos, exigindo, porem, em troca do asylo, perfeita observancia da ordem e da tranquillidade da comarca. De facto, alguns documentos do archivo do meu avô paterno denunciam que, a sombra do prestigioso chefe curitybano, agiam agentes dos revolucionarios; de sorte que surgia a mais nitida desconfiança, mal mascarada, do governo provincial de São Paulo.

«Com a tomada de Lages pelos republicanos, a atenção do governo regencial voltou-se para a comarca de Paranaguá e Curityba; sobretudo para a freguezia do Rio Negro, que era a sua chave.

«Sebastião Rego Barros, ministro da guerra, mandou guarnecer o Rio Negro, enviando forças compostas de recrutas e soldados bahianos, comprometidos na lucta da Sabinada e dispostos a deserção na primeira oportunidade. A 16 de Outubro de 1837 officiaa elle ao Prefeito de Paranaguá, recommendando que recebesse as armas que seguiam em vaso de guerra e fizesse immediata remessa para Curityba, afim de armar a guarda nacional, que deverá partir para o Rio Grande, em defesa da legalidade.

«Eram estas as primeiras providencias que o governo imperial tomava, no sentido da defesa da comarca.

«O brigue Imperial «Pedro», commandado pelo glorioso capitão-tenente Francisco Manoel Barroso, a 26 de Novembro de 1837, chegava a Paranaguá, comboiando um brigue mercante, trazendo forças e artilharia, destinado ao Rio Negro e que deviam reforçar a columna do Brigadeiro Cunha.

«O coronel João da Silva Machado, chefe da legião

da Guarda Nacional de Curityba, foi assumir na Lapa o commando dessa força miliciana.

«A adesão de Lages á causa republicana, causou o maior panico na comarca. A camara municipal de Curityba, depois de ter positivas noticias dessa victoria republicana, tratou de agir em defesa da legalidade, officinando a de Paranaguá «participando achar-se ameaçada a tranquillidade publica da comarca pelos insurgentes da Provincia de São Pedro do Rio Grande do Sul, que ora estavam occupando a villa de Lages, esperando que essa Camara tome as medidas de prevenção, com a força que fosse necessaria empregal-a, como munição de polvora e bala que haverá grande falta».

«Por sua vez, o prefeito (delegado de policia) (1) da Villa Nova do Principe (Lapa) Manoel Antonio da Cunha, na mesma data officiaa ao prefeito de Curityba José Borges de Macedo, transmittindo a requisição que lhe fez o juiz muuicipal Lourenço de Sá Resende, de armas e munições, enviando o tenente Francisco Pinto Ribeiro á Curityba para recebê-las.

«Dias depois, a camara da Lapa officiaa a de Paranaguá, communicando que os rebeldes tinham occupado Lages e pretendiam invadir a comarca, afim de serem tomadas as providencias que a segurança publica reclamava.

«Immediatamente as camaras de Antonina, Paranaguá, Curityba e Lapa, se manifestaram pela legalidade, hypothecando á Regencia a sua solidariedade e promettendo fazer tudo quanto estivesse em seu alcance para repellir «a força dos malvados e garantir a boa ordem». A 9 de Abril, a camara de Paranaguá encaminhava ao presidente da Provincia de São Paulo, os officios das demais camaras citadas, exigindo

(1) Ha engano por parte do historiador Dr. Ermelino de Leão. Os Prefeitos de então, exerciam funções administrativas equivalentes a dos actuaes Prefeitos, não exercendo funções policiaes. Compareciam ás sessões da Camara, sendo recebidos com todas as formalidades, apresentavam as suas mensagens á Camara, propondo medidas, faziam nomeações de Fiscaes e de Sub-Prefeitos das Freguezias.

*Francisco Negrão.*

promptas providencias e declarando não haver armas, nem munições na comarca.

«Poucos dias depois chegava a Lapa, foragido de Lages, Manoel Ignacio Simas, trazendo alarmantes noticias. Contava que os rebeldes se preparavam para invadir a comarca e dispunham de forças adestradas na guerra e numerosas.

«Curityba estava indefesa: a guarda nacional commandada pelo coronel João da Silva Machado, suspeito aos legalistas, não se achava armada, nem munida. Tinha comtudo, officiaes de valor que, iriam mais tarde demonstrar o seu brio, nas ingratas pelegas da guerra civil.

«A 27 de Abril, o presidente de S. Paulo respondia a representação da camara de Paranaguá, dizendo ter tomado as providencias precisas para cohibir qualquer excursão dos rebeldes na provincia.

«Estas providencias, segundo deduzimos de dados exparsos, consistiram na remessa do sexto batalhão de caçadores da 1.<sup>a</sup> linha, commandado pelo Major João Feliciano da Costa Ferreira, que foi guarnecer ao Rio Negro e que pretendeu conquistar Lages, com forças curitybanas, marchando e indo acampar no rio Correntes.

«Emquanto a revolução imperava no interior de Santa Catharina, o governo regencial reunia no Rio Negro poderosas forças sob o mando do Brigadeiro Francisco Xavier da Cunha, compostas de 2.000 homens e destinadas a cooperar com as forças legaes de Santa Catharina e Rio Grande, na debellação da guerra civil.

«O Brigadeiro Cunha deixou o Rio Negro, e do acampamento do Corisco dirigiu aos serranos a seguinte proclamação:

«Serranos! A vanguarda da columna do Rio Negro, que, como por encanto, se organizou e armou na extrema divisa da provincia de São Paulo, em menos de sessenta dias, já pisa aquem do sertão! O General que marcha a sua frente, munido de instrucções do governo imperial, não nutre em seu peito sentimentos de vingança, não alimenta ideas de exterminio.

«Serranos! A franqueza e lealdade, sendo sempre a sua divisa, elle julga indigno de si a dissimulação e artificios, proprios unicamente para alienar a confiança. E' com taes sentimentos que o general offerece a todos os Brasileiros desvairados, que se apresentarem, o mais generoso e fraternal acolhimento, o inteiro esquecimento do passado.

«A columna do Rio Negro, composta de aguerridos emigrados, de leaes e valentes Paulistas e cavalleiros Curitybanos, não tem outro pensamento que o do seu general; se mal intencionados, o contrario vos disserem, não os acrediteis. Eia, Serranos, reuni-vos a estes bravos: elles vos receberão como irmãos: o momento é chegado em que deveis attender a voz soberana da lei, da justiça e da humanidade. Desappareça dentre vós para sempre a anarchia e seu horroroso cortejo. O reinado do crime, deste monstro gerado nos delirios da sedição e que não tem produzido senão furores e miserias, que tem destruido a liberdade e estabelecido por toda a parte a mais execravel tyrania, pereça de uma vez.

«Serranos! Não hesiteis um só momento: encareis de um lado, a infamia e a miseria, e de outro, a honra e a prosperidade. Sêde brasileiros, sêde o que deveis ser, sêde legalistas!

«A regeneração de vossos verdadeiros interesses, o restabelecimento de vosso repouso, de vossa agricultura, do vosso commercio, o sangue de vossos filhos, vossa propria existencia, tudo enfim, depende da vossa determinação. Não vos illudam as suggestões da perfidia: as forças imperiaes por toda a parte são numeraveis e têm a seu lado a razão e a justiça; as operações serão simultaneas e os resultados uniformes.

«A ephemera republica vae acabar, e por isso gritae commigo: Viva a Constituição do Imperio! Viva o nosso jovem Imperador, o Senhor Dom Pedro II! Viva a integridade do Imperio! Vivão os Defensores da legalidade!

«Quartel General, em Marcha no campo do Corisco, 25 de Novembro de 1839. — Francisco Xavier da Cunha.»

«Não se pode negar que essa proclamação encerrava os mais nobres e patrioticos sentimentos e estes eram sinceros. O brigadeiro Cunha julgava que lhe fora designado a missão de Cezar — vim vi e venci e desejava cumpril-a com a maxima generosidade.

«São escassos os dados que possuímos sobre a organização da columna do Rio Negro, em acção contra os republicanos rio-grandenses.

«Sabemos que formavam sob o commando do brigadeiro Cunha as seguintes unidades:

«1. Sexto batalhão de caçadores, commandado pelo major João Feliciano de Costa Ferreira destacado no Rio Negro desde 1838, com o effectivo de 150 praças, que desembarcaram em Paranaguá a 1.º de Maio, de bordo do brigue «Viriato».

«2. Uma companhia da 1.ª linha com 80 praças, commandado pelo capitão José Marcellino do Amaral e desembarcada da comarca de Porto Alegre, em Paranaguá a 9 de Julho, tambem pertencente ao 6.º batalhão de caçadores.

«3. Um batalhão da 1.ª linha com 200 praças (150 chegadas a Paranaguá pelo brigue mercante «Venus» a 25 de Setembro de 1839 e 50 pela escuna de guerra «Bahia») sob o commando do major Francisco de Paula Macedo Rangel.

«4. Forças da guarda Nacional de Curityba sob o commando do coronel João da Silva Machado (Barão de Antonina).

«5. Corpo de voluntarios do Campo do Tenente, commandado pelo valente capitão Valentiniano José de Lima.

«6. Força da 1.ª linha, 307 praças commandadas pelo major Antonio Alves da Cruz, chegada a Paranaguá a 26 de Novembro.

«7. Força da guarda nacional de Paranaguá, composta dos batalhões de Paranaguá e Antonina.

«8. O 10.º batalhão de caçadores da 1.ª linha.

«O brigadeiro Cunha chegou a Paranaguá em fins de Setembro ou principios de Outubro de 1839, tendo de combinação com o juiz de direito Dr. Agostinho

Ermelino de Leão deixado em Paranaguá um destacamento de 40 praças, 2 inferiores e 4 cabos do batalhão de Paranaguá; 10 praças, 1 inferior e 1 cabo para a Fortaleza da Barra, do batalhão de Antonina, 10 praças em Morretes, 10 em Guaratuba, perfazendo o total de 60 praças, 4 inferiores e 6 cabos.

«Os batalhões de Paranaguá e de Antonina marchavam com o brigadeiro Cunha para o Rio Negro.

«O general chegando ao Rio Negro no dia 14 de Novembro, fez seguir uma força de 80 homens até o rio Correntes. Este destacamento surpreendeu uma guarda de 31 republicanos, prendendo-os sem detonar um tiro. Mais tarde partiu o grosso da expedição, tendo acampado nos Campos dos Curitybanos em fins de Novembro. Ahi soube o brigadeiro Cunha que os rebeldes se achavam no valle do arroio de Sant'Anna: para batel-os mandou uma força de 100 cavallarianos e 20 fragueiros do Campo do Tenente, sob as ordens do bravo capitão Hyppolito Machado Dias.

«O batalhão de caçadores que guardava o rio Correntes havia deixado o Rio Negro a 7 de Outubro, levando comsigo o germen da variola, que dessiminou na zona, fazendo mais damno do que a propria guerra. Mais de 2.000 victimas, a epidemia ceifou, sendo numerosos os orphãos que morreram abandonados nas mattas e nas roças. Só no bairro do Marmelleiro foram recolhidas 60 creanças, que se achavam votadas á morte. O resto da população valida da zona, foi empregada nos destacamentos de São Lourenço, Rio Negro e Rio da Varzea.

«A noticia da peste foi como inexpugnável trincheira opposta as explorações e expedições dos republicanos; mais temiam elles o flagello da variola que os canhões e fusis das imponentes forças imperiaes.

«O Brigadeiro Cunha, do seu acampamento dos Campos dos Curitybanos, resolveu operar no valle do rio Pelotas, fazendo peão no passo de Santa Victoria, para onde marchou, entrando em Campos Novos.

«A marcha da desventurada columna tinha sido cheia

de peripecias: parecia que a epidemia significava que mãos augurios ameaçavam os seus destinos. O velho general, visando realizar o seu plano de guerra, marchava na vanguarda das suas forças, quando recebeu a visita de 31 moradores de Curitybanos, trazendo 50 cavallos. Já sabia elle por aviso do juiz de paz de Lages, que os republicanos haviam tomado a villa a 12 de Novembro e que Bento Gonçalves mandara 600 homens para operar na Serra. Teve pois, o Brigadeiro de retomar Lages, o que conseguia no ultimo dia do mesmo mez. Ahi encontrou o concurso valioso e leal do major Gregorio Ferreira Maciel, que havia reunido, nos mattos, 200 lageanos, para cooperar com a columna do Rio Negro, como aconteceu, prestando, com o seu companheiro Jordão de Mello, concurso muito efficaz á causa do imperio. Jordão, com os seus aquilombados, não só bateu o capitão farrapo José Antonio Cavalleiro, como cruzou os campos de Vaccaria.

«Entretanto, eram innumeradas as difficuldades com que luctava a expedição. O governo não enviava recursos. «Silva Machado e capitão Cunha (Commendador Manoel Antonio da Cunha) tendo-se exgottado em dinheiro para supprir as despesas e não deixar mal o governo. . . . São indiziveis os sacrificios de Silva Machado e os serviços do bem conhecido M. A. da Cunha. A ultima expedição de 500 homens partira do Rio Negro, a 20 do corrente e com este reforço a Divisão Paulistana vae subir a mais de 1.500 homens», escrevia um correspondente de jornal da epoca.

«O Brigadeiro Cunha não era um general estrategista: contrariando ás instrucções do marechal André, e levado, na sua boa fé, por informações de um expresso, que mandara ao caudilho republicano Aranha, convidando-o para adherir á legalidade, dispoz-se a bater os rebeldes, quiçá visando colher os exclusivos louros de imprudente empresa.

«Com uma pequena força de 150 homens, commandada pelo major Manoel Rodrigues de Souza, trans-

poz o rio Pelotas e dahi marchou para a povoação de Santa Victoria em busca do inimigo.

«Conta o Almirante Boiteux, reproduzindo informação contemporanea:

«Logo que os republicanos avistaram as forças imperiaes, entraram a guerrilhar com a cavallaria rio-grandense: avançou, em primeiro lugar um esquadrão republicano, que conseguiu atravessar um lageado existente de permeio de ambas as forças, abriu caminho aos demais e todos se foram postar no cume de uma coxilha situada a frente dos legaes.

«Em linha de batalha formou o brigadeiro Xavier a sua tropa, fazendo entreter vivissimo fogo: conhecendo, porém, que o inimigo lhe era superior em forças e que o havia volteado e mais que a infantaria ao abrigo de uma matta, movia-se para atacar de flanco, fez recolher a sua gente a uma taipa de pedra ou mangueira, não obstante a vigorosa defesa que ahi procurou fazer, assaltado pela infantaria e por esquadrões que, afinal, conseguiram entrar o portão da mangueira, teve de ceder, e neste ponto, desgraçadamente, foi quasi totalmente aniquilada a vanguarda da divisão da Serra.

«Calcula-se, diz um correspondente, a força rebelde atacante em 700 a 800 homens, parte da qual foi tirada da que sitiava Porto Alegre e commandada por Aranha, pelo facinora Valença e por um Amaral, ferrador, que durante a acção gritava: — Conheçam agora um Amaral ferrador! Ha quem assevere que David Canabarro tambem se achou em combate, affirmam outros que elle se conserva para o lado de Torres, no que ha probabilidade; quem de certo esteve no combate foi um tal Teixeira, tenente coronel, que commandou os postos avançados aquem de Laguna. Consta que os nossos bateram bem; que mais podiam fazer elles encurralados e tão inferiores em numero aos inimigos?

«Não se sabe ainda ao certo que movimento fez o inimigo depois da acção e qual a sorte da villa de Lages (embora hoje ouvisse dizer que era comman-

dada pelo tal tenente coronel Teixeira), nem qual fosse a nossa perda no pessoal e pela precipitação com que a villa foi abandonada, deveria até ter ficado numeroso armamento e munição de guerra que acompanhava o Brigadeiro Cunha: a respeito deste official general, a opinião mais corrente é que perecera afogado atravessando o Pelotas: o mesmo se suppõe ter acontecido ao major Manoel Rodrigues de Souza, um dos principaes proprietarios de Lages, cuja familia, excedendo a 30 pessoas, acha-se em caminho para essa cidade.

«Contam-se salvos o major Candido Alano, os capitães Hyppolito e Raymundo Fagundes, o tenente Thomaz José Muniz, que servia de major das brigadas (e que hontem aqui chegou), alguns outros officiaes da guarda nacional e quarenta e tantas praças do 10.º batalhão, logo que em Lages se soube do desastre, grande foi a desolação e geral o susto; tudo se poz em fuga e desta vez a emigração é espantosa, porque quasi todos os habitantes se acham bastante compromettidos em razão da reacção ha pouco feita».

«Nesse combate, onde a impericia do Brigadeiro Cunha custou-lhe a propria vida, muito se salientaram os paranaenses; principalmente o capitão Valentiniano José de Lima, do Campo do Tenente, com os seus bravos commandados se destacou na entrada da porteira, offerecendo tenaz resistencia e que sendo cercado pelas forças do tenente coronel Antonio Ignacio, que como um raio se arremessou contra elle, com seus bravos companheiros, fez a ultima descarga, abrindo uma espaçosa estrada entre os atacantes, por onde heroicamente se salvaram, ganhando a matta proxima. Perseguido por alguns inimigos, fez-lhe frente; e depois de batel-os, reuniu-se aos seus companheiros, buscando pelos mattos os extraviados. Com tal calma agiu que, da sua companhia, somente faltavam 2 homens, cujo destino ignorava.

«Emquanto o capitão Valentiniano assim procedia, os officiaes da 1.ª linha que guardavam a rectaguarda, fugiam desabaladamente, sem ao menos mandar inu-

tilisar o armamento, e abandonando as munições, fazendo na sua fuga, com o panico que espalhavam, retroceder os reforços que se destinavam a Lages.

«O «Noticiador», de São Paulo, descreveu o facto bellico com minucia e dessa noticia reproduzida na obra do Almirante Boiteux, destacamos o seguinte trecho, que intregalmente reproduzimos:

«A força rebelde aproximou-se com bastante lentidão, perseguindo a nossa pequena guerrilha e chegando a distancia conveniente, carregou com toda velocidade, afim de forçar a passagem pela Porteira da Guarda; ali, porem, estava o capitão Valentiniano José de Lima, com os seus Voluntarios do Campo do Tenente, ali estavam os Julios de Vaccaria, o intrepido Bento Cordeiro Rodrigues e outros valentes da columna, que se tinham posto a pé e que faziam morder a terra a uma porção de rebeldes, cada vez que elles disparavam suas bem seguras descargas, protegidos pela cerca de pedras e cobertos por uma linha de atiradores. Esta lucta durou mais de uma hora, na qual só perdemos dois homens; mas, como o inimigo dispunha de forças superiores, fez apear uma porção de homens pelo ponto da parede, onde elle embica no itaembé, e carregando ao mesmo tempo que a cavallaria na direcção da Porteira, conseguiram fazer entrar uma quarta ou quinta parte de sua gente, apezar do vigor da defeza e das perdas que soffreram; mas, o denodado Valentiniano e os seus já referidos companheiros gritaram aos combatentes, que a seu lado tinham sustentado aquelle ponto; e investindo á Porteira, com a coragem de leões, fizeram retroceder o grosso da força com mortifero e bem dirigido fogo de sua fuzilaria e forçaram-n'os assim a redemoinhar para fora das taipas, deixando o terreno juncado com uma multidão de cavallos e cavalleiros.»

«O desastre de Santa Victoria era attribuido pelo mesmo jornal, á falta de «um bom general, intelligente e capaz de operar profundamente, com tanto que não seja facil e credulo como o Cunha, que de

tal sorte se deixou illudir, que na occasião do fogo, muitas vezes perguntou ao capitão Valentiniano, se já haviam passado para o nosso lado, alguns rebeldes.»

«Para desferrar a derrota de Santa Victoria, se encontrava em Cruz Alta, uma columna legalista ao mando do Coronel Antonio de Mello e Albuquerque, da qual faziam parte forças curitybanas commandadas pelo coronel João Gonçalves Padilha.

«Essa columna, logo que teve conhecimento da avancada do brigadeiro Cunha para Santa Victoria, marchou para esse ponto, afim de reforçar a defeza do rio Pelotas e fazer junção. Sabendo porem, da victoria dos republicanos, tratou de retirar-se para o Rio Negro, pelos Campos Novos.

«O capitão imperialista Hyppolito, que havia sido batido em Santa Victoria, vinha reunindo os extraviados e abrindo uma picada para os Curitybanos, onde acampava a columna de Cruz Alta, que montava em 811 pessoas que o coronel Albuquerque, com ingentes sacrificios e perigos, tinha podido reunir.

«Sobre a retirada de Cruz Alta, dessa força, corriam duas versões: a legalista narrava que Mello desbaratou a força rebelde do caudilho Agostinho, seu irmão; e em seguida se poz em marcha. Os republicanos contavam que Mello foi acossado por forças de Bento Manoel, o que parece mais verosimel. Esta ultima versão, alias está confirmada pelo proprio coronel Mello, em officio de 12 de Janeiro de 1840.

«Nessa mesma data, á margem do rio Marombas, no logar denominado Forquilha, travou-se combate entre as forças victoriosas do coronel Teixeira com as do coronel Mello. A victoria pendia para os republicanos.

«Mello Albuquerque simulou uma retirada, deixando emboscadas na rectaguarda e nos flancos forças de sua columna. Os republicanos avançaram resoluta e desordenadamente. Annita Garibaldi, a heroína dos dois mundos ahi combateu com bravura. Cercada e intimada a render-se, desobedeceu animando os seus companheiros á defeza.

«Uma bala prostra a sua montaria, antes outra atravessava o seu chapéu e levava uma madeixa dos seus cabellos. Cahe ella por terra: prendem-na e a conduzem a presença do coronel Padilha, que lhe dirige palavras pouco attentiosas, que repelle varonilmente.

«Pouco depois, a fuga lhe permite reunir-se ao seu amado e glorioso Garibaldi.

«O coronel Antonio de Mello e Albuquerque assim descreveu o combate:

«Illmo. e Exmo. Snr. Depois da infausta acção do Rio Pardo, com a qual fui prisioneiro de guerra com muitos dos meus camaradas, me conservei no municipio de Cruz Alta, de cujas forças eu era o commandante; ha quatro annos que dura esta luta a espera de momento opportuno para empunhar as armas até que o apparatus da marcha da divisão do brigadeiro Francisco Xavier da Cunha . . . . . fizemos reacção do dito municipio a 2 de Dezembro, por ser o natalicio do nosso adorado Imperador; e com muito poucos dias me achei a testa de 600 homens para a defesa do throno constitucional; e quando me preparava para fazer junção com aquella divisão, tivemos a noticia de haver sido destroçado o dito brigadeiro em Santa Victoria pelas forças do Coronel Joaquim Teixeira e Joaquim Mariano Aroucha.

«Isolado inteiramente e na visinhança de avultados inimigos e sem esperança de poder reunir-me para Porto Alegre ou Rio Grande, desesperado me atirei com a força no mesmo lado onde se achava o inimigo triumphante da nossa divisão.

«Pintar, Exmo. Snr., os trabalhos e privações que afrontamos, seria tentar o impossivel. Serras escabrosas e quasi intransitaveis, caudalosos rios, fome, nudez, tudo arrostamos e conseguimos chegar até este ponto dos Curitybanos com 400 homens.

«Foi neste ponto, Exmo. Snr., que o mesmo rebelde Joaquim Teixeira, a frente de 450 homens, inclusive 120 de infantaria, me offereceu batalha.

«A posição do inimigo era vantajosa, não só por

ser um terreno escabroso, como pela infantaria que no mesmo tinha collocado.

«Não hesitei, Exmo. Snr; carreguei sobre as forças, apesar da desigualdade, pois, que sómente pude conseguir metter em acção 300 homens, mais ou menos; fui rechassado com perda de um morto e 4 feridos; e depois de um largo tiroteio, que durou 4 horas, fingindo uma retirada, carregou-me com energia.

«Foi nestas circumstancias, que todos os bravos da imperial brigada de Cruz Alta, a meu mando, tendo a frente de seus corpos os bravos coroneis Mello Bravo e José Gonçalves Padilha e seus valorosos officiaes, carregaram corajosamente o inimigo e o puzeram em completa derrota.

«Parece impossivel, Exmo. Snr. que tão completo triumpho alcançasse com tropa fatigada, depois de tão penosa marcha e com a cavallada em um estado que se pode suppor, depois das marchas forçadas que fizemos; mas o ceu que protege a causa justa, fez com que triumphassemos dos esforços da rebellião.

«Nunca tivemos nesta provincia uma acção tão disputada.

«Da nossa parte (com magoa o digo) perdemos 5 homens mortos e 20 feridos, entre os quaes se encontram o tenente coronel Mello Bravo, o capitão Borges e os alferes Lucas e Machado.

«A perda do inimigo foi consideravel, perderam 60 mortos, entre estes 5 officiaes e 3 prisioneiros, que não remetto, por se acharem feridos e o estandarte republicano que foi tomado e que remetto, para ser posto aos pés do throno imperial, em signal do nosso amor e lealdade.

«V. Exa., em attenção as nossas actuaes circumstancias que V. Exa. bem pode calcular, digne-se de melhorar a nossa sorte, filha do amor ao Imperador e á ordem legal por quem estamos dispostos a derramar o sangue que nas veias nos circula.

«Para organisação desta força, vi-me obrigado a sacar letras contra a provincia do Rio Grande e o nosso encarregado de serviços em Montevideo.

«Para melhor arranjo e disciplina da força do meu commando, organizei dous corpos e nomeei interinamente officiaes.

«E' quanto tenho a hora de participar a V. Ex. afim de que me faça a honra de levar a presença do Regente em nome do Imperador, Sr. Dom Pedro Segundo, para conhecimento dos sacrificios que fazem seus leaes subditos nestas longinquas partes.

«Consta-me que o inimigo se está reunindo para atacar-me, tendo-se declarado o coronel Joaquim Aranha para nos metter entre dois fogos e diz-se tambem que David Canabarro tenta subir a Serra para vir a este ponto.

«Tambem se diz que tentam alguma cousa contra São Paulo, o que duvido; porem, não se deve desprezar taes noticias. Campo dos Curitybanos, 12 de Janeiro de 1840. Illmo. Snr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios de Guerra do Imperio do Brasil. — Antonio de Mello e Albuquerque.»

«Com este officio remetteu o coronel Mello e Albuquerque, a bandeira republicana e outro officio ao commandante das forças do Rio Negro, pedindo reforços. Igualmente os solicitou do coronel João da Silva Machado e ao tenente-coronel João Feliciano da Costa Ferreira, commandante do 6.º batalhão de caçadores, disseminado pela variola.

«Sobre este episodio, a «Republica Catharinense» do Almirante Henrique Boiteux, de cuja obra vamos extrahindo estes apontamentos, reproduz um officio do prefeito da Villa do Principe (Lapa), Manoel Antonio da Cunha, de 18 de Janeiro de 1840, ao presidente da provincia de São Paulo, que passamos a reproduzir: «Illmo. e Exmo. Snr. Achando-me autorisado pelos antecessores de V. Ex. para participar tudo quanto occorrer relativamente aos rebeldes, que pudessem invadir a villa de Lages, cumpre-me communicar a V. Ex. o que proximamente tem de novo occorrido, depois do infeliz acontecimento que teve logar em Santa Victoria com o brigadeiro Francisco Xavier da Cunha. «Hontem pelas 10 horas da noite chegou a esta sua

casa o capitão Antonio de Souza Fagundes, trazendo a lisongeira noticia de que a dez de Dezembro proximo passado, as forças legaes, em numero de quatrocentos e tantos homens ao mando do coronel Antonio de Mello e Albuquerque, fizeram reacção na villa de Cruz Alta, escapando-se o coronel Agostinho com 16 homens, para baixo da Serra do Botucarahy; esta mesma força se dirigiu a Vaccaria afim de fazer junção com o brigadeiro Cunha, e como soubesse que tinha sido destroçado, entraram pelos Campos Novos, na mente de encontrar-se com a força que devia ser commandada pelo tenente-coronel José Feliciano da Costa Ferreira; e na sahida do campo da Forquilha, em Curitybanos, encontraram-se com as forças rebeldes em numero de 300 a 400 homens, ao mando do rebelde Teixeira, arvorado por elles em coronel, e ahi se atacaram no dia 12 do corrente pelas 7 horas da manhã, durando o fogo até as 4 horas da tarde, ficando os rebeldes estraviados, soffrendo bastante prejuizo, alem de vinte e tantos prisioneiros, entrando neste numero o capitão Prestes, ferido gravemente, e assim mais dois tenentes, morrendo, alem destes, mais um major estrangeiro e tres tenentes, cahindo em nosso poder duzentos e tantos cavallos, uma porção de bestas mansas, cartuxames, armamento e toda a bagagem e um estandarte, o qual foi entregue ao tenente-coronel J. Feliciano para enviar a V. Ex., tendo escapado parte da infantaria a pé, assim como o coronel Teixeira com pouca cavalaria e dizem que foi baleado. Dizem mais os prisioneiros que o tenente-coronel Aranha foi mandado observar com 150 homens, esta força que vinha de Cruz Alta; alem dessa força tem mais cento e tantos homens em Vaccaria ao mando de Antonio Manoel Pereira da Fonseca, e que David Canabarro se acha em Torres com 400 homens. O dito capitão Fagundes veio com officios de seu commandante para o coronel João da Silva Machado e o tenente-coronel João Feliciano, pedindo soccorro, gente, munição e cavahada; pela parte daquelle estão baldadas as espe-

ranças, por já ter-se retirado; pela parte deste ignora o que fará, e certo é que elle diz que sem deliberação de V. Ex. nada resolve.

«Exmo. Snr., a patria requer promptos remedios a seus males. Quando o tenente-coronel João Feliciano não queira dar algum contingente de sua força, visto que não o pode fazer sem ordem de V. Ex., devia ao menos consentir que todos os emigrados e voluntarios que se apresentassem, deixasse-os seguir, fornecendo-lhes tudo que precisassem ao mando do valente e distincto capitão Hyppolito, que se achava nesta villa, vindo de Lages estraviado, com uma porção de homens; alem destes se podem reunir trinta e tantos voluntarios, que se acham no lugar denominado Sepulturas (como guarda avançada) ao mando do capitão Francisco de Assis Marques da Costa Pacheco e todos os mais que se apresentarem, que, tudo reunido, se apromptaria o numero de 100 homens, pois que estes reunidos á força que se acha em Curitybanos, não seriam muito facilmente atacados, emquanto V. Ex. não dá melhores providencias, pois se perder esta occasião, e aquella força se desgarrar, como dizem os respectivos chefes, que de certo acontecerá quando lhe faltarem os soccorros reclamados, seremos muito infelizes, e esta comarca muito sujeita sem duvida a invasão dos rebeldes, quando deixe de marchar com promptidão esta segunda columna. Eu participo isto a V. Ex. porque assim me tem ordenado, como simples cidadão; outrosim desejo as propriedades da nação, o sustentaculo da ordem, finalmente a integridade do imperio. Eu amanhã faço seguir um proprio para as forças de Curitybanos, afim de esperar as providencias de V. Ex. e de estarmos ao facto de tudo o que occorrer.

Deus guarde a V. Ex. por muitos annos.

Villa do Principe, 18 de Janeiro de 1840. — Manoel Antonio da Cunha.

«Era lamentavel a situação das forças que guarneciam a comarca, desmoralizadas com a derrota de Santa Victoria, sem um chefe capaz de levantar-lhes

o animo. Silva Machado tinha abandonado o commando da guarda nacional; João Feliciano não disputava dos requisitos precisos para o commando. Imprescendivel se tornava a nomeação de um general apto para enfrentar a situação, com prestigio e capacidade para vencer as difficuldades que surgiam e avultavam a cada momento:

«Resolveu a Regencia nomear o general Pedro Labatut; velho, glorioso, mas prepotente guerreiro, para commandar as forças da Provincia de São Paulo. . . . .

«Rio Negro continuou guarnecido sob o commando do brioso militar coronel Pimentel. Não estava finda a guerra civil do sul, quando surgiu a revolta de Sorocaba. «Era mister impedir que a comarca de Curityba adherisse ao movimento chefiado pelo brigadeiro Raphael Tobias. Silva Machado era amigo e correligionario do chefe liberal revoltoso; era imprescindivel que o governo imperial contasse com o seu apoio. «O Barão de Monte Alegre, presidente de São Paulo, mandou chamal-o a sua presença; Silva Machado accitou o convite e entrou em negociações com o presidente e o general Barão de Caxias (depois Duque). «Exigiu pelo seu apoio á causa dos seus adversarios, as seguintes condições: a elevação da comarca a categoria de provincia; a sua nomeação para seu primeiro presidente; o titulo de barão; o commando em chefe de todas as forças em operação no sul da provincia. Promettido tudo quanto desejou, veiu elle assumir o commando das forças, quando Caxias já havia entrado em Sorocaba, sem detonar um tiro!

«Estava salva a ordem da comarca. O denodo das forças curitybanas; a astucia do coronel Mello de Albuquerque, seguida pela artificialidade de Padilha e pelo valor de Valentiniano Lima, com os seus bravos fragueiros de Campo do Tenente, conseguiram impedir a invasão dos revolucionarios republicanos. «Uma das victimas destas campanhas, foi um dos colonos allemães. (Assignado) *Ermelino de Leão.*»

— O Snr. João Henrique Ellioth informa:

« . . . . . O Barão de Antonina fez explorar

o Paranapanema desde a barra do rio Itararé até o rio Paraná com o intuito de abrir uma comunicação com Matto Grosso, em 1845. A' testa dessa empreza se achou o Tenente Coronel Luiz Pereira de Campos Vergueiro e o sertanista Joaquim Francisco Lopes e eu os acompanhei na qualidade de piloto e desenhador. Da barra do Itararé para baixo é uma serie de cachoeiras e corredeiras perigosas até o Salto Grande dos Dourados (12 ou 14 leguas) que tem uns 20 pés de queda. Dahi até o rio das Cinzas ha 12 leguas sempre de difficil navegação, dahi até o saltinho de Jupia (3 ou 4 leguas acima do Tibagy) começa a ser navegavel com alguns estorvos até o Pirapó, a corredeira das Capivaras e a cachoeira das Lorangeiras. Do Pirapó ao Rio Paraná é a navegação franca, tendo uma agua ligeira chamada os — apertados! — Do Tibagy ao Paraná ha 28 ou 30 leguas. «Do Pirapó ao Paraná ha uma profundidade de 4 a 6 palmos. . . . . O Paranapanema é impraticavel portanto, á navegação até o Rio Tibagy, só sendo navegavel por canoas e pranchas, só sendo navegavel por embarcações maiores do Pirapó até o Paraná. «Uma estrada partindo do Jatahy até o Pirapó evitaria todos os obstaculos e diminuiria metade da distancia. O terreno é plano e não tem brejos. Em poder do Dr. Feliciano Nepomuceno Prates existe um mappa muito minucioso da Provincia do Paraná e com especialidade dos Rios Paranapanema, Tibagy e Ivahy. Esta informação é datada da Colonia militar do Jatahy, a 10 de Abril de 1857.»

— Solicitado pela Commissão Central dos Festejos commemorativos ao primeiro centenario da Colonisação Allemã do Rio Negro para darmos a inscripção de uma placa em homenagem ao Rio Negro, assim nos desobrigamos do encargo:

«Barão de Antonina (Senador do Imperio) 1782—1875. Bandeirante: — Desbravou terras; — Explorou rios; — Colonisou; — Defendeu e dignificou o Paraná.»  
Com esta inscripção synthetica historiamos a vida do grande vulto do Imperio.

Falleceu em S. Paulo a 19 de Março de 1875.

Teve os seguintes filhos:

- 3-1 Maria Antonia da Silva Machado, viuva do tenente-coronel Marianno José da Cunha Ramos.
- 3-2 Francisca da Silva Machado, fallecida antes de seu pai, foi casada com o tenente-coronel Joaquim da Silva Prado, tambem fallecido.
- 3-3 Balbina da Silva Machado, casada com o tenente-coronel Luiz Pereira de Campos Vergueiro. Foi infatigavel investigador e dirigiu em 1845 as explorações dos rios Paranapanema, Verde, Tibagy, Ivahy e Paraná, de que seu sogro se achava encarregado. Tinha por companheiros o sertanista Lopes e o desenhista e piloto Ellioth, como atraz ficou dito.
- 3-4 Anna da Silva Machado, fallecida tambem antes de seu pai, tendo sido casada com o commendador Fidelis Nepomuceno Prates.
- 3-5 Innocencia da Silva Machado, casada com o Dr. em medicina Fidencio Nepomuceno Prates.
- 2-4 Francisca de Paula Lima, conhecida por D. Francisca de Carambehy, por ser a proprietaria das terras de Carambehy, que herdára de seu pai; foi casada a 7 de Outubro de 1806 com o Sargento-mór de ordenanças da villa de Castro, Francisco Teixeira de Azevedo. Filhos:
  - 3-1 João Teixeira de Carvalho.
  - 3-2 Anna Placidina de Azevedo, casada com Antonio José de Madureira. Já descriptos em Titulo Carasco dos Reis, do 1.º volume, pagina 414; ahi a descendencia.
- 2-5 Tenente José Gonçalves Guimarães, conhecido por — Tenente José —, foi homem de grande energia e abastado de bens, possuindo grande numero de sesmarias de terras no interior do Estado, as quaes pertencem hoje a seus herdeiros. Teve com Anna Rosa Borges de Macedo (já viuva do Tenente-Coronel José Florentino de Sá Bittencourt), filha do Capitão Cyrino Borges de Macedo, os seguintes filhos:

- 3-1 Coronel Cláudio Gonçalves Guimarães, foi vulto de prestígio social e político, casado com Anna Rita Ribas, filha de João Marianno Ribas e de sua mulher Maria Josepha, 6-10 de página 382 do 2.º volume, ahi a descendencia.
- 3-2 Capitão Francisco Gonçalves Guimarães, casado com Joaquina Zenobia da Costa.  
Filhos:
- 4-1 Anacleta Guimarães, casada com Sergio de Almeida Penteado.  
Filhos:
- 5-1 Julia Penteado, casada.  
5-2 Octavio Penteado, falecido.  
5-3 Belisaria Penteado, casada com Sezinando Bittencourt.  
5-4 Etelvina Penteado, casada com Jocelym Tiques.  
5-5 Zenobia Penteado, casada.  
5-6 Durvalina Penteado.  
5-7 Carmelita Penteado.  
5-8 Durvina Penteado.  
5-9 Rosalina Penteado.  
5-10 Fernandina.  
5-11 Franklin.
- 4-2 Anna Rosa Guimarães, casada com Virgilio Requião.  
Filhos:
- 5-1 Sylvia Requião Reis, casada com Raul Reis.  
Filha:  
6-1 Deucelia.
- 5-2 Aristides Requião, casado com Alice Requião.  
Filhos:
- 6-1 Anna Rosa.  
6-2 Sedalina.  
6-3 Maria Candida.  
6-4 Raül.
- 5-3 Romolino Requião, casado com Leonor Vieira.  
Filha:  
6-1 Eloah.
- 5-4 Euclides Requião Sobrinho.

- 5-5 Helena Requião.  
5-6 Esther Requião Otto, casada com Henrique Otto.  
5-7 Sergio Requião.  
5-8 Misteriosa Requião, casada com Alberto de Oliveira.
- 4-3 Barbara Gonçalves da Rocha, casada com Claudio Pulcherio de Andrade.  
Com diversos filhos.
- 4-4 Francisca Guimarães Borba, casada com Martiniano Borba, filho do Coronel Telemaco Borba.  
Filhos:
- 5-1 Tibagy Telemaco Borba, casado com Maria da Conceição Borba.  
5-2 Odette Borba, casada com Cid Borba.  
5-3 Dimas Borba.  
5-4 Herminia Borba.  
5-5 Perigosa Borba.  
5-6 Judith.
- 4-5 Major Tranquillino Gonçalves Guimarães, casado com Maria Candida Borba Carneiro.  
Filhos:
- 5-1 Telemaco Borba Guimarães, casado com Carolina Pinto Martins.  
5-2 Honorina Borba Guimarães, casada com Francisco Pinto Martins.  
5-3 Francisco Borba Guimarães, casado.  
5-4 Lauro Borba Guimarães.  
5-5 Duilio Borba Guimarães.  
5-6 Euzebio Borba Guimarães.  
5-7 Jocelym Borba Guimarães.  
5-8 Neudes Borba Guimarães.
- 4-6 Trajano Gonçalves Guimarães, casado com Elysa Borba Carneiro.  
Filhos:
- 5-1 Maria Antonietta Borba Guimarães, casada.  
5-2 Eloyna Borba Guimarães, casada.  
5-3 Rogerio Borba Guimarães, casado.  
5-4 Cypriano Borba Guimarães.  
5-5 Brasileiro Borba Guimarães.  
5-6 Argemiro Borba Guimarães.

5-7 Alayde Borba Guimarães.

5-8

5-9

5-10

5-11

} cujos nomes não descobrimos.

3-2 Capitão Francisco Gonçalves Guimarães.

3-3 Coronel Joaquim Gonçalves Guimarães, casado com Balbina Ribas Gonçalves Guimarães. Apesar de reiteradas diligencias nossas, não conseguimos dados completos desse ramo. As nossas cartas a varios membros dessa respeitavel familia ficaram sem respostas.

Filhos:

4-1 Capitão Ovidio Gonçalves Guimarães, abastado industrial e grande proprietario de terras em Teixeira Soares, casado com Lavina Cordeiro Guimarães, filha do Major Manoel Norberto Cordeiro, fazendeiro em Guarapuava, e de sua mulher Bemvinda Marcondes Cordeiro, 6-6 de pagina 510 do 3.º volume.

Teve:

5-1 Balbina Cordeiro Guimarães.

5-2 Bemvinda Cordeiro Guimarães.

4-2 Capitão Bonifacio Gonçalves Guimarães, casado com Ernestina Cordeiro Guimarães, irmã de Lavina de 4-1 acima.

Filhos:

5-1 Joaquim Gonçalves Guimarães.

5-2 José Bonifacio Guimarães.

5-3 Maria Angelica Guimarães.

5-4 Eunice Guimarães.

4-3 Horacio Gonçalves Guimarães, casado com Eugenia Guimarães Villela, filha do Commendador Bonifacio José Villela e de sua mulher Placidina Gonçalves Guimarães.

Com descendentes adiante descriptos em 2-3 de 1-5, § 5.º.

4-4 Amelia Guimarães.

4-5 Placidina Guimarães, casada com José Bonifacio Guimarães Villela, 2-6 de 1-5 adiante, ahi os descendentes.

4-6 Innocencio Gonçalves Guimarães, casado com Garibaldina Taques, filha do Tenente Coronel Balduino de Almeida Taques e de sua segunda mulher Ambrosina da Rocha Bahls Taques, 3-4 de 2-1 do § 5.º, Capitulo 1.º do Titulo Taques, adiante.

4-7 Joaquim Gonçalves Guimarães.

4-8 Balbina Guimarães Cunha, casada com Theophilo Cunha, importante industrial de madeira, residente em Ponta Grossa, com grandes latifundios em Teixeira Soares, que foram de seu sogro.

3-4 José Gonçalves Guimarães.

3-5 Placidina Guimarães Villela, casada com o commendador Bonifacio José Villela, nascido em Florianopolis, Estado de Santa Catharina. De uma Nota de familia, extrahimos os seguintes dados sobre o Commendador Villela:

«Com a idade de 18 annos partiu de Florianopolis em um navio com carregamento de aguardente, para vender no Rio de Janeiro. A sorte não lhe foi propicia, e o navio onde vinha arribou com avaria ao Porto de Paranaguá, resultando a perda total de seu carregamento.

«Sem recursos para reparar o navio e para proseguir a viagem, ficou em Paranaguá e com algum esforço conseguiu um emprego em uma casa commercial. Passado algum tempo de trabalho e economia, aventurou seguir para o interior do Estado, indo residir em Ponta Grossa, onde se estabeleceu com uma pequena casa de seccos e molhados, no anno de 1854, sob a sua firma individual.

«Em 11 de Abril de 1858 se casou com Dona Placidina Gonçalves Guimarães, filha do Tenente José Gonçalves Guimarães e de Anna Rosa da Silva.»

D'esse matrimonio houveram 11 filhos, dos quaes 9 estão vivos e residentes todos em Ponta Grossa, e são os seguintes:

4-1 Coronel Ernesto Guimarães Villela, casado em primeiras nupcias com Maria Christina Ribas, filha

de Cesar Marianno Ribas e de sua mulher Francisca Lustoza Ribas. Casado em segundas nupcias com Sophia Novaes do Canto e Silva, viuva de João Ribas. Em 1881 foi admittido como socio solidario na firma commercial de Bonifacio José Villela & Filho. No anno de 1895 o Commendador Villela retirou-se da sociedade, e então o socio remanescente Ernesto Villela, se associou a seus irmãos José Bonifacio Guimarães Villela e Arthur Guimarães Villela, passando a firma a denominar-se Ernesto Villela & Irmãos, até o anno de 1900, quando entraram mais como socios seus irmãos Dagoberto Guimarães Villela e Alfredo Guimarães Villela.

A Sociedade actualmente está estabelecida á rua Santos Dumont n.º 29, em Ponta Grossa, em edificio proprio da firma, e conta já 71 annos de existencia, prosperando sempre pela harmonia existente entre todos os irmãos, que honrão sobremodo as tradições de seu chefe e saudoso progenitor, que, pela sua illibada qualidade de character, foi um dos grandes benemeritos de Ponta Grossa, terra natal de todos os seus filhos.

O Coronel Ernesto Villela, muito tem trabalhado para o engrandecimento da sua terra. São innumerous os serviços prestados como chefe politico e Prefeito Municipal, cargo que exerceu por 12 annos consecutivos, deixando indeleveis feitos da sua gestão.

Teve do primeiro matrimonio:

5-1 Cesar Ribas Villela.

Do segundo matrimonio teve:

5-2 Cyro Novaes Villela.

5-3 Ernesto Villela Junior.

4-2 Andreina Guimarães Villela, casada com Amando Cunha, filho do Major Amando Cypriano da Cunha e de sua mulher Seraphina da Cunha.

4-3 Eugenia Guimarães Villela, casada com Horacio Gonçalves Guimarães, filho do Major Joaquim Gonçalves Guimarães e de sua mulher Balbina Ribas Guimarães.

Teve:

5-1 Placidina Villela Guimarães, casada com Hercu-

lano Fonseca, commerciante nesta Capital, filho de Francisco Anacleto da Fonseca e de sua mulher Maria Candida Marcondes.

Teve:

6-1 Acyr Guimarães Fonseca.

6-2 Alfredo Guimarães Fonseca.

6-3 Herculano Guimarães Fonseca.

6-4 Maria Guimarães Fonseca.

6-5 Placidina.

6-6 Cloris.

6-7 Hamilton.

5-2 Horacio Villela Guimarães, casado com Ottilia Cunha, filha de Theophilo Alves da Cunha e de sua mulher Jovita Gonçalves Guimarães.

Teve:

6-1 José Hamilton.

5-3 Jorzeline Villela, casada com Arlindo Marques, filho de Affonso Marques de Souza e de sua mulher Zita Fonseca Marques.

Teve:

6-1 Abigail.

6-2 Adair.

6-3 Alice.

6-4 Altivo Rubens.

5-4 Flavio Villela Guimarães, casado com Olivia Mariano Ribas, filha de Ovidio Mariano Ribas e de sua mulher Guilhermina Carneiro.

Filhos:

6-1 Eloyna.

6-2 Maria Eugenia.

6-3 Nair.

6-4 Aracy.

6-5 Abigail.

5-5 Bonifacio Villela Guimarães, solteiro.

5-6 Izolina Villela Guimarães.

4-4 Ernestina Guimarães Villela, casada com Manoel Vicente Bittencourt Junior, filho do Major Manoel Vicente Bittencourt e de sua mulher Maria Claudina Correia Bittencourt.

Tiveram 15 filhos a saber:

- 5-1 Placidina Villela Bittencourt, casada com João Carneiro Ribas, filho de Ovidio Mariano Ribas e de sua mulher Guilhermina Carneiro Ribas.  
Teve:  
6-1 Nadyr.  
6-2 Ovidio.  
6-3 Lauro.  
6-4 Maria Stella.  
6-5 Annita, falecida.  
6-6 Olinda, falecida.  
6-7 Raul, falecido.  
6-8 Oswaldo, falecido.  
6-9 Lygia, falecida.
- 5-2 Alcebiades Villela Bittencourt, falecido.  
5-3 Fernando Villela Bittencourt, falecido.  
5-4 Manoel Villela Bittencourt, falecido.  
5-5 Ernestina Villela Bittencourt, falecida.  
5-6 Julia Villela Bittencourt, falecida.  
5-7 Bonifacio Villela Bittencourt, falecido.  
5-8 Lilia Villela Bittencourt, falecida.  
5-9 Judith Villela Bittencourt, casada em primeiras nupcias com o Dr. Miguel Omena e em segundas nupcias com o Dr. João da Costa Maia.  
Do primeiro matrimonio teve:  
6-1 Dercilla Bittencourt Omena.  
6-2 Deomar Bittencourt Omena, falecida.  
6-3 João Maria Bittencourt Omena, falecido.  
6-4 Miguel Bittencourt Omena, falecido.  
Do segundo matrimonio teve:  
6-5 Ruth Bittencourt da Costa Maia.  
6-6 Eurico Bittencourt da Costa Maia.
- 5-10 Maria Claudina Villela Bittencourt, casada com José Craveiro de Sá.  
Teve:  
6-1 Irma Bittencourt Craveiro de Sá.  
6-2 Wanda Bittencourt Craveiro de Sá.  
6-3 Ruy Bittencourt Craveiro de Sá.  
6-4 Beatriz Bittencourt Craveiro de Sá.  
6-5 Gisela Bittencourt Craveiro de Sá.  
6-6 José Bittencourt Craveiro de Sá.

- 5-11 Aida Villela Bittencourt, casada com Amadeu Mendes Barreto.  
Teve:  
6-1 Fernando Bittencourt Barreto.
- 5-12 Claudionor Villela Bittencourt, casado com Luiza Lapide.  
5-13 Alfredo Villela Bittencourt, solteiro.  
5-14 Dario Villela Bittencourt, solteiro.  
5-15 Orlando Villela Bittencourt, solteiro.
- 4-5 Rozalina Guimarães Villela, casada com Nestor Gonçalves Guimarães, filho do Coronel Claudio Gonçalves Guimarães e de sua mulher Anna Rita Ribas, 2-1 de 1-1, § 1.º, Capitulo 5.º deste Titulo.  
Teve:  
5-1 Placidina Villela Guimarães, casada com Rodolpho Osternack, filho de Carlos Osternack e de sua mulher Anna Osternack.  
Teve:  
6-1 Orlando.  
6-2 Alda.  
6-3 Lauro.  
6-4 Nestor.  
6-5 Odette.  
6-6 Anna Rosa.
- 5-2 Odette Villela Guimarães, casada com Elias Zacharias dos Santos.  
5-3 Rita Guimarães Pimenta, casada com Carlos da Costa Pimenta.  
Teve:  
6-1 Alberto.  
6-2 Maria Emilia.
- 5-4 Raul Villela Guimarães, solteiro.
- 4-6 José Bonifacio Guimarães Villela, foi Prefeito Municipal de Ponta Grossa, e foi na sua administração que deram inicio aos importantes trabalhos da rede de Agua e Esgotto, que trouxe um beneficio extraordinario a mesma cidade que luctava com as maiores difficuldades para o seu abastecimento de agua. Exerceu tambem diversos outros cargos com bastante proficiencia.

Casado com Placidina Gonçalves Guimarães, filha de Joaquim Gonçalves Guimarães e de sua mulher Balbina Guimarães Ribas.

Filhos:

5-1 Lauro Guimarães Villela, casado com Esther Gomes Villela, filha do Coronel Emilio Baptista Gomes e de sua mulher Etelvina de Andrade Gomes.

Teve:

6-1 Carlos Gomes Villela.

5-2 Balbina Guimarães Villela, casada com Armando Costa.

Teve:

6-1 José.

6-2 Dalmo.

6-3 Orlando.

6-4 Hamylton.

5-3 Alvaro Guimarães Villela, solteiro.

5-4 Joaquim Guimarães Villela, solteiro.

5-5 Bonifacio Guimarães Villela, solteiro.

4-7 Arthur Guimarães Villela, casado com Guilhermina Ribas, filha do Coronel Rodolpho de Macedo Ribas e de sua mulher Guilhermina Ribas Madureira.

Filhos:

5-1 Iva Villela Santos, casada com Bilú Santos.

Teve:

6-1 Lygia.

5-2 Ivonne Ribas Villela.

4-8 Dagoberto Guimarães Villela, casado com Palmyra Fonseca, filha de Francisco Anacleto da Fonseca e de sua mulher Maria Candida Marcondes.

4-9 Alfredo Guimarães Villela, exerceu o cargo de Adjuncto do Procurador da Republica e vereador em dois exercicios, servindo com dedicação e zelo. Casado com Annita Borges de Macedo, filha do Coronel José Borges de Macedo Ribas e de sua mulher Maria Miró Alves.

Filhos:

5-1 Alfredo Villela Junior.

5-2 Sylvio Borges Villela.

3-6 Balbina Guimarães da Cunha, casada com o Coronel Domingos Antonio da Cunha, de quem foi a primeira mulher.

Teve o filho unico:

4-1 João Capistrano da Cunha, dotado de talento, insinuante e estimado, cursava a Escola Polytechnica do Rio de Janeiro quando, envolvido em assumptos de familia, foi assassinado na Rua da Quitanda, por um seu collega de curso. A sua morte foi muito sentida e o seu funeral foi acompanhado por toda a colonia paranaense e por eminentes vultos politicos da Côrte.

3-7 João Gonçalves Guimarães.

3-8 Anna Gonçalves Guimarães, casada com Joaquim Anacleto da Fonseca.

Filhos:

4-1 Capitão João José da Fonseca, foi um dos bravos da campanha contra o Paraguay; casado com Francisca Mathilde Carneiro, já fallecidos.

Filhos:

5-1 Leopoldo Carneiro da Fonseca, foi casado.

5-2 Joaquim Carneiro da Fonseca, casado com Carlinda Branco Xavier.

Filhos:

6-1 Rosita Carneiro Fonseca.

6-2 Regina Carneiro Fonseca.

6-3 Argentina Carneiro Fonseca.

6-4 João Carneiro Fonseca.

5-3 Josino Carneiro da Fonseca, casado com Francisca Torres.

Filhos:

6-1 Acyr Carneiro da Fonseca.

6-2 Albary Carneiro da Fonseca.

6-3 Ary Carneiro da Fonseca.

6-4 Algacir Carneiro da Fonseca.

5-4 Nathalia Carneiro da Fonseca Cruz, casada com o Tenente Coronel do exercito Candido Flarys da Cruz.

Filhos:

6-1 Ary da Fonseca Cruz.

- 6-2 Candido Flarys da Cruz.  
 6-3 Nelson Flarys da Cruz.  
 6-4 Nathalia Emilia da Cruz.
- 5-5 Aurora Fonseca Mercer, casada com Leopoldo Leonel de Sá Mercer, chefe politico e Prefeito municipal do Tibagy. Com descendentes em 3-4 de 2-3 do § 6.º do Capitulo 5.º do Titulo Taques deste volume.
- 5-6 Rosina Carneiro da Fonseca.  
 5-7 Hermancia Carneiro da Fonseca.
- 4-2 Francisco Anacleto da Fonseca, casado com Maria Candida Marcondes. Com ascendentes e descendentes em 6-13 de pagina 502 do 3.º volume.
- 4-3 Antonio José da Fonseca, casado em Castro.  
 4-4 Pedro Olegario da Fonseca, casado em Tatuhy, S. Paulo.  
 4-5 Joaquim José da Fonseca.  
 4-6 Victor Anacleto da Fonseca.  
 4-7 José Anacleto da Fonseca, falleceu em Jaguarahyva, deixando grande prole.  
 4-8 Maria da Fonseca, casada com José Rolim de Moura, residente no Pirahy.
- 3-9 Brandina Guimarães, casada com . . . . . de Mesquita.  
 Filhos: (2)
- 4-1 Clara Gonçalves Guimarães, casada com Domingos Ignacio de Araujo Ribas, 6-3 de pagina 378 do 2.º volume, ahi a descendencia.
- 4-2 Anna Rosa Guimarães, casada com João Baptista Lustoza Ribas de Andrade — Lалуca —, 6-3 de pagina 251 do 2.º volume, ahi sua ascendencia e descendencia.
- 2-6 Capitão Manoel Gonçalves Guimarães, era representado por seu curador quando falleceu solteiro a 18 de Outubro de 1839, em estado de demencia.
- 2-7 Capitão Mathias Gonçalves Guimarães, fallecido a 22

- de Julho de 1857, era casado com Libania Mauricia de Sá Guimarães, filha de João Antonio da Costa e de sua mulher Francisca de Paula Ribas.  
 Em Dezembro de 1829 foi eleito Juiz ordinario de Curityba, cargo que não assumiu por se ter ausentado.  
 Falleceu sua mulher com testamento, em Curityba, a 23 de Julho de 1866, 4-3 de pagina 518 do 2.º volume.  
 Filhos:
- 3-1 Tenente Coronel Antonio Mauricio da Costa Guimarães, casado com Maria Leopoldina Madureira. Por sua alma foram mandadas rezar 5 missas pela Irmandade do Santissimo Sacramento, em Abril de 1850, 5-2 de pagina 518 do 2.º volume, ahi os descendentes.
- 3-2 Dr. José Mathias Gonçalves Guimarães, casado com Delphica Guimarães, de quem foi o primeiro marido, filha do Visconde de Nacar e de sua primeira mulher Maria Clara Correia. Com descendentes já descriptos em 5-3 de pagina 519 do 2.º volume e 6-5 de pagina 186 do 3.º volume.
- 3-3 Maria Joanna da Costa Guimarães, casada em Curityba em 20 de Maio de 1842, com Francisco de Paula e Souza, filho de Antonio José de Souza, natural de Portugal, e de sua mulher Maria Magdalena de Jesus, 5-4 de pagina 521 do 2.º volume.  
 Teve:
- 4-1 José da Costa de Souza Guimarães.  
 4-2 Marianno de Souza Guimarães.  
 4-3 Libania Guimarães, baptisada com 2 mezes a 19 de Janeiro de 1846.
- 3-4 João Gonçalves Guimarães, não figurou nos inventarios procedidos por morte de seus pais, naturalmente falleceu antes delles, em estado de solteiro ou viuvo sem filhos.
- 3-5 Irineu Gonçalves Guimarães, casado em primeiras nupcias com Theodora Carneiro Lobo, filha do Capitão João Carneiro Lobo e de sua mulher Anna Esteves Carneiro, que foram proprietarios de latifundios em Caxambú e no Vorá, e em segundas nupcias com Porcina Borges.

Teve do primeiro matrimonio:

4-1 Coronel Theodoro Carneiro Gonçalves Guimarães, nascido a 12 de Agosto de 1851 na fazenda «Caxambú» (Castro), casado com Balbina Carvalho Guimarães, filha de José Pedro da Silva Carvalho e de sua mulher Maria da Conceição Branco de Carvalho.

Filhos:

5-1 Balbina Guimarães Virmond, viuva de Eduardo Virmond, é casada em segundas nupcias com Octavio Faria.

Teve do primeiro matrimonio:

6-1 Eduardo Virmond, casado com Aracy da Rocha Virmond, filha de Herculano Alves da Rocha e de sua mulher Laurinda de Macedo Rocha.

Do segundo matrimonio teve:

6-2 Theodoro Guimarães Faria.

6-3 Marina Guimarães Faria.

6-4 Diva Guimarães Faria.

5-2 Mario Carvalho Guimarães, casado com Selmira de Castro Guimarães.

Filhos:

6-1 Alice Guimarães.

6-2 Sylvio Guimarães.

6-3 Fausto Guimarães.

6-4 Theodoro Guimarães.

6-5 Neuza Guimarães.

5-3 Dr. Flavio Carvalho Guimarães, casado com Anita Miró de Carvalho Guimarães, filha de José Miró de Freitas e de sua mulher Anna Baptista Miró.

Filhos:

6-1 Eunice.

6-2 José Theodoro.

6-3 Plauto.

5-4 Maria Eugenia Guimarães Pinheiro, viuva de Brasil Pinheiro Machado.

Filhos:

6-1 Joaquim Pinheiro Machado, casado com Yolanda Queiroz, filha de Lino Queiroz.

6-2 Theodoro Pinheiro Machado.

6-3 Brasil Pinheiro Machado.

6-4 Gastão Pinheiro Machado.

6-5 Raul Pinheiro Machado.

6-6 Lygia Pinheiro Machado.

6-7 Odette Pinheiro Machado.

6-8 Ismenia Pinheiro Machado.

5-5 Annita Theodora Guimarães de Araujo, casada com o Coronel Lysandro Alves de Araujo. Já descriptos em 7-5 de pagina 85 do 3.º volume, ahí a ascendencia.

Filhos:

6-1 Maria da Luz Araujo Vianna, casada com o Dr. Felix Vianna Junior.

Filho:

7-1 Arnaldo.

6-2 Henrique Alves de Araujo — o netto.

5-6 Innocencia Carvalho de Macedo, casada com Sergio Rodrigues de Macedo.

Teve:

6-1 Dagoberto.

6-2 Raul.

6-3 José.

6-4 Dr. Manoel Rodrigues de Macedo.

6-5 Estacio, fallecido.

4-2 Libania Carneiro Guimarães Bittencourt, nascida a 27 de Dezembro de 1849, casada com o Coronel Joaquim José Bellarmino de Bittencourt. Com descendentes descriptos em Titulo — Bittencourt — deste volume e 6-2 de pagina 522 do 2.º volume.

Do segundo matrimonio teve 3-5 mais os seguintes filhos:

4-3 Capitão Irineu Gonçalves Guimarães Junior, foi official da Policia do Paraná.

4-4 Hermancia Borges Guimarães, casada com Antonio Ricardo do Nascimento, de quem foi a primeira mulher.

Já descriptos em Titulo — Rodrigues de França —, 3.º volume desta obra, pagina 124 em 6-5.

2-8 Capitão Joaquim Gonçalves Guimarães, era capitão reformado do extinto Regimento de Cavallaria da 2.<sup>a</sup> Linha. Foi por muitos annos Presidente da Camara de Curityba.

Foi baptisado em Morretes a 21 de Julho de 1776. Falleceu em Curityba a 6 de Março de 1850, em estado de solteiro.

Ao demolir-se a antiga Igreja Matriz de Curityba, em Fevereiro de 1880, foi encontrada uma urna contendo ossos humanos, que foram removidos para o Cemiterio Publico, e n'ella havia uma chapa de prata com os seguintes dizeres: — «Aqui jazem os restos mortaes do Capitão Joaquim Gonçalves Guimarães, filho legitimo do Tenente Coronel Manoel Gonçalves Guimarães e de D. Maria Magdalena de Lima.

Baptisado em Morretes a 21 de Julho de 1776; falleceu nesta Cidade de Curityba a 6 de Março de 1850. Viveu solteiro, fazendo companhia a seu pai enfermo, e por morte d'este, a sua mãe e por morte d'esta a sua irmã D. Maria Clara do Nascimento, a quem não só fazia as vezes de irmão como de pai, pela sua bondade, instituindo-a herdeira de seus bens.»

2-9 Maria Clara do Nascimento. Solteira. Falleceu em 28 de Dezembro de 1854, deixando testamento.

Seus bens foram inventariados e avaliados em . . . . 73:812\$510, dos quaes legou 15:833\$250 em terras de criação, casas e dinheiro ao Coronel Francisco de Paula Guimarães.

\* \* \*

O Coronel Manoel Gonçalves Guimarães alem dos filhos mencionados, de seu matrimonio com Maria Magdalena de Lima, 1-2 de pagina 86, teve mais com Mariana Luiza Soares, natural de S. Paulo, filha de Antonio Leite Cardoso e de Luciana Maria do Espirito Santo, o filho:

a) Joaquim Antonio Guimarães, casado em 1804 com Anna Maria da Luz, 4-6 de pagina 164 do 3.<sup>o</sup> volume, ahi a descendencia.

§ 3.<sup>o</sup>

1-3 Anna Rosa de Lima.

Foram infructiferas as nossas diligencias tendentes a descobrir dados sobre Anna Rosa de Lima.

§ 4.<sup>o</sup>

1-4 José de Lima, fallecido em 1774 com 6 annos de idade.

§ 5.<sup>o</sup>

1-5 Joaquim de Lima, fallecido em 1774 aos 4 annos de idade.





## Titulo Taques



Familia Taques, do Paraná, teve origem no Capitão Ignacio Taques de Almeida, que foi morador em Curityba, onde se casou em primeiras nupcias com Margarida da Silva, filha de José Martins Leme e de sua mulher Anna Ribeiro da Silva, 1-1 do § 1.º de pagina 287 do 1.º volume; era elle filho de Lourenço Castanho Taques, natural de Juquiry, que foi casado na Parnahyba em 1687 com Anna de Arruda Coutinho; por esta, neto de Francisco de Arruda e Sá, natural da Ribeira Grande, da Ilha de S. Miguel, e de sua mulher Maria de Quadros; por esta, é bisneto de Bartholomeu de Quadros e de sua mulher Izabel Bicudo de Mendonça, naturaes de S. Paulo; por esta, terceiro neto de Manoel Pires e de sua mulher Maria Bicudo; por Bartholomeu de Quadros, era terceiro neto de Bernardo de Quadros, na-

tural de Sevilha-Hespanha, de nobre ascendencia, e de Cecilia Ribeiro, natural do Porto, fallecida em S. Paulo em 1667; por esta, quarto neto de Estevão Ribeiro Bayão Parente e de sua mulher Magdalena Fernandes Feijó de Madureira, naturaes do Porto, donde passaram a S. Vicente pelos annos proximos a 1600.

Segundo se vê da «Genealogia Paulistana» do illustrado e saudoso Dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme, volume 4.º, pagina 3, as nobilissimas familias Arruda, Botelho e Sampaio, tiveram começo em S. Paulo nos tres irmãos: — Francisco de Arruda e Sá, André de Sampaio e Arruda e Sebastião de Arruda Botelho, naturaes da Villa da Ribeira Grande, Ilha de S. Miguel, filhos de Gonçalo Vaz Botelho e de Anna de Arruda, naturaes da mesma ilha; remonta pelos seus quatro costados, a uma era remota, anterior mesmo a da fundação da monarchia portugueza. Em nota, dá o Dr. Luiz Gonzaga a seguinte ascendencia do fidalgo Gonçalo Vaz Botelho e o brazão de armas de sua familia:

«Para o pleno conhecimento da genealogia d'esta nobilissima familia, damos aqui a sua ascendencia no continente, a sua passagem a ilha de S. Miguel na pessoa do fidalgo Gonçalo Vaz Botelho, a descendencia d'este até a geração a que pertencem os tres irmãos que formam este Tit., e finalmente o brazão de armas da familia.

«Começamos a descrever a ascendencia em Portugal na pessoa de:

«1.º Dom Payo de Mogudo, senhor de Sandim, natural da Galliza, rico-homen de el-rei dom Affonso VI de Leão, o qual passou a Portugal em serviço do conde dom Henrique de Borgonha, (que, casando com Theresa, f.ª legitimada d'aquelle rei de Leão, recebeu em dote o condado de Porto-Cale, e d'elle foi f.º dom Affonso Henriques, o fundador da monarchia portugueza, aclamado rei de Portugal no campo de Ourique, depois de suas brilhantes victorias sobre os mouros e outros visinhos); viveu na quinta do Paço,

provincia de Entre Douro e Minho. Casou-se com N. Barba, f.ª de Ruy Garcia de Villar Mayor, por alcunha o Barba, por trazer dependurada á sua barba a cabeça de um valente mouro; (segundo escreveu o dr. Luiz P. Moretz-Sohn em seus Apontamentos Genealogicos, citando Villas Boas, Nob. Port., verb. Barbas, este appellido teve começo em dom Martim Vasques, n.º 5.º adeante); descendia por varonia do infante dom Ordonho, o Cego, (f.º de dom Fruello II) a quem dom Ramiro II cegou em castigo de uma revolta. De dom Payo de Mogudo foi f.º:

«2.º Dom Mem Paes de Mogudo, rico-homem de el-rei dom Sancho I, senhor da casa e honra de Sandim, um dos maiores cavalleiros de seu tempo. Teve:

«3.º Dom Martim Mendes de Mogudo e Sandim, senhor da casa e honra de Sandim, que casou com uma irmã de Ruy Barba de Campos, Senhor de Castro Forte, f.º de Ruy Garcia de Villar Mayor, o infanção, que era casado com uma f.ª de Garcia Rodrigues Barba, meirinho-mór do reino de Castella. Teve:

«4.º Dom Vasco Martins de Mogudo e Sandim, casado com Elvira Vasques de Soverosa, f.ª de Vasco Fernandes de Soverosa e de Theresa Gonçalves, esta f.ª de dom Egas Moniz, aio de dom Affonso Henriques, 1.º rei de Portugal. Teve:

«5.º Dom Martim Vasques Barba, senhor da quinta e honra de Botelho, casado com d. Urraca Rodrigues Pacheco, f.ª de Ruy Pires, 1.º senhor de Ferreira, e de d. Theresa Pires de Cambra. Teve:

«6.º Pedro Martins Botelho, 1.º d'este appellido, senhor da casa e honra de Botelho, casado com d. Dordia Martins de Bulhão, f.ª de Domingos Martins de Bulhão, senhor de Albergaria, e de d. Aldonça Martins, f.ª de Martim Xira. Teve:

«7.º Martim Pires Botelho, senhor da honra de Botelho, alcaide-mór de Castello Rodrigo, casado com d. Joanna Martins de Parada, f.ª de dom Durão Martins de Parada, rico-homem e mordomo do rei dom Diniz. Teve:

«8.º Affonso Martins Botelho, senhor da honra de Botelho, casado com d. Mecia Vasques de Azevedo, f.ª de Vasco Paes, senhor de Azevedo, e de Maria Rodriguez de Vasconcellos, n. p. de dom Paio Soares, 3.º senhor de Azevedo, embaixador do rei dom Diniz em Castella e Aragão, e de Maria Gomes Correa (f.ª de Gomes Correa e de Maria Annes), n. m. do rico-homen dom Rodrigo Annes de Vasconcellos e de d. Mecia Rodrigues, senhora das honras de Penella e Penagate; bisn., por dom Paio Soares, de dom Soeiro Pires, 2.º senhor de Azevedo, celebre cavalleiro do tempo de dom Affonso III, e de Constança Affonso Gato (f.ª de rico-homen dom Affonso Pires Gato, descendente de dom Arnaldo Baião por seu pae João Nunes Velho, e de d. Urraca Fernandes Pellegrin); terna de dom Pedro Mendes, 1.º senhor de Azevedo, 7.º de Baião, que esteve na tomada de Sevilha com dom Sancho I de Portugal, e de Velasquida Rodrigues Forjaz (f.ª de dom Rodrigo Forjaz, o Bom, conde de Trastamara, descendente do conde dom Forjaz Bermuez que era neto do conde dom Mendo, este irmão de Desiderio, ultimo rei dos Lombardos da Italia, e de Joanna de Romaes (f.ª do conde dom Ramon, que era f.º de dom Fruela I, rei de Leão, e de d. Moninha Gonçalves da Maya que era f.ª de dom Gonçalo Mendes da Maya, «o Lidador», pelo grande numero de combates que teve com os mouros, adiantado de dom Affonso e irmão de dom Soeiro Mendes); 4.ª neta, por dom Pedro Mendes, de dom Mem Paes, o Bofinho, 6.º senhor de Baião, notavel cavalleiro que esteve no cerco de Lisboa em 1147, e de d. Sancha Paes, esta f.ª de dom Paio Curvo e de d. Maria do Maranhão; 5.ª neta de dom Paio Godins, rico-homen, 5.º senhor de Baião, e de d. Maria Martins do Vinhal, esta f.ª de Martim Annes do Vinhal e de sua 1.ª mulher Sancha Pires; 6.ª neta de dom Godinho Viegas, rico-homen, 4.º senhor de Baião e mais terras, fundador do mosteiro de Villar de Frades e de sua mulher d. Maria Soares, f.ª de dom Soeiro Guedes e de d. Maria

Paes da Silva: 7.ª neta de Egas Gozendes, 3.º senhor de Baião, Riba Douro etc. e de d. Vienda Viegas (f.ª de dom Egas Hermiges, rico-homen chamado «o Bravo» pelo seu grande valor nos combates, fundador do mosteiro de Freixo, e de d. Gontinha Godins, neta de dom Hermigio Alboazar, rico-homen, e de d. Dordia Osore, esta, f.ª do celebre conde dom Osorio, senhor de Rivera e Cabrera em Galliza, e da condessa Sancha Moniz, e bisneta de dom Fernando, o Magno, rei de Castella, Leão e Galliza; por dom Hermigio Alboazar foi d. Vienda Viegas bisneta de dom Antonio Ramires, a quem o vulgo chamou dom Alboazar Ramires, guerreiro illustre que conquistou aos mouros no Minho e Traz-os-Montes muitas terras, e de sua mulher Helena Ordonhes que foi f.ª legitima de dom Ordonho, o Cego, infante de Leão, por este neta de dom Fruela II, de Leão e de d. Nuna, e bisneta de dom Affonso III, o Grande, rei de Leão, e de sua mulher d. Ximena; por dom Antonio Ramires foi d. Vienda Viegas terna de Ramiro II de Leão e de Galliza; 4.ª neta de dom Ordonho II de Leão, e de d. Elvira; 5.ª neta de dom Affonso III, o Grande, já mencionado na ascendencia de Helena Ordonhes; 6.ª neta de dom Ordonho I de Leão; 7.ª neta de dom Ramiro I; 8.ª neta de dom Bermudo I, o Diacono, rei de Leão e Asturias, e de sua mulher d. Ninila; 9.ª neta de Aurelio I, rei das Asturias; 10.ª neta de d. Ermesinha rainha das Asturias, e de seu marido dom Affonso I, o Catholico, rei das Asturias (718-737), que foi f.º de Pedro, duque de Cantabria, e neto de Favilla, duque de Cantabria; 11.ª neta de dom Pelagio e de d. Gaudina, aquelle, rei das Asturias e 1.º conquistador das Hespanhas; 12.ª neta de dom Favilla, duque de Cantabria, descendente dos antigos reis godos. Voltando a dom Egas Gozendes, foi d. Mecia Vasques de Azevedo, por elle, 8.ª neta de dom Gonçalo Araldes, 2.º senhor de Baião, Riba Douro e outras terras, e de d. Octaviana Peixoto, esta, f.ª de Manoel Peixoto, fidalgo de Guimarães; 9.ª neta de dom Arnaldo, 1.º senhor de Baião, que,

vencido em uma batalha contra Hugo, conde de Arles, com o resto de suas forças entrou em Portugal, onde, tendo conquistado muitas terras dos mouros, estabeleceu-se em Baião, e de sua mulher d. Ufo; 10.<sup>a</sup> neta de Guido duque de Espoleto, conde de Toscana, rei de Italia de 888 a 891, imperador de 891 a 894; 11.<sup>a</sup> neta de d. Adelaide e de seu marido o principe italiano Lamberto; 12.<sup>a</sup> neta de Pepin, rei da Italia de 781 a 810; 13.<sup>a</sup> neta de Carlos Magno, rei de França, rei da Lombardia, imperador do Occidente de 800 a 814, e de sua 2.<sup>a</sup> mulher Hildegarda. «Apontamentos Genealogicos do dr. Luiz P. Moretzsohn de Castro».

«De Affonso Martins Botelho n.<sup>o</sup> 8.<sup>o</sup> foi f.<sup>o</sup>:

«9.<sup>o</sup> Diogo Affonso Botelho, infanção no mosteiro de Marcellos em 1339, casado com d. Maria Fernandes de Carvalho f.<sup>a</sup> de Fernão Gomes de Carvalho e de d. Mayor Rodrigues. Teve:

«10.<sup>o</sup> Fernão Dias Botelho, alcaide-mór de Almeida, casado com d. Violante. Teve:

«11.<sup>o</sup> Diogo Botelho, alcaide-mór de Almeida, valido de dom João I de Portugal, casado com d. Leonor Affonso Valente f.<sup>a</sup> de Martim Affonso Valente, alcaide-mór de Lisboa, senhor do morgado da Pavao. Teve:

«12.<sup>o</sup> Pedro Botelho, commendador-mór da ordem de Christo, que veio com sua gente socorrer a el-rei dom João I na batalha de Aljubarrota aos 14 de Agosto de 1385, como refere José Soares da Silva, academico da real academia, nas Memorias de dom João I, tomo 3.<sup>o</sup>, Cap. 252, pag. 1254. D'este commendador Pedro Botelho faz menção o livro «Os Grandes de Portugal» de dom Antonio Caetano de Sousa á pag. 416, e outros nobiliarios; foi casado com Izabel Annes de Buacos f.<sup>a</sup> de Gonçalo Annes de Buacos. Teve:

«13.<sup>o</sup> Gonçalo Vas Botelho que, com sua mulher e f.<sup>os</sup>, por ordem do infante dom Henrique, veio povoar a ilha de S. Miguel pelos annos de 1445 a 1450, segundo refere o doutor Gaspar Fructuoso em

seu livro «Saudades da Terra», e o padre Antonio Cordeiro na sua «Historia Insulana». Esta Ilha de São Miguel foi descoberta por ordem do mesmo infante dom Henrique por frei Gonçalo Velho Cabral de Mello em 1444, commendador do Castello de Almourol, senhor das villas de Piais, Bezalga e Cardiga, que d'ella foi o capitão donatario; este mesmo capitão foi o descobridor da ilha de Santa Maria em 15 de Agosto de 1432 e 1.<sup>o</sup> donatario d'ella. Em Gonçalo Vaz Botelho n.<sup>o</sup> 13.<sup>o</sup> vem entroncar a ascendencia de Paschoal Leite Furtado, interrompida na nota a pag. 92 do V. 3.<sup>o</sup>. Gonçalo Vaz Botelho chamado «o Grande» por elle o ser no corpo e condição, e tambem por ter um f.<sup>o</sup> do mesmo nome, era irmão de Pedro Alvares Botelho, cidadão de muita auctoridade e do conselho de el-rei dom João II, em cujo tempo vivia, commendador-mór da ordem de Christo, segundo escreveu dom Antonio de Lima senhor de Castro Daire, em seu importante nobiliario. Teve:

«14. Nuno Gonçalves Botelho, que foi o 1.<sup>o</sup> varão baptisado na pia de S. Miguel, porque nasceu no mar, casou com d. Catharina Rodrigues, mulher muito nobre, e teve 2 f.<sup>os</sup>, entre os quaes foi:

«15.<sup>o</sup> Jorge Nunes Botelho, que tirou seu brazão de armas em tempo de el-rei dom João III, deduzindo a sua varonia dos Botelhos; casou-se com Margarida de Travassos Cabral f.<sup>a</sup> de Gonçalo Velho e de Catharina Alves de Benavidas (da geração dos Amados), neta pat. de Pedro Velho Cabral, que fez a ermida de N. S. dos Remedios da Lagôa, ilha de S. Miguel, e de Catharina Affonso; bisn. de Diogo Gonçalves Travassos e de d. Violante Cabral (irmã de frei Gonçalo Velho Cabral de Mello descobridor e 1.<sup>o</sup> capitão donatario das ilhas de Santa Maria e de S. Miguel) f.<sup>os</sup> do fidalgo Fernão Velho e de d. Maria Alvares Cabral; terneta, por Diogo Gonçalves Travassos, de Martim Gonçalves Travassos fidalgo de Portugal, e de d. Catharina Dias de Mello, como já vimos na nota á pag. 92 do V. 3.<sup>o</sup>. Teve:

«16.º Nuno Gonçalves Botelho que foi provedor do residuo na ilha de S. Miguel e casou-se com sua prima segunda d. Izabel de Macedo f.ª de Fernão de Macedo (irmão do capitão donatario da ilha do Fayal, Jobst Van Heurter, corrompido pela pronuncia portugueza em Jorge d'Utra) e de sua mulher d. Anna Gomes que era neta do fidalgo Gonçalo Vaz Botelho n.º 13.º, por ser f.ª de Gonçalo Vaz Botelho, o moço, chamado o Andarilho. Teve:

«17.º Jeronimo Botelho de Macedo que se casou na ilha de Santa Maria com d. Guiomar Faleira Cabral, e teve na villa da Ribeira Grande 7 f.ºs, entre os quaes:

«18.º Gonçalo Vaz Botelho que casou com sua parenta d. Anna de Arruda f.ª do capitão Francisco do Rego Cabral e de sua mulher d. Anna de Macedo, n. p. de Gaspar do Rego e de sua Mulher Margarida Coutinho, bisn. de João do Rego e de . . . . . Beliago, tern. de Gaspar do Rego e de d. Maria Baldaia; por sua avó Margarida Coutinho, bisn. de Manoel Nunes Botelho e tern. de Diogo Botelho, e 4.ª neta de Nuno Gonçalves Botelho n.º 14.º. Pela parte materna foi d. Anna de Arruda neta de Sebastião de Arruda e bisn. de Francisco de Arruda Costa e de sua mulher d. Francisca de Viveyros Sousa. Deste Francisco de Arruda Costa diz o dr. Gaspar Fructuoso «que fôra homem de grande espirito, prudencia, discrição e liberalidades, e lhe dava o character de pai da patria: teve o foro de fidalgo da casa real e foi cavalleiro professo da ordem de Christo, e que fôra capitão-mór do socorro que levou da ilha de S. Miguel para a de Santa Maria no anno de 1576 com 200 homens de armas, sustentados á sua custa todo o tempo que se demorou com este socorro na ilha de Santa Maria, a favor do donatario d'ella—o capitão Pedro Soares de Sousa, e que n'este socorro levára comsigo a seu genro João de Mello, mui nobre fidalgo, aquelle que fôra por parte da cidade de Ponta Delgada dar obediencia a el-rei dom Philippe, o qual lhe mandou lançar o habito da ordem de

Christo. Por seu bisavô Francisco de Arruda Costa, foi terneta de João de Arruda Costa e de sua mulher d. Catharina Favilla, natural da ilha da Madeira, irmã de d. Margarida Mendes, mulher de Ayres Pires Cabral, morador na cidade de Ponta Delgada; por João de Arruda Costa, 4.ª neta de João Gonçalves Botelho, (f.º de Gonçalo Vaz Botelho, o Grande, n.º 13.º) e de sua mulher d. Izabel Dias da Costa. Por d. Catharina Favilla, foi 4.ª neta de João Favilla e de d. Beatriz Coelho. Segundo se vê nas «Saudades da Terra» do dr. Gaspar Fructuoso «a nobre familia dos Favillas procede do conde dom Favilla e do conde dom Pelagio, asturianos que ajudaram a ganhar a Hespanha perdida em tempo de el-rei dom Rodrigo; por terem perto de Olivença, no extremo de Castella e Portugal onde moravam, grandes differenças com alguns seus amigos, se vieram viver a este reino, entre os quaes veiu um dom João Favilla que el-rei dom Affonso V casou com Beatriz Coelho, dama da sua casa, sobrinha ou f.ª de um irmão do Coelho, a quem tiraram o coração pelas costas, por ser leal a este reino, e o principe, depois de seu pai morto, o matou com este genero de morte por se vingar d'elle». «Deste dom João Favilla, que se casou na ilha da Madeira com Beatriz Coelho, procede entre outros: Catharina Favilla que casou com João de Arruda Costa como dissemos acima. De Gonçalo Vaz Botelho n.º 18.º foram f.ºs, entre 15, os 4 seguintes:

«a) Nicolau da Costa de Arruda que casou com d. Ignez Tavares, natural de Calhetas.

«b) Francisco de Arruda e Sá que veiu a S. Paulo e é o do Cap. 1.º d'este Tit.

«c) André de Sampaio Arruda que veiu a S. Paulo e é o do Cap. 2.º d'este Tit.

«d) Sebastião de Arruda Botelho que veiu a S. Paulo e é o do Cap. 3.º d'este Tit.

«As armas dos Botelhos, de que os descendentes tem brazão, são: «um escudo, em campo de ouro quatro bandas vermelhas; elmo de prata aberto e guarnecido de ouro; timbre um meio leão de ouro. Estas mes-

mas armas são as usadas pelos condes de S. Miguel, por sua varonia de Botelhos.

«As armas dos Velhos—Mellos—Cabraes—Travassos são: «um escudo esquartellado: no 1.º quartel as armas dos Mellos que são: em campo vermelho seis besantes de prata entre dobre cruz também de prata, e uma bordadura de ouro; no 2.º as dos Velhos: em campo vermelho cinco vieiras de ouro em aspa; no 3.º as dos Cabraes: em campo de prata, duas cabras pastantes de purpura; no 4.º as dos Travassos: em campo vermelho cinco rosas de trevo de ouro em aspa; timbre o dos Mellos que é uma aguia preta com besantes de prata».

«As armas dos Regos são: um escudo com o campo de verde e uma banda de prata e n'ella tres vieiras perfiladas de azul; elmo de prata aberto, guarnecido de ouro; paquife de ouro e verde, e por differença uma maleta de ouro; por timbre uma vieira de ouro entre dous pennachos verdes.

«As armas dos Costas são: «um escudo com o campo de vermelho, com seis Costas de prata em facha, com duas palas; e algumas tem por differença uma flor de liz de ouro, elmo de prata aberto, guarnecido de ouro; paquife de prata e vermelho, e por timbre duas das costas em aspa».

— Por seu pai Lourenço de Castanho Taques, era neto de outro de igual nome e de sua mulher Maria de Araujo, fallecida em 1683 em S. Paulo, donde era natural; por esta, bisneto do Capitão Luiz Pedroso de Barros e de Leonor de Siqueira Góes Araujo, natural da Bahia; por seu avô Lourenço Castanho Taques, era bisneto de outro Lourenço Castanho Taques, casado em 1631 em S. Paulo, com Maria de Lara; por esta, terceiro neto de Diogo de Lara e de sua mulher Magdalena Fernandes de Moraes. Este Lourenço de Castanho Taques foi homem de grande valor e intrepidez; foi estabelecido na Fazenda da Ribeira do Ipiranga, e era opulento em cabedaes. Recebendo uma carta firmada pelo real punho de D. João IV, que lhe recommendava dêsse ajuda e favor ao Go-

vernador e administrador geral das Minas de ouro e prata, Salvador Correia de Sá e Benevides, que se achava em 1659 em S. Paulo, prestou relevantes serviços pessoaes e auxilios de sua propria fazenda. Auxiliou valiosamente a Salvador Correia por occasião do levante que em 1660 se realisou no Rio de Janeiro, contra a autoridade do Governador. Com grande pratica do sertão, onde tinha penetrado anteriormente com seu pai em conquista do gentio, recebeu carta de D. Pedro, em 1674, convidando-o a descoberta de ouro e prata, resolveu-se com seus cabedaes e forças de armas a penetrar o sertão dos gentios de Cataguazes e de Minas Geraes. Falleceu em 1677, em avançada idade, como governador das minas do Caethé; por este, era terceiro neto de Pedro Taques que passou ao Brasil em 1591, no caracter de secretario do governo, em companhia de D. Francisco de Souza, 7.º governador geral. Esteve na Bahia até 1598, quando D. Francisco de Souza veio a S. Paulo a visitar as minas de ouro e ferro, então descobertas por Affonso Sardinha; ahi se casou Pedro Taques com Anna de Proença, filha de Antonio de Proença (moço da camara do infante D. Luiz) e de Maria Castanho. Falleceu Pedro Taques em 26 de Outubro de 1644; era filho de Francisco Taques Pompeu, natural de Brabante, dos Estados de Flandres, da nobilissima familia de seu appellido; passou a Portugal a tratar do commercio, em Setubal, onde se casou na freguezia de S. Julião com Ignez Rodrigues. Diogo de Lara e sua mulher Magdalena Fernandes de Moraes, têm seus ascendentes já descriptos nesta obra no volume 4.º, pagina 30 e seguintes, em Titulo Lara.

O Capitão Ignacio Taques de Almeida foi casado em primeiras nupcias com Margarida da Silva Leme e em segundas nupcias com Anna Luiza de Quadros, em Quartelá, municipio do Tibagy.

Teve do primeiro matrimonio:

- 1 — Anna de Arruda Coutinho . . . . . Capitulo 1.º
- 2 — Manoel Ribeiro de Almeida. . . . . Capitulo 2.º

- 3 — Antonia Ribeiro da Silva . . . . . Capitulo 3.º  
 4 — José Pompeu de Almeida . . . . . Capitulo 4.º  
 Do segundo matrimonio teve:  
 5 — Tenente Coronel Balduino de Almeida  
 Taques. . . . . Capitulo 5.º  
 6 — Anna Victoria Taques . . . . . Capitulo 6.º

## CAPITULO 1.º

- 1 — Anna de Arruda Coutinho, se casou em Curityba em 1752 com Antonio Rodrigues Maciel, filho de Antonio Gracez (ou Garcez?) Barreto e de Julianna Antunes; neto pela parte paterna de Balthazar Gracez Barreto e de Maria Benita, falecida em Curityba em 1712.  
 Não descobrimos a descendencia.

## CAPITULO 2.º

- 2 — Manoel Ribeiro de Almeida, se casou em Sorocaba com Anna Maria Bueno, filha de Paschoal Delgado de Moraes e de sua mulher Maria de Almeida Bueno. Parece-nos serem estes os paes do bravo Marechal Bento Manoel Ribeiro da revolução Rio Grandense de 1835, que sabemos positivamente ser neto do Capitão Ignacio Taques de Almeida, do seu primeiro matrimonio.  
 Não descobrimos a descendencia.

## CAPITULO 3.º

- 3 — Antonia Ribeiro da Silva, casada a 4 de Junho de 1761, no Capão Alto (registrada no Cartorio ecclesiastico de Curityba), com José Correia de Moraes, filho do Tenente José Correia de Moraes e de sua mulher Maria de Góes; neto pela parte paterna de José Correia de Lemos, de Atibaia, e de sua mulher Lucrecia Bueno; neto pela parte materna de Fernando de Góes e de sua mulher Anna Maria de Camargo, estes de Atibaia.  
 Não descobrimos a descendencia.

## CAPITULO 4.º

- 4 — José Pompeu de Almeida, natural de Curityba, casado em 1760 em S. João de Atibaia, com Maria de Godoy, filha de José Correia de Moraes e de sua mulher Maria de Góes. Filhos mencionados no volume 4.º da «Genealogia Paulistana», pagina 236 em 4-1 de 3-3:  
 1-1 Anna Correia da Luz . . . . . § 1.º  
 1-2 Ignacio Taques Pompeu . . . . . § 2.º

## § 1.º

- 1-1 Anna Correia da Luz, se casou em Atibaia em 1788 com Antonio Godoy Lima, filho de Pedro de Lima Camargo e de sua mulher Francisca de Godoy Moreira.

## Filhos:

- 2-1 Francisco de Godoy, casado em primeiras nupcias em 1809, em Atibaia, com Manoela Antonia Paes, filha de Joaquim José Pinto e de Marianna Paes; neta paterna de Manoel da Silva Pinto e de Luzia Bueno; neta pela parte materna de Bartholomeu Bueno Pedroso e de Narciza Bueno; casado em segundas nupcias em S. Carlos, em 1821, com Gertrudes Maria, filha de Raphael Bueno Cardozo e de Messia da Silva.

- 2-2 Gabriel de Godoy Moreira, casado em Atibaia em 1809 com Anna Joaquina da Silva filha de Bento Barbosa Pires e de sua mulher Izabel da Silva.

## Filhos:

- 3-1 Maria Joaquina de Godoy, casada em 1830 em Itatiba, com Manoel João Bueno, filho de Raphael Bueno Cardozo e de Messia Silveira.

- 3-2 Manoela Joaquina da Luz, casada em 1830, com seu tio Antonio Francisco de Godoy, filho de Antonio de Godoy Lima e de Anna da Luz Correia.

- 3-3 Antonio Gabriel de Godoy, casado em 1840, no Belem, com Escolastica Maria Franco, filha de Thomé d'Avila e de Maria Franco Cardozo.
- 3-4 Anna Joaquina, casada em 1842, no Belem, com João Paulino Nepomuceno, filho de Ignacio José dos Reis e de Maria Bernardina.
- 3-5 Jacintha Eugenia, casada em 1844, no Belem, com Theodoro Bueno da Silveira, filho de Raphael Bueno Cardozo e de Messia da Silveira.
- 2-3 Bento de Godoy Lima, falecido em S. Carlos em 1832, casado com Gertrudes Maria das Neves, viuva de Joaquim Rodrigues.  
Filhos:
- 3-1 Daniel de Godoy Lima.
- 3-2 Brandina de Godoy.
- 3-3 Francisco de Godoy Lima.
- 3-4 Gabriella de Godoy.
- 3-5 Felipe de Godoy Lima.
- 2-4 João de Godoy Moreira.
- 2-5 Francisco de Godoy Lima, era casado em 1845 e residia na Limeira.
- 2-6 Manoela Joaquina de Godoy, casada com Manoel Bueno da Cunha.
- 2-7 Antonio Francisco de Godoy, casado em 1830, em Belem do Jundiahy, com sua sobrinha Manoela Joaquina da Luz, 3-2 de 2-2 retro.

## § 2.º

- 1-2 Ignacio Taques Pompeu, casado em 1790 em Atibaia, com Gertrudes de Godoy Lima, filha de Pedro de Lima Camargo e de Francisca de Godoy Moreira.  
Filhos: (C. O. Campinas.)
- 2-1 Maria Gertrudes, baptisada em 1790 em Atibaia, casada com Vicente Bueno de Camargo, filho de Ignacio de Camargo Pimentel e de Ignez Francisca de Moraes.  
Teve:

- 3-1 Francisco Bueno de Camargo.
- 3-2 Maria de Camargo.
- 3-3 José Bueno de Camargo.
- 2-2 Pedro Pompeu, baptisado em Atibaia em 1792, casado em 1812, na villa de S. Carlos, com Anna Antonia Soares, filha de Antonio Soares de Camargo e de Anna Emerenciana de Campos.  
Filhos:
- 3-1 José Soares de Godoy, casado em 1837 na villa de S. Carlos com Anna Euphrasia de Campos, filha de Antonio de Godoy Campos e de Anna Engracia da Silva.
- 2-3 Anna Maria de Godoy, casada em 1817 com Manoel de Souza Murça, de Itú e morador na Limeira, filho de Mathias de Souza Murça e de Anna Francisca Barbosa.  
Filhos:
- 3-1 Francisca.
- 3-2 José.
- 3-3 Joaquim.
- 3-4 Maria.
- 3-5 Anna.
- 2-4 Christina Maria de Godoy, gêmea com Anna Maria, se casou em 1819 com Joaquim Bueno de Godoy, filho de Bartholomeu Bueno Cordeiro e de Romualda da Silva.
- 2-5 Antonio Joaquim de Godoy, baptisado em 1796 em Atibaia, se casou em 1821 com Anna Francisca, filha de Joaquim Mariano d'Avila.
- 2-6 Rosa de Godoy.
- 2-7 Francisca Maria de Godoy, casada em 1819 com João Bueno de Godoy, filho de Domingos Rodrigues das Neves e de Anna Bueno de Godoy.
- 2-8 Gertrudes, casada com Francisco de Oliveira Bueno.

## CAPITULO 5.º

- 5 — Tenente Coronel Balduino de Almeida Taques, se casou com Maria Antonia Borges de Macedo, irmã do ajudante José Borges de Macedo.

Tiveram 9 filhos:

1-1 Ignacio de Almeida Taques . . . . .	§ 1.º
1-2 José Borges de Almeida Taques . . . . .	§ 2.º
1-3 Joaquim de Almeida Taques. . . . .	§ 3.º
1-4 Francisco de Macedo Taques . . . . .	§ 4.º
1-5 Anna Luiza de Assumpção . . . . .	§ 5.º
1-6 Francisca Ubaldina Taques Bittencourt . . . . .	§ 6.º
1-7 Maria Balduina Taques . . . . .	§ 7.º
1-8 Libania Taques dos Santos . . . . .	§ 8.º
1-9 Delfina Taques dos Santos . . . . .	§ 9.º

§ 1.º

1-1 Ignacio de Almeida Taques, falecido solteiro.

§ 2.º

1-2 Capitão José Borges de Almeida Taques, casado primeiro com Manoela Ribas Taques, 5-9 de pagina 393 do 2.º volume; depois foi casado com Maria Candida de Camargo Taques.

Do primeiro matrimonio teve:

2-1 Capitão Julio Taques, falecido solteiro, foi Collector Federal em Tibagy.

2-2 Anna Maria de Macedo Taques, casada com o Capitão Carlos Taques.

Tiveram 12 filhos:

3-1 Maria Amelia Taques de Bittencourt, casada com o Tenente Coronel Luiz Barbosa de Sá Bittencourt, 7-1 de pagina 393 do 2.º volume, onde demos a sua ascendencia e descendencia, pelo que aqui só damos os nomes dos filhos sem outros detalhes.

Filhos:

4-1 Placidina Taques de Bittencourt, casada em primeiras nupcias com João Mendes, falecido no Rio Grande do Sul. Sem filhos d'esse matrimonio.

Casada em segundas nupcias com seu tio Jocelym Taques, 8-1 de 7-1 de pagina 393 do 2.º volume.

4-2 Laurentina Bittencourt Mercer, casada com o Agri-  
mensor Edmundo Alberto Mercer, nascido a 6 de  
Outubro de 1880, foi Juiz de Direito supplente, Ca-  
marista, Commissario de Terras e Prefeito Municipal  
do Tibagy. E' homem de boa cultura intellectual e  
goza de largo prestigio politico. Possui grandes pro-  
priedades territoriaes. Filho de Herbert Harrison Mer-  
cer e de sua mulher Maria Antonia de Sá Mercer, já  
descriptos em 8-2 de pagina 394 do 2.º volume, ahi  
os descendentes.

4-3 Uricena Bittencourt, casada com o Capitão João José  
de Sá Mercer.  
Sem filhos.

4-4 José Florentino de Sá Bittencourt, casado com Alcina  
Maia Bittencourt, 8-4 de pagina 394 do 2.º volume,  
ahi os descendentes.

4-5 Gasparino de Sá Bittencourt, casado com Francisca  
Mercer Bittencourt, 8-5 de pagina 395 do 2.º volu-  
me, ahi os descendentes.

4-6 Adelaide Bittencourt Taques, casada com seu tio An-  
tonio Taques — Sinhô —, filho de Carlos Taques,  
8-6 de pagina 395 do 2.º volume, ahi os descen-  
dentes.

4-7 Sylvia Bittencourt Ferreira, casada com Domingos  
Ferreira Ribas, 8-7 de pagina 395 do 2.º volume, ahi  
os descendentes.

4-8 Luiz Barbosa de Sá Bittencourt Filho, casado com  
Honorina Mathias Bittencourt, 8-8 de pagina 395 do  
2.º volume, ahi os descendentes.

4-9 Pedro Barbosa de Sá Bittencourt, casado com Rosa-  
lina Ribas, filha de Benedicto de Souza Ribas e de  
sua primeira mulher Urezina Guimarães Ribas, 8-9  
de pagina 396 do 2.º volume.

4-10 Accacio de Sá Bittencourt, casado com Emma de  
Gouveia Bittencourt, 8-10 de pagina 396 do 2.º  
volume.

4-11 Lauro de Sá Bittencourt, casado com Francisca Bar-  
bosa de Sá Bittencourt, 8-11 de pagina 396 do 2.º  
volume.

4-12 Honorina Bittencourt, solteira.

- 4-13 Pelagio, falecido.
- 3-2 Adelaide Taques Bahls, casada com Augusto Frederico Bahls, filho de Frederico Bahls e de sua primeira mulher Anna Perpetua da Rocha Bahls, filha do Major Miguel da Rocha Ferreira Carvalhaes, um dos fundadores de Ponta Grossa, e de sua mulher Maria Rodugela da Rocha Carvalhaes, natural do Rio Grande do Sul, e seu marido natural de S. Paulo. Em 1828, desembarcaram em Santos, Estado de S. Paulo, diversas familias allemãs que vieram para o Brasil. Procurando o Sul do Paraná, estabeleceram suas tendas de trabalho no sertão do Rio Negro, d'este Estado, no anno de 1829. Entre essas familias achava-se Martinho Bahls e sua mulher Maria Luiza Bahls; porem, como sua profissão não permittia residir nos sertões, fixou sua residencia na freguezia de Ponta Grossa, estabelecendo sua officina de alfaiate. Ali formou sua prole, vindo a fallecer com a idade de 76 annos e sua mulher com 99 annos, 7-2 de pagina 396 do 2.º volume. Teve os seguintes filhos:
- 4-1 Avelino Bahls, casado com Adelina Maia Bahls. Tiveram 4 filhos.
- 4-2 Ermelino Bahls, casado com Yollanda Bahls. Tiveram 3 filhos.
- 4-3 Eurides Bahls, casado com Maria Rosa Bahls. Tiveram 4 filhos.
- 4-4 Augusto Bahls Filho, casado com Carlota Bahls. Tiveram 4 filhos.
- 4-5 Altamiro Bahls, casado com Maria Branca Bahls. Sem filhos.
- 4-6 Oliverio Bahls.
- 4-7 Gasparino Bahls.
- 4-8 João Bahls.
- 4-9 Carmelita Bahls, casada com Sergio Pupo Ferreira. Tiveram 9 filhos.
- 4-10 Herminia Bahls, casada com Manoel de Araujo. Teve 12 filhos.
- 4-11 Alcina Bahls, casada com Joaquim Pedro de Souza.

- Teve 13 filhos.
- 4-12 Antonietta Bahls, casada em primeiras nupcias com Theophilo Taques e em segundas nupcias com José Maria Vianna. Teve 4 filhos do primeiro matrimonio. Do segundo matrimonio teve 3 filhos.
- 4-13 Josephina Bahls, casada com Augusto Quadros. Sem filhos.
- 4-14 Valdemira Bahls, casada com Amando Veiga. Teve 3 filhos.
- 4-15 Deocleciana Bahls, casada com Alexandre Hardeemann. Teve 5 filhos.
- 4-16 Dolores Bahls, solteira.
- 3-3 Hortencia Taques Salgado, casada com Accacio Maria Salgado, natural de Portugal, 7-3 de pagina 397 do 2.º volume. Teve:
- 4-1 Zelinda Taques Salgado, casada com Durval Pinto.
- 4-2 Anna Maria Bueno, casada com Jonathas Baptista Bueno.
- 4-3 João Baptista Salgado, solteiro.
- 4-4 Maria da Gloria, solteira.
- 4-5 Antonio, falecido em criança.
- 3-4 Adolpho Taques, casado com Ernestina Coelho de Oliveira Taques, falecida, natural de Tatuhy-S. Paulo, 7-4 de pagina 398 do 2.º volume. Sem filhos.
- 3-5 José Maria Taques, casado com Clementina Grein Taques, filha de Miguel José Grein, do Rio Negro, 7-5 de pagina 398 do 2.º volume. Filhos:
- 4-1 Braulio Grein Taques, casado com Etelvina Torres, falecido em Guarapuava, na campanha revolucionaria.
- 4-2 Dorival, falecido solteiro.
- 4-3 Maria Luiza Taques, casada com João Taques, filho de Athayde dos Santos Taques. Teve 2 filhos.
- 4-4 Miguel.

- 4-5 Alceu.  
 4-6 Alceu.  
 4-7 Carlos.  
 4-8 Julio.  
 4-9 Santinha.
- 3-6 Vicentina Taques Borba, casada com Eusebio Borba, falecido, filho do Coronel Telemaco Borba, 7-6 de pagina 398 do 2.º volume.  
 Teve:  
 4-1 Gumercindo Borba, solteiro.  
 4-2 Alayde, solteira.  
 4-3 Telemaco Taques Borba, casado com Geny Lagos Borba.  
 Teve:  
 5-1 . . .
- 4-4 Cid Borba, casado com Odette Borba, sua prima, filha de Martiniano Borba e de sua mulher Francisca Guimarães Borba.
- 4-5 Haydée Borba, casada com Affonso Larocca.  
 Teve:  
 5-1 Osmundo.  
 4-6 Herminia Borba, solteira.  
 4-7 Fanny Borba, solteira.
- 3-7 Capitão Jocelym Taques, casado em primeiras nupcias com sua sobrinha Placidina Bittencourt, filha do Tenente Coronel Luiz Barbosa de Sá Bittencourt, e em segundas nupcias com Etelvina Penteado Taques.  
 Do primeiro matrimonio teve 4 filhos já descriptos em 5-1 de 4-1 de 3-1 de 2-2 de 1-2, § 2.º, deste Capitulo, e 7-7 de pagina 399 do 2.º volume.  
 Do segundo matrimonio teve 7 filhos.
- 3-8 Theophilo Taques, morreu assassinado em Aguas Claras-Tibagy, era gêmeo com seu irmão Jocelym, 3-7 acima, foi casado com Antonietta Bahls, sua sobrinha, filha de Augusto Bahls.  
 Deixou 4 filhos.
- 3-9 Capitão Victor Taques — Bilé —, casado com Maria da Luz Bittencourt, filha do Tenente Coronel José Thimoteo de Sá Bittencourt e de sua mulher Marianna Ferreira Bittencourt, 7-9 de pagina 399 do 2.º volume.

- Filhos:  
 4-1 Odemar.  
 4-2 Dinorah.  
 4-3 Maria.  
 4-4 Olga.  
 4-5 José.
- 3-10 Athanaysa Taques Mercer, falecida, foi casada com Euclides Mercer, filho de Frederico Mercer, 7-10 de pagina 399 do 2.º volume.  
 Teve:  
 4-1 Ario.  
 4-2 Nelsinda.  
 4-3 Alice.  
 4-4 Yollanda.  
 4-5 Antenor.
- 3-11 Antonio Taques — Sinhô —, casado em primeiras nupcias com Herminia Borba, filha do Coronel Telemaco Borba, e em segundas nupcias com sua sobrinha Adelaide Bittencourt, filha do Tenente Coronel Luiz Barbosa de Sá Bittencourt, 7-11 de pagina 399 do 2.º volume.  
 Do primeiro matrimonio não teve filhos:  
 Do segundo matrimonio tem:  
 4-1 Herminia.  
 4-2 Luiz Carlos.  
 4-3 Antonio.  
 4-4 Celeste.  
 4-5 Sarah.  
 4-6 Vinicius.  
 4-7 Nelson.  
 4-8 Maria de Lourdes.
- 3-12 Izaura Taques, solteira.
- 2-3 Maria Antonia Taques, casada com Elias de Assumpção Taques, 6-3 de pagina 400 do 2.º volume.  
 Teve:  
 3-1 Amazonas Taques, solteiro.  
 3-2 Napoleão Taques, Collector Federal em Tibagy, solteiro.  
 3-3 Maria das Dores Taques, solteira.  
 3-4 Marietta Taques, solteira.

- 3-5 Clementina Taques, casada com Lucas Fernandes de Araujo, natural de Itapetininga.  
Teve 8 filhos.
- 2-4 Andreolina Taques Ribeiro, casada com Generoso Ribeiro, filho de Manoel Ribeiro, natural de S. Paulo, 6-4 de pagina 400 do 2.º volume.  
Sem filhos.
- 2-5 Maria do Nascimento, casada com Amantino Barbosa de Macedo, filho de José Barbosa Caldeira e de sua mulher Francisca Borges de Macedo, irmã do Ajudante José Borges de Macedo, 6-5 de pagina 400 do 2.º volume.  
Teve:
- 3-1 José de Macedo Taques, casado com Herminia Queiroz Taques, filha de Ernesto Frederico de Queiroz, 7-1 de pagina 400 do 2.º volume.  
Filhos:
- 4-1 Altahir.  
4-2 Ivonette.  
4-3 Yollanda.  
4-4 Léa.  
4-5 Edgard.
- 3-2 Amador Taques, casado.
- 3-3 Rosa Taques, falecida, foi casada com Francisco Ribeiro Taques.  
E mais outros filhos cujos nomes não descobrimos.
- 2-6 Zenobia Taques, casada com Amantino Barbosa.  
Do segundo matrimonio teve:
- 2-7 José Borges de Almeida Taques, casado com Maria da Conceição Novaes Taques, filha do Coronel Jordão do Canto e Silva; por este, neta do Brigadeiro Manoel Ignacio do Canto e Silva.  
Filhos:
- 3-1 Augusto Taques, casado com Noemia Caetana Martins, filha de Manoel Caetano Martins.  
3-2 Juvenal Taques Sobrinho, solteiro.  
3-3 José Borges de Almeida Taques Netto, solteiro.  
3-4 Alcebiades Taques, solteiro.  
3-5 Odilon Taques.  
3-6 Maria Candida Taques.

- 3-7 Annanina Taques.  
3-8 Odette Taques.  
3-9 Ondina Taques.  
3-10 Maria Eugenia Taques.
- 2-8 Augusto Taques, casado com Francisca Ribas, já falecidos.  
Sem filhos.
- 2-9 Querubina Taques Martins, viuva de Alberto Martins de Araujo França, filho do Coronel João Martins de Araujo França.  
Filhos:
- 3-1 Urbano de Araujo França, casado com Ignez Mathias, filha de Arthur Mathias e de sua mulher Maria das Dores Taques; por esta, neta de Joaquim Antonio P. Ribeiro e de sua mulher Francisca Taques.
- 3-2 João Martins de Araujo França Netto, casado com Julia Guimarães, filha de Bonifacio Gonçalves Guimarães.
- 3-3 Maria José Martins, casada com Constante José Borges, filho de Tobias José Borges.
- 3-4 Emma Martins, casada com José Luiz Guimarães.
- 3-5 Maria Candida, casada com Ivo Noceiro.
- 2-10 Maria Ritta, falleceu solteira.
- 2-11 Anna Raymunda, falleceu solteira.
- 2-12 Ignez Taques Novaes, casada com Rodolpho Novaes do Canto e Silva, filho do Coronel Jordão do Canto e Silva.
- 2-13 Juvenal de Camargo Taques, foi casado com Ernestina Virmond de Queiroz, filha do capitalista Ernesto Frederico Queiroz, adiantado fazendeiro em Guarapuava, e de sua mulher Carolina Virmond de Queiroz, 8-2 de pagina 409 do 1.º volume.  
Filhos:
- 3-1 Deweth Taques.  
3-2 Selecta Taques, casada com Odilon Fonseca, filho de Francisco Anacleto da Fonseca.
- 2-14 Carolina Taques, solteira.

## § 3.º

- 1-3 Joaquim de Almeida Taques, residente em Ponta Grossa, casado com Benedicta Ribas Taques, filha de João Marianno Ribas Filho e de sua mulher Maria do Canto e Silva.  
Filhos:
- 2-1 Alonso Taques, casado em Campos Novos, S. Catharina.
  - 2-2 Joaquim Taques, solteiro.
  - 2-3 Pedro Taques, solteiro.
  - 2-4 Herculano Taques, casado na Palmeira com. . .
  - 2-5 Maria Joaquina, falecida, foi casada com Jacques . . . . ., em Guarapuava.

## § 4.º

- 1-4 Capitão Francisco de Macedo Taques, casado na Palmeira com Delfina da Cruz Taques, filha do Major Manoel da Cruz Carneiro e de sua mulher Francisca Caetana Marcondes de Oliveira e Sá, 7-2 de 6-5 de pagina 401 do 1.º volume.  
Filhos:
- 2-1 Manoel da Cruz Taques, casado com Porcina Alves da Rocha.  
Filhos:
    - 3-1 Francisco de Macedo Taques, casado com Balbina Ferreira Guimarães.  
Filhos:
      - 4-1 José.
      - 4-2 Orvalina.
    - 3-2 Alcides de Macedo Taques.
    - 3-3 Ubaldino de Macedo Taques, casado com Julia F. Guimarães.
  - 2-2 Theophilo de Macedo Taques, casado com uma filha de Torquato de Pinho Ribas.  
Com geração.
  - 2-3 Olympio de Macedo Taques, casado em Guarapuava com Gertrudes Alves da Rocha.  
Filhos:

- 3-1 Feliciano Macedo Taques, casado com sua prima Maria Alves da Rocha Taques, 8-1 de 7-1 de pagina 464 do 1.º volume.
- 3-2 Sergio de Oliveira Taques, casado com Anna Joaquina Loures Taques, filha de Antonio da Rocha Loures Villaça e de sua mulher Anna Luiza do Amaral Loures, filha do Coronel Zacarias Caetano do Amaral e de sua mulher Anna Joaquina do Amaral, 8-2 de 7-11 de pagina 464 do 1.º volume, ahi os ascendentes e descendentes.
- 3-3 Maria Olympia Taques Ferreira, casada com João Ferreira dos Santos, filho de outro de igual nome e de sua mulher Emiliana de Siqueira, 8-3 de pagina 465 do 1.º volume e 6-4 de pagina 624 do 3.º volume, ahi a descendencia.
- 3-4 Amalia Taques Danguy, casada com Joaquim Danguy, filho de José Danguy, 8-4 de pagina 465 do 1.º volume, ahi a descendencia.
- 2-4 Caetano de Macedo Taques, casado em Guarapuava, onde tem descendentes.
- 2-5 Maria da Anunciação Taques, casada com Torquato de Pinho Ribas.
- 2-6 Francisca de Macedo Taques, falecida.

## § 5.º

- 1-5 Anna Luiza de Assumpção, casada com Antonio José de Assumpção, natural de São Paulo.  
Teve:
- 2-1 Carlos de Macedo Taques, falecido, foi casado com Anna Maria de Macedo Taques.  
Com os descendentes já descriptos em 2-2 de 1-2, § 2.º, Capitulo 1.º, de pagina 172, deste Titulo.
  - 2-2 Major Virgilio de Assumpção Taques, casado com Guilhermina de Macedo Taques, falecidos; era irmã do Coronel Olegario Rodrigues de Macedo, prestigioso politico de Castro, onde foi adiantado fazendeiro.

O Major Virgilio foi abastado criador de gado vacum, no lugar denominado «Fazenda do Vorá», que limita os municipios de Tibagy, Jaguariahyva e Pirahy, ainda litigiosos.

A Fazenda do Vorá se acha hoje subdividida entre seus herdeiros, sendo que a Estancia da — *Cruz do Vorá* — de 500 alqueires de mattas e magnificos campos criadores, pertence a suas filhas solteiras Julieta de Macedo Taques e Maria da Conceição; a de — *Pedra Branca do Vorá* — hoje pertencente ao Major Arthur Alfredo Taques, com cerca de 800 alqueires de optimos campos e mattas. As pastagens são magnificas e não são prejudicadas pelas geadas que ahi pouco damno cauzam.

A Fazenda do Vorá constituia uma parte das antigas sesmarias do Coronel João Carneiro Lobo, que as recebera como legitima, ao se casar com D. Anna Esteves Carneiro; abrangiam essas sesmarias quasi que todas as terras que se estendiam de Itararé aos limites de Castro, e que hoje se acham subdivididas.

Na Fazenda do Vorá existem as preciosas Aguas Sulphurosas, radio-activas, no lugar conhecido por — *Lambedor* — distante 8 leguas do Pirahy. Ricas em principios medicamentosos, são essas aguas procuradas por centenares de doentes do estomago, figado e rins que ali vão recuperar a saúde. E' de se lamentar que a falta de boas vias de communicacão, de recursos e de conforto de toda especie, tornem essas aguas maravilhosas, de difficil accesso aos soffredores. O clima é temperado e ameno, apesar de se achar ella nas campanhas, acima da Serra das Furnas; mais quente que o Pirahy e Jaguariahyva e mais frio que o Tibagy, de cujos lugares dista 8 leguas; possui boas fructas, principalmente as laranjas que são saborosas.

A projectada estrada de rodagem que do Pirahy se dirigirá a S. Jeronymo e Jatahy, cortará as Estancias de Pedra Branca e das Cruzes do Vorá, passando 4 kilometros distante das aguas; nesse dia estará resolvido o problema, com a installacão de hotéis e de habitacões proximas das fontes. Projecta-se tambem

por ahi levar a estrada de ferro que se destina a importante Fazenda Monte Alegre, hoje pertencente a um syndicato estrangeiro, que adquiriu da viuva do Dr. Javert de Madureira, os 65 mil alqueires de terras de que ella se compunha, para a introducção de colonos agricolas. Os estudos de ambas essas estradas já se acham ultimados. De Ponta Grossa ao Lambedor ha uma distancia de 16 leguas apenas, passando pelo Tibagy e Ventania, sendo que, até esta localidade ha bons caminhos que podem ser percorridos em caminhões ou automoveis em 5 horas. Auguramos ás aguas do Lambedor, uma procura igual as de Caxambú, que em nada lhe sobrepujam nos effeitos e resultados medicamentosos, nem nas bellezas naturaes e suavidade de seu clima delicioso.

Possuia mais as Fazendas de Currealinho e Barreiros, no Tibagy, hoje pertencentes a seus herdeiros.

Filhos:

3-1 Julieta de Macedo Taques, é solteira e uma das co-proprietarias da Fazenda da Cruz do Vorá e das aguas do Lambedor.

3-2 Lothario Taques, fazendeiro no Vorá, casado com Anna dos Santos Taques.

Filho:

4-1 Althayr, com 2½ annos de idade.

3-3 Maria José Taques, casada com seu primo Arthur Alfredo Taques, filho do Tenente-Coronel Balduino de Almeida Taques e de sua segunda mulher Ambrosina Rocha Bahls, 3-5 de pagina 188 deste.

Filhos:

4-1 Maria Clara Taques de Mattos, casada com o Tenente Theodoro de Mattos, do exercito nacional.

Sem filhos até 1929.

4-2 Athenaide Taques, solteira.

4-3 Balduino Taques, gymnasiano.

4-4 Anah Taques, solteira.

3-4 Maria da Conceição, solteira. E' co-proprietaria da Fazenda da Cruz do Vorá e Lambedor.

- 3-5 Emma Taques de Albuquerque, casada com Conrado de Albuquerque.  
Filhos:  
4-1 Laura Taques de Albuquerque.  
4-2 Zaide Taques de Albuquerque.  
4-3 Flavio Taques de Albuquerque.
- 3-6 Edillia Taques Pimentel, viuva do Pharmaceutico Octavio Pimentel. Reside em Castro.  
Filhos:  
4-1 Raul Taques Pimentel.  
4-2 Maria de Lourdes Pimentel.  
4-3 Renée Taques Pimentel.
- 2-3 Elias de Assumpção Taques, casado com Maria Antonia Taques. Já descriptos em 2-3 de 1-2, § 2.º, Capitulo 1.º deste Titulo. Ahi a geração.
- 2-4 Ambrosina Taques Ribas, casada com Geraldo Pinto Ferreira Ribas.  
Sem filhos.
- 2-5 Anna Placidina de Assumpção Borges, casada com Tobias José Borges.  
Teve:  
3-1 Constante José Borges, casado com Maria José, filha de Alberto Martins de Araujo França e de sua mulher Querubina Taques Martins.  
Filhos:  
4-1 Celeste Martins Borges.  
4-2 Tobias Martins Borges.  
4-3 Alberto Martins Borges.  
4-4 Esther Martins Borges.  
4-5 Rosa Martins Borges.  
4-6 Amanda Martins Borges.  
4-7 Maria Candida Borges.  
4-8 Yollanda Martins Borges.
- 3-2 Euclides José Borges, casado com Lavinia Mercer Guimarães, filha de Bonifacio Gonçalves Guimarães e de sua mulher Alice Mercer Guimarães.  
Teve:  
4-1 Elza Guimarães Borges.
- 2-6 Maria Antonia de Assumpção Barbosa, casada com Antonio Barbosa de Macedo.

Teve:

- 3-1 Amantino Barbosa de Macedo Sobrinho, casado com Amelia Ribas.  
Filhos:  
4-1 Francisco Barbosa de Macedo, solteiro.  
4-2 Luiz Barbosa de Macedo, casado com . . . . . , filha de Idak Zinenisman.  
Teve:  
5-1 Orley.  
4-3 Laurindo Barbosa de Macedo, casado com Zica . . . . .  
Tiveram 5 filhos.
- 4-4 Wantuil Estrelatito Barbosa, solteiro.  
4-5 Honorina Barbosa, casada com Eudes de Mello e Silva.  
Teve:  
5-1 Ariel.
- 3-2 Feliciano Barbosa de Macedo, casado com Maria da Conceição Barbosa de Macedo.  
Teve:  
4-1 Maria Candida de Macedo, casada com Ozorio Rolim Borba.  
Teve 3 filhos.
- 3-3 Nestor Barbosa de Macedo, casado com Anna dos Santos, filha de João Antonio dos Santos e de sua mulher Idalina Rocha.  
Filhos:  
4-1 Abigail.  
4-2 Annita.  
4-3 João.  
4-4 Nouridino.  
E mais 2 filhos.
- 3-4 Veridiana Barbosa Ribas, casada com Julio Ferreira Ribas.  
Teve:  
4-1 Godofredo Barbosa Ribas, casado com Maria Eugenia Guimarães, filha de Bonifacio Gonçalves Guimarães e de sua mulher Alice Mercer Guimarães.  
Tiveram 2 filhos.

- 4-2 Abrilino Barbosa Ribas, casado com . . . .  
Sem filhos.
- 4-3 Napoleão Ribas, solteiro.
- 4-4 Ignez Barbosa Teixeira, casada com Octavio de Paula Pinto.  
Tiveram 4 filhos.
- 4-5 Malvina Barbosa Camargo, casada com Joaquim Ferreira Ribas.  
Sem filhos.
- 4-6 Maria da Conceição Borba, casada com Tibagy Telemaco Borba, filho de Martiniano Borba; por este, neto do Coronel Telemaco Borba.  
Teve 3 filhos.
- 3-5 Ignez Barbosa Martins, casada com Tiburcio Borges Martins.  
Teve:
- 4-1 Urbano Barbosa Martins, casado com Consuelo Meira de Vasconcellos, filha do Dr. Jonas Meira de Vasconcellos, Juiz de Direito em Jaguariahyva, e de sua mulher Maria Candida.  
Tiveram 2 filhos.
- 4-2 Oswaldo Barbosa Martins, casado com Margarida Martins.  
Tiveram 1 filha.
- 4-3 Jonas Barbosa Martins, solteiro.
- 3-6 Francisca Barbosa Macedo, solteira.
- 2-7 Tenente-Coronel Balduino de Almeida Taques, que foi Prefeito em Ponta Grossa e Deputado á Constituinte do Paraná, foi casado em primeiras nupcias com Maria da Luz Santos e em segundas nupcias com Ambrosina da Rocha Bahls, que era viuva de Eduardo de Almeida, de quem houve um filho de nome Jordão Bahls de Almeida. Era proprietario da Fazenda Santa Cruz, 4 leguas retirada da cidade de Castro.  
Filhos do primeiro matrimonio:
- 3-1 Manoel Antonio dos Santos Taques, casado com Maria Joaquina, filha de Salvador Rolim de Oliveira Ayres.

## Filhos:

- 4-1 Maria da Luz Taques Monteiro, casada com Bernardino José Gomes Monteiro, já fallecido.  
Teve:
- 5-1 Zenith Monteiro Krüger, casada com Dewet do Nascimento Krüger.  
Teve:
- 6-1 Bernardino.
- 5-2 Licio Taques Monteiro.
- 5-3 Manoel Taques Monteiro.
- 4-2 Rosa Taques de Lemos, viuva de Ricardo de Lemos, funcionario da Secretaria Geral, poeta e literato, filho de Antonio Pereira de Lemos, natural de Portugal, que foi honrado e acreditado commerciante em Curityba, e de sua mulher Saturnina Guimarães.  
Teve:
- 5-1 Tullio de Lemos.
- 5-2 Antonio de Lemos.
- 5-3 Maria Joaquina.
- 4-3 Salvador Rolim Taques, casado com Rosa Bock.  
Filhos:
- 5-1 Nilo.
- 5-2 Gastão.
- 4-4 Manoel Ayres Taques, solteiro.
- 4-5 Yollanda Taques de Freitas, casada com o Tenente do Exercito Francisco de Almeida Freitas.  
Teve:
- 5-1 Hamilton.
- 4-6 Maria do Rosario Taques, solteira.
- 3-2 Athayde dos Santos Taques, casado com Bernardina Borges de Almeida, filha de José Eduardo de Almeida, fazendeiro e proprietario da Fazenda da Tabatinga, no Tibagy, com cerca de 1500 alqueires.  
Filhos:
- |                                |                               |
|--------------------------------|-------------------------------|
| 4-1 João de Almeida Taques     | } casados e com descendentes. |
| 4-2 Ozorio de Almeida Taques   |                               |
| 4-3 Maria da Luz Taques        |                               |
| 4-4 Anna Taques                |                               |
| 4-5 Leopoldo Taques, solteiro. |                               |

- 4-6 Arthur Taques }  
 4-7 Amelia Taques } solteiros.  
 4-8 Sylvia Taques }  
 4-9 Emilia Taques }
- 3-3 Marianna Ferreira Bittencourt, casada com o Tenente-Coronel José Thimoteo de Sá Bittencourt, filho do Tenente-Coronel José Florentino de Sá Bittencourt e de sua mulher Francisca Ubaldina Taques de Bittencourt.  
 Teve:  
 4-1 Frederico }  
 4-2 Julieta }  
 4-3 Sezinando }  
 4-4 Ernestina }  
 4-5 José Balduino }  
 4-6 Ubaldino } casados.  
 4-7 Maria da Luz }  
 4-8 Francisca. }  
 4-9 Augusto }  
 4-10 Leopoldo }  
 4-11 Ernesto }  
 4-12 Amelia }  
 4-13 Jacy, solteira.
- 3-4 Arminda Taques Rolim Ayres, falecida, foi casada com Hygino Rolim Ayres, filho de Salvador Rolim Ayres. Teve um filho que morreu antes della.  
 Filhos do segundo matrimonio de 2-7:  
 3-5 Arthur Alfredo Taques, casado com Maria José, filha de Virgilio de Assumpção Taques e de sua mulher Guilhermina de Macedo Taques, 2-2 de 1-5 retro. E' abastado fazendeiro na Pedra Branca do Vorá e co-proprietario das Aguas Sulphurosas do Lambedor. Com descendentes em 3-3 de 2-2 de pagina 183.  
 3-6 Walfrido Taques, solteiro, reside no Vorá onde é fazendeiro de gado vaccum.  
 3-7 Garibaldina Taques, viuva de Innocencio Gonçalves Guimarães, filho do Coronel Joaquim Gonçalves Guimarães e de sua mulher Balbina Ribas, de Ponta Grossa, 2-6 do § 3.º do Capitulo 5.º, Titulo Gonçalves Guimarães.

- Filhos:  
 4-1 Ambrosina.  
 4-2 Eurico.  
 4-3 David.  
 4-4 Innocencio Ivo.  
 3-8 Frederico Taques, solteiro.  
 3-9 Ernestina Taques, casada com Olympio Ribas de Camargo, de Guarapuava.  
 Filhos:  
 4-1 Heraclides Taques de Camargo.  
 4-2 Albirom Taques de Camargo.  
 4-3 Lindaura Taques de Camargo.  
 4-4 Carlinda Taques de Camargo.  
 4-5 Balduino Taques de Camargo.  
 4-6 Naylor Taques de Camargo.  
 4-7 Odomiro Taques de Camargo.  
 4-8 Leorival Taques de Camargo.  
 3-10 Ubaldino Taques, casado com uma filha de Diogo Camargo, de Guarapuava.  
 Filhos:  
 4-1 Leomar Taques.  
 4-2 Neuza Taques.  
 4-3 . . .  
 4-4 . . .  
 3-11 Honorino Taques, solteiro.  
 3-12 Carolina Taques, solteira.  
 3-13 Iracema Taques Agner, casada com Aroito Agner. Com um filho recém-nascido.  
 3-14 Anna Francisca Taques Pereira, casada com João Gonçalves Pereira.  
 Filhos:  
 4-1 Walther.  
 4-2 Wairene.  
 4-3 Vacir.  
 3-15 Julia Taques, segunda mulher de Hygino Rolim de Oliveira Ayres, por morte de Arminda Taques, sua irmã, 3-4 acima.  
 Filhos:  
 4-1 Ubirajara Taques Ayres, casada.  
 4-2 Alayde Taques Ayres, casada.

- 4-3 Aldemira, viuva de Francisco Tavares Sobrinho.  
 4-4 Jacyra Taques Ayres, solteira.  
 4-5 Aracy Taques Ayres, solteira.  
 4-6 Acyrena Taques Ayres, casada.  
 4-7 Alberto Teixeira Mendes.  
 4-8 Zelita Taques, solteira.  
 4-9 Hygino Taques, solteiro.
- 2-8 Francisca Taques Ribeiro, casada com Joaquim Antonio Pinto Ribeiro.  
 Teve 8 filhos:  
 3-1 Francisco Ribeiro Taques, casado em primeiras nupcias com Rosa Taques, filha de Amantino Barbosa de Macedo e de sua mulher Maria do Nascimento, e em segundas nupcias com sua cunhada . . . . ., irmã da precedente.  
 Filhos:  
 4-1 . . .  
 4-2 . . .  
 4-3 . . .
- 3-2 João Ribeiro Taques, falecido, foi casado com Etelvina Martins.  
 3-3 Octaviano Ribeiro Taques, solteiro.  
 3-4 Presciliana Taques Ribeiro, casada com Alvaro Baptista Ribeiro.  
 Filhos:  
 4-1 . . .  
 4-2 . . .  
 4-3 . . .  
 4-4 . . .  
 4-5 . . .
- 3-5 Hermancia Taques Mercer, casada com Antonio José Mercer, filho de Frederico Mercer.  
 Teve 6 filhos.  
 3-6 Querubina Ribeiro Martins, casada com Vespasiano Pinto Martins.  
 Teve 6 filhos.  
 3-7 Maria das Dores, casada com Arthur Mathias, natural da Allemanha.  
 3-8 Walfrido Ribeiro, solteiro.

## § 6.º

- 1-6 Francisca Ubaldina Taques Bittencourt, segunda mulher de José Florentino de Sá Bittencourt.  
 Teve 3 filhos:  
 2-1 Tenente-Coronel José Thimoteo de Sá Bittencourt, casado com Marianna Ferreira Bittencourt, ambos falecidos.  
 Tiveram 13 filhos, já descriptos em 3-3 de 2-7 de 1-5, § 5.º deste Capitulo.  
 2-2 Julia Borges de Macedo, casada com Julio Borges de Macedo.  
 Sem filhos.  
 2-3 Maria Antonia de Sá Mercer, casada com Herbert Harrison Mercer, ambos falecidos; este é irmão de Frederico Mercer, que foi homem industrial, artista e musico, solteiro, com filhos naturaes. Deixaram 6 filhos:  
 3-1 Capitão João José de Sá Mercer, casado com Uricena Bittencourt Mercer, filha do Tenente-Coronel Luiz Barbosa de Sá Bittencourt.  
 Sem filhos.  
 3-2 Alice Mercer Guimarães, casada com o Major Bonifacio Gonçalves Guimarães.  
 Teve 11 filhos:  
 4-1 Julia Mercer Martins, casada com João Martins Netto.  
 Teve 5 filhos:  
 5-1 Cezar.  
 5-2 Alda.  
 5-3 Regina.  
 5-4 Yone.  
 5-5 Renato.
- 4-2 Albertina Bittencourt, casada com Leopoldo de Sá Bittencourt, filho do Tenente-Coronel José Thimoteo de Sá Bittencourt e de sua mulher Marianna Ferreira Bittencourt.  
 Teve 3 filhos:  
 5-1 Leopoldino.

- 5-2 Eloine.  
5-3 Lindaura.
- 4-3 Maria Eugenia Guimarães Ribas, casada com Godofredo Barbosa Ribas.  
Teve 2 filhos:  
5-1 . . .  
5-2 . . .
- 4-4 Laura Mercer Guimarães, solteira.
- 4-5 Lavinia Mercer Guimarães, casada com Euclides José Borges.  
Teve 1 filha:  
5-1 Elza.
- 4-6 Edilia Mercer Guimarães.  
4-7 Alice Mercer Guimarães.  
4-8 Uricena Mercer Guimarães.  
4-9 José Bonifacio Guimarães.  
4-10 Alberto Mercer Guimarães.  
4-11 Antonio Claudio Guimarães.
- 3-3 Agrimensor Edmundo Alberto Mercer, casado com Laurentina Bittencourt Mercer.  
Com os descendentes descriptos em 4-2 de 3-1 de 2-2 de 1-2, § 2.º deste Capitulo.
- 3-4 Leopoldo Leonel de Sá Mercer, foi Prefeito do Tibagy, casado com Aurora Fonseca Mercer, filha de João José da Fonseca, de Castro.  
Tiveram 10 filhos:  
4-1 Milton, falecido.  
4-2 Nahir, falecida.  
4-3 Oswaldo, falecido.  
4-4 João Fonseca Mercer.  
4-5 Julieta, falecida.  
4-6 Zelia, falecida.  
4-7 Maria Fonseca Mercer.  
4-8 Leopoldo.  
4-9 Edith.  
4-10 Douglas.
- 3-5 Henrietta Mercer Guimarães, casada com o Capitão Rodolpho Gonçalves Guimarães.  
Com 8 filhos, a saber:  
4-1 Uricena Guimarães Borba Carneiro, casada com

- Martiniano Borba Carneiro, irmão de Guataçara de Borba Carneiro.  
Sem filhos.
- 4-2 Edy Mercer Guimarães.  
4-3 José Mercer Guimarães.  
4-4 Ruy Mercer Guimarães.  
4-5 Maria Mercer Guimarães.  
4-6 Josias Mercer Guimarães.  
4-7 Laura Mercer Guimarães.  
4-8 Henrietta Mercer Guimarães.
- 3-6 Francisca Mercer Bittencourt, casada com Gasparino Barbosa Bittencourt, filho de Luiz Barbosa de Sá Bittencourt e de sua mulher Maria Amelia Taques Bittencourt.  
Teve:  
4-1 Uricena Mercer Bittencourt.  
4-2 Luiz Alberto.  
4-3 Alice.  
4-4 Placidina.  
4-5 Maria.  
4-6 Epitacio.  
4-7 Auro.  
4-8 Aline.

## § 7.º

- 1-7 Maria Balduina Taques, casada com o Commendador Francisco de Assis Ribas, de quem foi a primeira mulher; elle, filho do Sargento-Mór Benedicto Marianno Ribas e de sua mulher Maria Ferreira do Sacramento Ribas.  
Já descriptos em Titulo Rodrigues Seixas em 5-3 de pagina 385 do 2.º volume, ahi a descendencia.

## § 8.º

- 1-8 Libania Taques dos Santos, foi a segunda mulher de Manoel Antonio dos Santos.  
Não deixou filhos.

## § 9.º

- 1-9 Delphina Taques dos Santos, por morte de sua irmã Libania Taques, se casou com seu cunhado Manoel Antonio dos Santos, de quem foi a terceira mulher.

## CAPITULO 6.º

- 6 — Anna Victoria Taques, casada com Lucio Pinto Martins, irmão de Alvaro Martins.

Teve o filho unico:

- 1-1 Generoso Pinto Leal e Taques . . . § Unico

## § Unico.

- 1-1 Generoso Pinto Leal e Taques, não descobrimos se foi ou com quem foi casado, sabendo apenas que teve duas filhas, uma casada com Francisco Mendes e outra com José . . . . . (baitaca).



## Titulo Oliveira Vianna



familia — Oliveira Vianna — do Paraná, teve origem no casal de Portuguezes Felix Bento Vianna e sua mulher Antonia de Oliveira Vianna, que em 1780, pouco mais ou menos, aportou a Paranaguá, vindos das Ilhas-Portugal.

Tiveram os seguintes filhos:

- |  |              |
|--|--------------|
| 1 — Bento de Oliveira Vianna . . . . . | Capitulo 1.º |
| 2 — Floriano Bento Vianna . . . . .    | Capitulo 2.º |
| 3 — Francisco Bento Vianna . . . . .   | Capitulo 3.º |
| 4 — Carlos Bento Vianna . . . . .      | Capitulo 4.º |
| 5 — Michaela Vianna . . . . .          | Capitulo 5.º |
| 6 — Francisca Emilia Vianna . . . . .  | Capitulo 6.º |
| 7 — Emilia Vianna (?) . . . . .        | Capitulo 7.º |
| 8 — Ludovina Vianna . . . . .          | Capitulo 8.º |
| 9 — Albina Vianna . . . . .            | Capitulo 9.º |

10 — Vicencia Vianna . . . . .	Capitulo 10.º
11 — Anna Flora Vianna . . . . .	Capitulo 11.º
12 — Flora Vianna (?) . . . . .	Capitulo 12.º
13 — Escolastica Vianna . . . . .	Capitulo 13.º

## CAPITULO 1.º

- 1 — Bento de Oliveira Vianna, casado com Joaquina Maria das Dôres (ou Gonçalves de Moraes), filha de José Gonçalves de Moraes e de sua mulher Anna Maria de Jesus, natural de Santos, falecida com testamento em Antonina em 1809, no qual declarou ser filha de Antonio Coelho e de sua mulher Maria Gertrudes de Sá (C. O. de Curityba). Pela parte paterna era neta do Capitão Gaspar Gonçalves de Moraes e de sua mulher Catharina de Senne, 3-2 de 2-8 de pagina 198 do 4.º volume.

Filhos:

1-1 Maria Euphrasia Vianna . . . . .	§ 1.º
1-2 Manoel Bento Vianna . . . . .	§ 2.º
1-3 Francisco de Oliveira Vianna . . . . .	§ 3.º
1-4 Floriano de Oliveira Vianna . . . . .	§ 4.º
1-5 Francisca de Oliveira Vianna . . . . .	§ 5.º
1-6 Joaquim de Oliveira Vianna . . . . .	§ 6.º
1-7 Vicencia de Oliveira Vianna . . . . .	§ 7.º
1-8 Fortunata de Oliveira Vianna . . . . .	§ 8.º
1-9 Leonidia de Oliveira Vianna . . . . .	§ 9.º

## § 1.º

- 1-1 Maria Euphrasia Vianna, casada em primeiras nupcias com Antonio Dias da Costa e em segundas nupcias com seu primo Eulampio Bento Vianna. Apesar de varias tentativas, infructiferas, não conseguimos completar a descendencia deste ramo, pela indiferença com que nossos pedidos foram recebidos. Infelizmente as diligencias de cartorio não pouderam supprir as más vontades. Teve do primeiro matrimonio:
- 2-1 Antonio Dias da Costa.

Teve do segundo matrimonio:

- 2-2 Felix Bento Vianna, casado no Rio de Janeiro com Maria Luiza Vianna.

Filhos:

- 3-1 Felix Bento Vianna, casado com Maria Marques Vianna.

Filhos:

- 4-1 Dr. Felix Vianna, casado com Leonor de Araujo.

- 4-2 Aida Vianna, casada com Decio Pacheco da Silveira.

- 4-3 Edith Vianna, solteira.

- 3-2 Paulo Guajará Vianna, casado em primeiras nupcias com Haydée Guimarães Carneiro, filha do Commendador Manoel Ricardo Carneiro e de sua mulher Delphica Guimarães Carneiro, filha dos Viscondes de Nacar.

Casado em segundas nupcias com Déa de Menezes Teixeira, filha de Alberto de Menezes Teixeira e de sua mulher Leocadia de Menezes Teixeira. Filhos do primeiro matrimonio já descriptos em Titulo — Rodrigues de França, em 7-10 de pagina 192 do 3.º volume.

Filhos do segundo matrimonio:

- 4-1 Eleonora.

- 4-2 Nazareth.

- 4-3 Decio.

- 4-4 Maria de Lourdes.

- 4-5 Moacyr.

- 3-3 Americo Vianna, casado com Marietta Adamczik Vianna, filha de Conrado Adamczik e de sua mulher Francisca Santos.

Filhos:

- 4-1 Maria Luiza de Amorim, Professora Normalista, casada com Archimedes Craveiro de Amorim.

Filhos:

- 5-1 Yole.

- 5-2 Archimar.

- 4-2 Vera Vianna Saraiva, casada com Oseas Saraiva.

Filhos:

5-1 Ney.

5-2 Neyde.

5-3 Oseas Junior.

4-3 Alba, falecida.

4-4 Floriano Vianna.

3-4 Victor Vianna, casado com Mercedes Natividade da Silva, filha do Major Joaquim Natividade da Silva e de sua mulher Elisa Ernestina da Silva.

Filhos:

4-1 Mario.

4-2 Candido.

4-3 Victor.

4-4 Edda.

2-3 Julia Vianna, casada com Pedro Miranda.

Teve:

3-1 Julia Vianna de Miranda.

3-2 Maria Vianna de Miranda.

3-3 Francisca Vianna de Miranda.

2-4 Joaquim Vianna, casado.

Filhos:

3-1 Presciliano Vianna.

3-2 Francisco Vianna.

3-3 Licinio Vianna, casado com Maria Theodora Betin, filha de Gregorio Betin.

Filhos:

4-1 Josepha Betin Ribas, casada com Sergio de Castro Ribas.

4-2 João, falecido.

3-4 Lucio Vianna, casado.

Filhos:

4-1 Cidalia

4-2 Eloisa

4-3 Cacilda

4-4 Dinah

} solteiras.

§ 2.º

1-2 Manoel Bento Vianna, casado em primeiras nupcias a 4 de Junho de 1836 com sua prima Domitilla Maria

da Trindade, filha do Alferes João de Sant'Anna Pinto e de sua mulher Maria Escolastica, e em segundas nupcias a 28 de Dezembro de 1839 com Francisca de Paula França, filha de Manoel de França e de sua mulher Maria Gertrudes.

Filha do primeiro matrimonio:

2-1 Leocadia Vianna.

Teve do segundo matrimonio:

2-2 Bento de Oliveira Vianna, casado com Barbara Teixeira Vianna, filha de Martinho Diogo Teixeira e de sua mulher Balbina Lopes.

Filhos:

3-1 Professor Elysio de Oliveira Vianna, nascido em Antonina a 29 de Setembro de 1876.

Terminado o seu curso primario, aperfeiçoou os seus estudos de portuguez, francez, latim e geographia nos collegios do Dr. José Justino de Mello e «Recreio Infantil», dirigido pelo professor portuguez Alberto Corte Real, em Antonina, e depois passou a estudar com o competente professor Arthur Ferreira de Loyola as mesmas materias e mais arithmetica, continuando sempre a progredir nos conhecimentos das mesmas disciplinas.

N'esta capital fundou mais tarde o professor Arthur Loyola um Collegio, convidando então para seu auxiliar ao professor Elysio Vianna, que annuindo ao convite, se transferiu para Curityba com o proposito tambem de fazer o curso da Escola Normal.

Mais tarde estudou preparatorios, tirando com brilhantismo alguns exames. O abalisado professor Elysio Vianna se aperfeiçoou em mathematicas e linguas, conhecendo perfeitamente o portuguez.

Por falta de recursos, deixou de proseguir os estudos preparatorios, dedicando toda a sua vida ao magisterio, fundando um collegio a que denominou «Collegio Vianna». Foi lente interino de portuguez do Gymnasio Paranaense, sendo

depois transferido para igual cadeira da Escola Normal, tendo sido mais tarde nomeado lente effectivo deste estabelecimento, após concurso brilhante. Foi lente substituto da cadeira de francez do Gymnasio Paranaense, da qual é hoje lente effectivo por concurso.

E' casado com Elvira Schmid, viuva de Generoso de Oliveira, filha de Adolfo Schmid e de sua mulher Emilia Brenner Schmid.

- 3-2 João de Oliveira Vianna, foi secretario do posto zootechnico de Ponta Grossa, hoje é auxiliar da Inspeção de carnes e derivados; casado com Rosa Vianna, filha do Major Francisco de Paula Ribeiro Vianna e de sua mulher Francisca Munhoz Ribeiro Vianna.

Com descendentes já descriptos em Titulo — Carasco dos Reis, em 6-6 de pagina 251 do 1.º volume.

- 3-3 José de Oliveira Vianna, habil guarda-livros em Curityba.

- 3-4 Antonio de Oliveira Vianna, commerciante, casado com Rita de Siqueira Cortes, filha de Benedicto de Siqueira Cortes e de sua mulher Anna Angelica Sampaio.

Filhos:

- 4-1 Cidalia.  
4-2 Maria de Lourdes.  
4-3 Nilson.  
4-4 Hamilton.

- 3-5 Maria de Oliveira Vianna.

- 3-6 Anna de Oliveira Vianna.

- 2-3 Elysio de Oliveira Vianna, casado com Guilhermina Saldanha, fallecida em Abril de 1880 (mais ou menos), em Campo Largo.

Filhos:

- 3-1 Maria.

- 3-2 Mercedes.

- 3-3 Alfredo de Oliveira Vianna, collecter das rendas estadoaes em Cambará, casado com Etelvina Ferreira Bello, filha de Ildefonso Ferreira Bello e de sua mulher Ursula Martins Saldanha.

- 3-4 Alzira.

- 3-5 Francisca Vianna de Albuquerque, casada com Fortunato de Albuquerque.  
Sem filhos.

- 2-4 Thereza Vianna, casada com Joaquim Saturnino Ferreira Bello.  
Sem filhos.

- 2-5 Joaquim de Oliveira Vianna.

- 2-6 Licinio de Oliveira Vianna, casado.

Filhos:

- 3-1 João José de Oliveira Vianna.

- 3-2 Josepha Vianna Ribas, casada com Sergio da Costa Ribas.

Teve:

- 4-1 Rosa.  
4-2 Sezefredo.  
4-3 Octavio, fallecido.  
4-4 Alfredo.  
4-5 Alcidia.  
4-6 Marietta.  
4-7 Laura.  
4-8 Octavio.  
4-9 Settas.

- 2-7 Theoberto de Oliveira Vianna, casado com Maria Floriana.

- 2-8 Manoel de Oliveira Vianna, casado com Francisca Baptista.

Filhos:

- 3-1 Amelia.

- 3-2 Izaura.

- 3-3 Francisco.

- 2-9 Leocadio de Oliveira Vianna.

- 2-10 José de Oliveira Vianna, casado com Maria dos Anjos.

- 2-11 Leocadia de Oliveira Vianna, casada com Pedro José Machado, 4-10 de pagina 366 do 3.º volume, ahí os ascendentes e descendentes.

- 2-12 Pedro de Oliveira Vianna, casado com Wlademira Pinto. Guarda-livros muito conceituado e estimado. Victima de injustiças e prepotencias policiaes, viu-se

na contingencia de perpetrar um crime, pelo qual respondeu a jury em Curityba, sendo absolvido.

Filhos:

3-1 Branca.

3-2 Cacima.

3-3 Oneida.

2-13 Isabel Vianna, casada com José Rochaél Pinto.

§ 3.º

1-3 Francisco de Oliveira Vianna, casado com Fortunata Silva.

Sem filhos.

§ 4.º

1-4 Floriano de Oliveira Vianna, casado.

Sem filhos.

§ 5.º

1-5 Francisca de Oliveira Vianna, casada com José Antonio Serrão.

Teve uma filha:

2-1 Maria Serrão Medeiros, casada com Antonio José Medeiros, residentes no Rio de Janeiro.

Com descendentes.

§ 6.º

1-6 Joaquim de Oliveira Vianna, falecido solteiro no Rio de Janeiro.

§ 7.º

1-7 Vicencia de Oliveira Vianna, casada com João Florencio Vianna.

Sem filhos.

§ 8.º

1-8 Fortunata de Oliveira Vianna, casada com seu primo Major Fausto Bento Vianna, 1-4 do § 4.º do Capítulo 2.º adiante.

Teve:

2-1 Maria Isabel Xavier, casada com Antonio Ignacio Xavier, natural de Portugal.

Teve:

3-1 Maria Aristides Xavier de Sá, casada com Francisco José Fortes de Sá, natural de Portugal, falecido; foi commerciante neste Estado.

Teve:

4-1 Celmira Fortes de Sá Busse, professora normalista, viuva do intrepido aviador Capitão João Busse, falecido em consequencia de desarranjo no avião que pilotava, em viagem de São Paulo para o Paraná, depois de ter completado com brilhantismo o curso de aviação.

O Capitão João Busse era natural de Curityba, filho do sr. João Henrique Busse e de sua mulher Maria do Carmo Busse, ambos já falecidos.

Nasceu em 28 de Março de 1886, revelando desde creança muita propensão para a arte militar. Não lhe sendo possivel emprehender carreira no Exercito, verificou praça no antigo Regimento de Segurança, hoje Força Militar do Estado, na qual pela sua intelligencia, honestidade e amôr ao estudo alcançou, numa brilhante carreira, o elevado posto de capitão.

Prestando os melhores serviços á corporação a que pertencia, o Capitão João Busse occupou varias commissões, entre ellas a de ajudante de ordens dos presidentes do Estado sr. Xavier da Silva e Carlos Cavalcanti. Foi um dos fundadores da Escola Paranaense de Aviação, e tanto entusiasmo tinha pela arriscada arte, que o governo do Estado o commissionou para cursar a Escola de Aviação da Força Militar de São Paulo, onde se brevetou, tendo sido discipulo do intrepido aviador Otton Hoover.

Ha dois annos que se achava estudando na capital paulista, e completando seu curso, almejava vir se apresentar ás autoridades do seu Estado e aos seus patricios pilotando elle proprio um apparelho.

O Capitão Busse e o mechanico Sardini Gennaro deixaram o aerodromo da Companhia Mac-Harvey, em Campinas, no dia 23 ás horas 8, pilotando um apparelho «Caudron», com motor de força de 120 cavallos, destinando-se a Curityba.

Apenas iniciaram o vôo, e alcançaram Indaiatuba, os aviadores, devido a uma «pane» no magneto, tiveram de aterrar inesperadamente, o que fizeram ás horas 10, com surpresa da população local que não esperava a visita dos aviadores.

Foram ali muito bem recebidos pelas autoridades e povo, e no dia seguinte, 24, ás 14 horas o avião alou-se ao seu destino indo baixar em Itapetininga. Nessa cidade, procurou o Capitão Busse preparar um novo tanque de gasolina em virtude dos reservatorios do apparelho serem insufficientes para vôos de longa distancia, demorando-se por isso apenas alguns dias. Sabbado o Capitão Busse tentou proseguir a sua viagem, falhando por duas vezes o funcionamento do apparelho, e vendo-se por isso obrigado a regressar, pedindo a vinda de mechanicos e material para Itapetininga.

Não obstante esses incidentes, impellido por um forte entusiasmo, o ardoroso moço não quiz parar em meio a sua viagem, e resoluteo aventurou o vôo fatal, que lhe custou a vida nesse horrivel desastre em Bury. Eis como o Prefeito Municipal dessa localidade noticia o fatal acontecimento: «Bury, 30 de Maio de 1921. Recebi seu telegramma; deu-se lamentavel desastre aviador Capitão Busse ás 13 horas; seu estado é gravissimo; referiu mechanico Ragni que obstruiu-se conducto oleo, deixou de funcionar conta giros, capitão mandou aterrar, para evitar bater numa casa muito a prumo, apparelho cambaleou aterrando capitão Busse a 20 metros; povo correu local, mechanico illeso. Chefe politico encontrando capitão desmaiado;

Angelo Guazelli e eu prestamos todo o socorro pharmaceutico. Deve chegar 18 horas medico legista trem especial. Em nome povo envio v. ex. sentimentos. Saudações. (a) Paulo Hugnes, Prefeito Municipal.» O Caudron approximava-se do logarejo Bury, á margem da Estrada de Ferro Sorocabana, quando o motor, que vinha desde a partida funcionando irregularmente, soffreu nova «pane» sendo impossivel o aviador suavizar a quêda com uma «chute en feuille». D'essa forma, de uma altura de cerca de 300 metros, o apparelho se foi projectar violentamente ao sólo, distando apenas 100 metros do cemiterio da pequena localidade.

Preparava-se ali uma festiva recepção ao ousado aviador, quando tão contristador accidente espalhou um pesar profundo em toda a villa.

Os ferimentos recebidos pelo Capitão Busse foram de grande gravidade, deixando-o em estado desesperador. O seu mechanico, sr. Sardini Gennaro, soffreu menos, não apresentando ferimentos graves.

Por faltarem recursos medicos em Bury, foi o inditoso aviador transportado em trem especial para Itapetininga onde veio a fallecer a 31 de Maio de 1921, rodeado de todos os carinhos e conforto dos paulistas. O seu corpo foi transportado para Curityba, recebendo as consagrações de seus patricios, já que não teve a ventura de receber as homenagens que o aguardavam quando esperado em seu regresso que deveria ser triumphal, si o desastre que o victimou não tivesse occorrido.

*A vida militar do aviador.* — O Capitão João Busse verificou praça a 1.º de Maio de 1904. A 21 de Março de 1905, foi graduado no posto de 2.º Sargento em attenção aos bons serviços prestados no gabinete do sr. Presidente do Estado como amanuense. Alferes em 28 de Julho de 1906, ficando á disposição da Presidencia do Estado. Em 1907 a 2 de Março foi nomeado ajudante de ordens do dr. Presidente do Estado. A' 10 de . . . . . de 1912 foi promovido a 1.º Tenente. A' 13 de Outubro de 1912, seguiu com a Força para

Palmas tendo tomado parte no combate do Irany, junto ao Coronel João Gualberto. Ao regressar a esta capital, requereu Conselho de Guerra, afim de que não pairassem duvidas sobre o seu procedimento no alludido combate. O Supremo Tribunal de Justiça confirmando a Sentença do Conselho de Guerra o absolveu por unanimidade de votos, sendo louvado pelo exmo. sr. Presidente do Estado pela sua conducta no Irany. A' 28 de Dezembro de 1914, foi designado para commandar um piquete ficando á disposição do General Setembrino, piquete este que commandou durante todas as operações do Contestado, sendo diversas vezes elogiado pelo General Setembrino. Foi promovido a Capitão á 28 de Fevereiro de 1926. A' 12 de Fevereiro de 1920 teve permissão para matricular-se na Escola de Aviação do Estado de São Paulo. A' 28 seguiu ao seu destino.

As folhas da fé de officio do Capitão Busse encerram numerosos elogios, constituindo uma brilhante historia da vida do distincto militar. A escassez de tempo obrigou-nos a reduzir estas notas, que opportunamente ampliaremos.

*Em 1918.* — Fevereiro. — A' 10, o sr. Tenente-Coronel commandante geral da Força louvou-o á pedido do sr. dr. Chefe de Policia pelo seu valioso concurso durante os tres dias de Carnaval, na manutenção da ordem publica, disciplina e criterio com que se houve no desempenho das ordens que lhe foram confiadas.

Maio — á 25, em face do artigo 10.º da lei numero 1781, foi-lhe mandado contar pelo dobro, para effeito de reforma, os periodos de tempo decorridos de 13 de Outubro a 1.º de Dezembro de 1912 e de 31 de Agosto a 1.º de Outubro de 1914.

Junho — á 19, o sr. Tenente-Coronel Benjamin Augusto Lage, commandante geral da Força, ao deixar esse cargo, louvou-o pelos bons serviços que vem prestando com devotamento á Força.

A' 27, o sr. Major João Monteiro do Rosario, ao deixar o commando geral interino da Força, elogiou-o

pela admiravel habilidade com que vem exercendo o seu cargo, esforçando-se para que esta corporação sempre e cada vez mais se eleve no conceito publico. Setembro — á 19, o commandante geral da Força ao fazer publico a agradavel impressão recebida pelo commando da Circumscripção Militar, por motivo da revista e desfile na parada de 7 de Setembro, foi louvado pelo commandante do Batalhão, pelo auxilio e esforço e a melhor boa vontade que empregou conseguindo que as praças nada deixassem a desejar.

Na mesma data obteve permissão para effectuar um raid desta capital a Jaguarahyva.

A' 25, conforme communicação do sr. dr. presidente da Escola de Aviação Paranaense, acha-se matriculado na referida Escola como alumno effectivo.

A' 30, seguiu em serviço de Justiça a Jaguarahyva. Outubro — á 14, regressou, a 18, foi louvado pelos esforços e a maxima boa vontade empregados para que na esphera de suas funcções, as dependencias deste Quartel e a repartição a seu cargo fossem encontradas em boa ordem e asseio, por occasião da visita do general Luiz Barbedo, commandante da Sexta Região Militar.

Teve:

- 5-1 Doutora Yone Busse, diplomada em medicina.
- 4-2 José Fortes de Sá, casado com Maria Julia Gonçalves de Sá. Elle foi assassinado em 4 de Setembro de 1928, em uma disputa com um seu desaffectedo que tambem tombou sem vida.

Filhos:

- 5-1 Fausto Fortes de Sá, fallecido com 6 mezes.
  - 5-2 Glauco Fortes de Sá.
  - 4-3 Adherbal Fortes de Sá, Capitão da Força Publica do Estado.
  - 4-4 Oswaldo Fortes de Sá, casado com Trindade Marins.
- Teve:
- 5-1 Yole.
  - 5-2 Yára.
  - 4-5 Antonio Ignacio Fortes de Sá.
  - 4-6 Fausto Fortes de Sá.

3-2 Fausto Xavier, casado com Damiana da Silveira.

§ 9.º

1-9 Leonidia de Oliveira Vianna, casada com Francisco José Machado, 4-5 de 3-5 de pagina 360 do 3.º volume.

Teve:

2-1 Auta Oliveira Machado, casada em Antonina em 1872 com João de Souza Lopes, residentes em Paranaguá; natural de Antonina. Com descendentes em 5-3 de pagina 360 do 3.º volume.

2-2 Ildefonso Oliveira Machado, natural de Tagassaba, municipio de Guarakessaba. Falleceu solteiro.

2-3 Basilio de Oliveira Machado, casado com Cora da Silva Machado. Natural de Antonina, onde falleceu. Com descendentes em 5-2 de pagina 360 do 3.º volume.

CAPITULO 2.º

- 2 — Capitão Floriano Bento Vianna, natural de Paranaguá, cujo nome ficou gravado na Historia do Paraná. São extrahidos da «Galeria Nobre» do «Itiberê», importante revista que se publica em Paranaguá, os seguintes dados sobre esse eminente patriota:
- «Laborioso e inteligente, dedicou-se desde sua mocidade á afoza vida do commercio e da agricultura, no chamado 2.º districto de Paranaguá, onde possuia fabrica de beneficiar arroz, mandioca e aguardente, no lugar «Tremomó», possuindo engenho de serra nas proximidades da Bahia das Lorangeiras.
- «Assentou praça no Regimento de Milicia de Paranaguá, subindo os postos de escala até o de Capitão da 4.ª Companhia de seu regimento.
- «Desde logo se tornou notado pelo exemplar com-

portamento, intelligencia e dedicação pelo serviço militar e mais do que tudo, pelo seu acendrado patriotismo, demonstrado mais de uma vez.

«Intrepido, brioso e calmo, desempenhou arriscadas commissões, que lhe valeram a estima e a consideração de seus superiores hierarchicos.

«A Revolução liberal de Portugal no anno de 1821, prodromo da nossa Independencia, repercutio de forma benefica em todo o Brasil.

«Governos Provisorios foram estabelecidos de Norte a Sul, planejando a Independencia do Brasil com a instituição de Provincias autonomas.

«A região Paraniana, que então era parte integrante de São Paulo, e que desde 1811 ardia em desejos de constituir Provincia aparte, não podia tornar-se indifferente aos acontecimentos.

«Paranaguá, que era o centro pensante desta região, agitou-se e planejou organizar o seu Governo Provisorio, independente do de São Paulo, segundo narra D. Cordula Rodrigues de França, contemporanea dos acontecimentos, em carta, que se tornou memoravel, dirigida á seu filho José Martins de Araujo.

«Esse Governo devia se compôr do Ouvidor da Comarca de Paranaguá e Curityba, Dr. José Carlos Pereira de Almeida Torres, do Coronel Ignacio de Sá Sotto-Maior, Commandante do Regimento de Cavalaria de Curityba, do Capitão José Luiz Pereira, como Secretario do Interior, Bento Gonçalves Cordeiro do Nascimento e José Gonçalves do Nascimento, Deputados pela Agricultura; Capitão-mór Manoel Antonio Pereira e Capitão Bento Antonio da Costa, Deputados pelo Commercio; Capitão Amaral, de Antonina, Deputado pela Marinha; Capitão Jacintho Xavier Neves e Sargento-mór Antonio José Leite Bastos, Deputados pela Tropa; Padre Antonio Rodrigues de Carvalho, de Morretes, e Padre Manoel Antonio da Costa Nogueira, Deputados pelo Clero.

«Chefiavam o movimento de propaganda separatista, em Paranaguá, o Sargento-mór Francisco Gonçalves da Rocha e o Capitão, mais tarde Sargento-mór, Igna-

cio Lustoza de Andrade, ambos do Regimento de Ordenanças da villa. Tudo fôra planejado para o dia 15 de Julho de 1821, no momento em que a força estivesse formada em frente ao edificio da Camara Municipal, onde se deveria jurar as bases da nova Constituição. Faltava porem, uma pessoa resoluta e desembaraçada, capaz de fazer a Proclamação do Governo Provisorio da nova Provincia. O Sargento-mór Rocha e Capitão Ignacio Lustoza, procuraram o então Sargento Floriano Bento Vianna, que reunia a intelligencia ao desembaraço, e o induziram ao pronunciamento separatista, destinando-lhe o importante papel de solicitar do Ouvidor em nome do povo e das tropas, que se representasse a sua magestade pedindo a emancipação da comarca e a constituição della em Provincia separada de São Paulo; appellaram para o seu patriotismo, promettendo-lhe que o apoiariam com o prestigio de seus cargos militares a fazer triumphar a causa nobre. O Sargento Floriano orgulhosamente aceitou a nobilitante missão, sem importar-se com as consequencias que d'ahi lhe poderiam advir, pondo em jogo a sua propria vida.

«No dia aprazado, as forças achavam-se postadas na frente do Paço Municipal, em cujas sacadas se achavam as autoridades locais, com o estandarte respectivo, como era costume.

«Logo após a solemnidade do juramento da Constituição Portugueza e da aclamação de sua Magestade, o Sargento Floriano Bento Vianna, dando um passo á frente de seu Batalhão, dirigio á Camara Municipal este requerimento verbal: — «Illustrissimos Senhores. Temos concluido com o nosso juramento de fidelidade, agora queremos que se nomeie um Governo Provisorio para que nos governe em separado da Provincia de São Paulo. Pedimos que deste requerimento se dê parte a Sua Magestade.»

«Ao que retrucou o Juiz de Fóra que se achava na sacada:

«Ainda não é tempo; com vagar se hade representar á Sua Magestade», respondendo-lhe o intrepido Sar-

gento: — «O remedio se deve applicar ao mal logo que se manifeste. Portanto, não pode haver occasião mais opportuna.» (Memoria Historica de Paranaguá, de Antonio Vieira dos Santos.)

«Os presentes emmudeceram, receiosos das consequencias que desse acto podia acarretar. Os proprios Sargento-mór Francisco Gonçalves da Rocha e Capitão Ignacio Lustoza de Andrade, instigadores do Sargento Floriano, que lhe prometteram apoio, ficaram silenciosos e quiçá acobardados. Nem siquer uma palavra deram em favor da santa causa, nesse momento historico.

«Felizmente, o facto não teve graves consequencias. O Sargento nem siquer foi prezo e, pouco tempo depois, foi promovido a Official, chegando ao posto de Capitão, e em attenção a seus serviços foi condecorado com a Commenda da Ordem da Rosa.

«O Ouvidor Dr. José Carlos de Almeida Torres, que residia em Curityba, escreveu a Floriano Vianna, pedindo-lhe o informasse do occorrido e applaudio o seu acto. Quando em 1847 o patriótico paranaense Francisco de Paula e Silva Gomes, no Rio de Janeiro, procurava reviver a campanha separatista, appellou para Floriano Bento Vianna, o incitando a proseguir na nobre causa que abraçára em 1821, afim de que podessem ver realisado o grande ideal da Emancipação do Paraná.

«Em honra a tão benemerito cidadão, as municipalidades de Paranaguá e Curityba deram o seu nome a uma das ruas destas duas cidades.»

Foi casado com sua prima Anna Gonçalves de Moraes, filha de José Gonçalves de Moraes e de sua terceira mulher Francisca Emilia Vianna.

De seu consorcio houve 9 filhos:

1-1 Floriana Sebastiana Vianna . . . . .	§ 1.º
1-2 Oristella Docil de Mesquita . . . . .	§ 2.º
1-3 Eulampio Bento Vianna (vêr pagina 196)	§ 3.º
1-4 Fausto Bento Vianna (vêr pagina 202) .	§ 4.º
1-5 Felismina Vianna . . . . .	§ 5.º
1-6 Leopoldo Bento Vianna . . . . .	§ 6.º

- 1-7 Maria Amalia Vianna . . . . . § 7.º  
 1-8 Lilia Vianna . . . . . § 8.º  
 1-9 Floriano Bento Vianna Filho . . . . . § 9.º

## § 1.º

- 1-1 Floriana Sebastiana Vianna, casada com José Gabriel Pereira.  
 Teve:  
 2-1 José Vianna Pereira.  
 2-2 Sizinio Vianna Pereira.  
 2-3 Maria Vianna.  
 2-4 Augusta Vianna.

## § 2.º

- 1-2 Oristella Docil de Mesquita, casada em primeiras nupcias com João França.  
 Casada em segundas nupcias com Lourenço Justiniano Soares.  
 Do segundo matrimonio não teve filhos.  
 Teve do primeiro matrimonio:  
 2-1 Francisco França, casado e com descendencia em Campos Novos, Santa Catharina.  
 2-2 João Cardozo de França, casado com Jovina Gonçalves Cordeiro, filha do Coronel Bento Gonçalves Cordeiro e de sua mulher Mathilde Gonçalves Cordeiro.  
 Sem descendentes.  
 2-3 Felinto.  
 2-4 Alzira França Linhares, casada com o Coronel Joaquim Barnabé Linhares.  
 Teve:  
 3-1 Edwiges, falecida solteira.  
 2-5 Deolinda França de Figueiredo, casada com Antonio Candido de Figueiredo, natural de Portugal, negociante em Morretes, onde falleceu.  
 Teve:  
 3-1 Carolina de Figueiredo Gheur, casada em primeiras nupcias com Francisco Joaquim

Condessa, portuguez, architecto, filho do architecto Joaquim Condessa e de sua mulher Maria Rosa Condessa.

Francisco Joaquim Condessa apenas tinha recebido aquelle gráo conferido pela Universidade de Coimbra, quando deixou, com os seus tres irmãos, o velho Portugal em demanda das nossas plagas.

Em 1882, empreitou a construcção das obras do «Rochedo», da linha de Paranaguá a Curityba, ponto esse situado na Serra do Mar. Falleceu na cidade de Antonina pouco tempo depois de ter concluido o difficilimo e penoso trabalho que hoje representa o conhecido «Viaducto Carvalho».

Em segundas nupcias se casou com François Gheur, natural de Liège (Belgica), engenheiro, filho de Lambert Gheur e de sua mulher Maria Joanna Lambèye Gheur.

François Gheur consagrou a maior parte da sua existencia, isto é, o periodo de 36 annos, ao serviço ferroviario do Paraná.

Como auxiliar do Snr. Dr. Jorge Lalouette, construiu varios trechos da estrada de ferro de Curityba a Ponta Grossa e do ramal do Rio Negro.

Mais tarde exerceu outros cargos de destaque, notadamente os de chefe da via permanente da Paraná e da São Paulo—Rio Grande em cujo cargo se aposentou. Morreu em Curityba, no anno de 1926, onde gozou sempre de vasta amisade e merecida estima.

Teve do primeiro matrimonio:

- 4-1 Dr. Francisco de Figueiredo Condessa, bacharel em direito pela Universidade do Paraná e Juiz Municipal de Morretes. Casado com Sebastiana Medeiros de Moraes, filha do Capitão do Exercito Manoel Ignacio Pereira de Moraes, fallecido, e de sua mulher Honorina Medeiros de Moraes, tambem fallecida.

Filhos:

- 5-1 Orlando.  
 5-2 Paulina.  
 5-3 Odilon.

- 5-4 Ubirajára.
  - 5-5 Zelmi, falecida.
  - 5-6 Arylon.
  - 5-7 Eros.
  - 5-8 Zenon.
- Teve do segundo matrimonio:
- 4-2 Alice Gheur Godoy, casada com Euclides Godoy, funcionario ferroviario.
- Teve:
- 5-1 Leony.
  - 5-2 Cid.
  - 5-3 Carmen.
  - 5-4 Maria de Lourdes.
  - 5-5 Acyr.
- 4-3 Aladya Gheur dos Santos, casada com Adalberto Ricardo dos Santos, funcionario da Secretaria de Finanças do Estado, filho do Agrimensor Virgilio Ricardo dos Santos e de sua mulher Joaquina dos Santos, natural do Rio de Janeiro.
- Teve:
- 5-1 Mauro.
  - 5-2 Zoê.
  - 5-3 Eglée.
  - 5-4 Adalberto.
- 4-4 Gastão Gheur, fiscal dos impostos de consumo, casado com Aurea Moura, filha do Coronel Brasilino Moura e de sua mulher Veronica Moura.
- Filhos:
- 5-1 Yone.
  - 5-2 Sonia.
  - 5-3 François.
  - 5-4 Enoy.
- 4-5 Gilberto Gheur, funcionario do Banco do Brasil, em Florianopolis, onde é casado com Ondina Simone, cantora de escola e de nomeada, filha de Paschoal Simone e de sua mulher Eugenia Simone.
- Teve:
- 5-1 Myrza.
- 4-6 Reinaldo Gheur, Chefe de secção do escriptorio da via permanente da estrada de ferro, casado a 24 de

- Abril de 1929 com Fausta Picheth, filha de Nicolau José Picheth e de sua mulher Elvira Picheth.
- Filho:
- 5-1 Wilson.
- 4-7 Eleonora Gheur, casada com Francisco de Araujo Maciel, fazendeiro em Palmas.
- Filha:
- 5-1 Zinára.
- 4-8 Marina Gheur Puglielli, casada com Francisco Puglielli, commerciante, gerente da Casa Ideal de Alberto Elias, filho de Luiz Puglielli e de sua mulher Julia Puglielli.
- Teve:
- 5-1 Cleomar.
- 4-9 Edmée Gheur, casada com Imer Colares Marques.
- 3-2 Eugenia de Figueiredo Condessa, casada com Luiz Condessa, falecido em 1925, natural de Portugal, cidadão laborioso e emprehendedor, geralmente estimado. Era agrimensor pratico e constructor; filho de Joaquim Condessa e de sua mulher Maria Rosa Condessa.
- Teve:
- 4-1 Dr. Eugenio de Figueiredo Condessa, professor da Escola de Aprendizes Marinheiros de Paranaaguá. E' Bacharel em Direito. Espirito lucido e trabalhador incansavel. Casado com Ondina de Oliveira Condessa, filha do Major Luiz Marianno de Oliveira, que foi Contador dos Correios do Paraná e hoje de Nictheroy, e de sua primeira mulher Noemia Neves de Oliveira.
- Filhos:
- 5-1 Milton.
  - 5-2 Dircéa.
  - 5-3 Dalton.
  - 5-4 Nilza.
- 4-2 Sylvia Condessa Lobato, casada com Leoncio Lobato, guarda-livros.
- Filhos:
- 5-1 Idanir.
  - 5-2 Ledy.

- 5-3 Leoncio.
- 5-4 Sylvia.
- 5-5 Eugenio.
- 5-6 Angelina.
- 5-7 Oly.
- 5-8 Myriam Leda.
- 4-3 Joaquim de Figueiredo Condessa, da força aduaneira da Alfandega de Paranaguá, casado com Palmyra Schmidlin.  
Filhos:  
5-1 Cid.  
5-2 Dicezar.  
5-3 Adahyr.  
5-4 Dirceu.
- 4-4 Exalda Condessa, casada com Olivio Paulus, socio-gerente da «Casa Londres».  
Teve:  
5-1 Ayrton.  
5-2 Olivio.
- 3-3 Augusto de Figueiredo, foi casado com Lucilia Landal, filha do engenheiro francez Theodoro Landal e de sua mulher Gertrudes Daniel Landal. Foi activo commerciante em Curityba, onde falleceu.  
Filhos:  
4-1 Antonio de Figueiredo, commerciante, estabelecido em Blumenau, casado com Hilda Deeke. Até hoje sem descendencia.
- 4-2 Lucilia de Figueiredo Garrido, casada com João Garrido.  
Teve:  
5-1 Marilda.  
5-2 Marina.  
5-3 João.  
5-4 Ophelia.
- 4-3 Eugenio de Figueiredo, casado com Virginia Giraud.  
Teve:  
5-1 Carlos.  
5-2 Margarida.  
5-3 Alice.

- 5-4 Dirceu.
- 4-4 Galileu de Figueiredo, casado com Rosa Dallegrave.  
Teve:  
5-1 Augusto.  
5-2 João Renato.
- 4-5 Cincinato de Figueiredo, casado com Jandyra Calderari.  
Teve:  
5-1 Francisco Augusto.  
5-2 Lucilia Amelia.  
5-3 Sara.
- 3-4 Luiz Nery de Figueiredo, falleceu ainda jovem no Rio de Janeiro.
- 3-5 Antonio, falleceu ainda criança.
- 2-6 Luiz, fallecido.
- 2-7 Lourenço, fallecido.
- 2-8 Narciso França, foi casado em primeiras nupcias com Maria Carmeliana de Miranda, 3-3 de 2-5 do § 1.º, Capitulo 1.º, Titulo Tavares de Miranda deste volume; sem filhos.  
Casado em segundas nupcias com sua cunhada Lysia Rosa de França, 3-1 de 2-5 do § 1.º do Capitulo 1.º do Titulo Tavares de Miranda deste volume; ahi a descendencia.

## § 3.º

- 1-3 Eulampio Bento Vianna, casado com Maria Euphrosia Vianna, de quem elle foi segundo marido. (Vêr 1-1 do § 1.º, Capitulo 1.º, deste Titulo, pagina 196.) Ahi a descendencia.

## § 4.º

- 1-4 Major Fausto Bento Vianna, casado com Fortunata de Oliveira Vianna, 1-8 do § 8.º de pagina 202 deste volume; ahi a descendencia.

## § 5.º

- 1-5 Felismina Vianna, casada com Adriano Manxakra.  
Filhos:  
2-1 Carmellina.  
2-2 Custodio.

## § 6.º

- 1-6 Leopoldo Bento Vianna, nautico; era comandante de navio mercante.

## § 7.º

- 1-7 Maria Amalia Vianna, casada com Antonio da Silva Gomes.  
Filhos:  
2-1 Manoel da Silva Gomes.  
2-2 Evaristo da Silva Gomes.  
2-3 Euphrasia da Silva Gomes.  
2-4 Aurea da Silva Gomes.

## § 8.º

- 1-8 Lilia Vianna, casada com Francisco . . . . .  
Sem descendentes.

## § 9.º

- 1-9 Floriano Bento Vianna Filho, casado.

## CAPITULO 3.º

- 3 — Francisco Bento Vianna, casado.  
Residentes em Paranaguá.

## CAPITULO 4.º

- 4 — Carlos Bento Vianna, falecido solteiro em Paranaguá.

## CAPITULO 5.º

- 5 — Michaela Vianna, casada com Pedro Rodrigues.  
Sem descendentes.

## CAPITULO 6.º

- 6 — Francisca Emilia Vianna, foi a terceira esposa de José Gonçalves de Moraes, 2-8 de pagina 198 do 4.º volume.  
Teve:  
1-1 Americo Gonçalves de Moraes . . . . . § 1.º  
1-2 Anna Gonçalves de Moraes . . . . . § 2.º

## § 1.º

- 1-1 Americo Gonçalves de Moraes, casado com Escolastica de Moraes.  
Filhos:  
2-1 Americo Gonçalves de Moraes Filho.  
2-2 José Gonçalves de Moraes.  
2-3 Beliza de Moraes Freitas, casada com o Major João de Deus Freitas. (Não conseguimos dados relativos a este ramo, apesar de nosas reiteradas diligencias a respeito.)

## § 2.º

- 1-2 Anna Gonçalves de Moraes, casada com o Capitão Floriano Bento Vianna, Capitulo 2.º deste Titulo, de pagina 208, ahi os traços biographicos e descendencia.

## CAPITULO 7.º

- 7 — Emilia Vianna.

## CAPITULO 8.º

- 8 — Ludovina de Oliveira Vianna, casada com o Sargento-mór José da Costa Pinto. Era possuidor de uma casa na Rua Fechada, fazendo frente para o Pateo da Matriz, no local onde se acha edificada a magestosa

Cathedral de Curityba. Era filho do Capitão Balthazar da Costa Pinto e de sua mulher Francisca Laynes. O Sargento-mór José da Costa Pinto falleceu com testamento em 1830, no qual declarou não deixar filhos do casal e sim alguns naturaes.

## CAPITULO 9.º

9 – Albina Vianna, casada.

Teve:

- |                       |       |
|-----------------------|-------|
| 1-1 José . . . . .    | § 1.º |
| 1-2 Antonio . . . . . | § 2.º |

## CAPITULO 10.º

10 – Vicencia Vianna, casada.

## CAPITULO 11.º

11 – Anna Flora Vianna, casada com José Fernandes Ribeiro da Rocha.

Teve:

- |  |       |
|--|-------|
| 1-1 Francisco Vianna da Rocha . . . . .  | § 1.º |
| 1-2 Eduwiges Vianna da Rocha . . . . .   | § 2.º |
| 1-3 Maria Vianna da Rocha . . . . .      | § 3.º |
| 1-4 Antonia de Oliveira Vianna . . . . . | § 4.º |

## § 1.º

1-1 Francisco Vianna da Rocha.

## § 2.º

1-2 Eduwiges Vianna da Rocha.

## § 3.º

1-3 Maria Vianna da Rocha.

## § 4.º

1-4 Antonia de Oliveira Vianna, casada com João da Costa Pinto.

Teve:

2-1 José da Costa Vianna, fallecido, foi casado com Marina Dellê Vianna.

Filhos:

3-1 Belmiro Dellê Vianna.

3-2 Alphonsine Dellê Vianna, professora normalista, casada com Guilherme Augusto Klingelfuss.

Teve:

4-1 Augusto.

4-2 Alphonsine.

3-3 Aline Dellê Vianna, casada com Ewaldo Presth.

Teve:

4-1 Adoá Presth.

3-4 Rodolpho Dellê Vianna.

3-5 Adelaide Dellê Vianna.

3-6 Orlando Dellê Vianna.

3-7 Percy Dellê Vianna.

3-8 Napoleão Dellê Vianna.

2-2 Francisca Vianna da Costa e Silva, casada com José Leonardo da Silva, natural de Paranaguá, fallecido.

Teve:

3-1 José Candido da Silva, natural de Antonina, foi Collector Federal em Deodoro, casado com Amelia Pereira da Silva, professora da Colonia Nova Tyrol.

Filhos:

4-1 Maria Antonietta, fallecida.

4-2 Maria José, fallecida.

4-3 Maria de Lourdes.

4-4 Onofre Newton.

3-2 Maria Elisa da Silva Fumagalli, professora normalista, casada com Walfrido Fumagalli, 7-1 de 6-8 de pagina 127 do 3.º volume.

Teve:

4-1 Claudio Fumagalli.

4-2 Walfrido Fumagalli.

4-3 Lory Fumagalli.

4-4 Lucy Fumagalli.

4-5 Edislas Fumagalli.

4-6 Ludy Fumagalli.

- 4-7 Lygia Fumagalli.
- 4-8 Affonso, falecido.
- 4-9 Vicente Fumagalli.
- 3-3 Benedicta Lucia da Silva.
- 3-4 Guilhermina, falecida em criança.
- 2-3 Maria Joanna da Costa Lobato, professora aposentada, viuva de Francisco Heraclito da Costa Lobato, natural de Antonina, foi professor publico em São João da Graciosa em 1876, onde tambem foi Agente do Correio.  
Teve:
  - 3-1 Maria da Conceição.
  - 3-2 Arthur, falecido em criança.
  - 3-3 Izaura, falecida em criança.
  - 3-4 João, falecido em criança.
  - 3-5 Helena da Costa Lobato, casada com João Rosa do Amaral.  
Teve:
    - 4-1 Maria.
    - 4-2 Manoel.
    - 4-3 Jandyra.
    - 4-4 Heitor.
    - 4-5 Maria José.
    - 4-6 Sebastiana.
    - 4-7 Almedina, falecida.
    - 4-8 Odilos, falecido.
- 3-6 Izaura da Costa Lobato, casada com Olegario Franco de Oliveira.  
Teve:
  - 4-1 Eugenio.
  - 4-2 Nilson.
  - 4-3 Maria.
  - 4-4 João.
  - 4-5 Glauca.
- 3-7 Nelson da Costa Lobato, casado com Willermina Gonçalves Cordeiro.  
Teve:
  - 4-1 Genny Lobato.
- 2-4 Guilhermina Vianna da Costa Pinto, professora, casada com o Capitão Joaquim da Costa Pinto, foi

negociante em São João da Graciosa e em Campina Grande.

Teve o filho unico:

3-1 Isidoro da Costa Pinto, professor normalista e homem de letras.

Casado 4 vezes:

Em primeiras nupcias com Maria Rita de Oliveira Pinto, professora normalista, natural da Lapa.

Sem descendentes.

Em segundas nupcias casou com Ottilia da Cunha Pinto, natural de Palmas, filha de João Manoel da Cunha Sobrinho.

Teve:

4-1 Ottilia.

Em terceiras nupcias foi casado com Emilia dos Santos Pimpão.

Sem descendentes.

Em quartas nupcias é casado com Silvina da Cunha Pinto, irmã de sua segunda mulher Ottilia da Cunha Pinto.

Teve:

4-2 Leozyl, falecido.

4-3 Huldegrina.

2-5 Benedicto da Costa Vianna, casado com Elvira Alves Vieira Vianna.

Filhos:

3-1 João Alves Vianna.

3-2 Elisa Alves Vianna.

3-3 Camillo Alves Vianna.

3-4 Daria Alves Vianna.

2-6 Maria, falecida em criança.

2-7 Manoel, falecido em criança.

#### CAPITULO 12.º

12 — Flora Vianna.

#### CAPITULO 13.º

13 — Escolastica Vianna, casada com Francisco Ferreira Cordeiro.

Teve:

- |   |       |
|---|-------|
| 1-1 Maria Escolastica Ferreira . . . . .            | § 1.º |
| 1-2 Anna Escolastica de Oliveira Cordeiro . . . . . | § 2.º |
| 1-3 Fernando Vianna Cordeiro . . . . .              | § 3.º |
| 1-4 Hermogenes Vianna Cordeiro . . . . .            | § 4.º |
| 1-5 Euphrosina Vianna Cordeiro . . . . .            | § 5.º |

## § 1.º

- 1-1 Maria Escolastica Ferreira, casada em primeiras nupcias com João de Sant'Anna Pinto e em segundas nupcias com o Capitão Fidellis José da Silva Carrão, Capitulo 1.º do Titulo Silva Carrão deste volume.

Teve do primeiro matrimonio:

- 2-1 João de Sant'Anna Pinto Filho, casado com . . . . .

Teve:

- 3-1 João de Sant'Anna Netto.

- 2-2 Domitilla Pinto, casada com seu primo Manoel Bento Vianna (ou Manoel de Oliveira Vianna?), já descriptos em 1-2 do § 2.º, Capitulo 1.º, retro.

Teve do segundo matrimonio:

- 2-3 Maria da Conceição Ferreira, casada com Manoel Eleoterio Cabral, 1-1 do § 1.º do Capitulo 1.º do Titulo Silva Carrão, deste volume; ahi os descendentes.

- 2-4 Paulino da Silva Carrão, casado, § 2.º do Capitulo 1.º do Titulo Silva Carrão, deste volume.

## § 2.º

- 1-2 Anna Escolastica de Oliveira Cordeiro, casada com o Tenente Benedicto Vidal Pinto.

Teve:

- 2-1 Maria Escolastica de Oliveira, casada com Manoel Balduino Lopes, de quem foi a segunda mulher.

Teve os filhos descriptos em 3-1 de pagina 29 do 3.º volume.

- 2-2 Pedro Ferreira Pinto, casado com Maria Vianna.

Teve:

- 3-1 Francisca Pinto Storache, casada com José Storache.

Filhos:

- 4-1 Leoncio Pinto Storache, casado.

## § 3.º

- 1-3 Fernando Vianna Cordeiro, casado.

## § 4.º

- 1-4 Hermogenes Vianna Cordeiro, casado.

## § 5.º

- 1-5 Euphrosina Cordeiro Pinto, casada com Ignacio Antonio Pinto.





## Titulo Góes de Siqueira



origem dos Góes de Siqueira, no Paraná, data de seu povoamento, pois que varios de seus membros foram companheiros do Capitão Povoador Gabriel de Lara, na sua grandiosa jornada de 1640, vindo povoar e guarnecer Paranaguá, com a força militar de seu commando. Os nomes dos membros dessa familia afluavam em todos os actos officiaes, na organização militar, social e politica das novas povoações fundadas por Gabriel de Lara. No serviço das minas, em busca do ouro e da prata, lá estavam elles entre os primeiros. Em Dezembro de 1648, Gabriel de Góes figura entre os que assignaram o termo de reunião do povo de Paranaguá, pedindo a Gabriel de Lara que — «como Capitão desse povo, fizesse proceder a eleição da primeira governança da povoação, de accordo com a Provisão do Syndicante,

que manda crear a justiça» —. Gabriel de Góes era casado com Ignez Gonçalves, de Taubaté, e que foram os paes de Miguel de Góes e de Ignez Gonçalves, a moça.

Luiz de Góes foi um dos signatarios da acta do levantamento do Pelourinho de Curityba, em Novembro de 1668, figurando ao lado de Gabriel de Lara, e das principaes pessoas da nobreza desse povoado. Assignou ainda, conjunctamente com Vicente de Góes, e mais pessoas da nobreza e povo, em Março de 1693, a petição dirigida ao Capitão Povoador Matheus Martins Leme, solicitando a creação da justiça e a escolha dos homens para a governança da villa de Curityba, cujo pelourinho fora erecto em 1668.

Vicente de Góes era casado com Luzia Rodrigues, filha de Luiz Rodrigues e de sua mulher Izabel de Pina, fallecida com testamento em Curityba a 14 de Dezembro de 1691, no qual declarou ser natural de Paranaguá e ser filha de Antonio da Motta de Marins e de sua mulher Maria de Pina.

Bartholomeu de Thorales, do qual já tratamos no volume 4.º, ás paginas 229 e 308, desta obra, e que em Junho de 1648 obteve uma — «*sesmaria de terras no reconcavo da nova povoação de Paranaguá*» — onde era — «*morador e ajudou a povoar com sua pessoa, fazendo descobrimentos de muitas minas de ouro*» — (sic!), se casou em São Paulo a 12 de Setembro de 1636 com Maria de Góes, filha de Antonio Raposo (o velho), fallecido em 1633, e de sua mulher Izabel de Góes. Era portanto Thorales cunhado do valoroso bandeirante Antonio Raposo (o moço), que a frente de 900 mamelucos e 2.000 sertanejos investiu em 18 de Setembro de 1628 contra as reduções hespanholas de Guayra, que destruiu, aprisionando grande numero de selvicolas. (Volume 4.º, paginas 228 e 308, desta obra. — «*Nobiliarchia Paulistana*» de Pedro Taques, Titulo Laras. — «*Genealogia Paulistana*», volume 3.º, Titulo Raposo Góes, pag. 3.) Uma irmã de Maria de Góes era casada com Domingos Dias de Moura, parente de Simão Dias de Moura

que em 20 de Fevereiro de 1656, fora empossado no cargo de Capitão-mór de Paranaguá, como já relatamos á pagina 6 do 4.º volume, desta obra, em Titulo Laras.

O donatario de São Vicente, Martim Affonso de Souza, trouxe em 1531, em sua companhia «*varios homens de fôro de fidalguia e cavalleiros da ordem de Christo, sendo entre elles, os mais estimados Luiz de Góes, casado com D. Catharina, e seus irmãos Pedro de Góes, que depois foi capitão-mór da armada, pelos annos de 1553, e falleceu em São Paulo, e Gabriel de Góes, todos com fôro de fidalguia; Domingos Leitão, casado com uma filha do dito Luiz de Góes.*» («*Nobiliarchia Paulistana*» de Pedro Taques, Titulo Prados.)

De um descendente desses tres companheiros de Martim Affonso, é que descende Luiz de Góes, que serve de tronco da familia desse appellido do Paraná, cuja ligação directa foi impossivel realizar, sem solução de continuidade. O Capitão-povoador de Curityba, Matheus Martins Leme, era casado, como já dissemos no 4.º volume dessa obra, com Antonia de Góes; o filho desse casal, Salvador Martins Leme se casou em Curityba, a 7 de Junho de 1683, com Izabel Fernandes de Siqueira, filha de Luiz Fernandes de Siqueira e de sua mulher Suzana Siqueira.

Luiz de Góes, unico membro desse appellido do qual conseguimos a descendencia, que em seguida descrevemos, obteve em 1668, uma sesmaria de terras em Curityba, passada por Gabriel de Lara. Era elle casado com Maria de Siqueira Côrtes, filha de Innocencio Fernandes Preto (o moço) e de sua primeira mulher Maria de Siqueira (naturaes e residentes em São Paulo), viuva de Simão Sutil; neta pela parte paterna de Innocencio Fernandes Preto e de sua mulher Catharina Côrtes (1-3 do § 3.º, Titulo Pretos, volume 8.º, de pagina 326 da «*Genealogia Paulistana*».)

Innocencio Fernandes Preto (o velho) e sua mulher Catharina Côrtes, em 1634, residindo em São Paulo, effectuaram ahi o casamento de sua filha Julianna

Antunes Côrtes com Gonçalo Pires Bicudo, os quaes em 1660 já eram moradores em Curityba.

Teve:

- |  |              |
|--|--------------|
| 1 - Catharina de Siqueira Côrtes . . . . . | Capitulo 1.º |
| 2 - Miguel Góes de Siqueira . . . . .      | Capitulo 2.º |
| 3 - Francisco de Siqueira Côrtes . . . . . | Capitulo 3.º |
| 4 - Antonio de Siqueira Côrtes . . . . .   | Capitulo 4.º |
| 5 - Maria da Graça . . . . .               | Capitulo 5.º |

### CAPITULO 1.º

- 1 - Catharina de Siqueira Côrtes, casada antes de 1714, com o Capitão Antonio Fernandes de Siqueira, natural de Curityba, a cuja governança pertenceu em 1734, e fallecido a 1.º de Dezembro de 1772. Era filho de Miguel Fernandes de Siqueira, natural de São Francisco, e de sua mulher Maria Luiz Tigre, natural de Curityba, sendo que esta já era viuva de Manoel Homem da Costa. Catharina de Siqueira Côrtes falleceu em 1792 com mais de 100 annos, entrevada e demente por caduquice, conforme justificação produzida a 1.º de Novembro de 1792, por seu filho Roque, em nome dos demais irmãos.

Teve:

- |  |       |
|--|-------|
| 1-1 Salvador Fernandes de Siqueira . . . . . | § 1.º |
| 1-2 Maria Dias de Siqueira . . . . .         | 2.º   |
| 1-3 João Luiz de Siqueira . . . . .          | 3.º   |
| 1-4 Roque de Siqueira Côrtes . . . . .       | 4.º   |
| 1-5 Quitéria Luiz de Siqueira . . . . .      | 5.º   |
| 1-6 Francisca de Siqueira . . . . .          | 6.º   |
| 1-7 Domingas de Siqueira . . . . .           | 7.º   |
| 1-8 Maria da Conceição de Siqueira . . . . . | 8.º   |
| 1-9 Izabel de Siqueira Côrtes . . . . .      | 9.º   |
| 1-10 Anna Luiza de Siqueira . . . . .        | 10.º  |
| 1-11 Francisco de Siqueira Côrtes . . . . .  | 11.º  |
| 1-12 Pedro Alexandrino Côrtes . . . . .      | 12.º  |
| 1-13 Josepha de Siqueira . . . . .           | 13.º  |
| 1-14 Antonio da Luz de Siqueira . . . . .    | 14.º  |
| 1-15 Antonio de Siqueira . . . . .           | 15.º  |

### § 1.º

- 1-1 Salvador Fernandes de Siqueira, casado em Curityba a 20 de Abril de 1739, com Maria das Neves Silva, filha de Manoel Chaves de Almeida, de Itú, e de sua mulher Anna Martins das Neves, de Curityba. Salvador Fernandes falleceu em Curityba a 20 de Fevereiro de 1767.

Filhos:

- 2-1 Antonio Fernandes de Siqueira, com 23 annos de idade em 1767.
- 2-2 João Fernandes de Siqueira, com 14 annos.
- 2-3 Anna Martins das Neves, casada com Francisco da Luz Pedroso.
- 2-4 Victoria Fernandes das Neves (ou de Siqueira), casada em Curityba a 13 de Setembro de 1770, com o Capitão Francisco Tavares de Miranda, filho de José Tavares e de sua mulher Antonia dos Santos; neto pela parte paterna de Francisco de Miranda e de sua mulher Antonia Alves de Siqueira, elle de São Paulo e ella de São Francisco; neto pela parte materna, de Antonio dos Santos Soares e de sua mulher Antonia Rodrigues Lamim.
- 2-5 Ignez de Chaves, com 11 annos em 1767.
- 2-6 Maria Fernandes das Neves, casada em Curityba a 13 de Junho de 1793, com Victor Antonio de Mattos, filho de José Luiz de Mattos e de sua mulher Antonia Luiz Side (ou Marins); por esta, neto de Antonio Rodrigues de Lara e de sua mulher Maria Rodrigues Antunes.
- 2-7 Roberto Fernandes de Siqueira, com 10 annos.
- 2-8 Maria das Neves, com 5 annos.
- 2-9 Maria Fernandes de Siqueira, com 18 annos.
- Teve Salvador Fernandes mais um filho natural, que foi incluído no inventario:
- a) Lourenço, com 30 annos em 1767.

### § 2.º

- 1-2 Maria Dias de Siqueira ou Maria Luiz de Góes, como tambem era conhecida, foi casada com Manoel Dias

Collaço, natural de Curityba, filho de Francisco de Souza Aguiar e de sua mulher Felicia Dias de Meira, naturaes de Itanhaen; casada em segundas nupcias com Antonio Rodrigues Lisboa, filho de Manoel Rodrigues Lisboa, de Lisboa, e de sua mulher Ignez Rodrigues, de Curityba; por esta, neto de Antonio Rodrigues Seixas e de sua mulher Maria Soares.

Do primeiro matrimonio teve (C. E. Curityba):

2-1 Francisco Dias de Meira, casado em Curityba a 13 de Setembro de 1773, com Anna Martins de Oliveira, filha de Sebastião Teixeira de Azevedo e de sua mulher Ignez de Chaves das Neves; neta pela parte paterna de José Teixeira de Azevedo, de Iguape, e de sua mulher Maria Rodrigues Side, de Curityba; neta pela parte materna de Manoel de Chaves de Almeida e de sua mulher Anna Martins das Neves, elle de Itú e ella de Curityba.

Teve:

3-1 Francisco José de Meira, casado em Curityba a 15 de Junho de 1795, com Rita Maria de Almeida, filha de José Antonio Rodrigues e de sua mulher Maria Francisca de Almeida.

2-2 Antonio de Meira Collaço, casado em Curityba a 17 de Novembro de 1763, com Maria de Oliveira Side, irmã de Anna Maria de Oliveira, de 2-1 acima.

Filha:

3-1 Izabel de Meira, casada em Curityba a 9 de Maio de 1786, com Ignacio José de Almeida, filho de Antonio Pereira de Almeida e de sua mulher Quiteria Pedrosa de Lima.

2-3 João de Meira Collaço, casado em Curityba a 17 de Novembro de 1763, com Joanna Lemos de Jesus, filha de Antonio Cordeiro Mathozo e de sua mulher Maria da Silva Lemos; neta pela parte paterna de Manoel Cordeiro Mathozo e de sua mulher Romana Bicudo; neta pela parte materna de Manoel de Lemos Bicudo e de sua mulher Maria de Lemos Conde.

2-4 Salvador Fernandes de Siqueira, casado em Curityba a 19 de Junho de 1782, com Thereza Maria de Jesus, filha de João Roiz Teixeira e de sua mulher Josepha

Rodrigues Lisboa; neta pela parte paterna de João Roiz Teixeira e de sua mulher Francisca Ribeiro; neta pela parte materna de José Nicolau Lisboa e de sua mulher Antonia Leme da Silva.

2-5 Luzia Dias de Meira, casada em Curityba a 7 de Junho de 1759, com Pedro de Lima Pereira, filho de Manoel de Lima Pereira e de sua mulher Luzia Martins; neto materno de Guilherme Dias Côrtes e de sua mulher Maria das Neves. Teve:

3-1 Manoel de Lima Pereira, casado a 31 de Julho de 1790, com Cypriana Maria de Assumpção, filha de Francisco Fernandes Saraiva e de sua mulher Rita da Conceição França, 1-2 do § 2.º de pagina 570 do 3.º volume; ahi a descendencia.

Do segundo matrimonio não teve filhos.

### § 3.º

1-3 João Luiz de Siqueira, natural de Curityba, fallecido na Lapa, foi casado com Izabel Rodrigues da Motta, filha do Tenente-Coronel Manoel Rodrigues da Motta e de sua mulher Helena Rodrigues Coutinho.

### § 4.º

1-4 Roque de Siqueira Côrtes, fallecido em Curityba a 14 de Outubro de 1802, casado com Rosa dos Santos Pereira, fallecida em Curityba, onde era natural, com testamento, a 31 de Dezembro de 1810, filha de Sebastião dos Santos Pereira, natural de São Martinho de Pecegueiro-Vizeu, e de sua mulher Joanna Gracia das Neves. Com descendencia em 2-4 de pagina 527 do 1.º volume desta obra.

### § 5.º

1-5 Quiteria Luiz de Siqueira, casada em Curityba a 23 de Novembro de 1751, com Manoel Gomes de Oli-

veira, filho de Domingos Correia Pereira e de sua mulher Anna Gomes de Oliveira.

Filhos (C. E. Curityba):

- 2-1 Maria Côrtes de Oliveira, casada em Curityba a 9 de Outubro de 1775, com Antonio José Pinheiro, filho de Domingos Cardoso de Leão e de sua mulher Ignez de Faria; neto pela parte paterna de Fructuoso de Leão e de sua mulher Antonia de Siqueira; neto pela parte materna de José Faria Paes e de sua mulher Anna Maria Velloso.
- 2-2 Luzia de Oliveira Côrtes, casada a 10 de Outubro de 1775, com Manoel Antonio de Siqueira, irmão de Antonio José Pinheiro, de 2-1 acima.
- 2-3 Placido Francisco de Oliveira, casado a 7 de Maio de 1793 com Maria Clara de Lima, filha de Antonio Gomes de Souza e de sua mulher Josepha Maria de Lima.

§ 6.º

- 1-6 Francisca de Siqueira, baptisada em Curityba a 26 de Outubro de 1727, casada a 12 de Maio de 1746, com Salvador Cuba de Moraes, de Iguape, viuvo de Escolastica de Almeida.

§ 7.º

- 1-7 Domingas Fernandes de Siqueira Côrtes, baptisada em Curityba a 11 de Agosto de 1729, e fallecida a 17 de Setembro de 1792, foi casada a 21 de Fevereiro de 1750, com João Machado Fagundes, natural de Santo Amaro-São Paulo, filho de Antonio Machado de Oliveira e de sua mulher Anna Maria de Siqueira; era elle viuvo de Antonia Cardozo Pazes, fallecida a 6 de Março de 1849. Pouco sobreviveu elle ao seu segundo casamento, pois falleceu a 8 de Julho de 1750.  
Sem filhos.

§ 8.º

- 1-8 Maria da Conceição de Siqueira, baptisada em Curityba a 2 de Abril de 1717, casada a 16 de Setembro de 1754, com Francisco Dias Palhano.  
Com descendencia em 2-5 de pagina 599 do 1.º volume desta obra.

§ 9.º

- 1-9 Izabel de Siqueira Côrtes, natural de Curityba, onde se casou a 19 de Setembro de 1758, com Diogo Gonçalves Ribeiro, fallecido na Villa do Principe-Lapa, a 2 de Dezembro de 1810, com testamento, onde declarou ser natural de Itanhaen, e filho de Domingos Gonçalves Ribeiro e de sua mulher Izabel Cardozo, todos de Itanhaen; neto pela parte paterna de Diogo Gonçalves e de sua mulher Maria da Silva, elle do Porto e ella de Itanhaen; neto pela parte materna de Domingos Cardozo, de São Paulo, e de sua mulher Thereza Neves, de Itanhaen.  
Teve 8 filhos (Testamento de 1810 — Lapa):
- 2-1 Antonia de Siqueira Côrtes, casada com João Machado.
- 2-2 Anna de Siqueira Côrtes, viuva de Manoel Ferreira Funchal.
- 2-3 Maria de Siqueira Côrtes, casada com José Antonio . . . . .
- 2-4 Beatriz de Siqueira Côrtes, casada com Salvador Ferreira de Castilho.  
Filha:  
3-1 Gertrudes de Siqueira, casada com Francisco Vaz.
- 2-5 Joanna de Siqueira Côrtes, casada com Manoel Lourenço.  
Filha:  
3-1 Escolastica.
- 2-6 Francisco, fallecido.
- 2-7 Manoel, fallecido.
- 2-8 Francisca, fallecida.

## § 10.º

- 1-10 Anna Luiza de Siqueira, casada com Manoel Rodrigues da Luz, filho do Sargento-mór Antonio Rodrigues de Lara e de sua mulher Maria Rodrigues Antunes; com ascendentes e descendentes em 2-2 de 1-1, § 1.º, de paginas 70 e 63 do 4.º volume desta obra.

## § 11.º

- 1-11 Francisco de Siqueira Côrtes, com 34 annos e solteiro em 1773.

## § 12.º

- 1-12 Pedro Alexandrino Côrtes, com 32 annos em 1773. Falleceu com testamento, na Lapa, em 14 de Novembro de 1826, em avançada idade, sendo casado com Rosa Maria Cordeiro.

Filhos:

- 2-1 Manoel } fallecidos antes de seu pai.  
2-2 Antonio }

## § 13.º

- 1-13 Josepha Fernandes de Siqueira, casada a 13 de Agosto de 1765, com Manoel Domingues Palhano, filho do Capitão Luiz Palhano de Azevedo e de sua mulher Maria Dias Domingues, 1-2 de pagina 597 do 1.º volume desta obra; ahí os ascendentes.

Teve:

- 2-1 Manoel Domingues Palhano, casado em Curityba a 27 de Janeiro de 1819, com Maria Rosa, filha de Maria Pires.

Teve:

- 3-1 José Vianna, casado em Curityba a 20 de Maio de 1840, com Maria Antonia, viuva de José Joaquim dos Santos.  
2-2 Maria Ignacia de Jesus, casada a 10 de Junho de 1801, com Francisco Tavares de Miranda, filho do Alferes Manoel Tavares de Siqueira e de sua mulher Maria de Souza Pedrosa.

- 2-3 Izabel Maria Muniz, casada a 29 de Junho de 1803, com Francisco Ferreira Nunes, filho de Euzebio Nunes de Oliveira e de sua mulher Helena Rodrigues da Motta.

## § 14.º

- 1-14 Antonio da Luz de Siqueira, baptizado a 9 de Junho de 1717, em Curityba, já era fallecido e em estado de solteiro, quando falleceu seu pai.

## § 15.º

- 1-15 Antonio, fallecido em menor idade.

## CAPITULO 2.º

- 2 — Miguel de Góes de Siqueira, casado com Izabel Leme da Silva, filha de Luiz de Siqueira e de sua mulher Anna Fernandes de Siqueira, de São Francisco.

Filhos:

- |   |        |
|---|--------|
| 1-1 Joanna de Góes . . . . .                | § 1.º  |
| 1-2 Marcellina de Siqueira . . . . .        | § 2.º  |
| 1-3 Manoel Nunes de Santiago . . . . .      | § 3.º  |
| 1-4 Miguel de Góes . . . . .                | § 4.º  |
| 1-5 Maria da Silva . . . . .                | § 5.º  |
| 1-6 Salvador de Góes . . . . .              | § 6.º  |
| 1-7 Luiz de Góes de Siqueira . . . . .      | § 7.º  |
| 1-8 Anna de Góes de Siqueira . . . . .      | § 8.º  |
| 1-9 Antonio Fernandes de Siqueira . . . . . | § 9.º  |
| 1-10 João de Góes . . . . .                 | § 10.º |
| 1-11 Maria de Siqueira Côrtes . . . . .     | § 11.º |
| 1-12 Izabel de Siqueira . . . . .           | § 12.º |

## § 1.º

- 1-1 Joanna de Góes, nascida em 1705, casada com Manoel Dias Leitão, viuvo de Monica, filho de Vicente Dias Leitão e de Luzia de Couto.

## § 2.º

- 1-2 Marcellina Nunes de Siqueira, casada com Bento Leme Bicudo, natural de Curityba, filho de Sebastião Felix Bicudo, falecido em 5 de Março de 1739, e de sua mulher Maria de Assumpção da Cunha, moradores em São José. Bento Leme Bicudo faleceu em Itapeatinga, já viuvo, discriminando-se no seu inventario os nomes de 6 filhos, a saber:
- 2-1 Victorino Leme de Siqueira, casado em Curityba a 27 de Junho de 1764, com Maria do Espirito Santo, filha de Salvador Rodrigues da Silva e de sua mulher Francisca de Mello Coutinho.
- 2-2 Antonio Leme de Siqueira, casado em Curityba a 7 de Abril de 1761, com Maria Esteves do Carmo, filha de Francisco Xavier Esteves e de sua mulher Maria do Carmo Araujo.
- 2-3 Francisco Leme dos Santos.
- 2-4 Quiteria Leme dos Santos, casada com Miguel Dias Leite.
- 2-5 Antonia de Siqueira Côrtes, casada em Curityba a 15 de Fevereiro de 1763, com Antonio Esteves Neves, filho de Antonio Esteves dos Reis e de sua mulher Thereza Nunes de Góes.
- 2-6 Maria Leme de Lima, casada em Curityba a 22 de Julho de 1765, com Manoel Rodrigues da Silva, filho de Salvador Rodrigues da Silva, falecido em 1754, na barra do Rio de Janeiro, quando seguia prezo para a Bahia, e de sua mulher Francisca de Mello Coutinho; por esta, neto de Luiz Rosado e de sua mulher Maria de Pina Mello Coutinho.

## § 3.º

- 1-3 Manoel Nunes de Santiago, casado em 30 de Outubro de 1733, com Margarida Rodrigues Antunes, baptisada a 14 de Julho de 1715, filha de Antonio Rodrigues de Lara e de sua mulher Maria Rodrigues Antunes, 2-3 de 1-1 do § 1.º de pagina 63 e 71 do

Titulo Lara — do volume 4.º desta obra; ahi a descendencia.

## § 4.º

- 1-4 Miguel de Góes, nascido em 1712, casado em 1747 com Domingas Dias Vieira, filha de Antonio Alves de Oliveira e de sua mulher Maria de Meira Collaço, de Itanhaen.  
Filhos (valemo-nos aqui de dados colhidos pelo Dr. Ermelino de Leão):
- 2-1 Antonia Dias de Meira, casada em 1768 com João Alves de Mendonça, de Jundiahy, filho de Carlos de Moraes Navarro e de sua mulher Maria Garcia; por esta, neto de Thomé Alves Garcia e Francisca Vieira de Mendonça.
- 2-2 Salvador Nunes de Aguiar, casado em 1774 com Messia Maria Angelica, filha de João Pires de Santiago e de Anna Maria do Prado, de Itú; neta pela parte paterna de Manoel de Lima Pereira e Luiza Maria das Neves; neta pela parte materna de João Leme do Prado e de Messia Leme de Siqueira.
- 2-3 Miguel Alves de Oliveira, casado em 1789 com Maria da Luz dos Pinhaes, filha de Marçal Luiz e de Maria Esteves; neta pela parte paterna de Manoel Homem da Costa.

## § 5.º

- 1-5 Maria da Silva, nascida em 1713, casada em 1744 com Domingos Pereira Nunes, filho de Antonio Pereira Nunes e de Luciana da Silva.  
Filha (segundo o Dr. Ermelino):
- 2-1 Victoria Cardozo, casada em 1764 com Domingos Luiz, do Rio de Janeiro, filho de João Ribeiro e de Helena da Cruz.

## § 6.º

- 1-6 Salvador de Góes, nascido em 1718, casado em 1744 com Luzia Cardozo, filha de Francisco da Gama Cardozo e de Anna Luiz Hyppolita.

## § 7.º

- 1-7 Luiz de Góes de Siqueira, nascido em 1719, casado a 22 de Novembro de 1760 com Maria de Pina, filha de Pedro da Maia e de Josepha de Mello; neta pela parte paterna de Antonio da Maia e de sua mulher Maria Munhoz, ambos da Ilha de Leão-Castella; neta pela parte materna de Luiz Rosado e de sua mulher Maria de Pina de Mello Coutinho.

## § 8.º

- 1-8 Anna de Góes de Siqueira, nascida em 1721, casada em primeiras nupcias, em 1740 com Custodio Alves, filho de Pedro Alves e de Stella Faria, de São Francisco; em segundas nupcias, foi casada com Raymundo Antonio de Moura, de Cabo Frio, filho do Capitão Francisco Moreira de Castilho e de Francisca Paes de Moura Corte-Real; neto pela parte paterna de José Castilho Moreira, de Taubaté, e de Anna de Castilho; neto pela parte materna de João Paes de Vidigal e Moura, de Vianna-Braga, e de Maria Corrêa Vasques de Sá, de Cabo Frio.

Do primeiro matrimonio teve:

- 2-1 Angela Joaquina da Conceição, casada em 1764 com Manoel Alves de Oliveira, de Guaratinguetá, filho de João Alves de Oliveira e de Maria Francisca, viuvo de Maria das Neves; neto materno de Gonçalo Correia e de Maria da Luz, de Guaratinguetá.

## § 9.º

- 1-9 Antonio Fernandes de Siqueira, nascido em 1723, casado em 1751 com Maria Paes Domingues, filha de João Paes Domingues e de Maria do Espírito Santo.

## § 10.º

- 1-10 João de Góes, nascido em 1725.

## § 11.º

- 1-11 Maria de Siqueira Côrtes, nascida em 1730, casada em 1743 com Miguel Rodrigues Bicudo, filho de Antonio Gracez Barreto e de Juliana Rodrigues.

## § 12.º

- 1-12 Izabel de Siqueira Côrtes ou Nunes de Siqueira.

## CAPITULO 3.º

- 3 — Capitão Francisco de Siqueira Côrtes, natural de Curitiba. Em seu testamento, aberto a 27 de Abril de 1762, declarou sua filiação e naturalidade e que era casado com Catharina Mendes Barbudo, filha do Padre Gregorio Mendes Barbudo e de sua mulher Francisca Maciel Sampaio. O Padre Gregorio Mendes Barbudo, em seu testamento, feito em 30 de Novembro e aberto a 2 de Dezembro de 1739, declarou ser natural de Algarve-Villa de Al-Jesus, filho de Ignacio Mendes e de sua mulher Maria Luiz; que antes de seguir a carreira sacerdotal, fôra casado com Francisca Maciel de Sampaio, de Paranaguá, de cujo matrimonio teve 3 filhas: a) Joanna Maciel Sampaio, casada com Manoel Martins Valença, b) Catharina Mendes da Cunha, casada com o Ajudante Francisco de Siqueira Côrtes e c) Maria Mendes, casada com Pedro da Silva Pinto.

Teve o Capitão Francisco de Siqueira Côrtes de seu matrimonio apenas dois filhos:

- 1-1 José de Oliveira Sampaio . . . . . § 1.º  
1-2 Francisco José de Siqueira . . . . . § 2.º

## § 1.º

- 1-1 José de Oliveira Sampaio, casado com Maria do Nascimento de Jesus.  
Sem filhos.

## § 2.º

1-2 Francisco José de Siqueira, casado em primeiras nupcias com Archangela Maria dos Passos, filha de Manoel Lourenço Vidal e de sua mulher Francisca dos Passos, ambos da Ilha de Fayal; casado em segundas nupcias com Maria dos Santos, falecida em 10 de Agosto de 1783.

Filhos do primeiro matrimonio:

2-1 Francisca Antonia dos Passos, casada em Curityba a 5 de Junho de 1785 com João de Lara, filho de Antonio Rodrigues Antunes e de sua mulher Maria Pedrosa, 3-1 de 2-8 de pagina 74 do 4.º volume.

2-2 José Francisco de Siqueira, casado em Curityba a 17 de Junho de 1801 com Anna dos Santos, filha de Francisco dos Santos Belem e de sua mulher Michaela Archangela da Anunciação.

Do segundo matrimonio teve:

2-3 Francisca dos Santos, com 13 annos quando falleceu sua mãe, em 10 de Agosto de 1783.

2-4 Josepha dos Santos, com 11 annos.

2-5 Belchior de Siqueira, com 8 annos, em 1805 se achava ausente para as partes do sul, com seu irmão Francisco.

2-6 Francisco de Siqueira, com 4 annos.

2-7 José de Siqueira, já era casado antes de 1805.

2-8 Raphael de Siqueira, já era casado antes de 1805.

## CAPITULO 4.º

4 — Antonio de Siqueira Côrtes, casado com Maria das Neves.  
Teve:

1-1 Pedro de Siqueira Côrtes . . . . . § 1.º

## § 1.º

1-1 Pedro de Siqueira Côrtes, foi casado em primeiras nupcias com Anna Gonçalves Coutinho, fal-

lecida em 1755, filha de Manoel Gonçalves Coutinho e de sua mulher Paula Rodrigues de França; casado em segundas nupcias, a 2 de Fevereiro de 1755 com Maria Dias Palhano, filha de Luiz Palhano de Azevedo e de sua mulher Maria Dias Domingues. Com ascendentes e descendentes em 1-4 de pagina 613 do 3.º volume e 1-2 de pagina 579 do 1.º volume, pelo que aqui só mencionamos os filhos dos seus dois matrimonios, sem maiores detalhes. Filhos do primeiro matrimonio (C. O. Curityba):

2-1 Joanna Gonçalves de Siqueira, casada com o Tenente Domingos Lopes Cascaes, 2-1 de 1-4 do § 4.º de pagina 613 do 3.º volume, ahi a descendencia.

2-2 Escolastica Rodrigues de Siqueira, casada com Salvador Rodrigues Furquim, 2-2 de pagina 614 do 3.º volume, ahi a descendencia.

2-3 Bento de Siqueira Côrtes, casado com Anna Maria de Jesus, 2-3 de pagina 614 do 3.º volume, ahi a sua grande descendencia.

2-4 Anna Maria Gonçalves, casada com José Eugenio Teixeira, de quem foi ella a primeira mulher, 2-4 de pagina 644 do 3.º volume, ahi a descendencia.

2-5 Custodia de Oliveira Côrtes, casada com Manoel Soares da Silva, 2-5 de pagina 644 do 3.º volume.

2-6 Maria Gonçalves de Siqueira, casada com seu cunhado José Eugenio Teixeira, viuvo de 2-4 acima.  
Vêr 2-6 de pagina 645 do 3.º volume.

Do segundo matrimonio teve:

2-7 Manoel Dias de Siqueira, com 20 annos em 1782, quando se procedeu o inventario por morte de sua mãe, natural de São Francisco, foi casado com Rita Vieira ou Rita Maria do O', natural de Paranaguá. Teve (que descobrimos):

3-1 Tenente Bento José de Siqueira, casado com Francisca Munhoz, filha de Bento Antonio Munhoz e de sua mulher Michelina de Assumpção, naturaes de Cadix; neta pela parte paterna de Bernardo Munhoz e de sua mulher Rosa Maria; neta pela parte materna de Manoel Ignacio do Valle e de sua mulher Lourença Maria. (Vêr a origem dessa familia em 3-10 de pagina 235 do 1.º volume.)

## Filhos:

4-1 Carolina Bento de Siqueira Bastos, casada com o Major Francisco da Silva Bastos, filho do Capitão Antonio José Leite Bastos, natural da Villa de Bastos-Portugal, e de sua mulher Emilia Maria do Rosario, 5-7 de 4-2 de paginas 373 e 395 do 3.º volume desta obra, onde demos sua descendencia, pelo que aqui só mencionamos o nome dos filhos.

## Teve:

5-1 João, fallecido aos 9 annos.

5-2 Major Lindolpho de Siqueira Bastos, nascido a 4 de Julho de 1854, 6-2 de pagina 396 do 3.º volume.

5-3 Abél de Siqueira Bastos, 6-3 de pagina 396 do 3.º volume.

5-4 Balbina de Siqueira Bastos Conceição, 6-4 de pagina 396 do 3.º volume.

4-2 Leocadia de Siqueira Bastos, casada com Ricardo Leite Bastos, filho do Capitão Antonio José Leite Bastos e de sua mulher Emilia Maria do Rosario, já referidos em 4-1 acima. (5-6 de pagina 394 do 3.º volume, onde demos sua descendencia pelo que aqui só mencionamos o nome dos filhos.)

## Filhos:

5-1 Henrique de Siqueira Bastos, 6-1 de 5-6 de pagina 594 do 3.º volume.

5-2 Antonia Clara Bastos Guimarães, casada com Joaquim Pereira Leite Guimarães, 6-2 de 5-6 de pagina 394 do 3.º volume.

5-3 Lucia Bastos, 6-3 de pagina 395 do 3.º volume.

5-4 Rosaria Bastos, 6-4 de pagina 395 do 3.º volume.

4-3 Fernando José de Siqueira, baptisado a 9 de Março de 1824, casado em Morretes em 1845 com Maria Alves de Lima, filha de Joaquim José Alves e de sua mulher Maria Joaquina Luiza Monteiro de Mattos, 1-4 do § 4.º do Capitulo 2.º do Titulo Alves, deste volume.

## Filhos desse casal:

5-1 Herminia Alves de Siqueira, fallecida a 13 de Dezembro de 1932, em estado de viuva de João

Maria de Macedo, funcionario postal da Agencia de Paranaguá, fallecido em 12 de Setembro de 1926, que antes fôra casado com Maria Luiza do Nascimento. Teve:

6-1 José Fernandes Alves de Macedo, academico de medicina, serventuario de Justiça do Estado, casado a 22 de Setembro de 1932 com Myrthes Bittencourt do Nascimento, filha de Felisbino do Nascimento e de sua mulher Maria Eugenia Bittencourt do Nascimento.

5-2 Maria Leocadia Alves de Siqueira, casada com Virgilio José Correia, já fallecido.

## Teve:

6-1 Virgilio Alves Correia, casado com Albertina Dias Feuze.

6-2 Benedicto José Correia, solteiro.

6-3 Edgard Alves Correia, solteiro.

5-3 Guilhermina Alves de Siqueira, casada com Antonio Luiz Marques, filho de José Luiz (de Barros) e de sua mulher Anna Gonçalves Marques, Capitulo 2.º do Titulo Gonçalves Marques.

5-4 Maria Candida Alves de Siqueira, casada com Domingos Ferreira da Costa, serventuario municipal aposentado. Filhos:

6-1 Luthegardes Ferreira da Costa, serventuario municipal, casado com Adelaide Christovão da Costa. Filhos:

7-1 Jandyra.

7-2 Aracy.

7-3 Iracy.

7-4 Jardes.

6-2 Jandyra Ferreira da Costa, casada com Francisco Cyrino do Nascimento.

## Filhos:

7-1 Maria de Lourdes.

7-2 Djalma Cyrino do Nascimento.

5-5 Joaquim Alves de Siqueira, casado com Maria dos Anjos Oliveira Cercal de Siqueira, 6-3 de 5-1 de 4-10 de paginas 419 e 422 do 2.º volume desta obra, ahi a descendencia.

- 5-6 Izaias Alves de Siqueira, falleceu aos 98 annos de idade, solteiro.
- 5-7 Franklin Alves de Siqueira, solteiro.
- 5-8 João Alves de Siqueira, reside no Rio de Janeiro, casado em Morretes em 1883, com Joaquina da Costa Pinto.
- 4-4 Balbina de Siqueira Pereira Alves, casada com o Major Agostinho Pereira Alves, 1-3 do Capitulo 2.º do Titulo Pereira desta obra. Ahi a descendencia.
- 4-5 Anna Aurelia de Siqueira, nasceu em Morretes a 23 de Janeiro de 1836, casada em primeiras nupcias, em 28 de Julho de 1855, com o Tenente José Gonçalves Lobo, natural de Santa Catharina, fallecido em Paranaguá, em 11 de Fevereiro de 1868; casada em segundas nupcias, a 3 de Julho de 1883, com Bernardino Pereira de Senne, filho do Alferes José Pereira da Luz (¹) e de sua mulher Margarida Clara do Espirito Santo.
- Teve do primeiro matrimonio:
- 5-1 Maria do Ceu, fallecida in-pubere.
- 5-2 Coronel José Gonçalves Lobo, nascido em Paranaguá a 13 de Agosto de 1866.
- Fez seu curso primario na escola do educador José Cleto da Silva. Por falta de meios, não proseguiu nos estudos e se viu na contingencia de aos 14 annos de idade, procurar no commercio, o meio de vida. Em 1883, conseguiu uma melhor collocação na Estrada de Ferro do Paraná, servindo até o anno de 1890, quando re-ingressou para o commercio.
- Foi despachante geral da Alfandega de Paranaguá, por alguns annos.
- Nas firmas commerciaes Mathias Bohn & Cia., de que fôra socio interessado, e na Munhoz da Rocha & Irmão, applicou sua actividade e intelligencia por longo tempo, encerrando ahi a sua vida commercial.
- Ingressou na politica, na propaganda republicana,

(¹) Por conveniencia de paginação, esta nota passa a figurar na pagina 252, onde se verão outros filhos do Alferes José Pereira da Luz.

quando ainda não era provavel se esperar o advento do 15 de Novembro de 1889. Fez parte da primeira directoria do Club Republicano de Paranaguá, fundado a 21 de Agosto de 1887, do qual foi fundador e secretario, tendo por companheiros Fernando Machado de Simas, redactor do «Livre Paraná», de Guilherme José Leite, Joaquim Soares Gomes, Albino José da Silva, Francisco Souza e tantos outros.

Com o advento da republica, exerceu varios cargos publicos, de eleição e de nomeação, como: Escrivão da Collectoria de Paranaguá, em 1890; 1.º Escriuario da Alfandega, em 1894, no periodo revolucionario; Agente do Correio, em 1897; Camarista Municipal nos quadriennios de 1908 a 1912, 1912 a 1916 e de 1928 a 1930.

Com a renuncia do Dr. Caetano Munhoz da Rocha, em Novembro de 1915, por ter sido nomeado Secretario da Fazenda do Estado, assumiu a gestão municipal, em 15 desse mez, sendo eleito Prefeito, para o quadriennio de 1916 a 1920 e reeleito para o de 1920 a 1924, tendo occasião de proseguir no serviço de remodelação da Cidade de Paranaguá, brilhantemente iniciado por seu antecessor, o Dr. Caetano Munhoz da Rocha.

Politico moderado e tolerante, activo e dynamico, constituiu juz a amisade e estima de que geralmente goza.

Prestou assignalados serviços a sua terra natal, e teve a felicidade de ver o seu nome gravado em uma das bellas avenidas da urbs littoriana, e de figurar na politica como Presidente do Directorio Politico do Partido Republicano Paranaense.

Deputado ao Congresso Legislativo do Paraná, em dois biennios: 1918 a 1919 e 1920 a 1921, foi 2.º vice-presidente de sua meza.

Fez collocar nas paredes da Prefeitura de Paranaguá, um bello retrato a oleo, executado pelo professor Alfredo Andersen, do historiador Antonio Vieira dos Santos, autor das Memorias Historicas de Paranaguá, cuja obra tambem mandou imprimir em 1922, como

homenagem de Paranaguá, no 1.º Centenario da Independencia do Brasil, ao seu historiador.

Maçon convencido, presidiu repetidas vezes os trabalhos da Benemerita Loja Perseverança de Paranaguá, e como Veneravel della, assistiu ao 2.º Congresso Maçonico, ali realizado em Maio de 1913, que foi presidido pelo grande vulto da politica nacional, que é, o Dr. Lauro Sodré, então soberano Grão-Mestre da Ordem.

Dirigiu, como Provedor, a Santa Casa de Misericordia de sua terra, prestando assignalados serviços.

Com prazer traçamos estes dados, relativos ao prestante cidadão, á quem sua terra tanto deve, e o fazemos ainda, agradecendo-lhe os serviços prestados á «Genealogia Paranaense», fornecendo-nos valiosos dados relativos aos Titulos: Marques da Cunha, Gonçalves Marques e Marques de Jesus, que figurarão neste volume.

E' casado com Narcinda Correia Lobo, filha de João Ferreira Correia e de sua mulher Carolina Pereira Correia, 7-3 de 6-8 de pagina 298 do 3.º volume desta obra.

Teve os seguintes filhos:

- 6-1 Leoncio, nascido a 8 de Outubro de 1890, fallecido a 8 de Fevereiro de 1891.
- 6-2 Jandyra, nascida a 19 de Julho de 1893, em Curityba, fallecida em Paranaguá a 17 de Janeiro de 1894.
- 6-3 José Gonçalves Lobo Junior, nascido a 30 de Junho de 1896, fallecido a 22 de Dezembro de 1922. Foi casado em 12 de Novembro de 1921, com Alcina de Freitas Lobo.  
Sem descendentes.
- 6-4 Jandyra, nascida a 28 de Dezembro de 1898, fallecida a 24 de Julho de 1899.
- 6-5 Clotilde, nascida a 3 de Junho de 1901, fallecida a 17 de Outubro de 1901.
- 6-6 Jacy Correia Lobo, nascido a 12 de Novembro de 1904, fallecido a 14 de Abril de 1918.
- 6-7 Maria, nasceu morta.

5-3 Ariadne Lobo Picanço, casada com o Coronel Luiz Victorino Picanço, 3-1 de 2-2 de 1-7 do § 7.º, Capitulo 1.º do Titulo Tavares de Miranda deste volume. Ahi a ascendencia e descendencia.

Do segundo matrimonio teve:

5-4 Tenente-Coronel Alcides Augusto Pereira, homen intelligente e emprehendedor, dedicou-se desde logo, á vida commercial, como empregado no estabelecimento de seu primo Coronel Theodorico dos Santos, do qual mais tarde foi associado, sob a firma de Theodorico & Alcides. Dissolvida a sociedade, estabeleceu-se sob a sua firma individual que prosperou, e conseguiu reputado credito, na classe commercial. A revolução federalista, veio apanhal-o como um dos seus adeptos. Foi um dos prisioneiros de 11 de Janeiro de 1894. Triumphando a revolução, em Paranaguá, foi nomeado Chefe de Policia do ephemero Governo do Coronel Theophilo Soares Gomes, proclamado nessa cidade. Foi fornecedor das tropas do exercito e marinha revolucionarios e como tal perdeu enorme somma. Dahi começou a ruina dos seus negocios. Tinha a patente de Tenente-Coronel da Guarda Nacional. Nasceu a 8 de Maio de 1870, e se casou em 6 de Setembro de 1890, com sua prima Aurora Vespertina Pereira, fallecida a 31 de Janeiro de 1901, e elle a 21 de Maio de 1923; era casado em segundas nupcias com Annita Pereira Gomes.

Filhos do primeiro matrimonio:

6-1 Bernardino Pereira Netto, 1.º Tabellião de Publico, em Paranaguá, onde nasceu a 25 de Novembro de 1891. Casado a 1.º de Abril de 1922, com Maria Del-Carmen Pereira.

Filhos:

7-1 Ruth.

7-2 Rachel Maria.

7-3 Diva.

7-4 Rossi, falleceu com 8 mezes.

6-2 Aurora Pereira de Andrade, nascida em Paranaguá, casada em São Vicente de Ferrer (Minas Geraes) em 29 de Julho de 1911, com Arnobio

Penha de Andrade, fazendeiro em Barra Mansa, Estado do Rio de Janeiro.

Filhos:

- 7-1 José Penha de Andrade, nascido a 1.º de Maio de 1912.
  - 7-2 Antonio Pereira de Andrade.
  - 7-3 Maria Aparecida Pereira de Andrade.
  - 7-4 Nelson Pereira de Andrade, nascido a 10 de Fevereiro de 1916.
  - 7-5 Amadeu Pereira de Andrade.
  - 7-6 Luiz Pereira de Andrade.
  - 7-7 Nelly Pereira de Andrade.
  - 7-8 Rubens Pereira de Andrade.
  - 7-9 Ruth Pereira de Andrade.
  - 7-10 Alcidina Pereira de Andrade, nascida a 3 de Julho de 1932.
- 6-3 Conego Dr. Alcidino Pereira, nasceu em Paranaguá em 27 de Julho de 1894, dedicou-se a vida ecclesiastica, ordenando-se em Roma, em 28 de Outubro de 1918. Doutor em Philosophia, Theologia e Direito. Foi Deputado Estadual em quatro legislaturas (1922 a 1929). Foi Vigario da parochia de São João Baptista da Lagôa, á rua Voluntarios da Patria, Rio de Janeiro. Falleceu em 17 de Janeiro de 1932.
- 6-4 Alice Pereira (Irmã Marie Nelly), nascida em Paranaguá. Dedicou-se a vida religiosa, pertence á Irmandade de São José, actualmente em Castro, neste Estado.
- 6-5 Dr. Alcides Pereira Junior, bacharel em Direito, nascido em Paranaguá em 4 de Março de 1898. Foi Promotor Publico em União da Victoria. Solteiro. Reside em Iraty.
- 6-6 Altamirano Pereira, nascido em Paranaguá em 4 de Janeiro de 1900, casado com Hermilia Branco Pereira, filha do Major Euripedes Rodrigues Branco e de sua mulher Hermilia da Costa Branco.
- Filhos:
- 7-1 Alcides.
  - 7-2 Luiz Gonzaga.
  - 7-3 Joanita.
  - 7-4 Paulo.
  - 7-5 Juarez.

Do segundo matrimonio teve:

- 6-7 Lazaro Pereira, tabellião em Passa Quatro-Minas Geraes, onde é casado.
  - 6-8 Sylvia, Professa da Ordem de São José.
- 5-5 Izabel Pereira Gomes, casada a 30 de Junho de 1900, com o Dr. Arthur Heraclio Gomes, magistrado, que como Juiz de Direito, teve por vezes assento no Superior Tribunal de Justiça do Paraná. E' lente cathedratico de Direito Publico e Constitucional da Faculdade de Direito, da Universidade do Paraná. E' natural da Parahyba, filho do Coronel Rodolpho Gomes da Silva e de sua mulher Maria de Olinda Pessoa Gomes.
- Filhos:
- 6-1 Dr. Juarez Pereira Gomes, Capitão-medico do exercito, casado em 11 de Fevereiro de 1925, com Nyce Folck.
- Filhos:
- 7-1 Ivan.
  - 7-2 Nyce.
  - 7-3 Ceny.
- 6-2 Dr. Lafayette Pereira Gomes, advogado. E' Promotor Publico em Jahú-São Paulo. Casado com Alice Aranha, em 8 de Dezembro de 1926.
- Filhos:
- 7-1 Lafayette.
  - 7-2 Arthur Carlos.
- 6-3 Dr. Rodolpho Gomes da Silva Sobrinho, medico, residente em São Paulo. Casado a 20 de Maio de 1931, com Georgina Bastos Gomes.
- 6-4 Arthur Heraclio Gomes Filho, academico de direito.
- 6-5 Dr. Rivadavia Pereira Gomes, advogado, residente em Paranaguá. Casado com sua prima Eunice Pereira Gomes.
- 6-6 Dr. Dermeval dos Santos Gomes, medico.
- 6-7 Darcy, falleceu em criança.
- 6-8 Nelson Pereira Gomes, empregado bancario e academico.
- 6-9 Darcy (2.º), fallecido em criança.
- 6-10 Abelardo Pereira Gomes, bacharelado.
- 6-11 Maria Izabel Pereira Gomes.

NOTA: — Alferes José Pereira da Luz, de pagina 246, fallecido a 9 de Junho de 1852, com 70 annos de idade, natural de Cananéa, e sua mulher Margarida Clara do Espirito Santo, tiveram alem do Tenente Bernardino Pereira de Senna, casado com Anna Aurelia de Siqueira, 4-5 de pagina 246, mais os seguintes filhos:

- 1 — Major Joaquim José Pereira, baptisado a 20 de Outubro de 1808; foi chefe-politico no Rio das Pedras. Seguiu para o Rio Negro, na defeza da Provincia ameaçada dos ataques das forças republicanas dos farrapos; vereador em Paranaguá. Solteiro. Falleceu com testamento a 6 de Março de 1881, legando seus bens a diversos sobrinhos, e constituindo seus herdeiros universaes Albino, Brasilio, Octavio e Francisco, filhos de Maria Francisca dos Anjos.
- 2 — Anna Maria Pereira do Carmo, nascida a 25 de Setembro de 1802, casada com Mariano Antonio Ferreira, fallecido com 70 annos, a 27 de Janeiro de 1862. Filhos:
  - 1-1 Francisco Mariano Ferreira, baptisado em Paranaguá, a 16 de Março de 1830, foi negociante em Morretes, falleceu em Paranaguá a 16 de Março de 1886, sendo casado em Morretes em 1860, com Beliza Maria Caetana Ferreira. Filhos:
    - 2-1 Herminia Ferreira dos Santos, nascida a 20 de Março de 1864, e fallecida a 2 de Maio de 1927, foi casada com seu primo o Coronel Theodorico Julio dos Santos, nascido a 1.º de Julho de 1855, 1-2 de pagina 258. Foi politico em evidencia em Paranaguá, onde foi commerciante e Prefeito Municipal. Foi, no final de sua vida, Contador dos Correios do Paraná e por fim de Nictheroy. Sem filhos.
    - 2-2 Maria Leocadia Ferreira de Andrade, casada em 27 de Novembro de 1885, com o Capitão Antonio Carlos Ribeiro de Andrade. Foi funcionario publico do Estado; era geralmente estimado pelas suas qualidades moraes.

NOTA — *continuação.*

Teve o filho unico:

- 3-1 Carlos Ribeiro de Andrade, serventuario postal, solteiro.
- 2-3 Esther Ferreira Pereira, casada com o industrial Lucio Leocadio Pereira. Com ascendentes e descendentes descriptos em Titulo — Pereira — desta obra.
- 1-2 Manoel Mariano Pereira, natural de Paranaguá, casado em Xiririca, Estado de São Paulo, com Albina Vianna Pereira. Filhos:
  - 2-1 Manoel Mariano Pereira Junior, casado.
  - 2-2 Alcides Mariano Pereira, casado.
  - 2-3 Pedro Mariano Pereira.
  - 2-4 Maria Leocadia Mariano Pereira.
  - 2-5 Anna Mariano Pereira.
  - 2-6 Leocadia Mariano Pereira da Silva, casada com Vital Alvares da Silva. Filha:
    - 3-1 Yolanda Pereira da Silva Cominese, casada com Alberto Cominese. Filhos:
      - 4-1 Alberto, fallecido em criança.
      - 4-2 Maria Nery.
      - 4-3 Luiz Roberto
      - 4-4 Luiz Gastão } gemeos.
  - 2-7 Thereza Mariano Ferreira, casada em 10 de Janeiro de 1900 com seu primo o Capitão Joaquim Mariano de Ferreira Junior, 2-3 de 1-4 abaixo, ahi a descendencia.
- 1-3 Antonio Mariano Ferreira, baptisado em Paranaguá, onde nasceu, a 26 de Julho de 1838, falleceu de febre amarella, em 18 de Abril de 1878, casado com Joaquina Vianna. Filhos:
  - 2-1 João Mariano Ferreira, casado com sua prima Hortencia Ferreira, 2-2 de 1-4.
  - 2-2 Antonio Mariano Ferreira, casado com Maria Clara Ferreira.

NOTA — *continuação.*

Filhos:

3-1 Nahyr.

3-2 José.

1-4 Coronel Joaquim Mariano Ferreira, nascido a 6 de Março de 1841, foi politico em evidencia em Paranguá, e acreditado commerciante, casado a 11 de Março de 1870, com sua prima Margarida Clara de Souza Ferreira, filha de José Maria dos Santos, de São Francisco, e de sua terceira mulher Izabel Pereira dos Santos; neta pela parte paterna de Manoel Francisco Serra e de sua mulher Maria Fagundes Jacques; neta pela parte materna de José Pereira da Luz e de sua mulher Margarida Clara do Espirito Santo. Reveses commerciaes o obrigaram a exercer o cargo de Thezoureiro da Camara Municipal de Curityba, 1-1 de pagina 258. Filhos:

2-1 Joaquina Mariano Ferreira Scherer, casada com o General reformado Leopoldo do Belem Aloys Scherer, filho de Pedro Aloys Scherer e de sua mulher Maria Joaquina Mendes de Alneida.

Filhos:

3-1 Azaleia Scherer Perdigão, casada com o Capitão Mario Perdigão, Official do exercito.

Filha:

4-1 Suanie.

3-2 Angelica Scherer.

3-3 Palmyra Scherer.

2-2 Paulina, fallecida aos 15 annos, a 9 de Abril de 1877.

2-3 Maria Izabel, fallecida em criança.

2-4 Hortencia Ferreira, viuva de seu primo João Mariano Ferreira, 2-1 de 1-3 retro.

E' D. Hortencia, habil professora de piano.

Filhos:

3-1 Dinorah Ferreira, casada com Francisco Vidal Barbosa.

3-2 Zilonia Ferreira, casada com Nelson Legat.

3-3 Avany Ferreira, casada com Emanuel Pinheiro Moreira.

3-4 Homero Ferreira.

NOTA — *continuação.*

3-5 Antonio, fallecido.

3-6 Maria da Luz, fallecida.

3-7 Diva, fallecida.

3-8 Aracy, fallecida.

3-9 Izabel, fallecida.

2-3 Joaquim Mariano de Ferreira Junior, nascido a 11 de Outubro de 1879, fallecido, foi casado em 10 de Janeiro de 1900, com Thereza Pereira Ferreira, 2-1 de 1-2 retro. Foi alto funcionario de Fazenda, depois de ser commerciante.

Filhos:

3-1 Margarida, fallecida.

3-2 Albina Ferreira de Mendonça, casada com Alberto Mendonça.

Filhos:

4-1 Alberto.

4-2 Lenyra.

3-3 Joaquim Mariano Ferreira Netto.

3-4 Manoel Mariano Ferreira.

3-5 Godofredo Mariano Ferreira.

2-4 Maria Izabel, fallecida em criança.

2-5 José Mariano Ferreira, casado com Izabel Pereira Ferreira. Sem filhos.

2-6 Paulina, falleceu em criança.

2-7 Theodorico Mariano Ferreira, fallecido, foi casado com Adelaide Ferreira.

Filhos:

3-1 Jayme.

3-2 Izabel.

2-8 Margarida Ferreira Geraldo, casada com Romeu Geraldo. Sem filhos.

2-9 Esther Ferreira Ribas, professora, casada com Octavio Ribas.

Sem filhos.

2-10 Altamiro Mariano Ferreira, casado com Maria Antonieta Soares Ferreira, fallecida.

Filhos:

3-1 Lauro.

3-2 Maria Clara.

NOTA — *continuação.*

- 2-11 Hilda Ferreira Lobato, casada com Alceu Lobato.  
Filhos:  
3-1 Alberto.  
3-2 Jecy (ou Cecy?).
- 1-5 Leocadia Mariano Pereira, casada com seu primo José Bernardo Pereira.  
Sem filhos.
- 1-6 Joaquina Antonia Mariano Pereira Carneiro, casada a 1.º de Agosto de 1858, com José Pires Carneiro, falecido repentinamente, aos 46 annos, a 16 de Agosto de 1874, filho de Antonio Pires Carneiro e de Ignacia Pires Ferreira, naturaes de Castello de Neiva, comarca de Vianna-Braga-Portugal. Era empregado na Companhia Progressista de Navegação, em cujo serviço servia, quando falleceu.  
Filho:  
2-1 José, falecido em criança.
- 3 — Bernardo José Pereira, baptisado a 31 de Agosto de 1814, natural de Paranaguá, casado a 20 de Maio de 1835 com Joaquina Maria do Espirito Santo, natural de Morretes, falecida aos 40 annos, em 29 de Janeiro de 1858.  
Filhos:  
1-1 Guilherme José Pereira, natural de Paranaguá, casado em 23 de Janeiro de 1870, com Lucia Floripa de Toledo, natural dessa mesma cidade, filha de Antonio José Soares Pinto e de Firmina Rosa de Miranda.  
Filhos:  
2-1 Manoel, falecido solteiro.  
2-2 Maria Pereira, casada.  
2-3 Guilherme Pereira, casado com Rachél Pereira, residentes no Rio Azul.  
Filho:  
3-1 Acir.  
2-4 Aurora Vespertina Pereira, nascida a 4 de Outubro de 1875, casada com seu primo,

NOTA — *continuação.*

- Tenente-Coronel Alcides Augusto Pereira, a 6 de Setembro de 1890, 5-4 de pagina 249, ahi a descendencia.
- 1-2 Capitão Manoel Bernardes Pereira, falleceu em estado de solteiro.
- 1-3 José Bernardes Pereira, casado a 29 de Setembro de 1866 com sua prima Leocadia Mariano Ferreira, filha de Antonio Marianno Ferreira e Anna Maria do Carmo.
- 1-4 Gertrudes Maria Pereira, casada a 3 de Julho de 1875, com Benevenuto Augusto Pereira, filho de Manoel José Alves e de sua mulher Maria Francisca de Siqueira.
- 1-5 Guilhermina Maria Pereira, casada em 27 de Outubro de 1883, com Raymundo Siqueira Alves.
- 1-6 Maria das Dôres Pereira, casada a 25 de Março de 1878, com Manoel de Almeida França, filho de Francisco de Almeida França e de Maria Joaquina Almeida França.
- 1-7 Albina Maria Pereira, casada a 20 de Junho de 1885, com Felipe de Oliveira Salgado.
- 1-8 Leopoldina Maria Pereira, casada a 17 de Abril de 1875, com José de Almeida França, filho de Francisco de Almeida França e de Maria Joaquina Miranda.
- 4 — Caetana do Espirito Santo, baptisada a 23 de Dezembro de 1818, casada em 14 de Maio de 1836, com Joaquim Lopes Ribeiro, natural de Coimbra, filho de Joaquim Lopes Ribeiro e de Josepha Maria do Sacramento.
- 5 — Izabel Maria Pereira dos Santos, casada em 22 de Janeiro de 1853, com José Maria dos Santos (¹), de quem ella foi a terceira esposa; falecido em 9 de Maio de 1866, filho de Manoel Francisco Serra e de sua mulher Maria Fagundes Jacques.  
Filhos:  
1-1 Margarida Clara dos Santos Ferreira, nascida a

(¹) Ainda por conveniencia de paginação, esta nota passa a figurar na pagina 259, onde se acham descriptos os 3 matrimonios de José Maria dos Santos.

NOTA — *continuação.*

- 22 de Janeiro de 1854, casada com seu primo o Coronel Joaquim Marianno Ferreira, 1-4 de pagina 254.
- 1-2 Coronel Theodorico Julio dos Santos, nascido a 1.º de Julho de 1855, casado com sua prima Herminia Ferreira dos Santos, 2-1 de pagina 252. Sem filhos.
- 1-3 Julia Pereira dos Santos, nascida a 27 de Outubro de 1856, falleceu solteira a 10 de Janeiro de 1884.
- 6 — Bernardino Pereira de Senne, casado com Anna Aurelia de Siqueira, 4-5 de pagina 246, ahi os ascendentes e descendentes.
- 7 — Agostinho José Pereira, baptisado a 2 de Setembro de 1810, casado a 6 de Agosto de 1853, com Carolina Maria de Miranda, filha de Theodoro José de Miranda e de Maria Catharina da Cruz. Elle falleceu em Paranaguá, a 25 de Agosto de 1855.  
Filhos:  
1-1 Maria Carolina Soares Rodrigues, casada em primeiras nupcias, com Caetano Miranda Cordeiro e em segundas nupcias com Joaquim Soares Rodrigues — Joaquim da Maria, de quem foi segunda mulher.
- 8 — Maria Leocadia Pereira, baptisada em Paranaguá a 16 de Dezembro de 1816, casada em 4 de Fevereiro de 1854, em Paranaguá, onde nasceu, com Francisco Caetano Correia, natural da freguezia da Conceição da Ilha Terceira-Portugal, filho de Caetano Machado e de Maria do Carmo.  
Filhos:  
1-1 Coronel Victorino José Correia, casado com Maria Amelia Gonçalves Correia, 3-7 de 2-0 do Titulo Gonçalves da Rocha, deste volume, ahi a ascendencia e descendencia.  
1-2 José Correia.
- 9 — Gertrudes Maria Pereira, baptisada a 18 de Julho de 1807, fallecida com testamento a 1.º de Junho de 1872, com 60 annos de idade, solteira.
- 10 — Manoel Pereira, baptisado a 8 de Março de 1805.

NOTA — *continuação.*

Houve um outro Agostinho, irmão dos precedentes, que foi baptisado em Paranaguá, a 23 de Dezembro de 1820.

\* \*  
\*

NOTA (!): José Maria dos Santos, de pagina 257, fallecido a 7 ou 9 de Maio de 1866, foi casado tres vezes, sendo a primeira vez, com Maria das Dôres do Espirito Santo, a segunda vez, com Gertrudes Maria de Siqueira Santos, a 27 de Fevereiro de 1851 (sem filhos desse casamento), e a terceira vez, a 22 de Janeiro de 1853, com Izabel Maria Pereira dos Santos, de n. 5 de pagina 257, ahi a descendencia. Do primeiro matrimonio teve 4 filhos:

- 1-1 José, falleceu em criança.  
1-2 Manoel, falleceu em criança.  
1-3 Lydio dos Santos, falleceu em Paranaguá.  
1-4 Major José Agostinho dos Santos, nascido a 31 de Julho de 1848, foi um dos veteranos da guerra do Paraguay, servindo como voluntario da Patria, desde o inicio da guerra, donde voltou com a Patente de Capitão honorario do exercito. Exerceu o commando da Fortaleza da Barra de Paranaguá e o cargo de Agente do Correio dessa cidade. Foi casado com Maria Clara dos Santos, filha do Capitão Antonio Ventura de Jesus e de sua mulher Clara Domitilla Ribas, neta pela parte paterna de Ventura José Estrella e de sua mulher Joaquina Maria de Jesus.  
Filhos:  
2-1 Maria das Dôres Santos Cechelero, casada com José Cechelero.  
Filhos:  
3-1 Angelina, fallecida.  
3-2 Ibanez dos Santos Cechelero.  
3-3 Leoncio.  
3-4 Maria Clara, fallecida.  
3-5 Lauro.  
3-6 José Maria.  
2-2 Lydio José dos Santos, casado em primeiras nu-

*NOTA — continuação.*

- pcias, com Eurícidia Soriano da Costa Santos e em segundas nupcias, com Lelita Rotoli dos Santos. Do primeiro casamento não houve filhos. Do segundo casamento teve:
- 3-1 Maria do Rocio.
- 2-3 Tenente-Coronel José Agostinho dos Santos, oficial do exercito, casado com Cinira da Silva Santos, filha de José Eustachio da Silva e de sua mulher Magdalena Fonseca Silva.
- Filhos:
- 3-1 Armando.
- 3-2 Arnaldo.
- 3-3 Maria Lina.
- 3-4 Alberto, falecido.
- 2-4 Leoncio dos Santos, falecido.
- 2-5 Clara Domitilla dos Santos Negrão, casada com Alfredo de Souza Dias Negrão, da Repartição dos Correios e Telegraphos do Paraná, 6-7 de pagina 240 do 2.º volume desta obra, ahi os ascendentes e descendentes.
- 2-6 Julia dos Santos Cordeiro, casada com Eugenio Cordeiro.
- Filho:
- 3-1 José Eugenio.
- 2-7 Antonio Cirilo dos Santos, falecido.
- 2-8 Flavia dos Santos, falecida.
- 2-9 Pedro Dagoberto dos Santos.
- 1-5 Maria Rosa dos Santos, nascida em Paranaguá, a 30 de Agosto de 1843. E' professora aposentada, e vive neste anno de 1933, cercada de respeito e veneração geral, a que faz juz por suas virtudes e bondade. Foi casada a 27 de Julho de 1889, com o professor João Baptista Pereira de Andrade, que foi um dos veteranos da guerra do Paraguay, 6-1 de 5-5 de paginas 363 e 364 do 2.º volume, ahi os ascendentes. Sem filhos.

*Final das notas.*

\* \*  
\*

- 4-6 Clara Luiza de Siqueira Guimarães, filha de 3-1 de pagina 243, casada em Morretes, em 1858, com João da Cunha Guimarães.
- Filhos:
- 5-1 Balbina de Siqueira Antunes, casada com Pedro Antunes Ribeiro.
- Filhos:
- 6-1 Tharcilla Antunes Paz, casada com o engenheiro civil João Paz Raymundo Filho. Engenheiro da Fiscalisação das Estradas de Ferro.
- Filhos:
- 7-1 Dr. Alberto Ribeiro Paz, engenheiro da E. F. Central do Brasil.
- 7-2 Lauro Ribeiro Paz, funcionario do Banco do Brasil.
- 7-3 Abigail Ribeiro Paz.
- 6-2 Mario de Siqueira Antunes, tabellião em São José da Boa Vista, casado com Maria Luiza de Loyola Antunes.
- Filho:
- 7-1 Edison de Loyola Antunes.
- 5-2 Francisca de Siqueira Antunes, casada com Belarmino Ferreira Antunes.
- Filhos:
- 6-1 Laudelino Ferreira Antunes, casado com Octilia Mendes Ferreira Antunes.
- Filhos:
- 7-1 Nahyr.
- 7-2 Noemia.
- 7-3 Semiramis.
- 7-4 Djalma.
- 6-2 Lucidio Ferreira Antunes, casado com Maria Philomena Ferreira Antunes.
- Filhos:
- 7-1 José.
- 7-2 Sebastião.
- 7-3 Alberto.
- 6-3 José Agostinho Ferreira Antunes, casado com Maria Piedade Ferreira Antunes.
- Filhos:

- 7-1 Maria Aparecida.  
7-2 José.
- 5-3 Bemvinda de Siqueira Meyer, casada com Guilherme Meyer.  
Filhos:  
6-1 Augusto Meyer.  
6-2 Christina Meyer.
- 5-4 Hercilia Leite de Paula e Silva, casada com o Dr. João Leite de Paula e Silva, advogado. Foi Deputado Federal pela Parahyba e Deputado ao Congresso Legislativo do Paraná, em varias legislaturas. Foi chefe politico, e é abastado fazendeiro em Thomazina, onde possui grandes latifundios.  
Filhos:  
6-1 Aurea de Paula e Silva Nobrega, casada com o Dr. Francisco Methodio da Nobrega, Juiz de Direito de Thomazina.  
Filhos:  
7-1 Pedro de Paula e Silva Nobrega.  
7-2 Antonia de Paula e Silva Nobrega.  
7-3 Methodio de Paula e Silva Nobrega.
- 6-2 Adelaide de Paula e Silva Lacerda, casada com José Cavalcanti Pessoa de Lacerda, fazendeiro.
- 6-3 Joanna de Paula Frias, casada com Pacifico Gonçalves Frias, fazendeiro.  
Filhos:  
7-1 Pacifico.  
7-2 Hercilio.
- 6-4 Maria Dolores de Paula Leite, casada com o Dr. Francisco de Paula Leite, medico em Ribeirão Claro.  
Filhos:  
7-1 Hercilia.  
7-2 Felizardo.
- 6-5 Francisco de Paula e Silva, promotor em Carlopolis, casado com Jahyra Machado de Paula e Silva.
- 6-6 José de Paula e Silva, casado com Anna de Paula e Silva.  
Filhos:

- 7-1 Paulo.  
7-2 Hercilia.
- 6-7 Felizardo Leite de Paula e Silva, estudante.  
6-8 Hercilio Leite de Paula e Silva, estudante.  
6-9 Marcolino Leite de Paula e Silva, estudante.
- 4-7 Maria Francisca de Assis, casada a 22 de Fevereiro de 1851, com Manoel José Alves, filho de Joaquim José Alves e de sua mulher Maria Joaquina Luiza Monteiro de Mattos, § 5.º do Capitulo 2.º do Titulo Alves, ahi os ascendentes.  
Filhos:  
5-1 Agnello de Siqueira Alves, nascido em 14 de Novembro de 1851, falleceu em Antonina.  
5-2 Manoel Claro Alves, nascido a 12 de Agosto de 1853, casado com a professora Paulina Carolina Alves, filha do Capitão-mór Manoel José Alves, fallecido a 23 de Fevereiro de 1889, e de sua mulher Maria da Costa, 1-10 do § 10.º, Capitulo 3.º do Titulo Alves — deste volume, ahi a descendencia.
- 5-3 Benevenuto Augusto Alves, baptisado a 12 de Junho de 1855, casado a 3 de Julho de 1875 com Gertrudes Maria Pereira Alves, filha de Bernardo José Pereira e de sua mulher Joaquina Maria do Espirito Santo.  
Filhos:  
6-1 Antonia, fallecida a 13 de Abril de 1884.  
6-2 Carmen, fallecida a 29 de Novembro de 1877.
- 5-4 Antonio de Carvalho Alves, baptisado com tres mezes, a 2 de Abril de 1857, e fallecido a 16 de Novembro de 1888.
- 5-5 Joaquim José Alves Sobrinho, baptisado a 24 de Abril de 1859, e fallecido a 14 de Dezembro de 1883.
- 5-6 Raymundo Alves, nascido a 29 de Maio de 1860, casado a 27 de Outubro de 1883 com Guilhermina Maria Pereira, irmã de Gertrudes Maria Pereira, de 5-3 acima.
- 5-7 Maria da Gloria Alves, nascida a 31 de Agosto de 1862, e fallecida a 22 de Dezembro de 1883.

- 5-8 João Augusto Alves, nascido a 21 de Agosto de 1864, falleceu no Rio de Janeiro.
- 5-9 Balbina Serafina Alves, baptisada a 6 de Outubro de 1866, com 2 mezes de idade.
- 5-10 Adalberto Alves, nascido a 20 de Setembro de 1868, falleceu em Imbituva.
- 5-11 Cezar Augusto Alves, nascido a 4 de Janeiro de 1871.
- 5-12 Ulysses Cezar Alves, nascido a 18 de Abril de 1873, incorporou-se ás forças revolucionarias de 1894, não se tendo noticias suas, desde então.
- 5-13 Telemaco Augusto Alves, nascido a 13 de Março de 1877. Reside em Paranaguá. Casado com Rosa Vidal Alves, sem filhos.
- 4-8 José Bento de Siqueira (<sup>1</sup>), casado com Maria Alexandrina Tosta, filha de João Palmeira Tosta e de sua mulher Joanna. Foi commerciante em Curityba, e mais tarde mudou sua residencia para o Rio Grande do Sul, onde foi empregado de Fazenda.
- 3-2 Antonio Francisco de Siqueira, nascido a 13 de Junho de 1795 e fallecido a 2 de Abril de 1877. Foi casado com Bernardina Francisca Cardenas, nascida a 25 de Novembro de 1898, filha de Francisco José Cardenas e de Maria Domingues.
- Filhas:
- 4-1 Maria, baptisada em Paranaguá a 28 de Março de 1829.
- 4-2 Maria Cardenas de Siqueira Cunha, baptisada em Paranaguá a 1.º de Março de 1831, onde se casou em 27 de Abril de 1847, com o Maestro Capitão Jacintho Manoel da Cunha, viuvo de Joaquina Maria da Cunha, 4-2 de pagina 278 do 1.º volume desta obra, ahi seus traços biographicos e descendentes.
- Teve o filho unico:

(<sup>1</sup>) Houve outro José Bento de Siqueira, fallecido em Curityba, em Outubro de 1834, que foi casado em primeiras nupcias, com Anna Maria e em segundas nupcias, com Ludovina Maria, filha da viuva Delfina Eugenia.

- 5-1 Bernardino Lourenço da Cunha, nascido a 10 de Agosto de 1871, casado a 7 de Setembro de 1895 com Maria do Carmo Saldanha, filha de Pedro de Freitas Saldanha, fallecido de febre amarella a 3 de Maio de 1895, e de sua mulher Ursula Borges Saldanha, fallecida a 1.º de Fevereiro de 1902, descriptos em nota de pagina 278 do 1.º volume.
- 4-3 Francisca Malvina de Siqueira, casada em 29 de Setembro de 1853, com o Capitão Domingos Carneiro da Silva Braga, filho do Capitão Francisco Carneiro da Silva Braga e de Francisca de Paula Diniz Carneiro, naturaes de Iguape. Elle, falleceu a 9 de Setembro de 1885, com 59 annos de idade, e ella falleceu em Junho de 1896.
- Filhos:
- 5-1 Francisca Carneiro de Souza, nascida a 24 de Maio de 1854, e casada a 25 de Outubro de 1884, com o Capitão Manoel Francisco de Souza, nascido em 30 de Dezembro de 1853, filho do portuguez Francisco José de Souza e de sua segunda mulher Catharina Maria de Jesus, por esta, neto de Camillo Lelis Bittencourt e Maria Gonçalves. Com descendencia descripta em 3-6 de 2-3, § 2.º, Capitulo 1.º do Titulo Gonçalves da Rocha.
- 5-2 João Bernardino da Silva Braga, nascido a 12 de Julho de 1855 e fallecido em estado de solteiro.
- 5-3 Coronel Manoel Bonifacio Carneiro, nascido a 14 de Maio de 1856. Casou-se a 12 de Novembro de 1899 com Maria Leocadia Munhoz da Rocha, viuva do Coronel Bento Munhoz da Rocha. Falleceu em Buenos Ayres.
- Sem descendencia.
- 5-4 Capitão Antonio Carlos Carneiro, nascido a 12 de Novembro de 1858, casado a 19 de Outubro de 1884 com Catharina de Souza Carneiro. Falleceu em 2 de Fevereiro de 1920. (Vêr Titulo Gonçalves da Rocha, Capitulo 1.º)
- 5-5 Cezar Carneiro, nascido em 21 de Setembro de 1860, falleceu em criança.

- 5-6 Major Benjamin Cezar Carneiro, nascido a 1.º de Fevereiro de 1862, casado com Carmen Gomes Veiga. (Titulo Gonçalves da Rocha.)  
Sem filhos.
- 3-3 Alferes Francisco Antonio de Siqueira, filho de 2-7 de pagina 243, casado com Maria Custodia de Lacerda, elle, fallecido a 8 de Março de 1844, e ella, fallecida a 14 de Dezembro de 1850.  
Teve, por informação:
- 4-1 Gertrudes Maria de Siqueira, que foi a segunda mulher de José Maria dos Santos, n. 5, de paginas 257 e 259.  
Sem filhos.
- 4-2 Commendador José Antonio de Siqueira, nascido a 3 de Fevereiro de 1820, casado a 3 de Fevereiro de 1856, com Antonia Marciana San José.  
Era agraciado por D. Pedro II, por serviços relevantes prestados na Campanha do Paraguay. Foi Despachante Geral da Alfandega de Paranaguá.
- 4-3 João Antonio de Siqueira, serviu na catechese dos indios, em Paranapanema. Foi nomeado Despachante Geral da Alfandega de Paranaguá, na vaga deixada por morte de seu irmão José. Casado em primeiras nupcias, a 24 de Julho de 1865, com Maria Teixeira Maia, e em segundas nupcias, com Anna de Oliveira Pendão; deste segundo casamento não houve filhos.  
Filhos do primeiro matrimonio:
- 5-1 Maria Ivinheima de Siqueira, que foi a segunda mulher do Coronel Antonio Luiz de Bittencourt, politico em evidencia em Paranaguá. Não deixou descendencia.
- 2-8 Antonio Siqueira Côrtes, 3-2 de 2-1 de pagina 597 do 1.º volume.
- 2-9 Maria dos Santos Martha, casada com Antonio Luiz

- de Souza Araujo, 3-3 de 2-1 de pagina 597 do 1.º volume.
- 2-10 Luiz de Siqueira, casado com Thereza Maria de Jesus, 3-4 de 2-1 de pagina 597 do 1.º volume.

## CAPITULO 5.º

- 5 — Maria da Graça de Siqueira, casada com Innocencio Alves.  
Filhos:
- 1-1 Josepha de Siqueira Côrtes . . . . . § 1.º  
1-2 Sebastião de Siqueira Côrtes. . . . . § 2.º
- § 1.º
- 1-1 Josepha de Siqueira Côrtes.
- § 2.º
- 1-2 Sebastião de Siqueira Côrtes, falleceu em 1735, com 20 annos de idade.

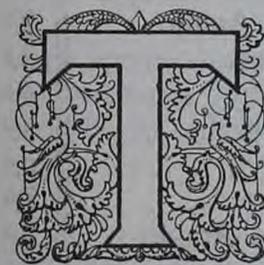
## ERRATA:

- 4-5 Anna Aurelia de Siqueira, de pagina 246, onde diz: casada em segundas nupcias, a 3 de Julho de 1883, diga-se: a 22 de Maio de 1869.
- 2 — Anna Maria Pereira do Carmo, de pagina 252, onde diz: 1862, diga-se: 1882.
- Accrescente-se a pagina 246, aos traços biographicos do Coronel José Gonçalves Lobo, 5-2, depois das palavras: — Directorio Politico do Partido Republicano Paranaense — o seguinte, que escapou a nossa revisão: — Afastado da direcção politica, em 1922, por profundos desgostos occasionados pela morte do seu

filho, o unico sobrevivente, José Gonçalves Lobo Junior, só 6 annos apóz, a instancias de seus amigos, e até de adversarios politicos, consentiu na apresentação de seu nome, para o pleito eleitoral municipal, em 1928, conseguindo ser eleito Camarista mais votado, pelo que, nesse character esteve, durante 9 mezes, á testa da administração do municipio, de 1929 a 1930.



## Titulo Alves



EVE origem no Paraná, a illustre familia desse Titulo, no Capitão-mór de Antonina — Manoel José Alves, casado com Serafina Rodrigues Ferreira, filha do Capitão José Rodrigues Branco e de sua mulher Joanna Rodrigues Ferreira. Era elle, natural da freguezia de São Salvador da Fonte Boa, nascido em 1762.

Foi estabelecido em Paranaguá, com estaleiro naval, onde construiu varias sumacas de regulares tonelagens. Como «carpinteiro da ribeira e armador», conseguiu se tornar abastado em bens de fortuna, e occupar os mais elevados cargos da governança dessa cidade, e da de Antonina. Na milicia, attingiu os postos de Sargento-mór e por fim o de Capitão-mór.

Teve os seguintes filhos:

- 1 — Capitão Hyppolito José Alves. . . . . Capitulo 1.º  
 2 — Alferes Joaquim José Alves. . . . . Capitulo 2.º  
 3 — Capitão Antonio José Alves . . . . . Capitulo 3.º  
 4 — Anna Maria Alves. . . . . Capitulo 4.º  
 5 — Ricardo José Alves . . . . . Capitulo 5.º  
 6 — Maria Rodrigues Ferreira . . . . . Capitulo 6.º  
 7 — Ireno José Alves . . . . . Capitulo 7.º  
 8 — Gertrudes Alves Ferreira . . . . . Capitulo 8.º

## CAPITULO 1.º

- 1 — Capitão Hyppolito José Alves, que foi casado com Maria Rosa Alves de Araujo, falecida a 28 de Junho de 1856, na cidade de Morretes, cega e paralytica; filha do Commendador Antonio José de Araujo e de sua mulher Domitilla da Silva Freire, neta pela parte paterna de José de Araujo e de sua mulher Maria Rosa, ambos portuguezes; neta pela parte materna de João Ferreira de Oliveira, portuguez, e de sua mulher Anna Gonçalves Cordeiro, por esta, bisneta de Raymundo José Sanabio e de sua mulher Euphrosina da Silva Freire.

Filhos:

- 1-1 Commendador Antonio Alves de Araujo. § 1.º  
 1-2 Conselheiro Manoel Alves de Araujo. . . . . § 2.º  
 1-3 Domitilla de Araujo Marcondes. . . . . § 3.º  
 1-4 Henrique Alves de Araujo. . . . . § 4.º  
 1-5 Hyppolita de Araujo Cumplido. . . . . § 5.º  
 1-6 Joaquim Alves de Araujo . . . . . § 6.º  
 1-7 Maria Rosa Alves de Araujo. . . . . § 7.º  
 1-8 Brigadeiro Hyppolito Alves de Araujo . . . . . § 8.º  
 1-9 Anna Alves de Araujo Belem . . . . . § 9.º

## § 1.º

- 1-1 Commendador Antonio Alves de Araujo, foi casado em primeiras nupcias com Maria Luiza de Araujo, e em segundas nupcias com Francisca Correia de Araujo, 6-1 de 5-3 de pagina 68 do volume 3.º, ahi a descendencia.

## § 2.º

- 1-2 Conselheiro Manoel Alves de Araujo, casado com Maria Colleta dos Santos, 6-2 de pagina 70 do volume 3.º, ahi a descendencia.

## § 3.º

- 1-3 Domitilla de Araujo Marcondes, casada com o Conselheiro Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá, 6-4 de pagina 74 do volume 3.º, ahi a descendencia.

## § 4.º

- 1-4 Henrique Alves de Araujo, casado com Cherubina Marcondes Alves de Araujo, 6-9 de pagina 82 do 3.º volume, ahi a descendencia.

## § 5.º

- 1-5 Hyppolita de Araujo Cumplido, casada com D. Fanor Cumplido, 6-3 de pagina 72 do volume 3.º, ahi a descendencia.

## § 6.º

- 1-6 Coronel Joaquim Alves de Araujo, casado com sua sobrinha Ignacia dos Santos Araujo, 6-7 de pagina 80 do volume 3.º, ahi a descendencia.

## § 7.º

- 1-7 Maria Rosa Alves de Araujo, casada com Francisco Marques Leal Pancada, 6-5 de pagina 78 do volume 3.º, ahi a descendencia.

## § 8.º

- 1-8 Brigadeiro Hyppolito Alves de Araujo, casado com Emilia Marcondes Alves de Araujo, 6-8 de pagina 81 do volume 3.º, ahi a descendencia.

## § 9.º

- 1-9 Anna Alves de Araujo Belem, casada com Joaquim Vieira Belem.  
Sem geração.

## CAPITULO 2.º

- 2 — Joaquim José Alves (o velho), filho do Capitão-mór Manoel José Alves e de sua mulher Serafina Roiz Ferreira.  
Casado com Maria Joaquina Luiza Monteiro de Mattos.  
Filhos:
- |   |       |
|---|-------|
| 1-1 Joaquim José Alves Junior . . . . . | § 1.º |
| 1-2 Francisca Alves . . . . .           | § 2.º |
| 1-3 Catharina Miró . . . . .            | § 3.º |
| 1-4 Maria Alves de Siqueira . . . . .   | § 4.º |
| 1-5 Manoel José Alves . . . . .         | § 5.º |
| 1-6 Gertrudes Alves . . . . .           | § 6.º |

## § 1.º

- 1-1 Commendador Joaquim José Alves, casado com Guilhermina Miró, filha do Commendador José Miró de Freitas e de sua mulher Catharina Miró. Com descendentes descriptos neste volume em Titulo Cardozo de Lima, pagina 53, pelo que aqui só mencionamos os filhos, sem detalhes.  
Filhos:
- 2-1 Joaquim José Alves Filho, casado com Joaquina de Barros Alves, filha do Commendador Antonio de Barros e de sua mulher Thereza de Barros, 7-1 de 6-4 de pagina 58 do 3.º volume e 5-2 de pagina 54 deste volume. Ahi a descendencia.
- 2-2 Ismenia Miró Alves de Alencar, casada com o Dr. Manoel Vieira Barreto de Alencar, 5-3 de pagina 54 deste volume. Ahi a descendencia.

- 2-3 Dr. Euclides Miró Alves, medico, residente no Rio Grande do Sul, onde casou com Clara Pégas Alves, 5-6 de pagina 55 deste volume.  
Sem filhos.
- 2-4 Guilhermina Miró Alves, solteira.
- 2-5 Esther Miró Alves.
- 2-6 José Miró Alves, fallecido.
- 2-7 Maria Eugenia Miró Alves, fallecida, foi a primeira mulher de José Borges de Macedo Ribas, 5-1 de pagina 53 deste volume, ahi a descendencia.
- 2-8 Maria Julia Miró Alves, por morte de sua irmã, casou com seu cunhado José Borges de Macedo Ribas, 5-8 de pagina 55 deste volume.
- 2-9 Guilhermina, fallecida na infancia.
- 2-10 Maria Clara Miró Alves, foi a primeira mulher de Eugenio Bittencourt, 5-7 de pagina 55 deste volume.

## § 2.º

- 1-2 Francisca Alves dos Santos, casada com Manoel da Silva Santos.  
Teve:
- 2-1 Maria Candida Cordeiro, Professora, casada com o Capitão Manoel Antonio Cordeiro, baptisado em Antonina, aos 21 de Setembro de 1819, filho de Bernardo José Cordeiro, natural dessa villa, e de sua mulher Ignez Maria de Miranda, de Paranaaguá; neto pela parte paterna, de Domingos Cordeiro e de sua mulher Izabel de Oliveira, de Antonina; neto pela parte materna, de Gaspar Gonçalves da Rocha e de sua mulher Anna Antonia.  
Teve:
- 3-1 Manoel Antonio Cordeiro, casado em primeiras nupcias, com Idalia Pereira, filha de Manoel da Silva Pereira e de sua mulher Adelina dos Reis, e em segundas nupcias, com Guilhermina Montenegro, filha de Guilherme Montenegro e de sua mulher Porfíria de Siqueira Montenegro.

- Filhos do primeiro matrimonio, já descriptos em 7-1 de 6-9 de pagina 457 do 2.º volume.  
Teve do segundo matrimonio:
- 4-1 Guilherme, fallecido.
  - 4-2 Maria de Lourdes.
  - 4-3 Eunice.
  - 4-4 Guinoel.
- 3-2 Alcides dos Santos Cordeiro, casado com Semiramis da Cruz Moreira.  
Sem geração.
- 3-3 Durval dos Santos Cordeiro, Collector das Rendas Federaes em Morretes, casado com Maria Emilia Pinto Cordeiro, filha de Antonio da Costa Pinto e de sua mulher Rita Costa Pinto.  
Filhos:
- 4-1 Durval Pinto Cordeiro.
  - 4-2 Mario Pinto Cordeiro.
  - 4-3 Antonio, fallecido.
  - 4-4 Mozart Cordeiro.
  - 4-5 Maria Rita.
  - 4-6 Saul.
- 3-4 Francisca dos Santos Cordeiro, serventaria do Telegrapho Nacional. Solteira.
- 3-5 Maria Candida Cordeiro, viuva de Alberto Pereira Jorge, telegraphista do Estado, fallecido em 1929, filho do Tenente José Pereira Jorge e de sua mulher Leopoldina Luiza Pereira Jorge.  
Teve:
- 4-1 Bianor Cordeiro Pereira Jorge.
  - 4-2 Maria Leopoldina, fallecida em 14 de Julho de 1928, foi casada com Pedro Branco Ribas.
  - 4-3 Nilza Pereira Jorge.
  - 4-4 Maria de Lourdes, fallecida, aos 16 annos de idade, em Janeiro de 1932.
  - 4-5 Ayrton Pereira Jorge.
  - 4-6 Lafayette Pereira Jorge.
  - 4-7 Dorival Pereira Jorge.
  - 4-8 Odilon Pereira Jorge.
  - 4-9 Cid Pereira Jorge.
  - 4-10 Luiz Pereira Jorge.

- 4-11 Alceu, fallecido em 29 de Abril de 1927.
  - 4-12 Manoel, fallecido.
- 2-2 Emilia dos Santos Cabral, casada em primeiras nupcias, com o Dr. Aristides Guedes Cabral, medico da Armada Nacional, e em segundas nupcias, com Marianno de Jesus.  
Sem descendentes.
- 2-3 Achilles Alves dos Santos, nascido em Paranaguá, a 28 de Janeiro de 1854, e ahí fallecido, a 29 de Agosto de 1933, foi casado a 18 de Setembro de 1892, com Helena de Lacerda, filha do Tenente-Coronel José Bento de Lacerda e de sua mulher Lydia Josepha de Lacerda, 5-11 de pagina 104 do 3.º volume. (Vêr a descendencia em 6-5 de pagina 109 do 3.º volume.)
- 2-4 Diogenes Alves dos Santos, casado com Maria do Nascimento Santos, fallecida em Março de 1930, já em estado de viuva.  
Teve:
- 3-1 Francisca dos Santos, casada em primeiras nupcias, com Antonio de Aquino Parahyba e Mello, e em segundas nupcias, com Anselmo Souza.  
Teve do primeiro matrimonio:
- 4-1 Marietta Parahyba de Mello, fallecida.
  - 4-2 Aunito Parahyba de Mello, fallecido.
  - 4-3 . . . . . Parahyba de Mello, fallecido.
- Teve do segundo matrimonio:
- 4-4 Yolanda dos Santos Souza, casada com o Tenente Raphael de Souza.  
Filhos:
- 5-1 Guilherme.
  - 5-2 Nivaldo.
  - 5-3 Aydé.
  - 5-4 Yone.
  - 5-5 Leonor.
  - 5-6 Raphael.
- 4-5 Manoel dos Santos Souza.
- 4-6 Dora dos Santos Souza, casada com José Pereira Jorge, filho de Alberto Pereira Jorge e de sua primeira mulher Maria Constança Pereira Jorge.

Teve:

- 5-1 Maria Constança.
- 5-2 Adayr.
- 5-3 Dinah.
- 5-4 Maria de Lourdes.
- 5-5 José.
- 5-6 Dagmar.
- 5-7 Nelson.
- 4-7 Maria Antonieta, casada com Leandro Dacheux do Nascimento Filho. Sem filhos.
- 4-8 Levy Souza, casada.
- 4-9 Edgard de Souza, solteiro.

§ 3.º

- 1-3 Catharina Alves Miró, casada com José Miró de Freitas, filho de Manoel Miró e de sua mulher Escolastica Freitas, 3-4 de pagina 53 deste volume.

Teve:

- 2-1 Maria Miró Ribeiro Vianna, viuva do Comendador João Manoel Ribeiro Vianna. Com ascendentes e descendentes neste volume a pagina 55, em Titulo Cardozo de Lima, pelo que aqui só mencionamos os filhos, sem maiores detalhes.

Teve:

- 3-1 Dr. João Manoel Ribeiro Vianna Junior, medico, fallecido solteiro, 5-1 de pagina 56 deste volume.
- 3-2 Dr. Bernardo Ribeiro Vianna, casado com Maria Nazareth Ribeiro Vianna, 5-4 de pagina 56 deste volume, ahi a descendencia.
- 3-3 Erasmo Ribeiro Vianna, casado com Mary Balster Vianna, filha de Arthur L. Balster e de sua mulher Maria Luiza Balster, 5-5 de pagina 56 deste volume, ahi a descendencia.
- 3-4 Rosa Vianna, fallecida solteira.
- 3-5 Maria Eugenia Vianna (Nenê Vianna), casada com José Maria Vossio Brigido, 5-6 de pagina 57 deste volume, ahi a descendencia.

- 3-6 Helvia, fallecida.
- 3-7 Eugenio, fallecido.
- 3-8 Elvira, fallecida.
- 2-2 Guilhermina Miró, casada com Joaquim José Alves Junior, 1-1 do § 1.º do Capitulo 2.º de pagina 272 deste volume.

§ 4.º

- 1-4 Maria Alves de Siqueira, casada com Fernando José de Siqueira, filho de Bento José de Siqueira e de sua mulher Francisca Munhoz, 3-1 de 2-7 de 1-1 do § 1.º, Capitulo 4.º do Titulo Góes de Siqueira deste volume, ahi a descendencia.

§ 5.º

- 1-5 Manoel José Alves, casado com Maria Francisca de Siqueira, 4-7 de 3-1 de 2-7 do § 1.º, Capitulo 4.º do Titulo Góes de Siqueira deste volume, ahi os ascendentes e descendentes.

§ 6.º

- 1-6 Gertrudes Alves, casada em primeiras nupcias, com . . . . . de Mello, e em segundas nupcias, com Manoel Teixeira de Carvalho.

Teve do primeiro casamento:

- 2-1 Joaquim Alves de Mello, casado com Alice Garcia de Mello, filha de Antonio Mariano da Silva e de sua mulher Carolina Thereza da Silva, 3-6 de 2-5 de 1-1 do § 1.º do Capitulo 1.º do Titulo Souza Pinto desta obra, ahi a descendencia.

Do segundo casamento teve:

- 2-2 Etelvina Alves Teixeira da Silva, que foi casada com Sylvio Machado da Silva, 3-4 de 2-5 do § 1.º do Capitulo 1.º do Titulo Souza Pinto desta obra, ahi os ascendentes e descendentes.

Teve outros filhos, fallecidos na primeira infancia.

## CAPITULO 3.º

3 — Capitão-mór Antonio José Alves, casado em primeiras nupcias, com Manoela Garay Alves, em segundas nupcias, com Maria Joaquina da Costa, filha de Bento Soares da Costa e de sua mulher Maria Joaquina da Costa, 1-2 do § 2.º, Capítulo 2.º do Título Soares da Costa, e em terceiras nupcias, com Leocadia Rocha. Do primeiro matrimonio teve:

1-1 Anna Balbina Alves Branco . . . . .	§	1.º
1-2 Maria Joanna Alves da Cunha . . . . .	§	2.º
1-3 Ricardo Alves . . . . .	§	3.º
1-4 Antonio José Alves Junior . . . . .	§	4.º
1-5 Libania Alves Vidal . . . . .	§	5.º
1-6 Serafina Alves da Cunha . . . . .	§	6.º
Do segundo matrimonio teve:		
1-7 Coronel Izaias Augusto Alves . . . . .	§	7.º
1-8 Julio Cezar Alves . . . . .	§	8.º
1-9 Manoel José Alves . . . . .	§	9.º
1-10 Paulina Carolina Alves . . . . .	§	10.º
1-11 Maria Leocadia Alves Tourinho . . . . .	§	11.º
1-12 Elisa Augusta Alves . . . . .	§	12.º
1-13 Athalia Alves Magalhães . . . . .	§	13.º

Do terceiro matrimonio não teve filhos.

## § 1.º

Filhos do primeiro matrimonio:

1-1 Anna Balbina Alves Branco, casada em Antonina, a 18 de Setembro de 1858, com o Coronel Romão Rodrigues de Oliveira Branco, fallecido a 8 de Setembro de 1917, em Curityba, 2-1 de 1-2 de pagina 351 do 4.º volume, ahí os ascendentes e descendentes, pelo que aqui só mencionamos os nomes dos filhos:

Teve:

2-1 Capitão Victor Alves Branco, nascido a 8 de Outubro de 1859, fallecido, casado com Edeltrudes de Souza Branco, 3-1 de pagina 361 do 4.º volume, ahí a descendencia.

2-2 Aurora Branco da Cunha, casada com Luiz Manoel da Cunha, ella nasceu a 2 de Julho de 1876, 3-2 de pagina 362 do 4.º volume, ahí a descendencia.

2-3 Elvira Branco Ferreira dos Santos, nascida a 1.º de Fevereiro de 1878, foi casada com o Dr. Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, filho do Dr. Ignacio Ferreira dos Santos e de Rosa Alexandrina Galvão Ferreira dos Santos. Ambos fallecidos.

Já descriptos em 3-3 de pagina 363 do 4.º volume, ahí os descendentes.

2-4 Maria Thereza Branco, nascida em Março de 1870 e fallecida solteira.

2-5 Emma Alves Branco, fallecida solteira.

2-6 Maria da Luz Alves Branco, solteira.

## § 2.º

1-2 Maria Joanna Alves da Cunha, casada com Luiz Manoel da Cunha.

Teve:

2-1 Maria Izabel da Cunha Velloso, casada com o Major Cyro Persiano de Castro Velloso, já descriptos em 8-1 de pagina 255 do 3.º volume, ahí seus traços biographicos.

Teve:

3-1 Carmellita Velloso de Almeida, casada com Antonio Rodrigues de Almeida, filho do capitalista José Rodrigues de Almeida e de sua mulher Gertrudes da Silva.

Teve:

4-1 Mario.

4-2 Idos.

3-2 Licio da Cunha Velloso, fallecido.

2-2 Anna da Cunha Correia, viuva de Mario Guimarães Correia, antigo e acreditado guarda-livros.

Teve:

3-1 Capitão Cyro da Cunha Correia, official do exercito, fallecido, foi casado com Maria

Luiza Supplicity de Lacerda, filha do Coronel Manoel José Correia de Lacerda e de sua mulher Alice Maria Supplicity, 7-2 de pagina 551 do 3.º volume.

Filhos:

4-1 Mario.

4-2 Clelia.

4-3 Cyro.

3-2 Olivia Correia, viuva de Lothario da Silva Pereira.

Teve:

4-1 Eunice.

3-3 Gelvira Correia, casada com Sebastião Lacerda.

Teve:

4-1 Mario.

3-4 Annita.

3-5 Joannita.

3-6 Eleonora.

3-7 Lycurgo.

2-3 Brasílio Alves da Cunha, falecido.

2-4 Luiz Manoel da Cunha, casado com sua prima Aurora Branco da Cunha, 2-2 de 1-1 do § 1.º, Capitulo 3.º, ahí a descendencia.

2-5 Francisca da Cunha Britto, casada com Emilio da Cunha Britto.

Teve:

3-1 Dermeval Cunha Britto, casado com Judith Cunha Britto.

Filhos:

4-1 . . .

4-2 . . .

3-2 Laurindo Cunha Britto.

3-3 Paulo Cunha Britto.

### § 3.º

1-3 Ricardo Alves, casado com Ritta Alves.

Filha:

2-1 Delfica.

### § 4.º

1-4 Antonio José Alves Junior, casado com Maria Alves.  
Filhos:

2-1 Manuella Alves de Araujo, natural de Antonina, casada com o Professor Julio Cezar de Souza Araujo, natural de Jacarehy-São Paulo.

Teve:

3-1 Coronel Hildebrando Cezar de Souza Araujo, negociante importador e forte industrial, residente em Curityba. Foi prestigioso chefe politico no interior do Estado, principalmente em Imbituva, onde residiu e foi estabelecido. Casado com Leopoldina Conceição de Castro Araujo, filha do Major Vicente Ferreira de Castro e de sua prima Maria Augusta da Silva Castro, sua segunda mulher. Com ascendentes em Titulo — Macedo — no 6.º volume desta obra.

Sem filhos.

3-2 Dr. Heraclides Cezar de Souza Araujo, medico, formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nasceu na cidade de Imbituva-Paraná, a 24 de Junho de 1886. Terminando o curso de humanidades no Gymnasio Nacional, hoje Collegio Pedro II, formou-se em Pharmacia na Escola de Pharmacia e Odontologia de Ouro Preto. Diplomado em bacteriologia e zoologia medica pelo Instituto Oswaldo Cruz. Antigo alumno da Faculdade de Medicina, da Real Universidade de Berlim. Doutor em sciencias medicas e chirurgicas pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Presidente da Delegação de Estudantes enviada ao Uruguay, em 1915. Socio honorario da Federação de Estudantes de Uruguay e da Associação Latino-Americana de Buenos Aires. Membro correspondente da Sociedade

Argentina de Dermatologia. Membro effectivo da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sociedade de Medicina do Paraná.

Tem exercido os seguintes cargos: Professor de Historia Natural no Externato Maurell da Silva, do Rio de Janeiro. Encarregado pelo governo do Paraná, para fazer estudos sobre as condições medico-sanitarias do littoral paranaense, e sobre a prophylaxia da lepra no Estado. Incumbido, mais tarde, de chefiar o combate ao impaludismo no norte do Estado.

Membro da Comissão de Estudos do Baixo Paraná, e sul do Continente, enviada, em 1918, pelo Instituto Oswaldo Cruz. Assistente ad-juncto effectivo do Instituto Oswaldo Cruz. Membro da Comissão de combate á peste nos Estados do Sul, enviada pela Saude Publica Federal, em 1920. Chefe do Serviço do Departamento Nacional de Saude Publica, incumbido de dirigir os Serviços de Saneamento e Prophylaxia Rural no Estado do Paraná (1918-1921) e foi encarregado da direcção de igual mister no Estado do Pará. 1921-1924 — Chefe do Serviço de Saneamento Rural no Estado do Pará: Abril de 1921 a Julho de 1924. 1924-1926 — «Fellowship» da Fundação Rockefeller, New York, Julho de 1924 a Agosto de 1926.

1924-1927 — Commissionado pelo Governo Federal (Ministro da Justiça e Negocios Interiores) para estudar a Lepra no estrangeiro: Julho de 1924 a Janeiro de 1927.

1926-1931 — Assistente effectivo do Instituto Oswaldo Cruz.

1928-1933 — Encarregado do Curso de Leprologia do Instituto Oswaldo Cruz.

1931-1933 — Chefe de Laboratorio do Instituto Oswaldo Cruz.

1931 — Inspector-chefe da Inspectoria de Prophylaxia da Lepra no Estado de São Paulo.

1933 — Commissionado pelo Ministro da Educação e Saude Publica para estudar o problema da lepra nos Estados do Norte e elaborar um plano geral de prophylaxia.

Dentre seus trabalhos scientificos destacam-se os seguintes:

«O Granuloma venereum no Brasil.» — Isolamento e estudo experimental do seu microbio. (Com 25 photos.) Memoria enviada ao 7.º Congresso Medico Pan-Americano, São Francisco da California, 1915.

«Um caso de Mycetoma de Lindenberg.» — (Com 3 figuras.) Memoria enviada ao 7.º Congresso Medico Pan-Americano, São Francisco da California, 1915.

«O Granuloma venéreo e a Roentgentherapia.»

«O Granuloma venéreo na America do Sul.» — Comunicações feitas ás Sociedades de Dermatologia e de Medicina Argentinas, em 11 de Outubro de 1915.

«Estudo clinico do Granuloma venéreo.» — These inaugural com 123 paginas, 12 photographias e 3 chromolithographias, approvada com distincção, 1915.

«Problemas de hygiene.» — Cinco artigos sobre a lepra, publicados em Agosto e Setembro de 1916, na «A Republica», Curityba, Paraná.

«A Lepra no Paraná.» — Comunicação feita á Sociedade Brasileira de Dermatologia, em 15 de Setembro de 1916.

«A Prophylaxia da Lepra no Paraná.» — (Nota preliminar.) Memoria lida perante o Primeiro Congresso Medico Paulista, em 7 de Dezembro de 1916, São Paulo.

«Granuloma venéreo.» — Monographia com 254 paginas de texto, 7 estampas polychromaticas e 40 figuras em negro, Rio de Janeiro, 1917.

«Notas dermatologicas.» — Trabalho lido perante a Sociedade Brasileira de Dermatologia, em sessão de 6 de Julho de 1917.

«O Impaludismo no Norte do Paraná e a sua prophylaxia.» — Relatorio apresentado ao Governo do Paraná, em 31 de Julho de 1917.

«O Impaludismo no Paraná.» — Trabalho lido perante o 8.º Congresso Nacional de Medicina, em Outubro de 1918, Rio de Janeiro.

«A Prophylaxia da Lepra no Paraná.» — Trabalho lido perante o 8.º Congresso Nacional de Medicina, em Outubro de 1918, Rio de Janeiro.

- «Viagem científica no Rio Paraná e a Assumpção com volta por Buenos Aires, Montevideo e Rio Grande.» — Em colaboração com os Drs. A. Lutz e O. da Fonseca. «Memorias do Instituto Oswaldo Cruz», anno 1918, tom. X, fasciculo II, pags. 104—173, com 108 photographias, Rio de Janeiro, 1918.
- «A doença de «Carlos Chagas», no Paraná.» — 1919.
- «Verificação da doença de Sokodú no Estado do Paraná.» — Em colaboração com os Drs. Gomes de Faria e Cesar Pinto, 1919.
- «Mappa do Estado do Paraná.» — (Carta nosographica.) Publicada em Outubro de 1919.
- «Distribuição geographica da Ancylostomose no Paraná.» — (Com um mappa do Paraná em miniatura.) Trabalho apresentado á Sociedade de Medicina do Paraná, 1919.
- «A Prophylaxia Rural no Estado do Paraná.» — Trabalho resumido de todas as minhas campanhas de saneamento no Estado, 1919.
- «Notas epidemiologicas do Jatahy (Estado do Paraná).» 1920.
- «A Peste nos Estados do Sul.» — Em colaboração com o Dr. Amarilio H. de Vasconcellos. Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Carlos Chagas, Director Geral de Saude Publica, em 24 de Março de 1920.
- «Questões de hygiene.» — Defesa contra accusações do deputado Evaristo do Amaral, lida em sessão da Camara dos Deputados, de 19 de Julho de 1920, pelo deputado prof. Antonio Austregesilo.
- «Tratamento da lepra e da syphilis pelo Silbersalvar-san.» — Primeiro artigo publicado nos «Archivos Paranaenses de Medicina», Anno I, n. 4, pags. 92—98, Agosto de 1920.
- «Saneamento da Ilha do Mel.» — (Com uma photographura.) 1920.
- «A lepra no passado e no presente. Sua prophylaxia e therapeutica.» — Conferencia realizada na Escola Normal de Curityba, em 17 de Setembro de 1920.
- «Serviço de Prophylaxia Rural no Estado do Paraná.» — Quatro relatorios trimestraes de 1920.

- «O exercicio illegal da Medicina.» — Artigo publicado nos «Archivos Paranaenses de Medicina», Anno I, n. 9, pags. 300—303, de Janeiro de 1921.
- «As verminoses nas creanças do Paraná.» — Trabalho elaborado expressamente para o Primeiro Congresso Brasileiro de Protecção á Infancia. Fevereiro de 1921.
- «Geographia Medica do Paraná.» — Obra illustrada em 2 volumes, destinada á commemoração do Centenario da nossa Independencia.
- «A questão com a Faculdade de Medicina do Paraná.» — (Coisas do ensino e do exercicio da medicina.) 1921, Curityba.
- «A Lepra. Varias tentativas de cura.» — Outubro de 1921.
- «Os Indios do Gurupy.» — (Estudo ethnologico e nosographico.) 1922, Curityba.
- «A lepra. Modernos estudos sobre o seu tratamento e prophylaxia.» — Artigos publicados na «Folha do Norte» do Pará, 1921-1923, e reunidos em folheto de 102 paginas, com 4 photogravuras. Belém, Pará, 1923.
- «O Impaludismo. O grande mal da Amazonia.» — Conferencia realizada no Palace Theatre, Pará, em 9 de Junho de 1922. Publicada em folheto. Belém, Pará, 1923.
- «Estudos feitos e soccorros prestados pelas Comissões Medicas ambulantes.» — (Prophylaxia Rural itinerante.) Do livro «A Prophylaxia Rural no Estado do Pará». Belém, Pará, de 1922. Com 25 figuras.
- «Estudos sobre a frequencia e extensão das helminthoses e do Impaludismo no Estado do Pará.» — Do livro «A Prophylaxia Rural no Estado do Pará». Belém, Pará, 1922.
- «A Frequencia e Prophylaxia da Lepra no Estado do Pará.» — Do livro «A Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará». Belém, Pará, 1922.
- «Organização dos serviços de Prophylaxia das Doenças Venéreas no Estado do Pará.» — Do livro «A

- Prophylaxia da Lepra e das Doenças Venéreas no Estado do Pará». Belém, Pará, 1922.
- «Frequencia e Prophylaxia da Lepra nas Guyanas e em Trinidad.» Trabalho ilustrado com 60 photographias e 8 plantas, apresentado á Conferencia Americana da Lepra, Rio de Janeiro, Outubro de 1922. Publicado em folheto com 129 paginas. Rio, 1924.
- «O aborto criminoso.» — Artigo publicado na «Medicamenta». Rio, 1922.
- «Condições medico-sanitarias das Guyanas e de Trinidad.» — Conferencia na «Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro». Rio, 1923.
- «Resposta a uma "Critica de um systema de Prophylaxia Venérea".» — Conferencia na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Impresso em folheto de 31 paginas. Belém, Pará, 1923.
- «Fréquence et prophylaxie de la lèpre dans les Guyanes et à la Trinité.» — Travail présenté à la IIIeme. Conférence Internationale de la Lèpre, à Strassbourg, Juillet, 1923. Rapport du Prof. Marchoux, pp. 400-436, avec 8 figures, Baillièrre et Fils. Paris, 1924.
- «Costumes Paraenses.» — I. Habitações, II. Costumes das populações do interior, do Gurupy ao Oyapock. Rio, 1923.
- «Lazaropolis do Prata.» — A primeira colonia agricola de leprosos fundada no Brasil. Volume de 186 paginas, com 39 figuras. Belém, Pará, 1924.
- «A Prophylaxia da Lepra no Pará.» — Communicação á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 22 de Julho de 1924. «Brasil Medico», Rio, 1924.
- «A lepra no Estado do Pará. Estatistica de 30 meses.» — Rio, 1924.
- «Correspondencia dos Estados Unidos.» — (Setembro de 1924.) «Jornal do Commercio», Rio de Janeiro, 1924.
- «Les Indiens de l'Amazone.» — Conferencia feita no «Cosmopolitan Club», «John Hopkins University», Baltimore, E. Unidos, em 6 de Dezembro de 1924. (Inédita).

- «Mosquito control by screening and by fish Culture.» — Monographia exigida como complemento do curso de Engenharia Sanitaria da «School of Hygiene and Public Health», J. H. University, Baltimore, Dezembro 1924. Folheto de 24 paginas. (Inédita.)
- «Framboesia tropica (Yaws).» — Monographia exigida como complemento do curso de Epidemiologia I, da «School of Hygiene and Public Health», J. H. University, Baltimore, 22 de Fevereiro de 1925. (Inédita.)
- «Venereal Disease Control in Brazil.» — Trabalho apresentado como complemento do curso de Administração Sanitaria, da «School of Hygiene and Public Health», J. H. University, Baltimore, Março de 1925. (Inédito.)
- «The Wassermann Reaction in Leprosy.» — Monographia exigida como complemento do curso de Immunologia I, da «School of Hygiene and Public Health», J. H. University, Baltimore, Março de 1925. (Inédita.)
- «The Leprosy Problem in Brazil.» — American Journal of Tropical Medicine, Baltimore, E. Unidos, 1925.
- «The control of Venereal Diseases in the United States.» — These de doutoramento em Saude Publica, aprovada pela Congregação da «School of Hygiene and Public Health», John Hopkins University, em Junho de 1925. (Thesis for the degree of Dr. P. H.) (Inédita.)
- «A organização dos Serviços Sanitarios do Estado de Alabama (Estados Unidos).» — Baltimore, Junho de 1925.
- «A prophylaxia da lepra no Hawaii.» — (Correspondencia de 18 de Outubro de 1925.) «Brasil Medico», Rio, 1925.
- «Correspondencia do Japão.» — O 6.º Congresso de Medicina Tropical do Extremo Oriente, etc. (Kobe, 6 de Novembro de 1925.) «Brasil Medico», Rio, 1926.
- «Some aspects of the tropical diseases in Brazil.» — Conferencia feita na «School of Hygiene and Tropical Medicine», Calcutta, India, 15 de Fevereiro de 1926. (Inédita.)

«Leprosy as a World's sanitary problem.» — Memorandum prepared for and presented to the Health Committee, League of Nations, Geneve, October, 1926. (Trabalho inédito.)

«Sobre o Granuloma venéreo.» — Conferencia na «Academia Española de Dermatologia», Madrid, 26 de Novembro de 1926. Actas da Academia, 1926/27.

«Estado actual de la profilaxis de la lepra en Hawaí, Japon, Filipinas, India y Noruega.» — Conferencia feita na Faculdade de Medicina de Madrid, em 30 de Novembro de 1926. In «Actas Dermosifiliograficas», Madrid, 1926/27. Transcripto na «La Medicina Argentina», Buenos Aires, 1927.

«Tratamento da Lepra nas Philippinas.» — Conferencia feita na «Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa», em 13 de Janeiro de 1927. Publicada na «Revista Medica de Hamburgo», 1927, e na «Medicamenta», Rio.

«Cultura do bacillo da lepra.» — Artigo: «Brasil Medico», Rio, 1927.

«O problema da Lepra: Necessidade d'uma cooperação internacional.» — «Sciencia Medica», Rio, 1927.

«O problema da Lepra: Como resolvel-o no Brasil.» Ibidem. Rio, 1927.

«O problema da lepra no Brasil.» — Em torno dos discursos proferidos na Camara Federal pelos Deputados Raphael Fernandes e Manoelito Moreira. Ibidem. Rio, 1927.

«Plan de estudios sobre la Lepra.» — Trabalho lido perante a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em 12 de Julho de 1927 e publicado na «La Medicina Argentina», Buenos Aires, 1927.

«A Lepra na Infancia.» — Comunicação á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 22 de Outubro de 1927 e publicado no «O Jornal», Rio, 1927.

«O Problema mundial da Lepra.» — Conferencias, com projecções luminosas, feitas no Instituto Oswaldo Cruz, Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Sociedade de Biologia de São Paulo, Socie-

dade de Medicina de Bello Horizonte, Sociedade de Dermatologia de Montevideo e Instituto Bacteriologico de Buenos Aires, de Abril a Dezembro de 1927.

«Tratamento moderno da Lepra.» — Trabalho apresentado á 8.<sup>a</sup> Conferencia Sanitaria Pan-Americana, reunida em Lima, Perú, em Outubro de 1927, e lido na Academia Nacional de Medicina de Buenos Aires, em 22 de Dezembro de 1927. Folheto de 30 paginas. Rio, 1928.

«Sur le Kala-Azar aux Indes et le Bouton d'Orient à Bagdad.» — Comunicação feita á Sociedade Brasileira de Biologia, em 6 de Janeiro de 1928, e publicada nos C. R. de la Société de Biologie, Paris, 1928.

«Epidemiologia e Prophylaxia da Peste no Brasil.» — Com o Dr. Amarilio de Vasconcellos. Publicado no «Jornal dos Clinicos», Rio, 1928.

«O problema da lepra no Brasil em 1928.» — Artigo publicado no «Jornal do Commercio», em 25 de Março de 1928, Rio.

«O problema das doenças venéreas no Brasil.» — Artigo publicado no «Jornal do Commercio», em 20 de Maio de 1928, Rio.

«O problema da lepra no Prata.» — (Uruguay e Argentina.) Publicado na «Sciencia Medica», Rio, 1928.

«Tratamento externo da Lepra.» — Comunicação feita á Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 8 de Março de 1928, e publicada na «Sciencia Medica», Rio, 1928.

«Sur la transmission de la lèpre humaine à la Souris blanche.» — Comunicação feita á «Sociedade Brasileira de Biologia», em 25 de Julho de 1928. C. R. «Soc. Biol.», avec une figure, Paris, 1928.

«Estudos sobre a lepra: I. Transmissão da lepra humana ao camondongo branco.» — Comunicação á Academia Nacional de Medicina em 2 de Agosto de 1928, Boletim, com 7 figuras, «Sciencia Medica», Agosto de 1928, e Supplemento das Mem. do I. O. Cruz, Agosto de 1928, Rio.

«A esscarlatina.» — Trabalho apresentado á Academia Nacional de Medicina para concorrer a uma vaga de

membro titular. Approvada. Publicada na «*Sciencia Medica*», Rio, 1928. Folheto com 76 paginas.

«O problema da lepra no Brasil.» — Discurso de posse de membro titular da Academia Nacional de Medicina, em 31 de Maio de 1928. In *Boletim da Academia e «Sciencia Medica»*, Rio, 1928.

«Essais de culture du Mycobacterium leprae (Coccothrix leprae, Lutz, 1886). Isolément a partir d'un lépromé d'un Actinomyces.» — A. lepromatis, n. sp. Sociedade Brasileira de Biologia, sessão de 31 de Outubro de 1928, C. R. «*Soc. Biol.*», Paris, 1928.

«Tentativas de cultura do Mycobacterium leprae (Coccothrix leprae, Lutz, 1886). Isolamento de um actinomyces de um leproma.» — O Actinomyces lepromatis, n. sp. (Nota prévia em portuguez e inglez, com 11 figuras). *Supplemento das Memorias do Inst. Osw. Cruz*, Rio, 1928.

«Estudos sobre a Lepra: II. Tentativas de cultura do Mycobacterium leprae (Coccothrix leprae, Lutz, 1886).» — Isolamento de um actinomyces de um leproma. O Actinomyces lepromatis, n. sp. (Amostra Hilda). Trabalho completo, em portuguez e inglez, com 12 photogravuras e 1 estampa colorida. *Memorias do Instituto Osw. Cruz*, Rio de Janeiro, 1929.

«The frequency of Leprosy in Brazil.» — In «*Leprosy Notes*», 1929, The «British Empire Leprosy Relief Assn.», London.

«Hospital para luéticos.» — Artigo: «*Diario da Tarde*», de 18 de Março de 1929, Curityba, Paraná.

«A febre amarella no Rio de Janeiro.» — Artigo: «*Diario da Tarde*», de 22 de Março de 1929, Curityba, Paraná.

«Das Lepraproblem in Brasilien.» — In «*Seuchenbekämpfung*», Jahrgang 6, Vienna, 1929.

«Como se combate a lepra em São Paulo.» — In «*Sciencia Medica*», Abril 1929, Rio. Transcripto no *Boletim da Sociedade de Assistencia aos Lazaros e defesa contra a Lepra*, São Paulo, 1929.

«Uma manhã entre os Lazaros (no Paraná).» — Artigo: «*Revista Medico-Cirurgica do Brasil*», Rio, 1929.

«Estudos sobre a lepra: III. Transmissão da lepra humana ao camondongo branco (2.<sup>a</sup> nota com 6 figuras).» — Trabalho lido na Academia Nacional de Medicina, em 31 de Maio de 1929, e publicado no *Supplemento das Memorias do Inst. Osw. Cruz*, em portuguez e inglez, Rio, 1929.

«*Studies upon leprosy. I. Transmission of human leprosy to the white Mouse.*» -- (Preliminary notice, with 7 figures. Translation from the Portuguese.) *Supplemento das Memorias do Inst. Osw. Cruz*, Rio, 1929.

«A Lepra nas Artes.» — Conferencia feita na «*Liga da Defesa Nacional*», por ocasião da Semana dos Lazaros, publicada na *Rev. Med.-Cirurg. do Brasil*, Rio, 1929.

«Um leprosario modelo.» -- Conferencia na «*Semana dos Lazaros*», em 19 de Julho de 1929, publicada no *Boletim da Sociedade de Assistencia aos Lazaros, etc.*, São Paulo, 1929.

«Curso de leprologia pelo radio.» — (Radio Educadora Paulista.) 14 conferencias feitas em São Paulo, das quaes as 3 primeiras, foram publicadas na *Revista Medico-Cirurgica do Brasil*, Rio, 1929, e *Boletim Soc. de Assist. aos Lazaros, etc.*, São Paulo, 1929 e 1930.

«A Lepra. Estudos realizados em 40 paizes (1924 a 1927).» -- Volume de 393 paginas, 184 figuras e 66 quadros, Rio, 1929.

«*Leprosy. Survey made in forty countries (1924-1927).*» Vol. 400 pgs. and 184 illustrations, 66 tables, Rio, 1929.

«Protecção dos filhos dos leprosos contra a lepra.» — A acção social do Asylo Santa Therezinha do Menino Jesus. Artigo: «*Boletim da Sociedade de Assistencia aos Lazaros, etc.*», São Paulo, 1930.

«O problema da lepra em São Paulo.» — Artigo publicado no *Boletim da Sociedade de Assist. aos Lazaros, etc.*, São Paulo, 1930.

«Tratamento da lepra.» — Comunicação á Academia Nacional de Medicina, em 20 de Novembro de 1930. *Revista Medico-Cirurgica do Brasil*, Rio, 1930.

«*Experimental leprosy.*» — Comunicação á «*Royal*

Society of Tropical Medicine and Hygiene», Londres, em 19 de Fevereiro de 1931, e publicada nas Transactions, Vol. 26, com 3 estampas coloridas e 8 photogravuras, London, Abril 1931. (Sómente em inglez.) «Treatment of Leprosy.» — Dito, dito. Ibidem, seguido das discussões, London, 1931.

«Le traitement moderne de la lèpre dans les principaux centres de léprologie.» — Conferencia feita perante as Sociedades Belgas de Dermatologia e de Medicina Tropical, na Fondation Universitaire, em 22 de Março de 1931, Bruxellas, e publicada no «Bruxelles Médical», 1931.

«Plano de leprosario modelo.» — (Bases da concorrência publica para a construcção do 1.º leprosario modelo de São Paulo.) Em collaboração com os engenheiros Drs. Mario Ayrosa, H. Pujol Junior e F. Palma Travassos. Folheto de 45 paginas, mappa do terreno e 1 eschêma do plano geral, São Paulo, 1931.

«Como resolver-se o problema da lepra em São Paulo.» — Comunicação á Academia Nacional de Medicina, em 16 de Julho de 1931, e publicada na Revista Medico-Cirurgica do Brasil, Julho 1931.

«Resultados praticos da Conferencia Internacional de Leprologia realizada em Manila (9 a 23 de Janeiro de 1931).» — Comunicação á Academia Nacional de Medicina, em 10 de Setembro de 1931, Bol. Soc. Assist. aos Lazaros, etc., São Paulo, 1931, e Revista Med.-Cirurg. do Brasil, Rio, 1932.

«A cuti-reacção de Bargehr na lepra.» — (Nota prévia.) In «Medicamenta», Rio, 1932, e «La cutireacción de Bargehr en la lepra», (Nota prévia). In «Actas Dermo-sifiliograficas», Madrid, 1932.

«Ensaio de cultura do Mycobacterium leprae.» — Anais Brasileiros de Medicina e Cirurgia, Rio, 1932.

«Essais de culture du Mycobacterium leprae (Coccithrix leprae, Lutz, 1886) par la méthode de Sumiyoshi-Shiga.» — (Nota prévia.) Soc. Brasil. Biol., em 29 de Junho de 1932, C. R. Soc. Biol., Paris, 1932, e «Internat. Jour. Leprosy», Manila, 1933.

«Ensayo de cultivo del Mycobacterium leprae (Cocco-

thrix leprae, Lutz, 1886) por el metodo de Sumiyoshi-Shiga.» — (Trabalho completo.) Publicado na «Revista Argentina de Dermatosifilogia», Buenos Aires, 1932. «São Lazaro, o padroeiro dos Leprosos.» — Artigo com 3 figuras, publicado na «A Noite Illustrada», Rio, 1932.

«O Professor Rodolpho Krause (Estudo bio-bibliographico).» — Jornal do Commercio, de 26 de Julho de 1932, e Revista Med.-Cirurg. do Brasil, Rio, 1932. «A campanha contra a lepra em São Paulo.» — Revista Med.-Cirurg. do Brasil, Rio, 1932. Folheto com 17 paginas.

«A Cirurgia e a Leprologia.» — In «Revista Brasileira de Cirurgia», Rio, 1932.

«A emetina como auxiliar no tratamento chaulmoogrico da lepra.» — Traducção e critica do artigo do Dr. Miguel Antonio Galán, da Colombia, lido na Academia Nac. de Med., em 1.º de Setembro de 1932, e Revista Brasil. de Med. e Pharmacia, Rio, 1932.

«São Lucas, medico, pintor e evangelista.» — (Estudo historico.) Artigo publicado no «Jornal do Commercio», de 18 de Outubro de 1932, Rio.

«Benedicto de Spinoza. O tricentenário do seu nascimento.» — (Estudo historico.) «Jornal do Commercio», de 24 de Novembro de 1932, Rio.

«A Polonia rediviva.» — (Estudo historico.) Revista «Brasil-Polonia», Rio, 1932.

«A acção do Cantharidinato de potassio na lepra.» — «Boletim da Acad. Nac. de Medicina», 1932, e «Movimento Medico», Rio, 1932.

«Haverá uma fórma filtrante do Mycobacterium leprae?» — «Brasil Medico», 1933, e Boletim da Acad. Nac. de Medicina, Rio, 1933.

«Tentativas infructiferas de cultura do Mycobacterium leprae pelo methodo de Löwenstein.» — «Brasil Medico», Rio, 1933.

«O problema da lepra nos Estados do Norte.» — (Relatorio preliminar ao Snr. Ministro da Educação e Saude Publica, em 18 de Março de 1933.) «Brasil Medico», Rio, 1933.

«A campanha contra a lepra em São Paulo. O valor da cooperação privada.» — (Sugestões á Sociedade de Assistencia aos Lazaros, etc. para criação de um Instituto Therapeutico da Lepra em São Paulo.) Artigo: «Jornal do Commercio», de 15 de Abril de 1933, Rio.

«Contribuição á Epidemiologia e Prophylaxia da lepra no Norte do Brasil.» — (Com 87 figuras.) Relatório apresentado ao Ministro da Educação e Saude Publica. «Memorias do Instituto Oswaldo Cruz», Rio, 1933.

O Dr. Heraclides de Araujo é:

Socio Correspondente da «Sociedad Argentina de Dermatologia», Buenos Aires, Outubro de 1915.

Socio effectivo da «Sociedade Brasileira de Dermatologia», Rio de Janeiro, Março de 1916.

Socio effectivo da «Sociedade de Medicina do Paraná», Curityba, Paraná, Outubro de 1918.

Socio effectivo da «Sociedade de Medicina e Cirurgia do Pará», Belém, Pará, Outubro de 1921.

Socio effectivo da «Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro», Rio de Janeiro, Dezembro de 1922.

Socio effectivo da «Sociedade Brasileira de Hygiene», Rio, 1923.

Socio effectivo da «Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro» (succursal da «Société de Biologie» de Paris), 1923.

Socio effectivo da «National Society of Geography», Washington, D. C., E. Unidos, 1924.

Socio correspondente da «American Society of Tropical Medicine», Washington, D. C., 1924.

Membro correspondente da «Academia Nacional de Medicina», Rio de Janeiro, 1924.

Socio effectivo da «American Social Hygiene Association», New York, N. Y., 1925.

Socio fundador da «Société Internationale de Léprologie», Paris, 1926, hoje «International Leprosy Association», London, 1931.

Socio Honorario da «Academia Española de Dermatologia y Sifiliografia», Madrid, 1926.

Socio correspondente da «Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa», Janeiro de 1927.

Fellow da «Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene», Londres, 1927.

Membro Titular da «Academia Nacional de Medicina», Rio de Janeiro, Novembro de 1927.

Socio fundador do «Syndicato Medico Brasileiro», Rio, 1928.

Membro do «British Institute of Philosophy», Londres, 1931.

Secretario regional da «Royal Society of Tropical Medicine and Hygiene», Londres, 1931 a 1934, etc., etc.

3-3 Dr. Hostilio Cezar de Souza Araujo, nascido em Imbituva, a 27 de Abril de 1892. Fez o curso de humanidade no Collegio Pedro II, onde recebeu o gráu de bacharel em sciencias e letras, em 1910. Em 1915, recebeu o titulo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes, pela Faculdade de Direito de São Paulo. Advogou por 4 annos em São Paulo, vindo d'ahi para Curityba, onde exerceu o cargo de Promotor Publico da Capital, e mais tarde o de Director da Instrucção Publica. Casado em São Paulo, com Imith Pujol de Souza Araujo, filha do advogado Ernesto Pujol.

2-2 Jeremias Alves, casado duas vezes.

2-3 Domitilla Alves.

2-4 Hyppolito Alves.

§ 5.º

1-5 Libania Alves Vidal, casada com Antonio Vidal.

§ 6.º

1-6 Serafina Alves da Cunha, casada com Amando Peireira da Cunha.

Teve:

- 2-1 Amando C. da Cunha, casado com Andrelina V. da Cunha.
- 2-2 Theophilo C. da Cunha, casado em primeiras nupcias, com Balbina Guimarães da Cunha, 4-8 de 3-3 de 2-5 de 1-2 de pagina 143, e em segundas nupcias, com Jovita Guimarães da Cunha. Filhos do primeiro matrimonio:
- 3-1 Aristides.
- 3-2 Dermeval.
- 3-3 Olegario Cunha, casado com Noemia B. da Cunha.
- Do segundo matrimonio teve:
- 3-4 Ottilia.
- 3-5 Leopoldo.
- 2-3 Hyppolito Alves da Cunha, casado com Amelia Cunha.
- Filhos:
- 3-1 Mercedes.
- 3-2 Agnaldo.
- 3-3 Joaquim.
- 2-4 Hyppolita da Cunha Alves, casada com seu tio Julio Cezar Alves, 1-8, § 8.º, Capitulo 3.º.
- Teve:
- 3-1 Alda, falecida, e mais 2 falecidos na infancia.
- 2-5 Maria F. da Cunha Tramujas, casada com Alfredo Tramujas, de quem ella foi a segunda mulher.
- Teve:
- 3-1 Armando.

O Capitão-mór Antonio José Alves do seu segundo matrimonio, com Maria da Costa teve:

§ 7.º

- 1-7 Coronel Izaias Augusto Alves, casado a 14 de Fevereiro de 1874, com Thomazia Carolina Pedrosa, filha do Capitão Joaquim José Pedrosa e de sua mulher Maria Citilina do Nascimento Pedrosa. A este bonissimo amigo, devemos, em grande parte, a organização desta obra, pois confiou-nos inteiramente o seu precioso Cartorio de Orphãos, donde investigamos os

Testamentos e Inventarios, ali conservados em ordem e carinhosamente, pelo que aqui lhe rendemos este testemunho de amizade, agradecimento e saudade.

Filho:

- 2-1 Octavio Pedrosa Alves, academico, falecido no Rio de Janeiro, logo apoz sua chegada de Curityba, ali devia completar o seu curso de preparatorios.

§ 8.º

- 1-8 Julio Cezar Alves, casado com sua sobrinha Hyppolita da Cunha Alves, 2-4 de 1-6, § 6.º, Capitulo 3.º.
- Teve:
- 2-1 Alda, falecida.
- 2-2 Uma menina, falecida na infancia.
- 2-3 Um menino, falecido na infancia.

§ 9.º

- 1-9 Manoel José Alves, casado com Elvira dos Santos Azevedo Alves. Residiram na cidade de Porto Alegre-Rio Grande do Sul.
- Filhos:
- 2-1 Elvira de Azevedo Alves-Morena.
- 2-2 Anerom de Azevedo Alves.

§ 10.º

- 1-10 Paulina Carolina Alves, casada a 18 de Fevereiro de 1880, com Manoel Claro Alves, filho de Manoel José Alves e de sua mulher Maria Francisca de Siqueira, 2-1 do § 5.º do Capitulo 2.º, retro.
- Teve:
- 2-1 Romulo Alves, baptisado em Paranaguá, a 1.º de Dezembro de 1881, com 2 mezes, casado com Emilia Ferrante.
- Teve:
- 3-1 Argonauta.
- 3-2 Telaupes.
- 3-3 Eupedocles.
- 3-4 Ignez.

- 2-2 Orestes Alves, nascido a 4 de Julho de 1887, casado a 5 de Fevereiro de 1917, com Magdalena Guimarães Alves, 8-7 de pagina 172 do 3.º volume, ahi a descendencia.
- 2-3 Manoel Claro Alves, nascido a 6 de Março de 1889, casado com Helia Simas Alves, 7-2 de pagina 101 do 3.º volume, ahi a ascendencia e descendencia.

## § 11.º

- 1-11 Maria Leocadia Alves Tourinho, casada em 1870, com o Dr. Francisco Antonio Monteiro Tourinho, 6-2 de pagina 147 do 2.º volume.

São do Dr. Jayme Ballão as seguintes palavras sobre o Dr. Monteiro Tourinho, lidas perante a Academia de Letras do Paraná, a 22 de Maio de 1926, em elogio ao patrono de sua cadeira, e das quaes extractamos o que se segue:

.....

«Foi por esse tempo que o engenheiro Francisco Antonio Monteiro Tourinho, já então encarregado da fiscalisação do contracto do Governo Imperial com a «Sociedade Colonizadora de Hamburgo», para a construcção da estrada de D. Francisca, foi, por aviso do Ministerio da Agricultura, de 3 de Julho de 1867, nomeado director interino da construcção da estrada da Graciosa, assumindo a sua direcção, no impedimento de Rebouças, em 23 de Agosto do mesmo anno. «Cabem aqui algumas notas biographicas sobre o eminente patrono da cadeira que, immerecidamente, occupo neste areopago.

«Não quero, porém, traçal-a com as minhas inexpressivas palavras; deixo que o faça um grande estadista do imperio, o preclaro Presidente Escagnolle Taunay que, no seu opusculo «Curiosidades Naturaes da Provincia do Paraná», ao referir-se á descripção feita por Monteiro Tourinho, da Gruta do Itaperussú, assim se refere a este engenheiro e escriptor:

«Como a provincia deve reaes e importantes serviços a esse servidor do Estado, não podemos deixar de mencionar aqui, os escassos traços biographicos, que a seu respeito colligimos. O Capitão do Estado-maior de 1.ª classe Francisco Antonio Monteiro Tourinho, nasceu a 8 de Agosto de 1837, e assentou praça a 30 de Março de 1855, sendo promovido a alferes-alumno, a 2 de Dezembro de 1861, promovido a 2.º tenente do Estado-maior a 2 de Dezembro de 1862, teve acesso ao posto de capitão, a 22 de Janeiro de 1866, em cuja graduacão veio a fallecer no dia 22 de Maio de 1885, com pouco mais de 30 annos, no serviço das armas.

«Nomeado, depois de commissões de menos vulto, encarregado das obras militares da Provincia do Paraná, a 16 de Outubro de 1880, alli esteve até 9 de Maio de 1882, sendo posteriormente nomeado, a 17 de Dezembro de 1883, para inspeccionar as colonias militares daquela Provincia, e recolhendo-se á Côrte, por ordem datada de 3 de Novembro de 1884.

«Reenviado, a 30 de Abril de 1885, ao Paraná para ficar á disposiçao da Presidencia, alli falleceu a 22 de Maio de 1885, conforme já deixamos dito.

«E' o seu nome ainda hoje popular em toda a Provincia, tendo ficado assignalado em varias obras de importancia, das quaes a de mais vulto, é a bella ponte sobre o rio dos Papagaios, nos Campos Geræes, na estrada chamada de Matto Grosso, e sobretudo no da Graciosa, dispensando-lhe Manoel Euphrasio Correia, no seu interessantissimo opusculo «Bosquejo Historico», elevados e merecidos elogios.»

«As notas de Taunay contêm alguns equivocos, mas servem para demonstrar o alto conceito, em que o tinham o preclaro brasileiro e o não menos destacado estadista paranaense Dr. Manoel Euphrasio Correia. «Era agraciado com o gráu de cavalleiro de S. Bento de Aviz.

«Pertencia ao Corpo de Estado-maior de 1.ª classe, e era bacharel em sciencias physicas e mathematicas.

«A data de seu nascimento foi a 8 de Agosto de

1837, no lugar denominado Imbuhy, no Estado do Rio de Janeiro.

«Foram seus paes, o Tenente-Coronel reformado do exercito Francisco Antonio Tourinho e sua esposa D. Carolina Monteiro Tourinho.

«Estas notas, são sufficientes para mostrar quem era o homem que, chegado ao Paraná em 1868, havia de deixar o seu nome ligado a varias obras e a grandes projectos, que ainda hoje desafiam os cuidados e a competencia dos nossos dirigentes.

.....  
 «A preocupação maxima da população era a ligação, por uma boa estrada de rodagem, do littoral com a capital e o seu prolongamento ao interior.

«Monteiro Tourinho, teve a fortuna de concluir a obra, que representava uma justa aspiração dos paranaenses, e foi por isso, que em arroubos de alegria, annunciara esse notavel acontecimento, para a vida da Provincia, nestes termos:

«Está concluida a estrada da Graciosa, a mais urgente aspiração da Provincia.

.....  
 «Homem de fibra, dos que sabem conceber e executar, ahí deixou nesses severos conceitos os traços de sua linha de conducta.

«Tratando da conclusão da estrada da Graciosa, dizia o Presidente Lamenha Lins, em 1876:

«Os mais desanimados consideravam até impossivel que, com as difficuldades financeiras da Provincia, se conseguisse ultimar a Graciosa.

«Hoje, tenho a satisfação de dizer-vos, que a estrada da Graciosa está reconstruida; as pesadas diligencias percorrem todos os dias, em 12 horas a extensão entre esta Capital e Antonina.

«E' de justiça declarar, que no engenheiro Tourinho, director das obras de estrada, encontrei um zeloso e dedicado auxiliar, cujos esforços muito concorreram para o resultado obtido.»

«Monteiro Tourinho, escreveu um opusculo denominado «Bosquejo historico da estrada da Graciosa»,

publicado em annexo ao trabalho «A administração conservadora», devido á penna do Dr. Manoel Euphrasio Correia.

«Ainda no correr do anno de 1867, o Presidente Burlamaqui encarregou-o de procurar a melhor vereda, na Serrinha, para a passagem da projectada estrada de rodagem, para os Campos Geraes.

«Sobre a execução dessa obra, alludindo á pequena verba de 73:000\$000, consignada no orçamento para o seu custeio, diz em seu relatorio, o citado Presidente. «Se bastassem os conhecimentos e a honestidade para ser ella comettida e acabada, mais acertada não podia ser a escolha do governo, encarregando desse trabalho o engenheiro Tourinho.

«Encarregado da construcção da chamada estrada de Matto Grosso, elle não se restringiu aos estrictos limites das attribuições, que lhe foram conferidas pela administração publica; as visadas do seu theodolito não alcançavam apenas a balisa, fincada á distancia perceptivel ao instrumento; ellas ultrapassavam os angulos visuaes, para fixar pontos muito mais affastados, que a vista não alcançava, mas a intelligencia sondava, alem das grandes serras, muito alem dos grandes valles.

«Lamenha Lins dizia em 1876:

«Ha muito tempo se estuda e discute o importante assumpto, de uma via de comunicação, entre o littoral do Imperio e a provincia de Matto Grosso.

.....  
 «Tratando desse assumpto, com o illustrado engenheiro Tourinho, suggeriu-me elle a possibilidade de uma ponte, sobre o Salto Grande das «Sete Quedas», fazendo-me a respeito, judiciosas e importantes considerações.

«Alem do natural entusiasmo, que despertam as idéas grandiosas, ligo a maior importancia áquellas que se prendem ao progresso do meu paiz; e assim recomendei ao engenheiro Tourinho, que organisasse um trabalho, colligindo as observações que me fazia e, tornando saliente os inconvenientes dos traçados Lloyd

e Palm, apresentasse conseguintemente uma linha, que convenha aos fins que se tem em vista.

«Este importante trabalho, que mandei publicar no jornal official desta Provincia, e submetti á apreciação do Ministerio da Agricultura, e que vos será presente annexo a este relatorio, faz honra ao distincto engenheiro que o compoz. Completa-o um mappa cuidadosamente organizado.»

«Até ahí, as palavras do notavel Presidente colonizador; mais adiante, far-se-á ouvir Tourinho, no seu magnifico trabalho.

.....  
 «São conhecidas as explorações do então tenente, mais tarde General Jardim, a dos irmãos Kellers, as do capitão Palm e dos engenheiros Lloyd e Schwartz, a do capitão Nestor Borba e outras.

«Mas, acima de todos esses pioneiros do sertão, destacam-se as figuras proeminentes dos dois, Antonio Rebouças e Tourinho.

«Esses, foram os que, pela sua larga visão, puderam sondar até suas linhas extremas, o grande problema, que ainda hoje desafia a competencia da engenharia, e a capacidade politica dos nossos estadistas.

«Em 17 de Abril de 1867, Tourinho apresentava ao Presidente da Provincia, o seu «Plano de Estudos, sobre as estradas de Matto Grosso, Paraguay e Corrientes».

«Nesse trabalho, depois de apreciar os varios traçados imaginados, e os estudos realizados pelos engenheiros Kellers, que optavam pelo aproveitamento do rio Tibagy, para a communição com Matto Grosso, Monteiro Tourinho combateu com valiosos argumentos, o plano dos mesmos engenheiros, demonstrando as vantagens do traçado pelo rio Ivahy.

«O seu trabalho, dividia-se em capitulos, sob os titulos de — «Necessidade e importancia das estradas; breves considerações sobre o relatorio dos engenheiros Kellers; descripção topographica; navegabilidade dos rios; esboço das estradas; razão de preferencia; considerações geraes e conclusão». O eminente enge-

heiro, combateu o plano de fazer partir do Rio de Janeiro, como então se pensou, o traçado da estrada para Matto Grosso.

«Attendendo á diminuição de distancia em longitude, pela grande curva reentrante para o oeste, que a nossa costa maritima descreve, a partir do Rio de Janeiro, para o sul, procurou o ponto mais accessivel, existente nesse seio, e que ao mesmo tempo se adaptasse, ao aproveitamento da navegação interior dos rios.

«Propoz, então, aproveitar a estrada de rodagem, já em adiantada construcção, de Joinville á Curityba, ligando um determinado ponto de seu percurso, ao ponto navegavel do Rio Negro, para, por este rio, descer até União da Victoria, constituindo a linha tronco.

«De União da Victoria, partiriam os dous grandes ramaes — o de Matto Grosso, pelos Campos de Guapuvava, em direcção ás cabeceiras do Corumbatahy, descendo pelo valle deste rio, em demanda de Villa Rica, margeando o Ivahy, até a Corredeira do Ferro, onde começa a navegação deste, em demanda do interior de Matto Grosso; o ramal de Corrientes (Argentina) seguiria mais ou menos a directriz da actual estrada de Palmas e Clevelandia, em direcção á Campina do Americo, de onde, a rumo do sudoeste, continuaria pela cumiada das vertentes do Uruguay, até descobrir os campos das Missões.

«Vê-se, por esta simples exposição que, ha sessenta annos atraz, alguns homens e entre elles, com excepcional destaque, o nosso Patrono, encaravam, já, como uma necessidade, sob varios pontos de vista, a ligação por estradas de penetração, da costa Atlantica com o longinquo e, ainda então, pouco conhecido *hinterland* paranaense.

.....  
 «Depois de fazer, com abundancia de argumentos, a critica dos planos propostos pelos seus dignos collegas, como elle empenhados na resolução do audacioso problema, Monteiro Tourinho propõe o seu plano, que elle denomina «*A minha linha*» e que assim descreve:

«A minha linha, toma o traçado Lloyd, no valle do Iguassú, no kilometro 79, prolonga-se por este valle, busca depois Guarapuava, porque reputo grave falta, toda linha que não tomar esta importantissima comarca, por ponto de passagem; procura as nascentes do Piquiry; desce pelo valle deste rio, até o salto das 7 Quedas, defronte do Iguneu.

«Transposto o Paraná, no salto das 7 Quedas, desenvolve-se pelo valle do Iguneu, passando deste para o Xejeu que lhe corresponde, approximando-se do Caraguaty, contornando a serra de Maracajú, alcança o Ipaneguassú, que acompanha até Villa Real.

«Transposto o Paraguay, busca o valle do Alto Pylcomaio, chegando-se a S. Ignacio de Camulcos, e, pelo Cachymaio, attinge Chuquisaca, Capital de Bolivia, a 3.700 metros sobre o nivel do mar. D'ahi procurando o valle do Desaguadouro, penetra no departamento de La Paz, e procurando descer a cordilheira occidental dos Andes, chega ao departamento peruano de Arequipa, attinge Tacna, onde ha já um caminho de ferro até o porto de Arica. As direcções geraes desta linha são do Oeste até a margem do Paraguay e de novo este até o Pacifico, com o fim de atravessar os mais ricos e populosos departamentos da Bolivia. Rejeitei a linha que conduz a Cobija ou Lamar, unico porto de Bolivia, porque iria passar pelas regiões mais pobres e despovoadas desta republica. Para attingir-se este ponto, que dista mais de 170 leguas de Chuquisaca, tem-se de atravessar o immenso deserto de Atacama e é por causa dessa difficuldade, que desde 1847, grande parte do commercio boliviano faz-se pelo porto peruano de Arica, em virtude de um tratado entre as duas republicas.

«Vantagens desta linha:

«Para as nossas communicacões com a Provincia de Matto Grosso, apresenta a linha Piquiry, incontestaveis vantagens, sobre os traços pelos valles Ivahy ou do Tibagy. O caminho que fôr á Foz do Piquiry, deparará no magestoso Paraná, com um magnifico porto de grande calado, até as boccas do Invinhema, ao

passo que, a estrada que terminar em uma parte das margens do Ivahy, só aproveitará algumas leguas de precaria navegacão nesse rio, terá para porto, algum poço ou peráo, e não se prestará no futuro, a um prolongamento continuo atravez do continente.

«Quanto a distancias, o tão modesto quão illustrado engenheiro Snr. Gal. Beaurepaire Rohan, que é um dos partidarios da linha do Piquiry, pensa que ella será a mais curta de todas as traçadas entre Antonina e o rio Paraná, e que a linha de navegacão da barra de Piquiry ao Invinhema, é tambem menor que a da Corredeira do Ferro, no Ivahy, áquelle rio. E se conveniente exploracão do curso do rio Piquiry, demonstra ser elle livremente navegavel por largo espaço, como é crença geral em Guarapuava, e como diz José Saturnino da C. Pereira, em seu dictionario topographico do imperio do Brasil, então qualquer que seja o ponto de vista encarado, topographico ou politico, commercial ou estrategico, nenhuma hesitacão deve haver da escolha e preferencia desta linha, sobre todas as outras. Este traçado, conduzirá á descoberta dos tradicionalmente celebres campos do Payqueré, ou Piquiry, que todos pensam ser uma corrupçã daquelle nome. Parece que, hoje não se pode mais duvidar da existencia desses vastos campos, proprios para fazenda de criaçã de gado. Em Guarapuava, têm-se observado para os lados do poente, densas nuvens de fumaça, que acredita-se serem originadas por queima de campos feitos por indigenas. O commandante da canhoneira Taquary, em sua viagem pelo rio Paraná, em 1874, avistou acima da Foz do Iguassú, vasta campanha em territorio da Provincia do Paraná. Este factõ, principalmente levou o Snr. Lustoza de Andrade, intelligente investigador de assumptos que interessam á sua provincia, a escrever e publicar em Abril do anno passado, uma memoria sobre «Campos de Payqueré», rica de interessantes noticias, e, por isso, digna da attentão do governo imperial. A futura cidade, de que com constante enthusiasmo trata o engenheiro Lloyd em seu relatorio, indicando as proximidades

das confluencias do Ivahy e Invinhema, como proprias para a sua fundação, poderá ser edificada nas circumvisinhanças da barra do Piquiry, na mesma posição em que outr'ora existiram Guayra e Outiveros.

«Não foi de balde, e sem perfeito conhecimento das localidades, que os jesuitas lançaram nas adjacencias da catadupa das 7 Quedas, os fundamentos da cidade, capital da vasta provincia de Guayra, que chegou a ser povoada, por mais de 100.000 indigenas. Alli, portanto, o poderoso influxo da via ferrea, o aprasivel da paisagem, e a suavidade de seu clima extra-tropical, attrahindo laboriosa população nacional e estrangeira, farão sem duvida, renascer o novo Guayra, que virá a ser não só o centro de um vastissimo commercio, como tambem a vigilante atalaia de nossas fronteiras. A porção da estrada de ferro, desde a foz do Piquiry, pelos ribanceiros do Paraná, até defronte da bocca do Iguaney, onde deverá ser lançada a ponte para a estrada transcontinental, sendo prolongada poucas leguas mais abaixo, até a barra do pequeno rio S. Francisco, ligará a navegação do curso superior e interior do Paraná, interrompido pelo salto das 7 Quedas.

«E então, claro é que, a povoação que for fundada nas immediações da grande cataracta, ha de ser o centro de navegação, que estabelecer-se no alto e baixo Paraná. Com ella, poderão commerciar o Corpus, Itapúa e Candelaria e todas as colonias que forem creadas na vastissima e opulenta bacia superior do Paraná e seus affluentes. Penetrando na Republica do Paraguay, pelo valle do Igany, ou outro que mais conveniente seja, a linha do Piquiry, ou antes das 7 Quedas, tambem será a estrada de Assumpção, sobre que já tanto se tem escripto. Para isso, bastará que da villa de Curuguay, se construa um ramal para aquella cidade; o que entretanto, não julgo necessario, visto que centenas de leguas de navegação franca, no rio Paraguay, estabelecerão faceis communicações entre Villa Real, ponto de passagem da via ferrea transoceanica, e todas as povoações das margens desse rio, desde o Bumiyagi, seu affluente, até Cuyabá. Trans-

pondo o Paraguay, e approximando-se de um caminho existente entre Tarijá e Villa Real, ganha a linha o valle do Pilcomayo, que, tendo, segundo o dictionario geographico de Bouillet, nesse curso, 130 km. não offerecerá difficuldades para um traçado de via ferrea até Chuquisaca, na altitude de quasi 4.000 metros. E por um braço deste rio, que passa proximo de Potosi, poder-se-á destacar um ramal para esta cidade, outr'ora povoada por mais de 120.000 habitantes, e então afamada pelas inexauriveis minas de prata, da serra do mesmo nome. Do Chuquisaca, alcança o traço o vale do Dasaguadero e correndo pelo *plateau* (platô) encerrado pelas cordilheiras oriental e occidental dos Andes, atravessa o departamento de Oruro, entra depois no de La Paz, e por fim procura descer para o porto de Arica, percorrendo desde o Atlantico até o Pacifico, uma distancia muito mais curta e no meu entender muito mais racional direcção, do que a delineada no projecto do Capm. Palm, que termina em Islay-Road. O mappa annexo, onde estão traçados as linhas que proponho, e a do Capm. Palm, torna patente esta asserção. Ahi vê-se que, rejeitado o porto de Cobijá pelo motivo que já dei, o de Arica, situado no angulo formado pelas direcções N. S., N. O. e S. E., que apresenta a costa do Pacifico, e o que ligado a bahia de Paranaguá, offerece mais curta distancia para a construcção de uma via ferrea transoceanica.»

.....  
«Façamos, quanto antes, a estrada de Matto Grosso, que, só o Paraná, tem elementos para sobre elles exercer-se a actividade, de muitos milhões de individuos.

«Demos, esse primeiro passo, para a estrada transoceanica, que um dia chamará para a nossa costa, todo o commercio do Paraguay, Bolivia, Perú e dos mais importantes emporios da Australia.

«E, que não surjam os estrategicos, os phantasiadores de guerras, objectando que a linha das Sete Quedas, que proponho, exporá o nosso territorio, ás invasões

paraguayas, a tomadas de flanco e quejandas, porque de ante-mão lhes respondo:

«— Que os mesmos caminhos de ferro que conduziram os prussianos a Paris, teriam levado os francezes a Berlim.»

«Monteiro Tourinho e os dous Rebouças, já o dissemos, se collocaram, ousadamente, á frente desse movimento innovador.

«E os seus arrojados projectos, se bem que julgados como utopia, pela generalidade da população, tiveram o apoio dos homens eminentes do seu tempo.

«Os Presidentes de Provincia, que eram sempre escolhidos entre os mais illustres brasileiros, deram sempre evidentes provas de apreço ao grande merecimento desses eminentes patricios.

«Assim é, que, em 1880, o saudoso paranaense João José Pedrosa, então Presidente da Provincia, encarregou o nosso Patrono, de coordenar os trabalhos geodesicos e topographicos, relativos á provincia, que podessem servir de futuro, á organização mais completa e aperfeiçoada de uma carta, e com elles, confeccionasse uma carta chorographica. Para o desempenho dessa commissão, reuniu os seus proprios estudos, de muitos annos, e outros trabalhos esparsos, e organisou a carta pedida. Desse trabalho, uma copia foi offerecida ao Instituto Historico e Geographico. Em 22 de Julho de 1882, o Snr. Dr. M. D. Moreira Sobrinho, em carta, assim se expressou:

«Illmo. Snr. Tenho a honra de participar a V. S., que o Instituto Historico, em sessão de 7 do corrente, celebrada na Augusta Presença de S. M. o Imperador, recebeu o mappa da Provincia do Paraná, feito por V. S. e dedicado ao Instituto Historico. Tão valioso offerecimento, foi apreciado devidamente, e em nome do Instituto Historico, apresso-me em agradecer a V. S.»

«Em 1884, foi nomeado para inspecionar as colonias de Chopim, Chapecó e Jatahy, escrevendo um minu-

cioso relatório sobre as duas primeiras, discutindo a instituição das colonias militares sob o ponto de vista technico militar.

«Pelo mesmo motivo o Municipio de Curityba em 23 de Junho de 1882 dirigiu-lhe iguaes manifestações de reconhecimento, carinho e gratidão.

«Fundou em 1873 o jornal «Antonina», na cidade desse nome.

«Monteiro Tourinho deixou muitos escriptos sobre os mais variados assumptos, que se acham esparsos nos jornaes, revistas e relatorios de seu tempo.

«A Nova Guayra», inserta no 2.º volume de 1918, do Instituto Historico e Geographico Paranaense, foi publicada pela 1.ª vez na «Revista Paranaense», de 15 de Fevereiro de 1881.

«Nessa entusiasta publicação, o seu autor, depois de exaltar as bellezas do recanto formado pelas margens esquerdas do Paraná, e seu tributario Pekiry, a poucos kilometros das cataractas do Guayra, previu a fundação da actual villa Guayra, não precisamente no mesmo lugar, mas á entrada das cataractas.

«Ardeute apologista da nossa natureza, dizia:

«O panorama que, nesse lugar, se pode desfructar, deve ser um dos mais magestosos e apraziveis do mundo.»

«Dirigia-se aos amantes das bellezas naturaes, nestes termos:

«Joviaes touristes que, após os rigores de um longo inverno, sentis correr-vos nas veias, as mesmas inquietações que agitam as andorinhas, na epoca das migrações, esquecei o Harz e o Righi, os Alpes e os Pyreneus, as paisagens pittorescas da Suissa, e os risinhos encantos da natureza da Italia.

«O velho mundo, não tem mais com que faltar a vossa fome de emoções.

«Vinde percorrer a provincia do Paraná. Vinde admirar, a serie de esplendidas bellezas naturaes, de toda a região da antiga Guayra, cujos sitios principaes, a grossos traços acabamos de esboçar.»

«Ao mesmo tempo que, assim se deixava arrebatado

pelos esplendores da natureza sem par, da terra dos grandes rios, e das portentosas cataractas, entrava logo a mostrar a necessidade e a conveniencia de construir-se uma estrada, para aquella região, e fazia os calculos, que hoje reconhecemos exactos, da distancia e das despesas de construcção, da momentosa obra.

«Escreveu ainda:

«Bosquejo Historico da Estrada da Graciosa.»

«Descripção da Gruta de Itaperussú», transcripta na Revista do Club Curitybano, n. 4, anno 2, de 28 de Fevereiro de 1891.

«E' autor de um «Compendio de metrologia», para uso das escolas primarias, da Provincia do Paraná.

«Cultivou a literatura, nas horas vagas, e muitos de seus trabalhos foram publicados.

«Fez uma traducção em verso, de Arnault. Escreveu tambem, uma poesia philosophica, intitulada «Sobre o cadaver do Dr. Bruno».

Teve 1-11 de seu matrimonio, os seguintes filhos:

2-1 General Mario Alves Monteiro Tourinho, general de divisão graduado, reformado, nascido em Antonina, a 12 de Setembro de 1871.

Afim de colhermos alguns dados, sobre a vida desse illustre e dignissimo patricio, procuramol-o em sua nobre residencia e formulamo o nosso intento, solicitando-lhe ministrar-nos alguns detalhes de sua vida.

Mario Tourinho, nosso amigo desde o berço, recebeu-nos cavalheirosamente, porem se recusou attender-nos, por uma modestia toda sua.

Nossas supplicas pareciam improficuas, e já estavamos desapontados, quando nos occorreu a lembrança de intretermos com elle uma palestra, que durou cerca de uma hora; primeiramente, versou ella, sobre a nossa meninice, nossos primeiros estudos, depois passamos a fallar dos seus serviços de guerra, desde a proclamação da Republica, sobre o cerco da Lapa, ao lado do glorioso Carneiro, sobre a campanha do Contestado, e chegamos ao 5 de Outubro de 1930, quando,

no momento em que a victoria ainda era incerta, assumiu elle as redeas do Governo do Paraná, que se achava então acephalo, pela fuga precipitada do Dr. Affonso de Camargo, pelos pantanaes do Varadouro. Nesse momento, a palestra o inflammou, e o nosso velho amigo, iniciou a conversação intima e patriotica, sobre a sua vida, da qual conseguimos apanhar o que abaixo transcrevemos.

Feito o extracto dessa palestra, levamos á Mario Tourinho, que, em relutancia, não queria que della nos utilisassemos — dizendo: — «Isto seria a minha autobiographia — tal a exactidão com que apanhou minha palestra, despretenciosa e intima.»

Consentimos em retirar alguns topicos, que haviamos enxertado, com justos elogios a elle, e promettemos não fazermos apreciações, sobre a sua brilhante e benemerita vida civil e militar, nos limitando a fazer os relatos, sem commental-os. Nessas condições deu-nos a permissão solicitada. E' um gesto caracteristicamente paranaense: — A modestia.

Nasci, aos 12 de Setembro de 1871, na cidade de Antonina.

Meu pae, tendo sempre exercido boas commissões, cercava a sua familia de todo aquelle conforto, compativel com a epoca. Dahi, ter corrido a minha infancia e adolescencia, amparados com os maiores mimos. Nada nos faltava, tudo era abundancia, tudo era alegria. Infelizmente, muito antes de ter attingido a uma idade, em que o discernimento das cousas me pudesse ser auxiliar efficaz, no encarar e resolver os problemas da vida, com a minha educação inteiramente incompleta, fiquei orphão, aos 13 annos de idade, com o seu fallecimento, em 22 de Maio de 1885, naquella cidade.

Começou, desde logo, a luta pela nossa propria subsistencia. Dias tivemos, que nada havia para a nossa alimentação, alem de uma chicara de café e um magro pedaço de pão!

Isto, faço questão de te relatar, e quero que figure nos traços de minha vida!

Não compreendia, na minha ingenuidade de criança, porque nossa casa, antes tão procurada por amigos e parentes, sempre tão solícitos, tão serviçais, de um momento para outro, ficasse deserta! Amigos e parentes, foram se retirando pouco a pouco, e della fugiram completamente; nem mesmo o conforto moral, que nada custa, nos prestaram!

Foi, portanto, num ambiente de tristezas, de desenganos e de desilusões, que eu me fiz. Não conheci, essa mocidade alegre do rapaz; tornei-me homem, antes do tempo. Lutei muito; soffri muito; trabalhei muito, mas venci. Venci sosinho, sem auxilio, sem amparo, sem conselhos de ninguem. Isto constitue o meu unico e exclusivo orgulho; outro não tenho.

Contrariando a vontade de minha mãe, justamente receiosa dos pesados encargos da vida de soldado, assentei praça, aos 29 de Maio de 1886, quando ainda não contava 15 annos de idade, no antigo 2.º Corpo de Cavallaria Ligeira. Era o mais novo dos soldados, e tambem o mais franzino. Passei, desde logo, a ganhar 6 vintens por dia, tal o soldo de então! Julgava-me, entretanto, rico!

Este meu acto, visava unicamente um fim: estudar. Neste corpo de tropa, labutei durante 4 annos, sem ter conseguido matricula na Escola Militar, a minha mais legitima aspiração. Era, que naquelle tempo, como hoje, imperava o regimen dos empenhos, o regimen dos pistolões, e eu, não tinha a quem pedir. Apezar disso, a minha situação material melhorava, pois logo depois, era promovido ao posto de sargento, passando a ganhar 400 reis por dia. Estava riquissimo! Em 1889, como 2.º sargento, fui designado para estudar o curso de tiro, na Escola Pratica do Realengo. Este curso, nada adiantara á aspiração que nutria, muito ao contrario, mais me prenderia ao Corpo, como seu instructor de tiro. Era, porem, uma designação do commandante; era uma ordem; tinha que cumpril-a. Em Novembro daquelle anno, dia 15, fazendo parte da guarnição de uma metralhadora, e com o 1.º Batalhão de Engenharia, seguí para a «Côrte», onde

estavam se desenrolando factos, de gravidade intensa, na vida da Nação. Eram os ultimos momentos da monarchia: a deposição do Ministerio Ouro Preto; a prisão e exilio da familia imperial; era finalmente a proclamação da Republica. Com a Republica, a minha sorte melhorou, realizando-se a minha unica aspiração, matriculando-me na Escola Militar da Praia Vermelha, em Março de 1890. Esta modificação na minha vida, se a melhorava moralmente, materialmente trouxe-me grande prejuizo, pois desde então, passei a ganhar mensalmente a insignificante quantia de 3\$500. Com ella, entretanto, mantive-me durante tres annos consecutivos. Em 1892, terminava o curso preparatorio, constituido de 10 disciplinas, e matriculava-me no «Curso Superior». Em 1893, quando, por motivo de molestia, seguia com transferencia, para a Escola Militar de Porto Alegre, a revolta de 6 de Setembro péga-me no Paraná. Commissionado no posto de 2.º Tenente de Artilharia, fui incorporado ao destacamento do General Francisco de Paula Argollo, destacamento, cuja missão, era reconquistar o Estado de Santa Catharina, então em poder dos federalistas e da esquadra revoltosa. Por motivos de ordem militar, passei a servir sob o commando do Coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro, incumbido pelo Governo Federal, de sustentar a praça da Lapa. O que foi o cerco da Lapa, está na memoria de todos, e hoje, já bem divulgado por trabalhos de natureza diversos. A meu respeito, o Boletim do Exercito, n.º 831, publicou: « . . . fez parte, como official subalterno, da bateria de artilharia, do commando do Capitão José Maria Sisson, durante o cerco de 26 dias, pelos federalistas á cidade da Lapa, tendo tomado parte nos combates dos dias 14, 15, 17 e 23 de Janeiro, 3 e 7 de Fevereiro, tudo em 1894, e nelles se portado com a maior bravura». Terminada a campanha, reencetei os meus estudos, concluindo, com approvações plenas em todas as cadeiras, em 1898, o curso de artilharia.

Ficavam assim, pois, abertas as portas do Exercito

á minha carreira, e satisfeito o meu sonho dourado. Em 1894, fui confirmado, por Floriano Peixoto, no posto de 2.º Tenente. Em 1901, promovido a 1.º Tenente; em 1908, a Capitão; em 1918, 1922 e 1924, respectivamente, promovido a Major, Tenente-Coronel e Coronel. Em 1928, restituia-me ao meio civil, com a minha reforma, depois de 42 annos de serviços effectivos, no posto de General de Divisão Graduado. Nesse longo periodo de tempo, como é natural, exerci diversas commissões e commandos. Como Capitão, commandante da 2.ª Bateria Independente de Obuzeiros, tomei parte na campanha do Contestado, incorporado na Columna do Sul, do commando do Coronel Francisco Raul Estillac Leal. O que foi a marcha de uma bateria pesada, de Calmon á Tapera de Santa Maria, atravez de uma picada aberta á rumo, sem desenvolvimento nenhum, para aliviar acclives ou declives, atravessando correntes á váo, para vencer uma insignificante distancia de 5 legoas, disse aquelle commando em seu boletim de 20 de Março:

« . . . louvou-o, dizendo-se plenamente satisfeito, com a marcha rapida e segura que fez em tres dias, de Calmon á Tapera de Santa Maria, o que demonstra grande habilidade e não pequeno dispendio de ingentes esforços.»

Terminada a campanha, com a quéda do reducto de Santa Maria, ainda aquelle commando assim se expressou: «E' com a maior sinceridade que elogio o distincto capitão Mario Tourinho, pela ponderada calma, demonstrada em todas as vezes em que sua bateria entrava em acção, occasiões em que, deu as mais frisantes provas de uma perfeita capacidade tecnica, a par de um espirito forte, calmo, ponderado e disciplinado.»

Quando Major, fui convidado para commandar a Força Militar do Estado, commissão que acceitei, depois de grande relutancia sob a condição de que na Força Militar teria ampla liberdade, debaixo do ponto de vista militar, e que minha pessoa, não seria instrumento de qualquer acção politica. Muito cedo me

capacitei, que a minha pessoa não era a indicada para o exercicio de semelhante commissão. Quando se procedeu a eleição presidencial, do Dr. Munhoz da Rocha, me oppuz formalmente que, fosse destacado para o interior do Estado, um official que tinha votado num outro candidato. Era um castigo militar, que se queria impor, a um official, porque votou de accôrdo com a sua consciencia, e amparado pela lei. Era eu, pois, uma difficuldade, nesse sentido, para o governo, e por isso, solicitei minha exoneração, depois de 14 mezes de commando. Em 1919, fui para Barbacena como fiscal do Collegio Militar, tendo exercido por algum tempo, a direcção desse estabelecimento de ensino.

Promovido a Tenente-Coronel em 1922, fui commandar o 2.º Grupo Pesado de Obuzes, em Jundiahy, São Paulo. Já nessa epoca, era intensa a propaganda e campanha, no Exercito, contra o Governo Arthur Bernardes. Muito embora um revoltado, contra os factos e processos politicos em voga, entendia que um militar, em actividade, não devia tomar atitudes contra o chefe da Nação, eleito e reconhecido pelo poder competente. Assim, repelli convites para revoltar o meu grupo, em concordancia com a revolta de Copacabana e Escola Militar. Em 1924, por ordem expressa do Ministro da Guerra, assumi o commando de um grupamento de artilharia, e segui do Paraná para São Paulo, afim de auxiliar a combater contra a 2.ª Divisão do Exercito, revoltada. Este meu proceder, motivou accusações futuras contra mim, quando Interventor. E, faziam estas denuncias, a Góes Monteiro, Oswaldo Aranha e a outros. Mas, Góes Monteiro, Capitão naquella epoca, combatia commigo a revolta, no mesmo destacamento, e foi um leal e fiel soldado; Oswaldo Aranha, foi até ferido, se não me engano, em Tupicerantan, combatendo revolucionarios; Flores da Cunha, eminente chefe, em 1930, foi tambem combatente de revolucionarios de mesmos ideaes. Incongruencias, mas, tudo eram armas de que lançavam mãos, os meus inimigos.

Coronel em 1924, em 1926, commandava o 9.º Regimento de Artilharia, quando fui convidado para o cargo de Director do Arsenal de Guerra de Porto Alegre.

Em 1928, resolvi solicitar minha reforma, o que me foi deferido, em Outubro. Voltara, pois, ao meio civil, livre das peias e dos compromissos que me ligavam a ordem militar, sem mais dependencias, com os meus superiores hierarchicos. Poderia, desde então, agir de accordo com a minha consciencia, sem receio de haver praticado traições.

Desencadeada a reacção, contra a praxe da indicação do candidato a Presidencia da Republica, pelo proprio presidente em exercicio, acceitei essa corrente de idéas; pela primeira vez, qualifiquei-me eleitor, e pela primeira vez, votei a 1.º de Março.

O que foi essa eleição no Paraná, é do conhecimento publico, pelo noticiario da imprensa local. A pressão, nunca havida em casos semelhantes, a fraude e a derrama de dinheiros publicos, para custeio de eleições de um partido politico, foram factos, que muito me indignaram, e que concorreram definitivamente, para a mudança da mentalidade que até então cultivava. Almejava ardentemente uma revolução ampla, geral, que tivesse força bastante para dar a este Brasil, uma outra forma de vida, onde imperasse, principalmente, a Justiça e a Liberdade. Tornara-me um revolucionario, muito embora não tivesse tomado parte directa, em reuniões de conspirações.

Assim procedendo, o fazia, não por mêdo ou pavor, porque, prova dei em contrario, quando em Outubro de 1930, com desassombro assumia revolucionariamente o governo do Estado, num momento em que, mal se desenhava no horizonte do destino, o lado para o qual iria pender a balança da victoria, tendo nesse momento historico, jogado num dos pratos dessa balança, o meu futuro, a minha tranquillidade e, quem sabe, até a vida, como o futuro e a tranquillidade de minha familia; com effeito, logo se verificou, que a victoria integral da revolução, talvez periclitava,

ria, senão fosse o golpe dos Generaes no Rio, — depondo do governo, o Snr. Washington Luis. Não era, pois, por mêdo, que não tomara parte nessas reuniões, mas por uma questão de feitio proprio, talvez ainda de minha mentalidade, não liberta de toda, de uma educação decorrente da profissão que havia deixado.

Plinio, meu irmão, porem, com o seu espirito sempre revolucionario, estava implicado directamente na revolução. Ora, estudando planos para o pronunciamento da guarnição, e em ligação directa, com os principaes chefes della.

Muito antes de desencadeado o movimento, em noite do mez de Setembro de 1930, dentro de auto Ford, Costard, Plinio e eu, conversamos sobre a maneira de levar a effeito o movimento no Estado, e aquelles, me punham ao par de tudo quanto se estava passando, expondo-me claramente a situação, affirmando que estava resolvido a escolha do meu nome, para assumir as redeas do governo civil do Paraná, como — Interventor.

Iniciado o movimento, no dia 3 de Outubro, as 5 horas da tarde, hora essa combinada nos Estados do Rio Grande do Sul e Minas Geraes, tive immediatamente, por Plinio, conhecimento do facto, e tambem conhecimento que o Paraná, por sua guarnição, se pronunciaria a 5 desse mez. A indicação de minha pessoa, para chefe do governo revolucionario do Paraná, já era do conhecimento de muita gente, e diversos interpellaram-me a respeito.

Assim, a 5 de Outubro, proximamente as 6 horas da manhã, um esquadrão do 5.º Regimento de Cavallaria Isolada, commandado pelo Capitão Nelson Pinto, escolta de um auto, conduzindo o Major Cicero Costard, e outros, que a memoria não me ajuda a declinar os nomes, veio a minha casa buscar-me, para assumir o Governo do Estado, já acephalo, com a fuga do seu Presidente. Não acceitei de momento o convite, receioso que me falhassem forças para obra tão ingente, como — governar um Estado, num periodo

desse. Insistido por uma segunda vez, receioso que a recusa fosse taxada de medo, accedi, assumindo o Governo do Estado, as 5 horas da tarde, do dia 5 de Outubro. O que foi esse acto, nada posso informar, dada a balburdia do momento, a grande emoção moral que naturalmente me empolgou, e o povo que invadiu o Palacio.

Fui investido no Governo, pelo commandante das tropas revolucionarias.

Começou, desde então, a minha «*via-crucis*», carregando o pesado lenho das ambições, das perfidias, das calumnias e das traições.

— As revoluções, semelham-se a violentos *tornados*, revolvendo tranquillias aguas, de tranquillios lagos, turvando a limpidez dellas, com a vasa que sobre-nada á tona! —

Vinganças pessoases desenfreadas, soltas; prisões e cerco de casas de familias, de collegio religioso e até a pratica de crimes, foram lembrados! Estas, as primeiras difficuldades, que tive de vencer, oppondo-me a esses desatinos. A sequencia dos factos, que antecederam e prepararam a revolução, indicavam-me que, deveria governar com homens civis, que nella tomaram parte. Neste proposito, procurei cercar-me daquelles que pertenciam á chamada — «Alliança Liberal» —. Era, entretanto, um desconhecedor dos politicos e dos homens publicos, bem como de suas attitudes anteriores. D'ahi, ter de origem, commettido erros que me trouxeram serios dissabores. Victoriosa militarmente a revolução, porque sob outra forma, até hoje ainda não está, com o regresso das tropas, começaram a apparecer os primeiros indicios de opposição ao meu governo. Desenhava-se o chamado «Partido dos Tenentes», como tambem o apparecimento das «Legiões Revolucionarias», os «3 de Outubro» e outros grupamentos politicos, que muito prejudicaram o Paiz, retardando a sua reorganisação. Mas, o que se percebia em todas essas agremiações, era o desejo do mando. O Paraná, não fugio a esse mal. A ambição pessoal, foi o movel principal de opposição ao meu governo.

Continúo affirmando, o movel era a ambição. A este ou aquelle, porque não se lhe satisfazia a sua nomeação para uma Prefeitura; a um outro, porque não se demittia um Tabellião, para a collocação de um irmão; a um outro, porque não se acceitava a indicação de um parente, para alto cargo na administração.

A ingenuidade politica de uns, a exaltação de ideologias exoticas de outros, vieram engrossar, em uma amalgama heterogenea, o grupo d'aquelles oppositores. Civis, por este ou aquelle motivo, contribuíram tambem, para este grande mal. Nós, isto é, Plinio e eu, não fômos impellidos por assômos de ambições, rondas de hypocrisias, aspirações de mando, que sempre foram contra o nosso feitio moral.

E assim, logo que tivemos conhecimento, que, junto ao Governo Provisorio se tramava, se trabalhava contra a situação do Paraná, passamos, o que ninguem até hoje conhece, o seguinte telegramma:

«18 de Novembro de 1930. — Dr. Oswaldo Aranha, D. Ministro Justiça. — Rio. — Reservado. — Chegando-nos atravez recados, ha serias difficuldades, resolução caso Paraná, e como não desejamos, de modo algum, causar embaraços acção Governo Provisorio, tomamos liberdade depôr mãos V. Ex.<sup>a</sup>, cargos para os quaes fomos escolhidos, momento emergencia, periodo revolucionario. Conscios, haveremos cumprido nossos deveres, e cheios de fé, pela sublimidade resultados movimento regenerador, não embaraçaremos orientação Governo Provisorio, e solicitando nossas exonerações, asseguramos a V. Ex.<sup>a</sup>, continuaremos a prestar nosso apoio causa revolucionaria, mesmo afastado funcções provisórias, com que nos distinguio confiança governo. — Respeitosas saudações. — *Mario Tourinho*, Chefe Governo Provisorio Paraná. — *Plinio Tourinho*, Commandante 5.<sup>a</sup> Região Militar.»

Isto, 43 dias após, termos assumido o governo. A resposta, foi a minha confirmação no governo, como Interventor.

A 20 de Novembro de 1930, passava o seguinte telegramma ao Prefeito de Guarapuava: «Muito sensibilizado, agradeço deferencia povo guarapuavano, escolhido meu nome, para dar a uma das principaes praças dessa cidade. Devo, entretanto, recommendar com muita insistencia, que taes homenagens sejam prestados unicamente a individuos já fallecidos, accordo meus principios homem publico e boas normas moral republicana. Solicito, por isso, seja com urgencia annullado decreto n.º 3, sendo-me communicada annullação.»

— Apeiado do Governo o Dr. Washington Luis, e substituido por uma junta de militares, parece tinha ella o desejo, que as tropas revolucionarias não chegassem ao Rio, e ella, a junta, ficasse com a incumbencia de reorganisar o paiz. A esse respeito, motivou o seguinte telegramma nosso, ao General Góes Monteiro, Chefe do Estado Maior das Forças Revolucionarias: «25 de Outubro de 1930. — Resposta vosso telegramma hontem, tenho prazer manifestar concordancia absoluta, sem nenhuma restricção, Governo Provisorio Paraná, com os itens mesmo telegramma, sendo pensamento dominante, como necessidade imprescindivel objectivos revolução, elevação Dr. Getulio Vargas, como Chefe Governo Provisorio Republica, para inteira observancia elevados principios «Alliança Liberal» expostos notavel plata-forma, lida esplanada do Castello. Podeis contar com a nossa solidariedade.» A minha acção politica no governo, foi sempre de molde, a não hostilisar a nenhuma corrente, dando a todos inteira liberdade de acção, desde que não implicasse na perturbação da ordem. A prova, está em ceder o theatro «Guayra», edificio publico, á sessões da chamada «Legião Revolucionaria», já em opposição ao meu governo. Todos os meios de combate contra mim, foram postos em pratica: telegrammas mentirosos; denuncias falsas; relatorios calumniosos — foram dirigidos ao dictador. E, como é certo o ditado popular, que — agua mole em pedra dura, tanto bate que a fura — e, apesar das manifestações de

confiança que o Dr. Getulio me manifestara, não dei-xei de me ir apercebendo, que, estava sendo uma difficuldade ao seu governo.

Trabalhado por esse elemento descontente, prepara-se e desencadea-se a greve operaria contra a companhia de Força e Luz, explorada a bôa fé e ingenuidade do operariado, que nada lucrou, apoz a terminação della. Foram dias de depredações e de incertezas em Curityba.

Agio apenas como um elemento politico nas mãos dos meus oppositores.

Concomitantemente, a tropa federal, sem motivo ponderavel, em Ponta Grossa, faz um ataque em regra, ao quartel do destacamento policial. Deste facto gravissimo, dando conhecimento ao governo, nenhuma providencia urgente de repressão aos chefes militares, foi tomada. Percebi, desde este momento, que era de facto uma difficuldade ao governo do Dr. Getulio. No meu proprio palacio, naquelles dias de atribulação intensa para mim, elle que se achava sempre cheio, senti o vacuo; todo mundo fugia, talvez receiando comprometter-se, com uma nova situação, que se desenhava. Poucos me acompanharam, nem mais e nem menos que os meus auxiliares immediatos. Mesmo d'aquelles, cuja profissão ordenava, pelo menos aparentar uma certa expressão de vigor, notava-se tristeza e frouxidão. Jugulada a greve, levada a paz a Ponta Grossa, resolvi exonerar-me, passando ao Dr. Getulio o telegramma, de 29 de Dezembro de 1931, que adiante transcrevemos, com a resposta do Dr. Getulio, que foi pela imprensa publicado, e por ella, no Rio, criticada a acção do Governo Provisorio.

Sahi com a minha consciencia tranquila, de bem ter servido o meu Estado, nos primeiros e incertos momentos de uma revolução. Quem leu a minha renuncia, publicada no jornal «O Dia», de 30 de Dezembro de 1931, terá verificado a realização do meu vaticinio: — «o que me abalou o animo, na hora angustiosa do rebate, foi a visão da Patria enfraquecida, deante de uma luta altiva, mais esteril, contra competições de

interesses, que por si mesmo, se hão de aniquilar e se destruir.»

E, com effeito, se aniquilaram e se destruíram. Ignorante do feitiço dos homens, é possível tivesse me enganado na escolha delles. Quanto a minha administração, melhor que este ligeiro relato, dirá a mensagem dirigida ao Chefe do Governo Provisorio.

Nella se verá, quanto é injusta a campanha que me fazem, de haver descuidado das obras do Porto de Paranaguá. Em um periodo de 14 mezes, dos quaes deduzidos 4, ainda de balburdia, confusão e o restante, sob uma constante athmosphera de perturbação da ordem, mais, era impossivel fazer.»

— Para melhor se poder apreciar os acontecimentos, que se prendem a acção e reacção operadas no Paraná, durante a patriotica e moralisadora administração, do projecto General Mario Tourinho, abaixo transcrevemos dos jornaes da epoca, os factos principaes que a ella se prendem:

«*O discurso do Snr. General Mario Tourinho.*

«Meus senhores!

Nessa eclosão intensa de ardor civico, que vem fazendo vibrar a alma paranaense, por impetus indefinidos de patriotismo, e de apego e amor á terra que lhe embala os arroubos sonhadores, — terra carinhosa e boa, solícita e dadivosa, que estende pelos seus recantos infindaveis, a exuberancia fecunda da vida creadora, e a natureza opulenta dos seus magicos encantos, sente-se reviver e fluir o alento espartano de uma colectividade, que hade rasgar nos horisontes da patria, o rumo luminoso do seu destino — que ha de traçar na historia no seu paiz, o quadro immortaldouro da sua grandeza!

Operarios!

Vós, que representais a grande força constructora, dos soberbos alicerces, em que as civilisações assentam, marcando uma éra de brilhante progresso, de constantes e incansaveis labutações, pela evolução da humanidade.

Agricultores! Industriais! Comerciantes!

Vós, que formais a base inabalavel da grandesa dos povos; o alicerce em que as civilisações assentam as colunas principaes da sua estrutura gigantesca.

Funcionarios publicos!

Que sois, os impulsores infatigaveis do grande aparelhamento das administrações de Estado; que consumis a existencia ao ardor dessa incessante luta.

Academicos! Estudantes de todas as etapas!

Que sois a mocidade, — a sementeira immensa do futuro: a chamma luminosa das esperanças porvindouras.

E vós, Senhores, que já tendes integrado o tesouro do vosso saber, cabendo-vos, por isso, o tributo ingente, de guiadores da collectividade em marcha. Povo! Enfim... que, reunido, formais o poder da opinião das sociedades organisadas; a grande força invencivel e universal, da consciencia humana... nos vos testemunhamos, nestas palavras tôscas, mas na expressão sincera do nosso leal sentir, todo o nosso reconhecimento, e toda a nossa gratidão, deante da expontaneidade desta expressiva manifestação publica, de apoio e de solidariedade moral, á causa paranaense, que o nosso Governo encarna.

Senhores!

Quando se ergueu, em nossa terra, o movimento regenerador da nossa patria, ao impeto inicial de uma peleja, que repetidos erros consumaram, e buscastes conduzir-nos ao posto em que nos encontramos, — ainda dentro das primeiras horas dessa campanha civica, quando o nevoeiro da duvida, ainda ensombrava de incertezas crueis e de interrogações, as probabilidades da victoria, em aceitando-o e assumindo-o, bem aquilatava, nessa hora, com a nossa consciencia de cidadão e de soldado, — das dimensões e do vulto de graves responsabilidades, que ao hombro sopesavamos.

Não foi, ao soar o clarim da victoria, que assumimos as responsabilidades do posto, e sim, entre a nevoa espessa, dentro da qual se iam travar os ainda primeiro encontros da luta iniciada.

Força é concluir, portanto, que na mesma hora em que se marchava para a frente das linhas de combate, já nos encontravamos á frente dos compromissos indeclinaveis do cargo de direcção suprema do Estado —, num momento, em que da luta, aqui, não se conheciam nem os traços geraes da sua extensão.

Não nos moveram inspirações de mando, nem ambições pessoais, nem sentimentos outros, que não fossem os anhelos e as convicções profundas de bem servir á terra dos nossos maiores, com a contribuição integral dos nossos esforços, e dos nossos trabalhos, na obra geral de regeneração politica e administrativa da nossa patria, cooperando para o bem visado, pelo embate revolucionario, com o desejo ardente de acertar e de vencer, na grande arena em que a luta apenas se esboçava, e ainda perdura e se desdobra. Não indagamos, aos que nos buscavam para a luta do sacrificio, do trabalho e do perigo, si já cortavam os horisontes patricios, traços annunciadores das esperanças de victoria; nem perguntamos, aos que proclamavam as idéas do levante, si eram impelidos pela mesma centelha de ardor patriótico, de despreendimento, de renuncia e desambição pessoal, que nos arrastavam, — para o calor da luta, e para a impetuosidade dos entrec choques, de onde, — tanto poderia resultar a victoria, — como tambem a derrota completa e fragorosa, dos ideaes reformadores, com todo o seu cortejo de sofrimentos e amarguras, só enfrentados com firmeza e decisão, pelas fortes almas lutadoras.

E, desde então, aqui nos encontramos — Senhores, — nesta estacada da luta, onde, si não existem hoje mais, as améias das trincheiras comba-

tentes, existe o prolongado estoicismo das vigílias estafantes, e o crepitar do fogo lento das energias consumidas.

Neste curto praso de dez mezes, de agitada administração do nosso Estado, pouco se tem feito em relação á massa immensuravel das tarefas por fazer, — mas, muitissimo grande tem sido a obra conseguida; muitissimo dilatados os estudos e as reformas; muitissimo valiosos os planos de novas diretrizes, nas normas carcomidas de tristes tradições.

Na moralisação e no reajustamento do nosso regimen financeiro, têm-se consumido as energias mais serenas, que, — mais de uma vez, — se esboroam e se destroem, deante do vulto impressionante dos compromissos do Thesouro.

Da lista dos grandes encargos, herdados do passado, tivemos que pagar, fataes, reclamados, — mez traz mez, — após a luta vencedora, alta monta de compromissos estrangeiros, que, a cerca de dois mil contos atingiram; e foi na compressão sistemática das cifras de orçamento — lado a lado — ao largo corte das despesas supprimidas — que pudemos, pouco a pouco, reunir as parcelas dos recursos, que taes encargos reclamavam.

Foi pago o funcionalismo, de Outubro para a frente. Os demais gastos do Thesouro, a partir de data igual, são todos attendidos com firmeza.

Na ordem administrativa, na ordem financeira, na ordem economica, na orbita da justiça, as medidas de reforma, de adaptação e de defesa, repetem-se e avolumam-se, sem que as fibras dirigentes se entibiem, deante das duras refregas resultantes do entrec choque de interessantes refreados. Temos por principio soberano, as normas da justiça.

Si alguma vez erramos na Cruzada, não tememos recuar.

A linha que traçamos para o alvo desejado, é recta e sem penumbras.

Ao cargo, a que nos trouxe a confiança do povo da nossa terra, e logo após, a do Chefe da Nação, não nos prendem laços de ambições, nem laivos de vaidade.

Nelle permaneceremos, enquanto pudermos servir á nossa terra commum, enquanto pudermos continuar a merecer a confiança que inspiramos, e enquanto pudermos manter illesas e intangíveis, a honra e a dignidade, que são o patrimonio moral do homem.

E' reconfortante — senhores! — e grata ao nosso coração de paranaense, a exteriorisação da vossa solidariedade leal e boa.

Ella nos sensibilisa profundamente, e nos obriga a dizer-vos que, apesar das densas nuvens que ainda se estendem por sobre os horizontes dos dias presentes, nós cremos na grandesa futura da nossa terra.

Temos fé, no valor indomavel dos seus filhos e antevemos para o porvir, quando vencidos todos os obices, dias luminosos de victoria.

Nós vos agradecemos, e vos saudamos, povo amigo e bom, da terra paranaense — herdeiros valerosos da fibra bandeirante.

Viva o Paraná.

Viva o Povo paranaense!»

(1.º de Agosto de 1931.)

Da — Mensagem — dirigida pelo Interventor Federal ao Paraná, General Mario Tourinho, ao Chefe do Governo Provisorio, extrahimos alguns dos seus pontos principaes, a saber:

«Exmo. Snr. Dr. Getulio Vargas, D.D. Chefe do Governo Provisorio da Republica.

Ao completar o primeiro anno da minha gestão, no exercicio do cargo de Interventor Federal, com que a nobre e generosa confiança de V. Exa. me tem sobremaneira honrado, cumpro o indeclinavel dever de relatar, com lealdade, em succinta exposição, as principais occurrencias, nesse periodo, aqui succedidas, bem como o estado dos

multiplos serviços affectos á administração publica Paranaense.

Cumpre-me, nesse sentido, preliminarmente, solicitar a patriotica attenção de V. Exa. para as insuperaveis difficuldades de ordem financeira que assoberbam o Govêrno do Paraná, quer provenientes da crise economica universal, quer advindas sobretudo dos pesados onus e encargos legados pelas passadas administrações.

Essa premente situação tem paralisado, até agora, quaesquer iniciativas realisadoras, nem só relativas ao regular proseguimento de diferentes trabalhos publicos inadiaveis, como tambem quanto ás refôrmas imprescindiveis reclamadas pela crescente amplitude dos demais serviços a cargo do Estado.

A minha esphera de acção governamental, por tais motivos, se tem principalmente circumscripto ás soluções dos problemas economicos do Estado e á normalisação preliminar da sua precaria vida financeira.

Parece-me que, só assim, após essa dupla realisação de grande monta, poderão as futuras administrações dispôr, com o augmento progressivo das rendas do Estado e a acquisição de novos recursos orçamentarios, dos elementos propulsores dos progressos materiaes do Paraná, em todos os ramos de sua auspiciosa actividade.

.....  
 . . . . . a precaria situação financeira do Govêrno, tem obstado a sua viva actuação no sentido de manter e mesmo desenvolver os serviços relativos á diffusão, no Estado, do ensino primario, normal, secundario, profissionall e superior, bem como os que se relacionam á organização da justiça, da saude publica, da policia civil e militar, da assistencia publica, da agricultura, da industria e do commercio.

Verificará V. Exa., de fato, por este succinto relatório, que a Interventoria do Paraná, neste pe-

riodo de um anno, se tem esforçado, com os poucos recursos de que dispõe, em attender, tanto quanto possível, a todas as necessidades primordias do povo Paranaense, cuja satisfação, em suas differentes modalidades, seja de qualquer modo dependente da acção governamental.

Por essa fórma, nutro a firme convicção de haver, até aqui, procurado corresponder, sem exhibições, contrarias ao meu feitió moral, porém, com sincero e leal devotamento, á desvanecedora confiança de V. Exa., como Chefe supremo do Govêrno Provisorio da Republica.

Julgo-me, assim, igualmente com o direito de proclamar que, no exercicio arduo das funcções de Interventor desta unidade da Federaçáo, tenho procurado tanto quanto o permitem as circumstancias, porém com firme determinação, colaborar na obra redemptora da reconstrução politica e moral da Patria, de accordo com o programma a que se impuzeram os chefes da revolução nacional de Outubro ultimo.

Essa modesta, porém leal e devotada contribuição do meu govêrno, á obra revolucionaria tem-se feito sentir sem violencias, nem arbitrariedades, antes, com serena ponderação e discreta prudencia e sobretudo com escrupuloso respeito ás liberdades e aos direitos dos cidadãos, consoante ao espirito do regimen republicano que, desde 15 de Novembro de 1889, felicita nossa Patria.

O empolgante espectáculo de entusiasmo revolucionario do povo Paranaense, que então se patenteava, por seu concurso em massa, para a organização dos batalhões patrióticos, estimulava o Govêrno a proseguir, assim, sem vacilações, na obra de saneamento moral do Estado, contando com o apoio das classes armadas, que se antepunham, como um circulo de ferro, a quaesquer veleidades reaccionarias, por parte dos vencidos.

. . . . as prementes condições financeiras do Estado, já então apuradas, em parte, por um primeiro balanço geral do Thesouro, e os seus impressionantes compromissos, externos e internos, exigiam, sem delongas, uma funda compressão das despezas, porém, sem sacrificio dos serviços directamente affectos á administração publica.

Nesse sentido, iniciou o meu Govêrno uma revisão dos quadros do funcionalismo publico, assustadoramente accrescidos nos quatrienios passados, sobretudo nos dois ultimos annos anteriores, quando o desdobramento da Secretaria Geral, em três Secretarias, trouxe como consequencia a criação inutil e excessiva de departamentos novos, dotados de numerozo pessoal.

. . . . Tornou-se necessario, como medida moralisadora, o exame escrupuloso dos actos e trabalhos anteriores de differentes departamentos dos serviços publicos, afim de que por uma severa sindicancia, fossem apuradas as responsabilidades funcionaes correspondentes.

Nesse sentido, por successivas portarias, ractificadas, mais tarde, pelo decreto n.º 515, de 22 de Novembro, da Interventoria Federal do Paraná, o Secretario Geral designou differentes Comissões especiaes de Sindicancia, para procederem ao exame da escripta, ao balanço geral e á tomada de contas no Thesouro estadual, no Banco do Estado do Paraná, no Departamento de Agricultura, na primeira Collectoria estadual da Capital, no Sindicato de Madeiras do Brasil, na Comissão de Fiscalisação das Obras do Porto de Paranaguá e nos Departamentos de Terras. . .

Foram igualmente designadas ainda Comissões especiaes para a verificação e medição dos serviços a cargo da Companhia Brasileira de Viação e Commercio, dos empreiteiros da rodovia S. Paulo-Paraná, e da execução de serviços de construcção e reconstrucção de estradas, no Norte do Paraná.

Para o fim de coordenar e orientar os trabalhos das Comissões especiaes, foi tambem designada uma Comissão Central de Syndicancia, com poderes, alem disso, para directamente proceder a quaesquer trabalhos de verificação que se fizessem necessarios a uma melhor colimação dos seus objectivos.

..... os onerosos contractos de construcção de estradas de Ferro, de rodagens, e outros lavrados pelos govêrnos passados, pesavam sobre o erario publico, causando, no presente, insuperaveis embaraços financeiros á administração estadual, constituindo, para o futuro, gravissimas ameaças, pelos extensos compromissos que assumira o Estado em relação ás respectivas emprezas contractantes.

Dentre as inumeras concessões desta natureza sobresahia, pela prodigalidade inominavel de favores concedidos, que contravinham aos mais vitas interesses Paranaenses, a serie de contractos assignados pelo Govêrno estadual, originariamente com a Cia. de Estrada de Ferro S. Paulo — Rio Grande, mais tarde por esta ultima transferida á Cia. Brasileira de Viação e Commercio, quanto á parte relativa á construcção da via ferrea de Guarapuava. De facto, em virtude do contracto, a 23 de Agosto de 1920, firmado entre o Estado e a Cia. S. Paulo — Rio Grande, para a construcção da estrada de ferro de Guarapuava, obrigára-se esta ultima, a contribuir com o capital inicial de dez mil contos de réis, para levar a effeito a referida construcção. O Estado compromettera-se, pelo mesmo contracto, a garantir os juros da importancia excedente aos dez mil contos de réis e que se fizesse necessaria á conclusão das obras, e, mais, á cessão gratuita, para a Cia. contractante, de uma área de terras devolutas correspondente a nove kilometros para cada lado do eixo da estrada, objecto da concessão, multiplicados pelo desenvolvimento total das referidas linhas.

Pela clausula XIX do mesmo contracto, taes favores foram ainda mais ampliados, obrigando-se o Estado a entregar á Companhia contractante, como meio de facilitar as transacções para obtenção dos dez mil contos de réis, a que esta se compromettera a despender inicialmente, titulos de dominio pleno e absoluto de uma área de dois milhões e cem mil hectares de terras devolutas, a que a mesma tinha direito em virtude do contracto lavrado a 8 de Setembro de 1917.

Entretanto, pela letra *d* da clausula 2.<sup>a</sup>, dêsse contracto de 1920 e de conformidade com a clausula V do anterior, de 8 de Setembro de 1917, só poderia a Companhia obter taes titulos de dominio sobre as terras devolutas marginaes, relativas as linhas, cuja construcção não estivesse ainda iniciada, á medida e na proporção correspondente aos trechos que fossem sendo entregues ao trafego publico.

Esta clausula e a anteriormente referida, como se vê, estavam, assim, em verdadeiro antagonismo, com graves prejuizos para o patrimonio estadual. Transferido o aludido contracto á Companhia Brasileira de Viação e Commercio, firmou esta com o Estado, a 8 de Junho de 1928, um additamento ao mesmo, pelo qual obrigou-se a iniciar, a 1.<sup>o</sup> de Julho do mesmo anno, o serviço de construcção da estrada de ferro de Guarapuava.

Por este unico compromisso assumido pela Companhia, obrigou-se o Estado a contribuir a titulo de adiantamento, com a quantia correspondente ao complemento sobre o que excedesse aos dez mil contos de réis a que a outra parte contractante estava obrigada a despender, para a execução das obras.

Não foi esse, entretanto, o unico favor concedido á nova Companhia, em compensação ao unico compromisso de iniciar, a 1.<sup>o</sup> de Julho, a construcção da estrada, pois o art. 7.<sup>o</sup> do additivo referido outorgou-lhe ainda o de receber do Estado

quinze por cento sôbre o valor total das folhas mensaes relativas aos trabalhos, e mais metade da economia que realisasse em relação á quantia orçada para as referidas obras.

Todavia, respeitou esse additivo, no seu art. 11, as demais clausulas já firmadas pelo contracto anterior, de 23 de Agosto de 1920, e, entre essas, a que determinava o prazo de dois annos para a applicação dos dez mil contos de réis, a que a Companhia se obrigava a despender inicialmente, e ainda a que a obrigava a entrar para o Thesouro do Estado com as quótas de fiscalisação, em prestações semestraes adiantadamente.

A falta de cumprimento de qualquer de uma destas duas obrigações, a que continuava sujeita a Companhia, dava lugar, em virtude da clausula XLIV do contracto de 23 de Agosto de 1920, á caducidade do privilegio, concessão e mais favores, salvo caso de força maior, julgado tal pelo Governo e sómente por elle.

Ainda mais, o art. 9.º do additamento referido, determinava expressamente que se deixasse a Companhia de applicar, no prazo estipulado de dois annos, os dez mil contos de réis a que se obrigava a despender, com a construcção da estrada, reverteriam para o Estado, todas as obras contractadas, sem que coubesse a concessionaria direito a qualquer indemnisação.

Faltando a Companhia ao cumprimento da dupla obrigação contractual, pois, nenhum real dispendeu, durante esses dois annos, dos dez mil contos de réis a que se comprometteu a empregar na construcção da estrada, nem tão pouco satisfez, nos dois ultimos semestres de 1930, ao pagamento das quótas de fiscalisação, esta Interventoria do Estado, pelo decreto n.º 300, de 3 de Novembro do anno passado, rescindiu os contractos alludidos, bem como todos os actos dos mesmos consequentes, e declarou, em consequencia, caduco o privilegio, a concessão e mais favores á Com-

panhia consignados pelos mesmos contractos rescindidos.

.....  
Dentre as obras emprehendidas nas administrações anteriores, mediante contractos considerados onerosos para o Estado, a construcção do ramal ferroviario de Guarapuava, a que já me referi, e as obras de melhoramentos do Porto de Paranaguá, constituiram as de maior vulto e aquellas, portanto, para as quaes se deveriam voltar, com os cuidados que exigiam, as attenções do meu governo.

A construcção das obras de melhoramentos do Porto de Paranaguá achavam-se a cargo da «Companhia Nacional de Construcções Hydraulicas», por um contracto de locação de serviços de administração firmado com o Estado, pelo qual, entre outros favores, gosava a Companhia do direito a 15% sobre todas as obras effectuadas, bem como sobre as compras e quaesquer outras despesas, para aquelle fim realisadas.

Por esse regimen de administração contractada, despendera o Estado, importancia superior a 19.000:000\$000, com a aquisição e installação da aparelhagem necessaria para a execução das obras, com as desapropriações de trapiches e com a construcção de cinco caixões de cimento armado, quatro dos quaes fluctuam no alinhamento do cães de atracação, e, o quinto, acha-se ainda sobre a carreira, prestes a ser lançado.

Não sendo possivel ao Estado, em face das vultuosas despesas exigidas e da exiguidade de recursos pecuniarios de que dispunha, continuar com a responsabilidade do financiamento de taes obras, entrei em entendimento directo com a empresa e, de commum accordo foi o contracto rescindido.

.....  
Mas, rescindido, assim, de commum accordo com a empresa, o contracto para a construcção das obras

de melhoramentos do Porto de Paranaguá, tornava-se urgente procurar o meu Governo, um outro meio para a immediata continuação desses trabalhos.

De facto, a paralisação, por muito tempo, das obras do Porto poderá, no ponto em que se acham, acarretar graves prejuizos para o Estado, nem só pelos riscos da perda total dos caixões já construidos, como tambem por exigir, a aparelhagem adquirida para os trabalhos respectivos, uma conservação dispendiosa.

Nestas condições, solicitei do Sr. Ministro de Obras Publicas, as providencias que se me afiguraram necessarias para o proseguimento dos trabalhos de construcção dos melhoramentos projectados, ou por administração directa do Governo do Estado, como melhor convem aos supremos interesses publicos, ou pela transferencia do contracto a uma empreza idonea, capaz de executa-los. Assim, dirigi, a 20 de Junho deste anno, ao illustre titular do Ministerio de Obras Publicas, o seguinte officio:

Exmo. Senhor Ministro.

Dentre os problemas, cuja solução immediata constitue vital necessidade para o Paraná, sobresaem, fóra de duvida, o da continuação dos melhoramentos das Obras do Porto de Paranaguá, de que este Estado é concessionario, por contracto lavrado com o Governo Federal.

Taes trabalhos estiveram, até ha pouco, a cargo da «Companhia Nacional de Construcções Hydraulicas», por um contracto de locação de serviços de administração, firmado pelo Governo do Estado com a referida Companhia.

Por esse regimen, de administração contractada, despendeu o Estado importancia superior a dezenove mil contos de réis, (19.000:000\$000), com a aquisição e installação da aparelhagem necessaria para a execução das obras e mais com as desapropriações de terrenos e trapiches, bem como

com a construcção de cinco caixões de cimento armado, quatro dos quaes fluctuam já no alinhamento do caes, e, o ultimo acha-se sobre a respectiva carreira prompto para ser lançado.

Não sendo, entretanto, possivel ao Estado, em face da exiguidade dos recursos pecuniarios de que dispõe, continuar com a responsabilidade do financiamento de taes obras, rescindio o meu Governo, no mez de Maio passado, de commum accordo com a Companhia, o contracto com a mesma firmado. As obras de melhoramentos do Porto, comtudo, não podem mais ser adiadas e urge a sua immediata continuação, por uma fórmula menos enerosa e que melhor se adapte as actuaes condições financeiras do Estado.

Ora, esse meio poderá ser facilmente proporcionado pelo proprio Governo Federal, por um acto cuja perfeita equidade, uma singela e succinta exposição de motivos, com muita clareza, manifestará. O Governo Federal, com effeito, durante todo o tempo anterior ao contracto de concessão dessas obras, que celebrou com o Estado, recolheu para os seus cofres o producto da taxa de 2% ouro, arrecadada no Porto de Paranaguá.

A importancia assim cobrada pela União, e que attinge a mais de 4.000 contos de réis, uma vez revertida ao Estado sob a condicção de applicação exclusiva nas obras de melhoramentos do Porto, será sufficiente para o financiamento, por parte daquelle, dos primeiros 150 metros corridos de caes, e mais das dragagens necessarias ao canal de acesso do mesmo Porto e da aquisição da aparelhagem destinada ao serviço de carga e descarga. Nessas condicções, os restantes 350 m. de caes de atracação, bem como o caes de saneamento e o respectivo aterro, serão executados pelo Estado com a propria renda proveniente da immediata exploração commercial da parte já construida, conforme determina a propria clausula VI do contracto de concessão federal.

A reversão ao Thesouro do Estado, da importancia correspondente á taxa de 2% ouro, será, aliaz, uma medida de inteira justiça, porquanto sendo essa taxa cobrada para o fim especial e exclusivo da construcção das Obras do Porto de Paranaguá, não foi o seu producto absolutamente despendido com taes serviços, durante o prazo referido, isto é, durante todo o tempo anterior ao contracto entre a União e o Estado.

Por outro lado, a paralisação das Obras do Porto de Paranaguá, no ponto em que se acham, redundaria em graves prejuizos para o Estado do Paraná, pela perda total, dentro de pouco tempo, dos cinco caixões construidos, bem como pela dispendiosa conservação da aparelhagem já adquirida e convenientemente installada e destinada á execução das referidas obras.

Mas, será para tanto necessario tambem, que o Governo da União prorogue, por um anno, o prazo marcado pela clausula VI do contracto com o Estado para a *inauguração effectiva e efficiente das obras que permittam immediata exploração commercial do porto.*

Nestas condições, tenho a honra de suggerir a V. Excia. a tres seguintes medidas, necessarias para a realisação do importante melhoramento, e de solicitar as suas approvações por parte do Governo Federal:

1.º — Reversão, para o Thesouro do Estado do Paraná, sob condição de sua applicação exclusiva, nas obras de melhoramentos do Porto de Paranaguá, do producto da taxa de 2% ouro, arrecadado, pela União, no referido Porto, durante o tempo decorrido do inicio dessa cobrança até a data da concessão ao Estado pelo Governo Federal das mesmas obras;

2.º — Prorogação, por um anno, do prazo marcado, pela clausula VI do contracto de concessão federal das obras para a inauguração das que permittam immediata exploração commercial do Porto.

3.º -- Prorogação, por seis mezes, do prazo estipulado pela clausula XXIII, para a cessação da arrecadação, por parte do Estado, e em seu proveito, do producto do imposto de 2% ouro, devido a interrupção das obras do Porto.

Estas duas últimas medidas, justificam-se pelo facto da paralisação actual das obras, por motivo da revolução de Outubro ultimo, cujos effeitos se fizeram sentir, como V. Excia. sabe, com muita premencia, neste Estado, que me coube desde então, a honra de presidir.

Certo de que V. Excia. tomará na devida consideração as solicitações das medidas acima lembradas, antecipo, em nome do Estado do Paraná, os meus agradecimentos por mais esse serviço de alta relevancia que o seu povo e o meu Governo esperam do Governo Provisorio da Republica.

Renovo a V. Excia., Senhor Ministro, os meus protestos de alta consideração e subido apreço. Saude e Fraternidade.»

Certo da bõa vontade do illustre titular do Ministerio de Viação e Obras Publicas em relação aos serviços que affectam, como este, a collectividade nacional, e, seguro de que V. Exa. attenderá, com carinhoso interesse, ás justas pretenções consignadas nesse officio, espero, logo apóz a sua razoavel solução, proseguir nos trabalhos de melhoramentos do Porto de Paranaguá, de que dependem, em grande parte, os futuros progressos materiaes do Paraná.

*Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda e Industria.*

Já tive occasião de deixar consignada, em declarações que foram a seu tempo publicadas, a situação financeira em que encontrei o Estado, ao assumir as graves responsabilidades de sua Interventoria. Informei naquella occasião ao povo paranaense, que as responsabilidades do Thesouro,

segundo os dados existentes na sua contabilidade respectiva, porém ainda não completamente controlladas, orçavam por 229.692:741\$264, dos quaes deviam então ser abatidas as seguintes parcelas devidamente especificadas:

Importancia de £ 732.000, depositadas em mãos dos banqueiros Lazard Brothers & Cia. Ltd., em Londres, para o resgate dos empréstimos francezes de 1905, 1913 e 1917, a 40\$000 cada libra	29.280:000\$000
Deposito em mãos dos mesmos banqueiros, como supprimento prévio, de accordo com o contracto do ultimo empréstimo	3.042:664\$509
Importancia a integralisar das acções da Caixa de Liquidações	462:500\$000
	<hr/> 32.785:164\$509

Feitas as referidas deducções, ficaria a divida geral do Estado representada pela cifra de Rs. 196.907:576\$755 e mais um restante de divida com Alberto Pistolini, proveniente de indemnisação á *Brazil Coffee*, de £ 5.000, no total de Rs. 231:180\$600, que já foi pago pelo governo actual, e que elevaria a divida a Rs. 197.138:757\$355. Consignada ainda a importancia de 360:113\$326 que representa o saldo em Caixa, verificado no momento do balanço, e mais a receita provavel do mez de Setembro que não se encontrava ainda escripturada, e com aquella calculada em Rs. 1.500:000\$000, teriamos todas as responsabilidades do Estado, no momento em que se operou no Pais a grande transformação politica, sob o influxo da revolução, representadas pela cifra de Rs. 195.638:757\$355.

Agora, com a demonstração já publicada da receita e da despesa do Thesouro, referente a 1930, vê-se que tambem concorreu para aquelle resultado, o impressionante desequilibrio desse exer-

cicio financeiro, com o *deficit* vultuoso de Rs. 17.319:548\$941, que passou para o exercicio actual.

Com effeito, a estimativa orçamentaria da receita de 1930, indica que, ao confeccional-a, o legislador de então, ultrapassou tudo quanto a mais elementar prudencia aconselha em assumpto de tamanha magnitude, que envolve a vida do Estado, e, enveredando pelo arbitrio teria, fatalmente, de chegar ao resultado a que chegou: um orçamento visceralmente defeituoso, visto como nenhuma previsão, por qualquer dos methodos conhecidos, poderia attingi-lo.

Assim, orçada que foi a receita em 45.000:000\$000, em igual cifra foi fixada a despesa, mas ao passo que aquella não ultrapassou a arrecadação de Rs. 28.660:000\$000, cifra redonda, esta, a despesa, excedeu o proprio limite da sua fixação e elevou-se a Rs. 46.511:454\$810, inclusive a extraordinaria de Rs. 8.298:314\$390, realisada em creditos regulares, devidamente abertos.

Como se vê, a situação de conjunto se desenha de tal modo grave, que desafia o animo mais pertinaz e o espirito mais familiarisado com o manejo dos negocios da administração publica. Não obstante, a Interventoria, de que estou investido, na plena consciencia das suas responsabilidades e fiel aos compromissos que assumio perante o povo paranaense e o proprio governo provisorio da Republica, tem encarado de frente e resolutamente o arduo trabalho que lhe foi confiado, de sanear as finanças do Estado. Esse trabalho, porém, pelo seu vulto e pelas naturaes difficuldades que apresenta, não póde ser abreviado, sob qualquer influencia extranha á extensão dos males accumulados sobre o Paraná, nesta parte da sua administração. Insolvavel já era a situação, muito antes da revolução de Outubro, e até ahi muito mais se aggravou, não só com o *deficit* orçamentario, deixado pelo exercicio de

1930, como também pelos efeitos expressivos da crise geral que o Paiz atravessa.

*Situação economica e financeira.*

E', portanto, evidente que sem recursos novos, extra-orçamentarios, seja sob a forma de auxilios do governo da Republica, ou sob a de emprestimos por aquelle autorisados, a solução do caso paranaense demanda o concurso de factores diversos, o tempo em primeiro lugar, para a completa execução de medidas adequadas, e a continuidade de acção administrativa, com a compressão, cada vez maior, nas despesas com a gestão da cousa publica. Sem esses elementos, que importam, bem o conheço, em verdadeiros sacrificios e renunciias, que irritam e provocam impaciencias incompativeis com a grandeza do trabalho a realizar, nenhuma obra será de efeitos duradouros e permanentes, visando um futuro melhor e mais seguro para a nossa terra. Haverá, entretanto, espiritos soffregos que critiquem e condemnem esse ponto de vista, mas estou firmemente convencido, pelo estudo o mais detalhado do mal financeiro, em toda a sua extensão, em confronto com os recursos e as possibilidades com que poderemos contar, seja para solver os compromissos anteriores, seja para manter em dia os serviços estrictamente necessarios da administração, sem esquecer de fomentar as riquezas do Estado, estimulando-lhe a producção, estou firmemente convencido, dizia, que aquellas prescripções serão, no momento, as unicas que poderão ser utilizadas com proveito para o reajustamento do nosso credito e a rehabilitação do bom nome que sempre desfructou o Paraná.

Apezar das grandes difficuldades que decorrem da premente situação que deixei esboçada, esta Interventoria tem procurado, com resoluta firmeza, aproveitar do melhor modo os recursos de que dispõe o Thesouro, pela sua rigida applicação

no custeio dos serviços publicos, excluidas quaesquer despesas de character adiaavel e abolidas outras por injustificaveis.

Assim, ao confeccionar o orçamento do exercicio corrente, não tive excitações, aliás, sem desordem na marcha da administração, em reduzir de Rs. 45.000:000\$000, em quanto encontrei fixada a despeza do Estado, para Rs. 33.276:300\$000. Mais tarde, considerando ainda susceptivel de compressão, reduzi novamente essa despeza, num orçamento organizado para o 2.º semestre do exercicio, a Rs. 30.026:486\$470, o que corresponde a uma nova compressão de Rs. 3.249:813\$530, que adicionados a Rs. 11.723:700\$000 a quantia attingio a reduccão das despesas no primeiro orçamento do anno, produz um total de Rs. 14.973:513\$530 reduzidos na despeza geral do Estado, em confronto com a do ultimo orçamento do governo anterior. Ficou, portanto, reduzida de um terço toda a despeza da administração publica, sem que, com isso, soffressem o menor abalo os respectivos serviços, que continuam sua perfeita normalidade.

Dentro dos recursos prefixados pelos dois orçamentos da despeza, o geral, para todo o exercicio e o especial para o 2.º semestre do mesmo, tem o governo, com as cautelas precisas, desenvolvido toda sua acção, restricta, aliás, á norma que se traçou, de manter-se rigorosamente dentro daquellas linhas orçamentarias, tanto mais quanto verificou, desde logo, no seu inicio, a existencia de despesas e compromissos da administração extincta, que não podiam, pelo seu character especial e prazo fixo, deixar de ser promptamente attendidas, com os recursos do exercicio corrente, por envolverem o proprio credito do Estado, no exterior.

Neste numero estão os pagamentos, a que já me referi, de £ 5.000, equivalentes em moeda nacional, a Rs. 231:180\$600 feito no mez de Novem-

bro de 1930 a A. Pistolini, resto do de £ 20.500, equivalentes a Rs. 919:282\$520 em moeda nacional, como indemnisação garantida á *Brazil Coffee*, de Londres, e o de £ 56.000, equivalentes a Rs. 2.986:914\$600 em moeda nacional, para resgate de 4 letras de £ 14.000 cada uma, vencidas nos mezes de Novembro e Dezembro de 1930 e Janeiro e Fevereiro de 1931, á *Lazard Brothers & Co.*, de Londres, resto das prestações devidas pelo desdobramento do *coupon* da divida externa, vencido em Setembro de 1930 e não pago.

Para attender a estes dois pagamentos, por sua natureza inadiaveis e representados por titulos autonomos, o Tesouro despendeu, portanto, já na actual administração, Rs. 3.218:384\$600.

E' aqui opportuno accentuar que no primeiro semestre do anno financeiro, que representa apenas o inicio do periodo estavel após a transformação radical da ordem politica e administrativa do Paiz, o Paraná soffreu e não podia deixar de soffrer as consequencias do grande retrahimento do credito, que, por aquelle motivo, se verificou geralmente nesse periodo, de par com a quasi paralisação do commercio e das industrias nacionaes. Assim, e por isso mesmo, ao lado da crise economica que estalou com tanta intensidade, a vida financeira do Estado sentio-se fortemente abalada pelas deficiencias da circulação de valores e de transacções de toda a especie. Basta recordar os graves prejuizos que nos acarretou a Republica Argentina com a prohibição, durante cerca de tres mezes, da importação da nossa herva matte, ali, sabido como é, que aquelle paiz é o principal mercado da nossa producção hervateira e que esta é, por seu turno, a nossa principal fonte de renda orçamentaria.

Tudo isso occorreu no primeiro semestre do exercicio que já é de si, segundo o demonstra o exame da arrecadação das rendas publicas nos

annos anteriores, de perfeita normalidade, o periodo de mais fracas entradas no Thesouro, em comparação com o segundo semestre. De Julho a Dezembro de cada anno avulta a producção geral, o commercio e as industrias retomam o seu rithmo habitual, com o augmento da riqueza e a circulação do dinheiro. E' o semestre das safras da herva matte, do café e outras.

.....  
Taes são, em rapido esboço, as precisas condições, na ordem politica e na administrativa, em que se encontra o Paraná ao terminar o primeiro anno da minha gestão, como seu Interventor.

Mas, ao concluir agora este simples relatorio, que o cumprimento de um dever elementar me aconselhou a dirigir ao Chefe da Nação, permita-me V. Exa. appellar ainda uma vez para o seu reconhecido espirito de incondicional patriotismo, afim de que sejam ao meu Estado proporcionados pelo Governo Federal, os elementos essenciaes de que carece para o seu reerguimento economico e financeiro, sem nenhum sacrificio de vulto por parte da União.

Nesse sentido, será sufficiente, pelo menos no momento, que V. Exa. attendendo aos justos motivos que dictaram o meu Officio ao Snr. Ministro da Viação e de Obras Publicas, acima transcripto, sobre as obras do Porto de Paranaguá, haja de deferir as solicitações nelle contidas para o proseguimento de taes serviços, de cuja realização dependem em grande parte, os futuros progressos materiaes do Paraná. — Saude e Fraternidade. — *Mario Alves Monteiro Tourinho*, Interventor Federal.

Palacio da Interventoria Federal do Paraná em Curityba, 5 de Outubro de 1931.»

— Alem das medidas, tomadas pelo Interventor Tourinho, das quaes fizemos o extracto acima, o Relatorio dá noticias de todos os actos de sua administração, como sejam:

Reorganização de todas as Prefeituras Municipaes do Paraná e nomeação dos Prefeitos em substituição aos destituídos pela revolução; reorganização geral da Justiça; comissões de syndicancia; sobre saúde pública; sobre instrução pública e assistência social; sobre terras, colonização e obras públicas, inclusive sobre o abuso de concessão de latifúndios e terras devolutas e a maneira de as conceder, revalidar e legitimar. Decreto determinando que os livros findos dos Cartórios sejam recolhidos ao Archivo Público. Rescisão do contracto com a Empresa Matte Larangeira. Rescisão do contracto da Estrada de Ferro para Guaruapuava e reversão de varios milhões de hectares de terras para o patrimonio do Estado, etc., etc. Tudo isso foi feito no periodo de 14 mezes, e em pleno regimen anormal e revolucionario.

*O Manifesto do Interventor Mario Tourinho ao povo paranaense.*

«Meus concidadãos!

Filho e grande amigo da opulenta terra paranaense, votado voluntariamente ao exame intimo dos repetidos problemas que condizem com o seu progresso e com a gloria dos seus destinos; irmanado ás contingencias amargas das suas desventuras e á alacridade juvenil dos seus triumphos; gravada na retina a belleza sem par dos seus paineis; saturado o ser da quintessencia da sua vida espiritual e civica; acompanhando os elances do seu contingente de patriotismo nesse esforço supremo para a rotura dos diques que o erro e a prepotencia levantaram em nossa Patria, durante decadas de tentativa republicana; desenhadas na visão de patriota as linhas de novos horizontes, distendidos, como que ampliando a anciedade nacional, para a renovação de principios carcomidos; não pude fugir ao appello conterraneo, e vim para a arena da luta, armado cavalleiro pelo ardor da vossa lealdade e pelo vigor das vossas avançadas.

Não me impelliram — já o tenho dito — assomos de ambições, rondas de hypocrisias, aspirações de mando, que sempre foram contra o feitio moral da minha linha imperturbavel de conducta pública.

Não me nortearam reflexos de intenções occultas, nem me guiaram rôtas por desvões excusos.

Cidadão e patriota, soldado e paranaense, possuindo larga folha de serviços nunca deslustrados, foi, com a mesma serenidade e com a mesma dedicação que inspiram a existencia na luta levantada dos principios moraes da humanidade, que accorri, a vosso chamamento, para o posto indicado pelo impeto das refregas.

Cumprindo o meu dever, com dignidade e com honra, com o devotamento e com o desejo de suavizar a nossa terra as horas dolorosas do presente, e de crear-lhe o ambiente propicio ao desenvolvimento das suas energias productoras, para as seáras portentosas do porvir, volto, agora, tranquillo e satisfeito, aos ambitos da vida dos que não immolam a consciencia no entrechoque das lutas de ambição.

Volto ao circulo sereno da paz do pensamento, com a mesma firmeza dos principios attingidos e a mesma intangibilidade dos ideaes cultuados, lamentando que, pela perturbação de sentido com que as inevitaveis vazas revolucionarias turvam a pureza do ambiente das idéas, para a colheita dos fructos nefastos das ambições inconfessaveis, alguma cousa da grandeza das doutrinas, sob cuja flammula a alma da Patria palpita, haja sido destruída e desviada do nivel moral da luta para o amago da obscuridade e para a sombra dos conchavos.

Para entregar-vos o cargo confiado ao meu labor, não me intibiaram a consciencia receios de lutas e de refregas, como não me amolentaram o vigor das energias, temores de sacrificios e de perdas; pois seria isso a justa coroação triumphal da justiça

da nossa causa, o legitimo tributo dos esforços da nossa gente.

O que me abalou o animo na hora angustiosa do rebate foi a visão da Patria enfraquecida diante de uma luta altiva mas esteril, contra competições de interesses, que por si mesmas se hão — de aniquilar e destruir.

Foi o espectáculo do soffrimento nacional diante da magua de um esforço heroico de patriotas, contra o deflagrar de sentimentos, que conturbam a razão humana e a arrastam para a impetuosidade das lutas inglorias.

Foi a esperança e foi o desejo de que, em uma athmosphera de paz e de meditação, possam os poderes superiores do paiz, aquilatar das dimensões do mal que o perturba e o abate, nesta situação de instabilidade e de incertezas; e, na firmeza das suas intenções patrioticas, assentar os meios de fazer cessar o refluxo das agitações constantes, para que reentrem no rithmo regular da vida nacional, todas as parcelas de energias della desviadas.

Eu vo-lo entrego — o nosso Paraná — com toda a pujança das suas possibilidades economicas. Eu vo-lo entrego, — confiando que ha-de elle triumphar de todos os conciliabulos malevolos, perturbadores da harmonia das forças estuantes do seu progresso.

Eu vo-lo entrego, e confio que em cada um de vós se erga o baluarte de defesa do patrimonio moral e material da nossa terra.

\* \* \*

Já em mensagem dirigida aos poderes publicos da Nação, expuz, por occasião do primeiro anniversario da revolução victoriosa, e, primeira etapa annual do meu governo, a minha actuação administrativa e a situação financeira do Estado.

Devo, porem, traçar aqui, rapidamente, em face do vosso entendimento e do vosso amor pelo

Paraná, dados referentes a administração publica e ás finanças do Estado, até a data presente, em que deixo a Interventoria Federal.

\* \*

Installado o governo provisorio do Estado acusou o balanço do Thesouro um compromisso total de Rs. 235.698:014\$002, entre divida externa, interna consolidada e fluctuante, importancias que por deducções de parcelas referentes a depositos e valores, ficou reduzida a 209.912:849\$493.

Para a divida externa que era de Rs. 77.832:400\$000, foram remetidas importancias referentes a quotas de um coupon em atrazo, do Governo anterior, como tambem referentes ao coupon integral do semestre subsequente e, extraordinariamente, á parcelas de dividas assumidas, tambem pelo Governo transacto, por operações fracassadas, tudo no montante total de Rs. 7.500:000\$000, sendo que dispoz o Estado, para esse effeito, de um auxilio federal de 5.000:000\$000 em titulos que descontados produziram a quantia liquida de Rs. 4.523:070\$000.

Além disso está o Estado accumulando em deposito nos Bancos do Brasil e London, importancias que já attingem a Rs. 958:996\$326, no primeiro e Rs. 497:630\$451, no segundo, para occorrer a parte restante do ultimo coupon vencido, para o que já tambem dispõe, em mãos dos Banqueiros de £ 6.000-0-0 ou approximadamente 318:000\$000.

Quer dizer que, em pleno regimen da compressão orçamentaria, que veio reduzindo os recursos da nossa lei de meios, de Rs. 45.000:000\$000 até 30.000:000\$000, houve oportunidade de se arrancar das forças exaustas da economia paranaense elementos monetarios, em tão avançada cifra de Rs. 4.428:200\$000, sómente para enfrentar compromissos externos!

A divida externa é hoje, ao calculo primitivo de 40\$000 por libra, de Rs. 76.124:400\$000.

Na parte da divida interna que se desdobra em consolidada e fluctuante, sendo para aquella Rs. 25.681:800\$000 e para esta Rs. 97.023:100\$000, teve a administração publica que paralisar inteiramente o serviço da divida consolidada, em face da compressão receiptuaria que lhe não conservou os recursos necessarios.

\* \*

Em relação á segunda, estabeleceu até hoje um serviço permanente de pagamentos que attingiu a Rs. 2.659:302\$000 em contas de exercicios findos e Rs. 1.168:930\$000 em vencimentos de funcionarios em atrazo, attendidos com os recursos ordinarios do orçamento actual, accrescidos de um recolhimento da quantia de 1.500:000\$000 provinda do Quartel General.

Além disso mantem, no Banco do Brasil, em conta da taxa ouro, destinada a diminuir os compromissos do seu oneroso emprestimo, a quantia de Rs. 3.483:751\$000. Tendo sido suspensos os recolhimentos, por ter o Thesouro do Estado que lançar mão desse recurso para attender aos seus compromissos ordinarios.

Lego, portanto, ao futuro Governo, a divida geral de Rs. 198.672:000\$000 que representa o onus recebido, menos as parcellas indicadas, na importancia total de 12.240:483\$000, que lhe reduzem o peso morto, do total dessa ultima cifra, considerada.

Todos os vencimentos do funcionalismo acham-se pagos em dia, a contar de Outubro de 1930, bem como grande parte das contas contrahidas daquella mesma data em diante.

Nenhuma despesa foi effectuada fóra das dotações orçamentarias.

Nenhum pagamento o Thesouro effectuou que se não enquadrasse em perfeitas normas legais, de comprovação immediata e prompta.

O Thesouro do Estado assignala um saldo em dinheiro, nesta data, de Rs. 525:000\$000.

Dois planos de remodelação financeira do Estado, para a solução dos problemas della decorrentes, receberam o exame da administração publica e se encontram sob estudo do Conselho Consultivo. Da sua applicação criteriosa e ponderada, ha-de depender o desafoço da vida economica e financeira do Estado.

\* \*

Na ordem administrativa e dentro das imposições de compressão economica, foi-se determinando a restricção gradativa do funcionalismo pela diminuição dos quadros exagerados, extinctos os desnecessarios, com o cuidadoso empenho de não desarticular o aparelhamento administrativo. Conforme de tudo foi dado conhecimento publico, pela mensagem antes referida.

\* \*

Em seus ultimos actos, remodelou o Governo a Força Publica, adaptando-a melhor ás suas funcções e creando-lhe o aparelho de aperfeiçoamento dos seus officiaes.

A Guarda Civica encontra-se em vias de igual remodelação e os quadros geraes dos funcionarios em estudos e confrontos para a reforma total dos seus serviços.

\* \*

Dando obediencia as determinações contidas no Codigo dos Interventores foram promovidas as suppressões dos Municipios de Porto de Cima, Epitacio Pessoa, Assunguy, Conchas, Palmira, que ficaram annexados, respectivamente, aos de Morretes, Cerro Azul, Ponta Grossa e São João do Triumpho, e em obediencia ás instrucções do Governo da Republica, foi prorogado o actual orçamento da receita e da despesa do Estado, para o anno de 1932, devendo igualmente ser prorogados dos dois differentes Municipios.

A vida economica do Estado continua inteiramente paralisada.

As suas fontes de receita publica, reduzidas.

Apezar, no entanto, dos innumerados tropeços e entraves que lhe tolhem a marcha, vae o nosso Estado supportando, com o profundo sentimento de sacrificio, a phase aguda das suas inominaveis dificuldades e ha-de vence-la com o esforço fecundo e o heroismo tradicional dos que aqui labutam pelo seu progresso e pela sua prosperidade.

Salve o Paraná, pela sua gloria futura e pela honra dos seus obreiros.

Curitiba, 29 de Dezembro de 1931. — (a.) Mario Tourinho.

*Telegramma do Snr. Mario Tourinho ao Snr. Getulio Vargas.*

«Exmo. Snr. Dr. Getulio Vargas, dd. Chefe do Governo Provisorio — Em 29/12/1931.

Elevado pela vontade do povo e guarnição militar, cinco Outubro, momento então apenas se esboçava Paraná, inicio lucta, quando não se conhecia ainda lado penderia fiel balança acontecimento, venho ha mais de um anno cumprindo sacrificio ardua missão me foi delegada, consciencia tranquillada dever cumprido pró reconstituição Estado grandemente prejudicado regimen deposto. Esse sacrificio seria compensado se não fosse efervescencia manifestada grupos revolucionarios em geral militares descontentes naturalmente minha actuação governo. Intranquillidade boatos alarmantes toda sôrte, perturbando serenidade qualquer administrador sem jamais se concretisarem definitivamente para socego familia paranaense, exige tome eu uma solução final. Sabe v. exa., pelo relatorio apresentado sr. General Vasconcellos quaes elementos então perturbadores e que daqui foram afastados pedido essa autoridade, que finalmente foi forçada solicitar sua de-

missão cargo commando Região, em face solução contraria ao seu prestigio. Assim, ao envez, acomodarem-se ante solução bondosa Governo Central, á esse grupo uniram-se outros elementos redobrando ataques esta Interventoria.

Greve que estalou nesta Capital, estou convencido hoje, não foi propriamente uma reivindicação operaria como possa suppor v. exa., mais sim pretexto convulsionar Estado, bastando citar que na reunião havida quartel general sob presidencia respectivo commando Região, grevistas apresentaram nomes officiaes, para como representantes seus, tratarem assumpto para accordo com companhia Força e Luz.

Proprio General commandante Região, em meu palacio governo, presença testemunhas secretarios de Estado, Prefeito Municipal e Procurador Geral Justiça, veio declarar-me que a greve era, dirigida contra minha pessoa.

Claro está, pois, greve foi simples pretexto convulsionar Estado, bastando citar acção cap. Plaisant occupando manu-militare cidade Ponta Grossa, após 13.º R. I. assaltando pequeno destacamento policial ali existente, fazendo esse capitão larga distribuição população, boletins ataques mais desrespeitosos Alta Corte Justiça Estado, publicando mesmo tempo jornal local artigo assignado concitando-me deixar Interventoria nome v. exa., factos esses conhecimento commandante Região que não teve outra attitude senão mandar instaurar inquerito respeito ataque referido destacamento.

Pessoal ferroviario Ponta Grossa, que até então se mantinha dentro ordem trabalho, declarou-se greve que durou pouco tempo por terem todos tido conhecimento terminação greve Curitiba.

Comunicação telephonica entre aquella cidade e esta Capital foi nessa occasião cortada, constando-me ainda fóra estação estrada ferro occupada força federal. Doutor Junqueira Aires, representante ministro Viação, aqui chegado poucos dias, conhe-

cedor portanto que aquelles ferroviarios não tinham ainda adherido greve, pois, nenhum trem, mesmo os de lastro, deixou de correr normalmente, entrou desde logo franca camaradagem capitão Plaisant havendo trocado telegrammas amistosos, dando-lhe força, em desprestigio autoridade Doutor Francisco Pereira que, com rara energia e fino tacto, conseguiu manter ferroviarios mais completa ordem. Acção commando Região considere sempre por demais tolerante. Sentindo claramente que esse estado de coisas perdurará, sem que medidas outras, não de tolerancia, sejam postas em execução, prefiro, muito embora a todos esses obstaculos tenha eu vencido com os recursos da propria força estadual, inutilizando todas essas tentativas desmoralisação actual regimen, e, tenha recursos para vencer novas demonstraões concretisadas em motins esparsos, á bem da tranquillidade de meu Estado e para não trazer difficuldades ao governo de v. exa., entregar suas mãos cargo governo Estado, que o proprio Paraná conquistou nos dias incertos de lucta.

Agradecendo a v. exa. as provas de confiança em mim depositadas, communico que nesta data afastome, do cargo de Interventor Federal deste Estado, passando-o ao meu substituto legal dr. João Pernetta, Secretario de Justiça, fazendo os mais sinceros e ardentes votos para que ao espirito esclarecido de v. exa. caiba escolher um homem capaz de trazer ao Paraná a felicidade e a tranquillidade que elle tanto almeja, já que não me foi possível, como era meu sincero desejo, chegar a esse desideratum. — Respeitosas saudações. — Mario Tourinho.»

«Prefeitura Municipal de Ponta Grossa. — Ponta Grossa, em 26 de Dezembro de 1931. — Exmo. snr. General Mario Tourinho. — D.D. Interventor Federal do Paraná. — Curityba.

Venho trazer ao conhecimento de v. exa. para as devidas providencias, que na noite de 23 do

corrente, ás 21<sup>1</sup>/<sub>2</sub> horas, praças do 13.º R. I., atacaram o Edificio da Detenção desta Cidade, com fins ignorados, havendo forte tiroteio de parte a parte, sendo afinal rechassados os atacantes.

Durante a luta sahiram feridos diversos soldados, havendo um morto, pertencente ao 13.º R. I.

Rechassados os atacantes a policia dispõe-se em defeza, dentro do Quartel, temendo um novo ataque, continuando, porem, por mais uma hora disparos de parte a parte, sem maiores consequencias, quando surgiram fortes contingentes do 13.º R. I., commandados pelo major Parintins, capitão Ayrton Plaisant e mais alguns officiaes, que procederam ao cerco da Detenção com intuito de obrigarem as praças de policia a renderem-se o que só se deu mais tarde, devido a intervenção do supplente do delegado Octavio Pereira da Silva e dr. Mario Amaral.

Rendidas as forças da policia, o 13.º R. I. tomou conta da cidade, apoderando-se do Telegrapho Nacional, cortando as linhas telephonicas e pretendendo tambem occupar a Estação da Estrada de Ferro.

As linhas telephonicas (para Curityba), só foram restabelecidas no dia seguinte, a meu pedido, tendo eu me communicado com v. exa. n'essa occasião.

O tenente Diniz, commandante do destacamento de policia da cidade, segundo informações mais ou menos seguras que obtive, dirigia-se para a Detenção pouco antes do ataque, quando já não lhe foi possível chegar a tempo, sendo repellido a tiros pelos atacantes, refugiando-se numa das casas proximas desse local.

A maneira pela qual foi feito o assalto, dá a entender que houve premeditação, pois nessa tarde vieram para a cidade patrulhas dobradas de soldados do 13.º R. I. e houve grande affluxo, a tarde, de paisanos ligados a corrente que prestigia o capitão Plaisant, ao centro da cidade, tendo

alguns chegaram a prevenir amigos do que iria ocorrer.

De que facto não foi um simples conflicto de soldados, mais grave, um começo de rebelião, de character politico, attestam as seguintes circumstancias:

a) A insistencia com que varios elementos do partido do Capitão Plaisant agiram junto aos leaders desta cidade para serem solidarios com os seus collegas grevistas de Curityba (leaders operarios);

b) Boatos e movimentações de civis durante o dia e poucas horas antes do ataque, principalmente de elementos suspeitos, nas principaes ruas da cidade;

c) Patrulhas reforçadas do 13.º R. I. para o policiamento e mais fortes contingentes de forças postados na entrada da cidade, como que aguardando acontecimentos;

d) A presença de armamento na séde do jornal opposicionista «Folha do Povo»;

e) O concurso de civis da corrente opposicionista em todo o desenrolar dos acontecimentos, mormente após a vinda das Companhias do 13.º R. I. para o centro da cidade;

f) Propósitos de empastelamento do jornal «Diario dos Campos», sympathico ao partido que prestigia o snr. General Interventor e tomada da Prefeitura Municipal e, sobretudo;

g) O facto de não ser necessario para prender uns poucos soldados amotinados a sahida á rua de todo um Regimento.

São estes os factos principaes dessa lamentavel occurrencia que, se consequencia mais grave não teve, deve-se a attitudo francamente defensiva em que ficaram os policiaes, que, justiça lhes faça, portaram-se com toda dignidade e bravura em face do inesperado ataque.

Já referi acima que não era preciso um Regimento para recolher e chamar a ordem umas

tantas praças amotinadas e, muito menos, exigir, por aparatoso cerco, a rendição de uma praça que se mostrava em defesa repellindo assalto de soldados desordeiros. Presos estes estaria tudo em paz. O mais que se fez foi excessivo ou antes, uma acintósa demonstração de força com segunda intenção.

Esperando que v. exa. tomará as providencias que o caso requer, pois destas dependem a garantia e segurança da ordem futura, prevaleço-me da occasião para apresentar a v. exa. os meus protestos de muito apreço e solidariedade. — Saude e Fraternidade. — (a.) Ernesto G. Villela, Prefeito Municipal.»

«General Mario Tourinho. — Curityba. — Do Palacio do Cattete, 484, 40, 31, 14, 45.

Lamentando resolução tomastes de renunciar cargo interventor esse Estado interrompendo o desempenho duma funcção que sempre exercestes com elevação criterio e patriotismo cumpro o dever de agradecer-vos os relevantes serviços prestados. — Cordeaes saudações. — Getulio Vargas.»

«Dr. João Pernetta. — Interventor Federal. — Curityba.

Agradeço communição haverdes assumido interinamente pela renuncia General Tourinho funcção Interventor. Deveis permanecer exercicio cargo até que seja escolhido substituto aquelle Interventor. — Cordiaes saudações. — (a.) Getulio Vargas.»

— O General Mario Tourinho, foi casado em primeiras nupcias, em 11 de Janeiro de 1896, com Osminha Pinto Rebello, nascida em 16 de Maio de 1879, falecida a 7 de Julho de 1901, 6-5 de pagina 149 do 2.º volume, ahi os ascendentes e descendentes della. Casado em segundas nupcias, em 8 de Setembro de 1903, com sua cunhada Leopoldina Pinto Rebello Tourinho, 6-2 de pagina 147 do 2.º volume desta obra, ahi os ascendentes e descendentes della.

2-2 Themira Alves Monteiro Tourinho, solteira.

2-3 Ovidio, fallecido na sua primeira infancia.

2-4 Astréa, fallecida em criança.

2-5 Ascanio, fallecido em criança.

2-6 Euclides, fallecido em criança.

2-7 Mercedes Alves Tourinho.

2-8 João Baptista } gemeos, fallecidos em criança.

2-9 João Evangelista }

2-10 Tenente-Coronel Plinio Alves Monteiro Tourinho, nasceu em Curityba, a 8 de Fevereiro de 1882.

Aos 17 annos incompletos, verificou praça como voluntario, no 6.º Regimento de Artilharia, da guarnição em Curityba, alcançando a promoção de cabo, posto com o qual se matriculou, a 1.º de Maio de 1899, na Escola Militar de Rio Pardo, Estado do Rio Grande do Sul.

Em 1902, tendo concluido o curso preparatorio, foi transferido para a Escola Militar Superior da Praia Vermelha, onde conquistou o premio de Alferes-alumno, e concluindo o curso das tres armas, veio novamente servir no regimento em que assentou praça. Por determinação do governo, em 1910, matriculou-se, na Escola de Engenharia Militar, recebendo, ao terminar o curso, o gráo de bacharel em sciencias physicas e mathematicas, e os diplomas de engenheiro militar e de official do Estado-Maior; transferido para a arma de engenharia, foi designado para prestar serviços no 2.º Batalhão dessa arma com séde em Paranaguá; em 1914, no periodo mais intenso da luta que se desenrolava em os nossos sertões, seguiu para o Contestado, á frente de uma companhia de sapadores, e de transmissões, incorporando-se ás forças em operações, naquella zona, sob o commando do general Frederico de Mesquita. Nesse mesmo anno, promovido ao posto de 1.º tenente, foi nomeado adjunto do Serviço do Estado-Maior da Região, voltando á sua unidade em 1915, onde se manteve até 1918, em que passou ao Telegrapho Nacional, para effeito de praticagem. Em Novembro desse anno, achando-se o Brasil em estado de guerra com a Alemanha, o governo o incumbiu de, na qualidade de

engenheiro, proceder a uma rigorosa inspecção nas fortificações do littoral-Paraná—Santa Catharina, propondo as medidas que julgou mais urgentes a executar para o pleno funcionamento dessas obras militares. De regresso dessa importante missão, foi designado para auxiliar do Serviço de Engenharia, em São Paulo, com a missão de construir o quartel do 5.º B. C., na cidade de Rio Claro, cujas obras terminaram em Junho de 1919, recolhendo-se então ao seu corpo, o 5.º Batalhão de Engenharia, onde assumiu o comando da companhia de sapadores-mineiros, por ter sido promovido ao posto de capitão. Em 1924, foi transferido para o quadro suplementar da arma, afim de exercer as funções de chefe da comissão fiscalisadora da construcção de quartéis na Região — Paraná-Santa Catarina — e promovido a major, em 1926, passou a servir no Serviço de Engenharia da Região, onde se encontrava ainda quando chefiou a revolução de 5 de Outubro de 1930, sendo por este facto commissionado no posto de General de Brigada, e escolhido pelos officiaes da guarnição, para commandante das forças rebeladas. Terminado o movimento revolucionario, a seu pedido, foi dispensado da comissão que exercia, e em Abril de 1931, o chefe do governo, Dr. Getulio Vargas, tendo em consideração o seu devotamento a causa publica, promoveu-o ao posto de Tenente-Coronel, em que se encontra actualmente, prestando serviços ao Paiz.

Dos muitos serviços que o Tenente-Coronel Plinio Tourinho realisou como engenheiro militar, mencionaremos, por serem os de maior importancia, as construcções dos quartéis do 5.º Batalhão de Caçadores, em Rio Claro (São Paulo), do 13.º Regimento de Infantaria, em Ponta Grossa, do picadeiro do 9.º Regimento de Artilharia Montada (de cimento armado) em Curityba, do edificio principal do 15.º Batalhão de Caçadores, em Curityba; a fiscalisação das obras do quartel de cavallaria, em Castro; a organização dos projectos dos quartéis do 14.º Batalhão de Caçadores, em Florianopolis e do 5.º Grupo de Artilha-

ria, na Lapa, e dos armazens de subsistencia militar. Com uma vida cheia de trabalhos, a sua actividade se fez sentir no meio civil, pelo concurso que ha muitos annos vinha emprestando á Instrucção Secundaria e Superior do nosso Estado. Com pendores especiaes para o Magisterio, em suas aulas ministra á mocidade patricia, os ensinamentos que ouviu de seus mestres, e ao lado de Nilo Cairo e Victor do Amaral, ingressou em Dezembro de 1912, na Universidade do Paraná. Com especial dedicação á Faculdade de Engenharia, parte integrante desse grande estabelecimento de cultura, Plinio Tourinho é cathedratico das cadeiras de Astronomia, Geodesia e Cartas; nos periodos em que exerceu o cargo de seu director, deixou impresso o cunho de sua actividade, esforçando-se em melhorar as condições do ensino tecnico pela aquisição de novos gabinetes, beneficiando os corpos docente e discente e mesmo lançando as bases da fundação do Instituto Astronomico e Meteorologico, de inestimavel utilidade, ao ensino dos alumnos e á climatologia do Estado. Profissional zeloso, acatado no meio civil e militar, por suas attitudes definidas, não era de extranhar que viesse a ter uma situação de destaque nos acontecimentos de Outubro. Os seus actos são sempre moldados nos principios de uma independencia sadia. Ainda muito jovem, quando alumno da Praia Vermelha, ao lado de seus camaradas, tomou parte no movimento revolucionario de 14 de Novembro de 1904, sob a chefia do General Travassos e do impolluto cidadão Dr. Lauro Sodré. E' que já naquella época se esboçavam os primeiros atentados á lei, sustentaculo de toda ordem juridica e social; e essa reacção não deixou de ser uma seria advertencia aos governantes, e si estes se enquadrassem nas normas constitucionaes, respeitassem a liberdade individual e collectiva, quantos males teriam sido evitados para o futuro? Fracassado o movimento, foi Plinio Tourinho, recolhido preso á Fortaleza de São João, e logo depois transportado para o Rio Grande do Sul e excluido das

fileiras do Exercito, regressando como civil á sua terra natal, onde, para se manter, dedicou-se ao ensino da mathematica.

Em Setembro de 1905, circunstancias politicas especiaes conduziram o Congresso Nacional a decretar a amnistia ampla, a todos que se envolveram naquelle movimento, e com esse acto, ingressou Plinio Tourinho, novamente á Escola Militar, onde conquistou o seu galão de alferes-alumno.

Entretanto o estado geral do paiz não melhorara. Aos poucos se vão desvanecendo as mais justas aspirações do povo pelo systema republicano, instituido em 1889. Os desmandos de ordem politica, e das más administrações da riqueza publica, caminham paralellamente e progridem, á proporção que os governos se succedem, e que as oligarchias estaduais se perpetuam no poder, ás espensas da fraude eleitoral, manejada habilmente pelos politicos de profissão, que nella acharam o meio facil de se revesarem nas posições, sugando, como verdadeiras parasitas, as energias da nacionalidade. O 14 de Novembro de 1904, foi o primeiro brado de alarme a despertar a consciencia brasileira, contra a pressão governativa, que, dia a dia, se tornava mais precaria e insupportavel, humilhante e absurda. Outros movimentos se prepararam para reintegrar o paiz em seus direitos. O Congresso Nacional, órgão democratico por excellencia, capaz de por um paradeiro á desordem generalisada, terminou abdicando integralmente de suas prerrogativas, e pela sua maioria subserviente, abafava as vozes dos fracos e abnegados patriotas que prevendo dias pesarosos para a Republica, investiam contra a oppressão governamental. Em 1922, mais uma successão presidencial se effectivou, ás espensas do processo anti-democratico, tão em uso, sendo eleito presidente da republica o Dr. Arthur Bernardes, que teve como competidor o republicano historico Dr. Nilo Peçanha. Agitadissimas foram as eleições, e a victoria do candidato do governo, irritou profundamente a consciencia nacional e a uma grande parte das forças armadas, em vista da publicidade de uma carta de dize-

res offensivos a essa corporação, e de autoria atribuída ao Dr. Arthur Bernardes. Conspirava-se abertamente, e o Paraná, sede de uma parte da guarnição militar, não poderia ficar indiferente à nação que se preparava para impedir a posse do presidente eleito. Em princípios de Janeiro de 1922, chega à Curitiba, uma alta patente do exercito, emissario dos Generaes Barbedo, Clodoaldo da Fonseca e Almirante Brasil Silvado, para o fim de congregar elementos na guarnição de Curitiba, dispostos a reagir contra a investidura do candidato official no alto cargo de Presidente da Republica. O emissario, conforme indicação daquelles Generaes, procurou entender-se com o Capitão Plinio Tourinho, então commandante de uma companhia do 5.º Batalhão de Engenharia, que acceitou como chefe do futuro movimento, marcado para 22 de Abril de 1922. A coordenação de elementos necessarios á preparação de um movimento revolucionario, foi sempre um dos problemas mais difficeis e serios de uma conspiração, porque o Brasil estava de ha muito subjugado por uma oligarchia disfarçada, em o estado de democracia, e que outro objectivo não tinha, senão o de annullar a vontade e os direitos do povo em beneficio proprio. A formula capital para enfrentar a demagogia estava consubstanciada através de programmas lançados pelos elementos revoltados, que, procuravam incutir no animo popular, o desregramento dos governantes, e as necessidades de reacção como remedio salutar. O ambiente era proprio. Reinava no seio da officialidade o entusiasmo decorrente da propria propaganda reaccionaria, e assim a missão de Plinio Tourinho tornou-se suave, conseguindo o apoio de 38 officiaes, dos mais distinctos da guarnição, os quaes fixaram seus nomes em um pacto de honra como garantia do compromisso assumido.

Em fins de Março, os preparativos attingiam ao seu gráu mais elevado de probabilidade. No dia 22 de Abril, determinado para o inicio do movimento, Plinio Tourinho, revolta o 5.º Batalhão de Engenharia, e aguarda que os demais corpos da guarnição, comprometti-

dos no levante, cumprissem com os seus deveres, e adverte ao chefe da reacção, ser chegado o momento de corresponder á confiança da tropa, por actos de immediata energia. Mas, as resoluções consomem mezes, e as vezes annos, para serem architectados, e basta um minuto apenas, uma indecisão para desfazer o trabalho insano de alguns abnegados. O chefe, não estava talhado para enfrentar tão ardua situação, e até o ultimo instante, illudia aquelles com quem confabulava. Comtudo, ás mãos, á ultima hora, entibia-se, desaparece como por encanto, desarticulando com esse seu gesto, a estrutura da vontade collectiva, que desanimada, recusa-se a proseguir na acção, fracassando assim na origem, mais essa tentativa de integração do Paiz, na ordem constitucional.

Ascende ao poder, a 15 de Novembro de 1922, o Dr. Arthur Bernardes, governo que se accentúa pela decretação eterna do estado de sitio, á sombra da qual exerce uma serie de violencias, odios, perseguições, de luta interminavel. Os quatro estados que se collocaram em divergencia com a sua pessoa, soffreram um a um, as consequencias de snas proprias attitudes. O Estado do Rio, teve o seu presidente, legitimamente eleito, e amparado por um habeas-corpus, substituido por um preposto do governo central. A Bahia soffreu as mesmas humilhações; Pernambuco capitulou, num arranjo com os elementos dominantes, e o Rio Grande do Sul teve seu solo juncado de cadaveres, graças a uma revolução instigada e amparada pelo proprio presidente da Republica. Estes actos arbitrarios, prepotentes, justificavam novas vindictas; porquanto a idéa revolucionaria, accionada por forças sadias, jámais se detem, e um dia será vencedora.

Em a noite de 25 de Março de 1924, chega a Curitiba, o General Isidoro Dias Lopes, com a intenção de novamente congregar elementos para uma arrancada geral em todo o Brasil, de modo a pôr um paradeiro, nos desmandos sempre crescentes dos governantes. Ainda desta vez deseja unicamente se entender com Plinio Tourinho que para esse fim comparece ao

escriptorio do Snr. Antonio Couto Pereira, no edificio da Associação Commercial. Participaram desta conferencia, além desses dois officiaes, os Capitães França Gomes, Juarez Tavora, Alberto Krüger (ex-alumno), Marinho e Couto Pereira. Em identicas condicções aos emissarios anteriores, expôz o General Isidoro o fim de sua missão, discorrendo sobre o estado do Paiz, mergulhado na eterna noite de estado de sitio, sob o guante de um governo despotico, vingativo e sedento de sangue. Que urgia uma reacção, consoante a altura da situação, e que para tal fim, já se contava com o apoio de grande parte das guarnições do Rio, São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul, e fortes elementos na armada nacional, e que tendo de regressar immediatamente a São Paulo, na manhã seguinte, desejava levar a palavra do Paraná, aos camaradas da commissão revolucionaria. Era, como se vê, um verdadeiro ultimatum que o General Isidoro lançava, sem levar em conta, que, assumpto de tanta importancia não poderia ser resolvido no curto espaço de poucas horas, ainda mais, achando-se ausente á reunião, a maioria dos officiaes da guarnição. Na impossibilidade de dar uma solução immediata, ponderou-lhe o então Capitão Plinio Tourinho, que seria preferivel ao General Isidoro, transferir a sua viagem, pois, em se tratando de firmar compromissos da ordem daquelles que envolviam o futuro, e quiçá a propria vida de seus camaradas, conviria ouvi-los, para o que, precisaria uma nova reunião em que o assumpto fosse plenamente debatido, e no caso da guarnição desejar acompanhar os seus camaradas de São Paulo, lavrar-se-hia uma acta, como penhor de segurança.

O General Isidoro regeitou essa proposta, unica no caso, e no firme proposito de regressar a São Paulo, embarcou na manhã seguinte, commettendo com esse seu gesto, o grave erro de desprezar a acção do Paraná, no movimento revolucionário que architectava e de resultados praticos adversos, pois a revolução de São Paulo, de 5 de Julho de 1924, ficou isolada, não contando com o apoio da guarnição do Sul, Minas

e Rio, conforme affirmára o General Isidoro, tendo as forças do Paraná, cumprido fielmente as ordens do Presidente Arthur Bernardes. No desenvolver dos acontecimentos de 5 de Julho, o então Capitão Plinio Tourinho foi mandado recolher-se preso ao Rio, muito embora não se achasse envolvido no levante, pelos motivos que acabamos de narrar. Si é verdade que os movimentos parcellados, resultantes de conchavos combinados ás pressas, em um meio absolutamente vigiado pelos asseclas do governo, teriam de ter duração ephemera, concorrendo ainda mais para arrefecer o entusiasmo e conduzir ao desanimo os espiritos fracos, não é menos verdade que elles contribuíram para disseminar o germem da revolução, que aos poucos, penetrou no coração do povo, que em breve viria lutar em defeza de seus direitos. O governo despotico do Dr. Arthur Bernardes alcançava seu fim, e sob os auspicios de ampla sympathia ascendia ao governo da Republica, o Dr. Washington Luis. A alma brasileira cansada de soffrer e de lutar, almejava a serenidade, a paz, a ordem, que produz a cessação da guerra fratricida que enfraquecia o paiz, desmoralizando-o no conceito das nações. Precisamente nenhum outro governo apresentava melhores credenciaes, que o Dr. Washington Luis, devido a sua alta posição por consentimento unanime do paiz e, portanto com poderes bastante para lançar o manto do esquecimento no passado inquieto, reintegrando pela amnistia ampla na collectividade brasileira, todos os irmãos, della afastados pela luta de ideias em beneficio de uma Patria grande e respeitada em seus direitos. Preferiu entretanto, arredar-se da unica directriz sadia, reclamada pelos acontecimentos, enveredando-se pela estrada tortuosa das venditas, e da politica facciosa, demonstrando-se um prepotente, muito mais pernicioso que todos os seus ultimos antecessores. Golpeou a Constituição nas suas partes mais respeitaveis, e não contente ainda, humilhou o pequeno Estado da Parahyba, acoroçoando o banditismo a serviço da politicagem a ponto do Municipio

de Princeza, rebelado contra o governo de João Pessoa, proclamar a sua independencia, arrogantemente, em pleno regimen constitucional. Os seus desmandos estenderam-se a varios Estados da Federação e culminaram com o assassinato do Dr. João Pessoa, o integro Presidente da Parahyba. As revoluções de 1904, 1922 e 1924, que foram exemplos dignificantes de energia contra a opressão dos governos, haveriam de terminar com a de 1930, que succidiu todo o Paiz em defeza de seus direitos. Inegavelmente o Dr. Washington Luis, foi o verdadeiro propagandista da revolução outubrina, pois os seus actos de prepotencia excederam os limites da paciencia do povo brasileiro e pela imprensa, pela palavra, pelos livros, pregava-se francamente a revolução, como um mal necessario á reconstituição do Brasil. Os Estados do Rio Grande do Sul, Minas Geraes e Parahyba, pelos seus Governos, deliberaram reagir contra a nefasta politica do Chefe da Nação, chamando-o primeiro a ordem, por meios sensatos; convidando-o a respeitar a Constituição da Republica. Todos os esforços, nesse sentido, foram inuteis; sómente o extremo recurso da revolução, da guerra civil, poderia por termo a esse estado de verdadeira anarchia que imperava no Paiz, que forçosamente se agravaria com a ascenção ao poder do Dr. Julio Prestes, cuja orientação politica, se filiava a mesma escola, do então Chefe do Paiz. Mas, um movimento com capacidade para enfrentar com probabilidade de victoria, as hostes do governo central, necessitava além de uma perfeita organização, o concurso efficaz de elementos fortes e decididos a emprestar á causa nacional, o seu apoio levado até ao sacrificio. O Paraná, pela sua situação geographica, pelo civismo e bravura de seu povo, não poderia ficar indifferente a essa acção collectiva de reivindicação dos direitos nacionaes, tanto mais quando, era elle um grande sacrificado, graças a acção nefasta e criminosa de seus ultimos governos, que lhe suggaram todas as suas rendas e energias, sacrificando o seu patrimonio em beneficio das oligar-

chias de familias que se mantinham no poder e se revesavam alternativamente nos altos cargos da Administração do Estado, que exauriam em proveito proprio e no de seus apaniguados. A conspiração revolucionaria espalhava-se por todos os recantos do Brasil. Urgia acelerar a reacção quanto antes para impedir a posse do novo governo. Em 14 de Junho de 1930, o então major Plinio Tourinho, por intermedio do capitão Djalma Dutra (já fallecido) recebeu as credenciaes verbaes do seu antigo companheiro da Escola Militar, o Dr. Getulio Vargas, para organizar no Paraná um movimento de apoio, ao que se ia realizar no Sul, Minas e Norte do Paiz. Mesmo se tratando de uma missão ardua e de alta responsabilidade, Plinio Tourinho, muito embora já decepcionado, com os fracassos successivos de tantas reacções, accitou essa pesada incumbencia, conseguindo o apoio de alguns officiaes da guarnição, convido destacar entre os mais denodados, os seguintes: Major Cicero Costard, Capitães Alvaro Barroso, Richter, Beranese e Antonio Viegas da Silva, do Q. G. da Região; Capitão Catão Menna Barreto, do 15.º Batalhão de Caçadores; Capitão Nelson Pinto, do 5.º de Cavallaria; Capitão João Nobrega, do 5.º Grupo de Artilharia de Montanha; Capitão Amaurety Osorio, do 9.º Regimento de Artilharia Montada. O movimento, conforme combinações estabelecidas, deveria ter lugar a 7 de Setembro de 1930, data da nossa emancipação politica; mas, grandes divergencias surgidas no Sul, á ultima hora, impediram a sua realização. Convinha, ante esse incidente reatar as negociações com os elementos revolucionarios do sul para que o animo e o entusiasmo do pequeno grupo de officiaes, compromettidos no levante, não arrefecesse, e assim o major Plinio Tourinho, resolveu enviar á Porto Alegre, um emissario de sua absoluta confiança, afim de, como seu intermediario, conferenciar com o Dr. Getulio Vargas em seu nome. Para essa ardua missão, escolheu o cidadão Antonio Couto Pereira, que pelo seu amor ao Brasil, já déra as melhores provas, arriscando o

seu futuro e interesses particulares. No avião da carreira, transportou-se Couto Pereira, á Porto Alegre, conferenciando em nome de Plinio Tourinho, com o Dr. Getulio Vargas, e de regresso trouxe a bôa nova de que o movimento rebentaria no Sul e em Minas Geraes a 3 de Outubro, ás 17 horas. Precisamente nessa data e hora era o povo brasileiro despertado pela noticia auspiciosa de que uma grande revolução contra o governo do Dr. Washington Luis, estalára em varios pontos do Paiz. Para o Paraná, dadas as innumeradas difficuldades de se conspirar francamente, pela continua vigilancia exercida pelos Governos estadual e federal, o compromisso limitou-se a acompanhar aquelles Estados, no maximo dentro de 48 horas. No dia 1.º de Outubro as forças da guarnição receberam ordem de promptidão, em vista das constantes noticias de que a ordem publica seria alterada. A Região Militar do Paraná, nessa época se achava sob o commando do General Eduardo Monteiro de Barros, e a 9.ª Brigada de Infantaria tinha a sua frente o General de Brigada Maximino Barreto. Eram de prever portanto, as innumeradas difficuldades com que teriam de lutar os officiaes compromettidos no levante, não só pela acção vigilante desses dois Generaes, como tambem por serem absolutamente legalistas os commandantes de todos os Corpos estacionados em Curityba. As confabulações se faziam em pleno Quartel General, na sala do Serviço de Engenharia, de que era chefe Plinio Tourinho. Dahi emanavam todas as ordens, e se estabelecia um constante contacto com os elementos compromettidos, nos differentes Corpos. Na noite de 3 de Outubro, as altas autoridades militares e civis, por intermedio do Governo central, tinham conhecimento de que o movimento revolucionario estalára no Sul, em Minas e em Parahyba, e por isso mesmo, se apressaram em tomar as medidas julgadas necessarias á defeza da Região, bem como exercer o serviço perfeito de espionagem, para evitar qualquer perturbação de ordem publica. Entre as medidas de ordem militar, ficou determinado que seguisse

com toda a urgencia, um destacamento do Exercito constituido pelo 15.º Batalhão de Caçadores, do 13.º Regimento de Infantaria, do 9.º Regimento de Artilharia Montada e do 5.º Grupo de Artilharia de Montanha, sob o commando do Coronel João Pereira de Castro Junior, para Porto União, afim de construir a 1.ª linha de resistencia, contra os revoltosos vindos do Sul. Urgia impedir a marcha desse destacamento, pois toda a tropa enquadrada difficilmente se revolta, e para esse fim, Plinio Tourinho entrou em entendimento com os officiaes dos corpos, e a rebeldia começou de se manifestar francamente, pela resistencia passiva, imposta ás ordens emanadas do commando da Região, que, aos poucos sentia que a sua autoridade não mais prevalecia, tanto mais quando o commandante do destacamento, Coronel Castro Junior, desanimado, recusou-se a seguir com a columna, conforme declarou, porque não depositava confiança nella. A victoria da revolução na Capital Paranaense estava proxima.

Para evitar a luta no seio da guarnição, restava o pronunciamento do 9.º Regimento de Artilharia Montada, unica unidade cujos officiaes, embora com ideias revolucionarias, desejavam entretanto, não ter um conhecimento mais amplo sobre os acontecimentos que se desenrolavam. Convinha, consequentemente, acelerar as ultimas demarches para o desencadeamento da revolução, pelo que Plinio Tourinho designou o Tenente Alvaro Barroso, para em missão especial ir ao quartel daquela unidade, e procurar se entender com o Capitão Amaurety Osorio, dando-lhe conta de que os demais Corpos da Guarnição estavam a postos, promptos para iniciar o movimento, que se esperava ser effectuado, sem derramamento de sangue. Mas, a fatalidade se oppoz a esse generoso desejo.

Precisamente no instante de chegar ao saguão do quartel do 9.º Regimento de Artilharia Montada, depois de difficilmente ter transposto o cordão de sentinellas, o Tenente Alvaro Barroso, devido a escuridão que reinava não divisara a pessoa do bravo Major

Corrêa Lima, unico official fiel ao governo, e então em altas vozes, perguntou onde se encontrava o Capitão Amaurety Osorio, pois vinha em missão especial, por parte do Major Plinio Tourinho. Nesse interim, o Major Corrêa Lima, bastante exaltado, como era natural, declarou em altas vozes que elle era o commandante do 9.º Regimento de Artilharia Montada e que só recebia ordens do commando da Região. O que se passou então, foi rapido e imprevisto. O Capitão Amaurety se approximou do Major Corrêa Lima, passa-lhe ordem de prisão, aponta-lhe a pistola ao peito e intima-o para que se rendesse, porquanto o Regimento estava revoltado. Em movimento rapido de defeza, o Major Lima, com a mão direita dá uma pancada, de baixo para cima, no punho com que o Capitão Amaurety empunhava a pistola; a arma disparou e a bala ao partir, fere o Major Lima, pouco abaixo do nariz, produzindo-lhe a morte instantanea. Foi um facto lastimavel, uma perda deplorada pelos revolucionarios — a morte do Major Corrêa Lima, pois era considerado como um dos officiaes mais illustres do Exercito, pelo seu saber, capacidade de trabalho e amor que possuia pelo seu Brasil. Após esse lamentavel incidente, o Major Tourinho em companhia do Capitão Cicero Costard, Tenentes Alvaro Barroso e Viegas da Silva, installou o seu Posto de commando no quartel do 15.º Batalhão de Caçadores, tendo antes aconselhado ao commandante dessa unidade Major Peixoto, que não tentasse resistir, pois o movimento revolucionario processava-se espontaneamente, graças ao enthusiasmo reinante no meio militar e na população civil de Curityba. Ao toque de reunir, o 15.º Batalhão de Caçadores entra em forma, na Praça da Republica, ao mesmo tempo que o 9.º Regimento de Artilharia Montada toma posição na Praça, em frente ao seu quartel. Pelo telephone o Major Tourinho determina aos Commandantes do 5.º Grupo de Artilharia de Montanha e do 5.º Esquadrão de Cavallaria, aquartelados no Bacachery, que se apossem do deposito de material bellico e avancem com as

suas unidades para o centro da Cidade, afim de auxiliar os elementos já revoltados, na conquista integral da Cidade. Estava realisado o movimento. Surgia clara e limpida a madrugada de 5 de Outubro, alvicareira de novos horizontes para os destinos patrios. As 6 horas, ao som do hymno nacional e de uma salva de 21 tiros, hasteava-se o pavilhão nacional, aos vivas das tropas e dos primeiros populares que celes accorriam aos quartéis, em confraternização com os revolucionarios. Para corôar o exito dessa feliz empreitada, as 6,30 apresentava-se ao Major Tourinho, no quartel do 15.º Batalhão de Caçadores, acompanhado de todos os officiaes da Força Militar do Estado, o integro Commandante Snr. General José Candido da Silva Muricy, que comprehendendo o anseio da alma popular, resolvera não resistir, afim de evitar derramamento de sangue irmão. Às salvas, despertou a população de Curityba, que pressurosa incorporou-se immediatamente a revolução.

O enthusiasmo do povo Paranaense, não se limitava ás aclamações nas ruas; muito ao contrario, concretizou-se nas realizações de verdadeiro patriotismo; desde a mocidade que celere incorporou-se nos corpos da Região, marchando incontinente para o campo de luta, como as demais classes sociaes, unanimes, cada uma concorrendo com seus esforços, em beneficio da causa Nacional. No dia 7 de Outubro, já as avançadas Paranaenses impunham a sua vontade nas fronteiras de Itararé e na Ribeira, e no dia 10, derrotaram completamente a columna do General João Nepomuceno da Costa, que pretendia cortar a Estrada de Ferro São Paulo — Rio Grande, em direcção ao Porto União, passando com essa victoria, ao dominio da revolução, a parte mais rica do Estado de Santa Catharina, ficando livres de qualquer ataque de flanco, as tropas do Rio Grande do Sul, que já neste momento demandavam as fronteiras do Itararé, e que em breve fariam junccão com as forças Paranaenses. A victoria do Paraná foi quasi a victoria da Revolução. Pela sua situação geographica e pela unidade de vis-

tas de seu povo e da guarnição militar, como pelos recursos bellicos existentes nos depositos do Exercito, o seu concurso á causa foi dos mais inestimaveis.

A mocidade Paranaense forneceu a Revolução, um contingente superior a 15 mil homens em armas. As classes sociaes mobilisaram-se expontaneamente, tudo fornecendo a Revolução —, a que tambem se associou a mulher Paranaense, que prestou assignalados serviços e isso no momento em que a situação era duvidosa e incerta para a causa.

Apoz a victoria, na manhã de 5 de Outubro, o Major Plinio Tourinho, ás 13 horas desse dia, entra em franca ligação pelo telegrapho com o Chefe civil da Revolução — Dr. Getulio Vargas — dando-lhe conta das occorrencias mais importantes, e das medidas tomadas para garantia da victoria do movimento revolucionario. Vamos transcrever os despachos telegraphicos mais importantes recebidos pelo Chefe da Revolução no Paraná, em resposta ás communicções que fez:

«Porto Alegre, 5. — Major Tourinho. — Curityba. — Bravos! Bravos! Marcho com o Rio Grande ao vosso encontro. Vamos todos. Exercito e povo. Abraços — Getulio Vargas.»

«Porto Alegre, 5. — Major Tourinho. — Curityba. — Communiquei ao Presidente o seu telegramma. S. Exa. pediu que em seu nome se congratulasse com brilhante acto patriotismo da guarnição do Paraná para a qual envia parabens, enviando a V. Exa. um grande abraço. — (a.) Luiz Aranha.»

«Porto Alegre, 5. — Major Tourinho. — Curityba. — Sigo dentro meia hora para Curityba, conduzindo grande reforço tropas gauchas. Espero dentro 5 dias estar Ponta Grossa, com 100 mil homens. — (a.) Coronel João Alberto.»

«Porto Alegre, 5. — Paraná! libertou-se suas proprias mãos, com direito se governar por si mesmo. — (a.) Oswaldo Aranha.»

Innumeros outros despachos foram trocados entre as

autoridades revolucionarias do Paraná e as do Sul, todos publicados nos jornaes da época. O movimento revolucionario, consolidou-se rapidamente, pelo apoio que encontrou no povo do Paraná. Medidas de ordem foram immediatamente tomadas pelo Chefe da revolução, de modo a manter integro o direito de propriedade, os direitos individuaes e o maximo respeito, mesmo ás pessoas dos vencidos. Os anceios de liberdade latentes na alma do povo, explodiam num entusiasmo patriotico. A manhã de 5 de Outubro, parece que se enfeitou para festejar a redempção brasileira. O ar fino e transparente, o céu d'um azul purissimo, enchia de alegria a cidade de Curityba, e essa alegria mais se intensificou quando se soube que a guarnição militar, o povo e os proceres revolucionarios escolheram para Governo Provisorio do Paraná, um Paranaense digno, o General Mario Tourinho, caracter impeccavel, militar de passado irreprehensivel, dotado de prudencia, vontade firme e mais que tudo, honesto e justo.

A posse do novo Governo, realizou-se sob a assistencia de mais de 10.000 pessoas, as 17 horas, do dia 5 de Outubro, lavrando-se desse acontecimento uma acta. Empolgante foi o momento, em que o Chefe da Revolução, entregou ao General Mario Tourinho, as redeas do Governo civil do Estado do Paraná. Varias proclamações foram expedidas pelo Major Plinio Tourinho, todas tendentes á estabilisarem o movimento revolucionario e inculir no espirito publico a ideia de ordem. Transcrevemos as mais importantes:

«*Proclamação.*

O supremo pensamento da Revolução é a ordem. O Commando Geral das Forças Revolucionarias em Operação na 5.<sup>a</sup> Região Militar, vem scientificar e advertir a todos quantos interressar possa, que, a attitude de tolerancia que tem mantido e recommendado com empenho a todas as autoridades sob a sua dependencia, se inspira nos altos propositos de ordem moral e politica, que, ditam o movimento liberal de que é orgam a Revolu-

ção. Não quer dizer porem, que tal tolerancia, determinada por motivos superiores de orientação moral, possa ser confundido com qualquer sentimento de passividade ou de fraqueza, que nunca existiu e nem se coadunaria com as circunstancias intrinsecas e a natureza politica da propria Revolução, que tem por lemma, o principio juridico, de que quando o Direito falha, dá-se a desordem e em tal emergencia, só a reacção é a ordem. A orientação revolucionaria se faz sentir tolerante e benigna, porque a mentalidade actual do Brasil, não é a mesma dos tempos coloniaes.

Todavia, ninguem pratique usurpações, explore as circunstancias da anormalidade, ou commetta actos repressiveis, illudindo-se com a permanencia do espirito de tolerancia, porque o supremo pensamento da Revolução é a ordem.

Aquelles que transgredirem qualquer das determinações deste Commando, consoante o gráu de transgressão, serão severamente punidos, e na punição sentenciada, inutil será evitar o rigor do castigo, principalmente em se tratando de actos que por qualquer forma ou maneira, importem em trahição ou prejuizo para a causa revolucionaria, cuja bandeira foi desfraldada para a salvacão do Brasil, do captiveiro e do vilipendio, a que o reduziu uma politicagem desnaturada, e restauração, por assim dizer da Republica, que se proclamou em 1889, para a grande obra a que se propuzeram os seus maiores.

Depois, é bem de salientar, que toda a cooperação revolucionaria não deve, não pode ser serviço de mera novidade ou diletantismo: E' Missão de Honra, de Abnegação, de Sacrificio, de Patriotismo.

Ninguem se deve illudir portanto, com a situação moral, que a Revolução procura crear no animo do Povo Brasileiro, devendo todos ter bem presentes no espirito, as emanações do des-

prendimento e da honra pelo bem da Patria. E' mistér pois, que todos ajam com firmeza, não usem de vascillações e procedam sempre com a maxima correcção e lealdade nos actos mais simples, mais aparentemente sem importancia.

As attitudes prudentes e reflectidas são o melhor penhor da segurança pessoal de cada um.

Este é o appello, é a ordem do Commando General das Forças Paranaenses, que confia na elevação moral e no civismo do Povo. — (a.) Plinio Tourinho, General Commandante das Forças do Paraná.»

«*Ordem do dia.*

Arduo e complexo seria lembrar-vos, detalhadamente, no instante da despedida, as causas determinantes do formidavel abalo que occasionou a grande Revolução de Outubro, quando é certo, que, ainda perdura na memoria de todos os Brasileiros o cortejo negro de iniquidades e de desrespeito á lei, praticados pela camarilha nefasta, que nestes ultimos annos do regimem republicano, apossou-se dos destinos do Brasil. No meio das usurpações e dos desatinos, levados a effeito por essa especie de gente, que se não contentou somente em ferir os direitos da collectividade, mas sim tambem, em delapidar a riqueza publica, distribuindo-a generosamente com aquelles que lhes lambiam os pés, e cumpriam religiosamente as suas ordens, pouco ou quasi nada se salvou. Dahi a serie de movimentos armados, precusores da arrancada de Outubro, que revolveu o Brasil de norte a sul, pondo em evidencia a exuberante energia de um povo, que aparentemente morto para a luta, não hesitou em pegar em armas e marchar em defeza de seus direitos conspurcados por máus Brasileiros.

A indesejavel politica dos governadores, de caracter profundamente pessoal, conseguiu, em pouco tempo, destruir as conquistas havidas num passado glorioso, estiolando o poder judiciario, a

nossa suprema garantia, e avassalando nefastamente o poder legislativo, que não passava de um poder bastardo, a serviço de todos os caprichos mesquinhos dos senhores Presidentes da Republica.

E' que, rompido o grilhão que nos prendia a monarchia, pela reacção armada de 1889, a Nação, colhida de surpresa, vê a sua estabilidade ameaçada, e sem tempo de se recompor, dada a falta de educação do povo, cae nas mãos dessa camarilha politica que transformou o mais bello de todos os ideaes, nesse systema pessoal de governo, servindo-se hypocritamente, para a realisação de seus fins, de um arremedo de Constituição, cheio de valvulas para a pratica de toda a sorte de patifarias. O nucleo republicano, os verdadeiros idealistas de 1889, em numero reduzido, foi fatalmente absorvido pelos aulicos do antigo regimen, que atraz de si, traziam a mentalidade antiga, cheia de odios, envenenando assim o novo ambiente e perturbando a estabilisação do regimen que se inaugurava.

Dahi o scenario triste que deparamos no decorrer de quarenta annos de vida republicana. Filhos de um Paiz riquissimo, somos pobres, porque todo o systema economico desses magnatas, consistia no methodo confuso de gastar muito mais do que rendia o Paiz, procurando nos emprestimos successivos, pesadissimos factos, a unica therapeutica, para dar ao publico a impressão da marcha regular dos factos, escravizando-nos aos argentarios estrangeiros, com grandes prejuizos para o desenvolvimento do Paiz.

Os progressos minimos, tudo está por fazer; entretanto somos devedores de quantias verdadeiramente estonteantes.

E nós, camaradas, brasileiros que somos, pertencentes ao Exercito Nacional, phalange brilhante que só tem sido motivo de orgulho para o povo do Brasil, instituição nobre e alevantada, sempre

ao lado de seus irmãos civis, para a conquista dos grandes ideaes, não poderíamos ficar acomodados ante o quadro verdadeiramente vergonhoso, que se nos apresentava, ante o cortejo de iniquidades, que, á semelhança de um terrivel tufão, soprava furiosamente, devastando tudo que a nossa Patria tinha de mais nobre.

Attendestes ao chamado do Povo! Com vosso ardor civico, e ante a figura da Patria que nos acenava, relembrando os passados homens que a constituíram, esquecesteis-vos das situações commodas, accorrendo celeres á caserna, para, conjugados com o povo, reivindicardes nossas liberdades mortas, o thezouro de heroismo e abnegação legado pelos nossos heróes que jamais temeram sacrificios em beneficio da collectividade. Não desmentistes que sois filhos desta grande Terra!

A ameaça do exilio, do fuzilamento e de todas as vinganças de que seria capaz a tyrannia, hoje por terra, não fazia hesitar aquelles que, abraçando sua mãe, sua esposa ou seus filhos, attendiam valentes ao chamado sagrado do Brasil.

E' que a liberdade já conquistada, mas espesinhada, havia de encontrar em vossos peitos de bronze, a sua defeza, vós que tendes a alma retemperada na escola do sacrificio e das provações. Participei comvosco e com o povo do Paraná, na arrancada gloriosa de Outubro; destes-me os dias mais felizes de minha vida. Elevastes-me a uma culminancia nunca dantes sonhada. Com o vosso valor, emprestastes brilho, a quem vivia na penumbra, aguardando calmamente o final da sua vida militar, apenas com a consciencia do dever bem cumprido. Como poderei esquecer-me de todos vós?

Comvosco communguei, e as glorias recebidas daquelles dias bem vividos, a vós inteiramente eu devo, meus camaradas, porque vivi do reflexo do vosso valor, vós que fostes a abnegação, o

heroísmo a serviço de todas as aspirações nobres, dos anseios de equidade e reclamações de civismo afflicto.

Comprehendestes a grandeza do momento; fostes ao encontro desse alguém, que, determinou proclassemos um credo novo; que fossemos a esperança dos oprimidos, e que nos sacrificássemos pela redempção da Patria, concorrendo com abnegação e lealdade para o restabelecimento de um Brasil novo.

Estará agora terminada nossa missão? Deveis ficar meros espectadores desse scenario, em cujo seio se vão elaborar os principios da nova organização politica e social de nossa Patria? O exemplo de 1889, não basta para despertar em nossas consciencias, a necessidade de uma perenne vigilancia, para que se reconstrua o Paiz, nas bases exigidas pelo povo, para que o sacrificio da luta, não se venha a perder?

Deixo ao vosso criterio, ao vosso bom senso, a resposta, mas, lembrando-vos, no entanto, que na quietude libertadora dos cemiterios, repousam o somno eterno, aquelles que na luta pereceram pela conquista desses ideaes, e que a elles, a Patria agradecida, já consagrou merecido lugar de destaque em nossa historia, emquanto que a nós cabem responsabilidades taes, que, se não devem transformar em vilipendios, quando formos julgados pelas gerações vindouras, ou então pela inexoravel severidade de nossa consciencia, intransigente e fiel juiz.

Acreditemos na grandeza do Brasil! Empreguemos os mais fervorosos esforços, para que sejam despertados no presente, as energias de um povo descendente de bandeirantes impavidos, que jamais se atemorizaram, ante os impossiveis e assim respeitando o passado glorioso, seremos acreditados no presente, e abençoados no porvir.

Meus camaradas! Com a esperança e firme convicção no futuro da Patria Brasileira, que sinto

palmilhar agora uma trajectoria brilhante, honesta e sadia, deixo o Commando da Região, a que me elevastes, com a alma alegre, e a consciencia tranquillada de haver cumprido com o meu dever, e satisfeito por vos elogiar, não, que este elogio augmente o brilho de quem o conquistou no terreno da luta, mas, para que fique assignalado neste Quartel General, a vossa abnegação e desinteresse.

Elogio, assim, com grande satisfacção: o Capitão Carlos Amaurety Osorio, official de destaque, energico, profissional competente, ardoroso commandante do 9.º Regimento de Artilharia Montada, no periodo revolucionario, a quem a revolução deve os mais inestimaveis serviços; Capitão Catão Menna Barreto Monclaro, commandante do 15.º Batalhão de Caçadores, official destemido, calmo, sereno, decisivo no agir, e mais que tudo nobre, quando abnegadamente offerece o Commando do Corpo que levantara, ao bravo e saudoso Capitão Isaltino Pinho; Capitão João Nobrega, commandante do 5.º Grupo de Artilharia da Montanha, espirito calmo, prompto nas acções, resolutivo, soldado comprehendedor de sua nobre missão; Capitão Alcedo Baptista Cavalcanti, commandante do 5.º Batalhão de Engenharia, qual desejoso de concorrer para o levante e victoria do movimento, celere, dos confins dos sertões, attende ao nosso chamado, agindo durante toda a luta com muito brilho; Capitão Nelson Pinto, commandante do Esquadrão de Cavallaria do 5.º Regimento de Cavallaria Divisoria, espirito lucido, calmo e sereno, desempenhou-se com brilho das missões mais arduas que lhes foram confiadas; Capitão Catulo Piá de Andrade, no seu Corpo, e, posteriormente, em plena campanha, demonstrou as mais bellas qualidades de energia, decisão e abnegação á causa revolucionaria; Capitão Mac-Donal, actual commandante do 5.º Batalhão de Cavallaria, espirito moço,

official de destaque, prompto para cumprir as mais difficeis missões; Capitão Caldas Braga; 1.º Tenente Francisco de Paula Soares Netto; 1.º Tenente Silvino da Costa Nobrega, pela energia, actividade e desapego, iniciando o movimento na Região com o levante do 13.º Batalhão de Caçadores e posteriormente pela acção decisiva com que agiram na frente Joinville e Itararé; Tenentes Laurentino Silva; Ney Feixoto, pela cooperação efficaz e intelligente com que se conduziram; Tenentes Alexino Bittencourt, official de destaque, de grande futuro, a quem coube, apesar de tão jovem, conduzir a sua unidade á luta, com franco e real successo; 2.º Tenente Alberto Bittencourt, ardoroso, capaz e que desempenhou intelligentemente as missões que lhe foram confiadas; Tenente Fernando Peixoto, pela cooperação efficaz, que emprestou ao movimento; Tenente Carvalho pela energia, actividade e iniciativa com que agiu; Tenente-Coronel Silva Junior, Majores e Furtado os quaes se demonstraram á altura do momento. — Plinio Tourinho.»

Como o General Plinio Tourinho justifica o movimento revolucionario: (Discurso pronunciado a 15 de Novembro.)

«Com acertado e nitido sentimento patriótico, escolhestes o dia de hoje, para homenagear a data gloriosa de 5 de Outubro, em que o Paraná, quasi unanime, deu as mais exuberantes provas de civismo e energia social. — Ha precisamente 41 annos passados, o immortal General Deodoro da Fonseca, á frente do Exercito Nacional, instituição que sempre tem estado ao lado das grandes causas nacionaes, fez cahir um throno, que si não era um centro de absolutismo, constituia no emtanto, um perigo futuro, ás nossas tradicionaes tendencias liberaes. E assim surgiu a Republica, jovem, esperançosa, inspirando confiança

á alma Brasileira, porque synthetizava o principio democratico do governo do povo. Puro engano! Passado o periodo aureo da administração Republicana, encarnada nos vultos austeros de Floriano, Deodoro, Prudente de Moraes, Campos Salles e Affonso Penna, a debacle iniciou-se, e o sonho de 1889, se foi aos poucos desvanecendo, pela falta de justiça. O polvo oligarchico, centralizado na Capital da Republica, estendeu os seus formidaveis tentaculos, ás regiões mais distantes do Paiz, e, vós bem o sabeis, quantos desmandos politicos e administrativos se praticaram á luz meridiana dos mesmos direitos, e das mesmas conquistas. Com a inauguração cynica da politica dos Governadores, ficamos sem o poder legislativo, onde, a não ser a voz ativa de um ou outro representante do povo, os demais, como cúmplices, abafaram a opinião nacional, até que, vós, com a vossa energia e civismo, golpeastes justamente comnosco, aqui, na manhã de 5 de Outubro, tão grande iniquidade. — Foi uma convulsão social que abalou o Brasil inteiro, semelhante aos terremotos desencadeados pelas forças telluricas armazenadas nas profundezas da Terra. E' que, os governantes, olvidaram-se das licções da Historia. O poder civil foi, desde a grande revolução franceza, transformado num simples delegado do poder social. — Sómente este, póde e deve impor a sua vontade. O governo é do povo e para o povo, e os seus mandamentos e vontade, devem ser acatados religiosamente, porque, só assim, é possível harmonizar, evitar choques e conflictos que surgem das muitas esphéras de actividade social, pela falta de equidade e justiça. — Aqui vindes, povo, pela terceira vez, homenagear em minha pessoa, a brilhante jornada levada a effeito, pelos officiaes, sargentos e praças da 5.ª Região Militar. — Eu vos agradeço, em meu nome e no de meus dignos camaradas. Desinteressados, entramos na Re-

volução, e breve volveremos á caserna, com a consciencia tranquilla do dever cumprido. — Tudo pelo Brasil! Aqui vindes, com o vosso acrisolado amor á liberdade, e patriotismo já demonstrado, collocar neste edificio, um marco, cujos dizeres é a expressão de vossa ardente fé e de vossa digna esperança.

Elle relembrará a energia Paranaense; e por isso mesmo é um marco sublime. Na simplicidade de seu texto, transparece a vossa vontade firme, energica e devotada. — E' um trecho de civismo, concita-nos aos deveres para com a Patria e rememora-nos a cada instante, as horas que já se foram, em defeza da causa Nacional, e mais que tudo, é uma advertencia aos futuros detentores do poder, que se devem acautelar, porque a tyrannia, no seculo em que vivemos, será esmagada sem dó, sem piedade. — Esse marco, assignala-nos que o mundo moral está sujeito ás leis geraes do Kosmo; o equilibrio rompido nos phenomenos sociaes, produz as mesmas consequencias terriveis, que, si num dado momento faltasse á harmonia sideral, o effeito poderoso da atracção Newtoniana. — Esse marco será o nosso pharol, e aos vindouros, exemplo dignificante de energia Nacional. As virtudes civicas, não se coadunam com o escarneo.

Mais vale ser um cidadão faminto que um escravo nutrido. A revolução continuará a ser o direito supremo dos povos oprimidos. Todas as esperanças de verdade, anceios de equidade, as reclamações do civismo afflicto, quando não encontram guarida nos tribunaes já conspurcados, buscam nesse meio violento, a salvação geral. — A crise que atravessavamos, a contra gosto dos accomodatícios não era de intelligencia e sim de vontade. A atonia desorganizante que nos apavorou, encontrou como esteios formidaveis, espiritos lucidos e eruditos, que se entregaram de corpo e alma aos prepotentes, e hoje, lançam

para cima de um só homem, aqui no Estado, a culpa dos desmandos praticados pelo Governo, e para os quaes elles concorreram devotadamente. Senhores! Tudo pelo Brasil redimido! Estae, alerta e vigilantes, contra os máus brasileiros, que, nos levaram a esse momento de desespero. — Cerrai fileira e juntai as vossas energias á Legião Revolucionaria, synthetizada na pessoa do nosso Presidente Dr. Getulio Vargas, tendo ao seu lado as figuras masculas de Oswaldo Aranha e Juarez Tavora, para a reconstrucção sadia da nossa Patria! Viva o Brasil! — Plinio Tourinho.» — (15-11-1931.)

O discurso do Snr. Tenente-Coronel Plinio Tourinho (1.º de Agosto de 1931):

«A manifestação que me vindes de fazer, talvez a ultima, relembra-me o vosso entusiasmo nos dias tumultuosos de Outubro, em que assisti empolgado, a alma paranaense brava e sincera, accorrer celere em defeza dos sagrados principios de nossas liberdades conspurcadas, por aquelles que tinham a obrigação formal de conduzir a Nação aos seus dignos destinos.

E, o exito empolgante daquella radiosa madrugada de Outubro, que me parece ainda um sonho, não foi senão um prolongamento, um apoio, um pacto de sangue, que firmamos com os heroicos filhos dos Pampas, filhos desse Rio Grande, cujos antepassados descreveram as mais bellas paginas de heroismo de nossa historia. Nesse dia, assisti uma guarnição inteira se levantar destemerosa, para conjunctamente com o Povo, firmar que a Patria é alguma cousa de nobre e grandiosa e não accidentalmente a terra em que se nasce.

Ella, é um complexo de idéas, um repositório de sacrificios, uma reminiscencia de um passado honroso, jamais olvidado.

Somente essas convicções inabalaveis, poderiam

levantar um povo, fazer estremecer uma nacionalidade, do sul ao norte, de sua grande extensão territorial.

O caminho do dever, nem sempre é fácil de palmilhar; nelle, ha obstaculos a vencer, e alguém já disse, que o sangue do homem, vertido na causa da familia, da Patria e da humanidade está bem empregado; tudo o mais, é vaidade, tudo o mais é crime.

Assim pensando, os soldados da guarnição do Paraná, não encontraram na manhã de Outubro, outro caminho que não o do Dever para com a Patria, vilipendiada pelos detentores de então. E, assim, a vossa homenagem a minha humilde individualidade, quando não mais represento um poder, quando já vos recebo no meu proprio lar, augmenta o debito da minha gratidão para comvosco, concretiza o vosso sadio pensamento de patriota, deixando claramente transparecer a confiança que depositaes nos proceres da Revolução victoriosa.

E', que, bem comprehendestes, que não com palavras e sim com factos, é que se pode reconstruir uma nacionalidade, golpeada de injurias, numa successão de alguns quatriennios de máus governos.

E', que, comprehendestes o trabalho herculeo desenvolvido pelo dr. Getulio Vargas e seus auxiliares, nessa formidavel reconstrucção moral, social e material do Brasil, cujos resultados só poderão ser apreciados, no decorrer de um tempo, bastante longo, taes as difficuldades oriundas de um estado anterior, que destruimos a golpes de força.

E, para esta reconstrucção, Senhores, necessita o Governo Central e seus delegados, de muita ordem, sacrificios e sopolamento de ambições, quando é certo, que, os phenomenos sociaes e moraes, por serem os mais complexos da ordem hierarchica de nossos conhecimentos, exigem um

ambiente sereno, para a sua completa execução. A revolução passou, e assim como as grandes convulsões internas da Terra, que se executam em tempo relativamente curto, exigem de longo tempo para a acção restructora dos males causados, é mister que todos os bons brasileiros, confiantes, se congreguem e pela ordem, disciplina e sacrificio, emprestem sua collaboração aos homens bem intencionados, que, a propria revolução escolheu para dirigir os destinos do Paiz. E, quanto a mim, Senhores, tenho a consciencia do dever cumprido.

Exerci, num dado momento, elevado por todos vós, uma acção de destaque, e quando percebi que estava finda a minha missão, e que o alto posto que me fora conferido pelo Chefe Supremo da Revolução, se tornava obstaculo á organização do Exercito, não vacilei em depol-o, ás mãos que me haviam elevado, cumprindo assim a promessa, que á vós mesmo fiz, de volver ao meu posto quando visse terminada a verdadeira phase revolucionaria.

Assim, recebo essa manifestação, que reflecte a vossa admiração pelo punhado de bravos, constituido pela guarnição do Paraná, desde o mais humilde soldado, até a mais alta patente.

Com elles, passei dias felizes, guardando de cada um, extremosa saudade, a par de immorredoura gratidão.

E, a vós povo, o anonymo de sempre, a força inabalavel da sociedade, constructores silenciosos de todas as epopéas humanas, eu tenho uma divida de gratidão a justar.

Em todos os tempos, sois o sacrificio, a abnegação, a liberdade, o Direito. Em vós, eu vejo os elementos constructores, a força dynamica das nacionalidades; á vós, as minhas ultimas palavras, o meu imperecível reconhecimento, quando é certo, que fostes o elemento propulsor de nossa victoria.

Eu vós vejo, conduzindo vertiginosamente as locomotivas em direcção ás linhas de combate, transportando soldados e viveres; eu vos vejo no chauffeur abnegado, naquelles dias chuvosos em direcção á Ribeira; eu vós vejo como estudante, fechando o livro e empunhando o fuzil em defeza dos nossos ideaes, emfim, sois vós, os operarios em todas as modalidades, que não vos esquecesteis dos deveres para com a Patria; e vós, Mulher Paranaense, que tão abnegadamente concorrestes para minorar o soffrimento dos nossos irmãos que se batiam na linha de frente, deixo aqui um preito de gratidão.

Não posso deixar de manifestar tambem a minha gratidão, para os filhos de Patrias distantes que se integralisando comnosco, participaram de todas as nossas tristezas e alegrias, nas horas incertas.

A todos vós, emfim, os meus agradecimentos, pelo muito que fizestes e pela nenhuma recompensa que exigistes, escrevendo assim mais uma pagina de sacrificios e abnegação, á juntar aquellas que nos legaram os nossos nobres antepassados.

Viva o Paraná!»

Do jornal «A Tarde», de 6 de Agosto de 1931, extrahimos o seguinte commentario sobre a renuncia que o General Plinio Tourinho fez, do lugar de Membro do Directorio Revolucionario:

«A situação politica do Estado acaba de culminar em sua hora civica, no momento em que Plinio Tourinho, o glorioso militar da victoria, se dirige ao povo que o acclama ainda, como hontem, quando S.S. encarava, no campo da lucta, os ideaes de redempção da Patria.

Como soldado e patriota, depois de defender na guerra como na paz, os postulados que deram vida a arrancada de 3 de Outubro, o General Plinio Tourinho, ao approximar-se a convenção de 15 de Agosto, deixa a sua actuação proeminente no scenario politico do

Paraná, entregando ao povo a tarefa de organizar-se, por seus proprios potenciaes civicos, em defeza das aspirações que estão latentes na alma nova da nacionalidade.

E' o soldado desambicioso, é o patriota illustre, é o militar conscio de seus deveres indeclinaveis, que confia no nosso civismo e adopta o rumo que deveremos tomar, como povo consciente, para a concretisação dos ideaes sonhados pela rebeldia sagrada de Outubro.

A oportunidade desse documento, nesta etapa da vida social da nação, constitue mais um marco de ouro a delimitar os limpidos reductos da Republica Nova.

Agora que vamos incursando em um ambiente de normalidade, em que a paz se consolida, em que os odios fracassam, exige o Paiz que cada um cumpra o seu dever, como nos ensina o famoso pendão do Riachuelo.

Plinio Tourinho invoca essa finalidade e, como militar e patriota, despido de ambições subalternas, dirige-se ao povo e proclama, em appello ao nosso civismo de povo consciente, que construamos, por nos mesmos, a obra iniciada, essa que hoje, mais do que nunca, exige tudo de nossos esforços, tudo, de nosso desinteresse pessoal e o mais possivel do nosso patriotismo.

Em continencia, ouçamos a voz sincera do soldado illustre, com a confiança que devemos ter em face do futuro da patria:

*“Aos meus amigos do Directorio Revolucionario.*

Affectuosas saudações. — Ao receberdes esta missiva, não vos arreceis, porquanto, trazendo ella em seu seio o desejo formal de desligar-me do Directorio, essa retirada não se traduz em desgosto ou melindres, quando é certo o grande debito da minha gratidão para comvosco, de quem tenho recebido as melhores provas de estima e de consideração.

Vereis no decorrer desta, que sei encarar os factos presentes, como um desdobramento logico de todo movimento revolucionario; nunca tive illusões e muito menos vós, de que atravessariamos este periodo de transição até o regimen constitucional, num grande mar de rosas. O homem é por natureza inconstante e sobre elle actuam fervorosamente as questões politicas e de ordem religiosa. A principio, todos os espiritos se congregam em torno do ideal supremo que irá convulsionar a nacionalidade, para a realisação concreta do objectivo visado. A vontade de vencer, sobrepuja ás tendencias más, que se desmascaram no decorrer dos acontecimentos e então surgem as desavenças, e as competições; a luta se trava entre os proprios companheiros de jornada, a frente unica rompe-se com graves prejuizos que decorrem á collectividade.

Assim foi no passado e assim será em todos os tempos. A revolução franceza é um exemplo flagrante. A differença reside nos meios de dispersão e de ataque. A grande revolução devorou na guilhotina todos os seus proceres e se memoria se consente na eternidade no dizer do poeta, Luiz XVI haveria de ter gozado muito, apreciando a placidez com que um joven capitão de artilharia aguardava o momento propicio de restaurar um throno que rui á custa de tanta sangueira.

Entretanto, nada se perde. Alguma cousa fica das nossas luctas em beneficio da sociedade, porque as revoluções se originam sempre das mesmas causas, apenas com modalidades e attenuantes, consequentes ás condições de espeço e de tempo em que effectivam e na sequencia dos acontecimentos; os seus effeitos se assemelham aos das cheias dos grandes rios. Estes tudo arrazam, tudo transportam numa grande ancia de destruição, para tempos depois volverem aos seus leitos, onde então deslisam placidamente.

E, a vasa que por algum tempo infeccionou a planicie, é o humus precioso, de onde surgirá mais tarde o pão que alimentará uma população. Procuramos evitar a deserção em nossas fileiras. O nosso Directorio surgiu sob os auspicios de um desejo maximo de congraçar e aproveitar valores revolucionarios, que, parece, ao impulso de forças desencadeadas e oppostas tacteavam indecisos em busca das verdades pregadas ou promettidos pela revolução. Urgia uma cooperação decisiva e proveitosa e o unico meio era congregar e concentrar esforços, porque a idéa de progresso se assenta sobre a de ordem e a destruição exige a reconstrucção.

Para o seio dessa notavel agremiação ingressaram com entusiasmo de momento dezenove revolucionarios authenticos e combativistas da jornada de Outubro. Moderados uns, exaltados outros, pareceria realizar-se um conselho, em que pelo conjuncto obtido, resultasse o equilibrio de idéas sãs e uteis ao momento que atravessamos.

Assim aconteceu e assim tinha que ser. Membros dos mais distinctos retiraram-se por motivos varios: opposições de idéas; discordancias na realisação de um programma revolucionario, que nunca existiu.

Nem eu, nem vós extranhamos a sahida de distinctos companheiros, que, poderiam até o presente estar emprestando á collectividade o concurso de seus esforços, a cooperação sadia de revolucionarios convictos, porque innegavelmente atravessamos uma época de confusão. Muitos são verdadeiros idealistas e como taes exigem construcções perfectas e estas nem são apanagio das sciencias abstractas, que não passam de meras approximações, dos factos observados.

O Directorio Revolucionario, porém, não pereceu e disto sois vós os melhores testemunhos. Dentro de sua esphera de acção realisou as suas finalidades.

A revolução passou. Desenham-se nos horizontes os primeiros passos para a entrada do Paiz no regimen constitucional. Máo grado os erros em que tenhamos incorrido, o movimento de Outubro não deixou de trazer salutareos resultados ao Paiz. A tempestade que se manifestou nos quatro quadrantes passará e vós neste momento tendes de vos organizar em partido, para enfrentardes os grandes embates da constituinte que se avizinha.

Como soldado, sempre fui avesso á politica e dahi a minha retirada do Directorio. Soldado sou, soldado continuarei. Cumpri, na esphera de minha modesta actuação, com um dever de cidadão. A vós outros cabe a responsabilidade do momento. A organização politica é da esphera dos civis e a elles compete dirigir a Nação, aos seus grandes destinos.

Da convenção de Agosto, espero, resultará para o Paraná a organização de um partido politico que, abraçando as idéas mais democraticas, concorra para educação do povo e inauguração de um novo regimen de honestidade administrativa, bem como de respeito aos direitos de todos os cidadãos.

Como cidadão, eu não me furto ao prazer de pertencer como simples soldado, a uma agremiação, que reuna em seu seio os anseios de uma era nova que todos almejamos.

Creiam-me como sempre, Patricio Ad. Cr. — Plinio Tourinho."

Do mesmo jornal, «A Tarde», de 6 de Agosto de 1932, extrahimos o seguinte:

*"A attitude de Plinio Tourinho. — Como se manifesta o chefe da Revolução de 1930, no Paraná, em despacho ao General Waldomiro.*

Ante-hontem, recebeu o bravo chefe da Revolução de 1930, no Paraná, tenente-coronel Plinio Tourinho, o seguinte telegramma:

Faxina, 3. — Tenente-Coronel Plinio Tourinho. — Curityba. — Snr. General Waldomiro vos convida assumir chefia Serviço Engenharia este Quartel General. Por ordem, (a.) Capitão Dimas, chefe do Estado Maior.

— A esse convite, respondeu o Tenente-Coronel Plinio Tourinho, nos seguintes termos:

"Exmo. Snr. Waldomiro Lima. — Faxina. — Quando em Outubro de 1930, o povo brasileiro clamava unanime contra a tyrania do governo, alistei-me com entusiasmo ao lado dos bravos gauchos para a victoria dos nossos ideais. Hoje, embora sem compromissos nem ligações de quaesquer especies com os revolucionarios paulistas, apenas coherente com o meu passado, minha consciencia de brasileiro me impede de concorrer para o aniquilamento do povo de S. Paulo, orgulho da nossa nacionalidade, tão digno do nosso affecto de patriota como o fôra, é e será o bravo povo gaúcho, si por ventura as circunstancias da politica o collocarem amanhã, nas duras contingencias em que se encontra aquelle grande povo.

Assim; agradeço a V. Ex. o honroso convite que não desejo acceitar e sereno aguardo as consequencias desse meu acto. — (a.) Plinio Tourinho."

— Respondendo a esse despacho, o general Waldomiro Lima endereçou ao Tenente-Coronel Plinio Tourinho, o seguinte telegramma:

"De Faxina. — Tenente-Coronel Plinio Tourinho. — Curityba.

Acabo receber vosso telegramma exaltação revolucionaria ao lado povo paulista. Applaudo vossa attitude definida e como uma homenagem á dignidade militar que o camarada deve possuir, offereço em meu nome, do que assumo inteira responsabilidade, os meios passardes para as forças rebeldes e nos combater de viseira erguida. Assim sereis digno e não enxovalhareis a farda de soldado brasileiro. Não é hora de palavras, é

hora de sacrificios. Sacrificai-vos, camarada. Podeis transmittir á todos que pensam como vós, que á todos darei oportunidade lutar de armas na mão. — (a.) General Lima."

— Aceitando a proposta que lhe fez o General Waldomiro Lima, o bravo soldado paranaense, telegraphou, nos seguintes termos ao commandante das tropas fieis á Dictatura:

"Curitiba, 6. — Snr. General Lima. — Faxina. — Propositadamente destes ao meu telegramma interpretação diversa daquella que minha consciencia ditou, procurando deprimir-me perante o Exercito, pois se assim não fosse, terieis tambem publicado o meu telegramma, para que meus camaradas o apreciassem, no quanto elle encerra de altruismo, no sentido de não concorrer para a luta fraticida, antes procurando evitar derramamento doloroso de sangue brasileiro.

Não fiz profissão de fé revolucionaria paulista, mas, neste instante doloroso em que assisto marcha triumphal vinte interventores promptos esmagar laborioso povo paulista, victima politicagem, tive necessaria coragem civica de não desejar concorrer para esse anniquilamento, quando me seria mais commodo, cobrir-me de glorias á custa sangue irmãos, trabalhando no vosso Estado Maior. Alimento convicção essa guerra fraticida cessaria sem deshonra para ninguem, se porventura houvesse maior boa vontade por parte politicos e dirigentes Nação.

Não tenho duvida de que meu gesto de humanidade e brasilidade, foi desvirtuado perante vosso espirito julgamento, em detrimento minha honra e dignidade pessoal, pelas suggestões talvez da intriga insidiosa, porem sem fundamento concreto algum.

Pois bem; mesmo tendo certeza do esmagamento São Paulo, inteiramente cercado, sob ameaça centenas boccas fogo, acceito vossa generosa proposta para que me seja permittido cooperar

da desdita paulista, pedindo seja o Commandante desta Região autorizado, a conceder-me bem como ás pessoas amigas que me desejam acompanhar, salvo-conducto que me permitta ir com ellas, transportar-me á São Paulo por onde me aprouver.

Penso assim não deixar duvida ao espirito de meus camaradas e meus concidadãos de que o labéo de covarde, que injustamente pretendeste me lançar, não me attingiu nem attingirá nunca. —

(a.) Tenente-Coronel Plinio Tourinho."

— Filiado ao Partido Liberal do Paraná, do qual era presidente o General Mario Alves Monteiro Tourinho, foi incluído o nome de Plinio Tourinho na chapa desse Partido, sendo eleito, por grande votação, na mais livre e moralisadora eleição, que jamais se realizou, no Paraná, para o cargo de Deputado á Assembléa Constituinte. Em 1934, foi reeleito para a Camara dos Deputados, pela opposição.

Desempenhou o seu mandato com dignidade e desassombrada illustração e competencia, propugnando sempre pelos ideaes da mais pura democracia e pela liberdade de consciencia, como grande liberal que sempre foi, não mentindo a seus principios republicanos e de livre pensador.

Em 1908, contrahiou nupcias com Esther Pereira Tourinho, filha do Major Lucio Leocadio Pereira e de sua mulher Esther Ferreira Pereira.

Filhos:

- 3-1 Maria, fallecida criança.
- 3-2 Esther Pereira Tourinho.
- 3-3 Lucia Pereira Tourinho.
- 3-4 Plinio Pereira Tourinho.
- 3-5 Francisca Pereira Tourinho.
- 3-6 Luiz Carlos Tourinho.
- 3-7 Ayrton Pereira Tourinho.
- 3-8 Lasthenia Pereira Tourinho.
- 3-9 Enoê Pereira Tourinho.
- 3-10 Neuza Pereira Tourinho.
- 3-11 Elen, fallecida.

- 3-12 Neida Pereira Tourinho.  
 2-3 Mercedes Alves Tourinho, solteira.  
 2-4 Themira Alves Tourinho, solteira.

## § 12.º

- 1-12 Elisa Augusta Alves, casada com Antonio Gonçalves Santos.  
 Sem filhos.

## § 13.º

- 1-13 Athalia Alves Magalhães, viuva de Manoel Alves de Magalhães, ambos naturaes de Antonina. Elle filho de Antonio Alves de Magalhães, natural de Portugal, e de sua mulher Maria de Souza Magalhães.

Teve:

- 2-1 Manoel Pedro de Magalhães, casado com Francisca Malheiros de Magalhães. Comerciante.

Filhos:

- 3-1 Gastão.  
 3-2 Gilberto.  
 3-3 Athalia.  
 3-4 . . .  
 3-5 . . .

- 2-2 Maria Assumpção Magalhães Cunha, viuva de Armando Cypriano da Cunha.

- 2-3 Capitão Antonio Alves Magalhães, official do exercito, casado com Edith Omena.  
 Com 3 filhos menores.

- 2-4 Theodemira Alves Magalhães Taddei, casada com Roberto Taddei.  
 Com um casal de filhos.

- 2-5 Capitão José Alves de Magalhães, official do exercito, casado com Dora Fonseca.  
 Com 1 filho menor.

O Capitão-Mór Antonio José Alves do seu terceiro matrimonio com Leocadia Rocha não teve filhos.

## CAPITULO 4.º

- 4 – Anna Maria Alves, casada com Antonio José Pereira, filho de Antonio José de Magalhães e de sua mulher Marianna de Oliveira, naturaes de Ribeira, comarca de Guimarães-Braga-Portugal.

Teve os seguintes filhos:

- |  |        |
|--|--------|
| 1-1 José Antonio Pereira Alves         | § 1.º  |
| 1-2 Hyppolita Pereira da Costa         | § 2.º  |
| 1-3 Agostinho Pereira Alves            | § 3.º  |
| 1-4 Serafina Pereira Araujo            | § 4.º  |
| 1-5 Francisca Antonia Pereira Cordeiro | § 5.º  |
| 1-6 Francisco Pereira Alves            | § 6.º  |
| 1-7 Josephina Pereira Soares Gomes     | § 7.º  |
| 1-8 Joaquim Antonio Pereira Alves      | § 8.º  |
| 1-9 João Pereira Alves                 | § 9.º  |
| 1-10 Manoel Antonio Pereira Alves      | § 10.º |
| 1-11 Maria Alves Magalhães             | § 11.º |

## § 1.º

- 1-1 Coronel José Antonio Pereira Alves, casado com Rosa Augusta de Araujo (é, na duvida, sua segunda mulher). Ver § 1.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante; ahi os descendentes.

## § 2.º

- 1-2 Hyppolita Alves Pereira da Costa, casada com o Major Antonio Pereira da Costa. § 2.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante; ahi os descendentes.

## § 3.º

- 1-3 Major Agostinho Pereira Alves, casado com Balbina de Siqueira Pereira Alves. § 3.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante; ahi os descendentes.

## § 4.º

- 1-4 Serafina Pereira Araujo, casada com José Vieira de Araujo. § 6.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante; ahi os descendentes.

## § 5.º

- 1-5 Francisca Antonia Pereira Cordeiro, casada com o Major Fernando Gonçalves Cordeiro. Com descendencia em 7-7 no 3.º volume da pagina 177 e § 5.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante.

## § 6.º

- 1-6 Coronel Francisco Pereira Alves, natural de Paranaguá, casado em Curityba, a 4 de Agosto de 1858, com Escolastica Maria de Lima, natural de Curityba, filha de Francisco das Chagas Lima e de sua mulher Maria do Carmo. § 7.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante.

## § 7.º

- 1-7 Josephina Pereira Alves Soares Gomes, foi casada com Joaquim Soares Gomes. Sem filhos. § 8.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante.

## § 8.º

- 1-8 Coronel Joaquim Antonio Pereira Alves, casado com Constança de Souza Pinto Pereira Alves. § 9.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante; ahi os descendentes.

## § 9.º

- 1-9 João Pereira Alves, casado com Maria Porcina Monteiro, filha de Joaquim José Monteiro e de sua mulher Anna Pereira da Trindade.

Teve a filha unica:

- 2-1 Anna Pereira, casada com Felipe de Castro.

Teve:

- 3-1 Nestor de Castro, casado com Arminda Pinheiro de Castro. § 9.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante; ahi seus traços biographicos e descendencia.

## § 10.º

- 1-10 Manoel Antonio Pereira Alves, fallecido com testamento, em Paranaguá, a 11 de Novembro de 1863, onde declarou sua filiação, ser solteiro e ter sete filhos naturaes. § 10.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante.

## § 11.º

- 1-11 Maria Alves Guimarães, casada com João Gonçalves Guimarães. § 11.º do Capitulo 1.º do Titulo Pereira, adiante.

Pai de:

- 2-1 José Gonçalves Guimarães, casado com Theza Bastos Pequeno Guimarães.

Filhos:

- 3-1 Maria Thereza, casada com Augusto Regis Pereira da Costa, já fallecidos.

- 3-2 Sarah Santa Rita, casada com Henrique Pereira Santa Rita.

- 3-3 José Gonçalves Guimarães, casado com Edméa Moraes Moreira Guimarães.

- 2-2 Phileto Gonçalves Guimarães.

- 2-3 Rosa Guimarães da Silva, foi a segunda mulher do Coronel João Estevão da Silva. 1-8.

- 2-4 Anna Ignez, fallecida solteira.

- 2-5 Hyppolita Pereira Guimarães da Silva, foi a primeira mulher do Coronel João Estevão da Silva. 1-8 do § 8.º do Capitulo 6.º do Titulo Silva Pereira; ahi os descendentes.

## CAPITULO 5.º

- 5 — Ricardo José Alves. Os nossos dados só mencionam as 4 filhas já referidas, constantes dos 4 Capitulos anteriores. O Dr. Ermelino de Leão, porem, menciona os filhos abaixo, que constituem os Capitulos 5.º a 8.º Foi Ricardo Alves continuador das industrias de construcções navaes, montadas por seu pai.

## CAPITULO 6.º

- 6 — Maria Rodrigues Ferreira, foi casada com o Comendador Antonio José Vieira Ramalho, de quem se separou.

## CAPITULO 7.º

- 7 — Ireno José Alves.

## CAPITULO 8.º

- 8 — Gertrudes Alves Ferreira, casada com Joaquim Vieira Belem.



## Titulo Marques da Cunha

**T**EVE o Titulo Marques da Cunha, do Paraná, a sua origem em José Marques da Cunha e em sua mulher Maria Joaquina de Alleluia, naturaes de Lisbôa-Portugal, donde passaram para o Brasil antes de 1810, vindo residir em Paranaguá, onde floresceu essa familia, que se irradiou por todo o Paraná, uzando os seus membros indistinctamente do sobrenome e appellido de Marques da Cunha e Cunha Marques. Foi estabelecido em Paranaguá com casa commercial, adquirindo um bom sitio para intensa lavoura. Era elle filho de Miguel da Cunha Vieira e de Anna Maria Borges Ferreira, portuguezes; ella era filha do Ajudante Manoel José de Carvalho, natural de Oliveira-Portugal, e de sua mulher Antonia Clara de Miranda. Falleceu elle em Paranaguá, em 27 de Junho de 1855, com 66 annos de idade, já em estado de viuvo.

## Filhos:

1 — Manoel Marques da Cunha	Capitulo I
2 — Caetano da Cunha Marques	Capitulo II
3 — José da Cunha Marques	Capitulo III
4 — Maria Ubaldina de Alleluia	Capitulo IV
5 — Augusta Maria da Cunha Marques	Capitulo V
6 — João José da Cunha Vieira	Capitulo VI
7 — Francisca Maria da Cunha Marques	Capitulo VII
8 — Antonio da Cunha Marques	Capitulo VIII
9 — Fernando da Cunha Marques	Capitulo IX
10 — Francisco da Cunha Marques	Capitulo X
11 — Izabel Maria de Miranda	Capitulo XI

## CAPITULO 1.º

- 1 — Manoel Marques da Cunha, baptizado em Paranaguá, a 20 de Outubro de 1811, e ahi se casou a 11 de Dezembro de 1837 com Maria Thereza de Jesus, falleceu em Paranaguá a 14 de Novembro de 1861 com 40 annos de idade, era ella filha de Januarío Antonio da Silva (Lessa), natural da villa de Mattosinho-Portugal, e de Anna Maria da Conceição, natural de Paranaguá; casado em segundas nupcias, em Paranaguá, a 13 de Dezembro de 1862, com Maria Francisca Gonçalves da Silva, viuva de José Manoel da Silva, filha de João Gonçalves Marques e de Ursula Maria do Carmo, tambem chamada Ursula da Cunha Marques ou ainda Ursula Joaquina da Cruz — Titulo Gonçalves Marques.

Manoel Marques da Cunha falleceu em Paranaguá a 17 de Junho de 1878.

Do 2.º matrimonio não descobrimos a descendencia, parecendo-nos mesmo não haver.

Do 1.º matrimonio houve:

1-1 Brigida Maria da Cunha	§ 1.º
1-2 Felisbina Maria da Cunha	§ 2.º
1-3 Balduina Maria da Cunha	§ 3.º
1-4 Eulalio da Cunha Marques	§ 4.º
1-5 Manoel da Cunha Marques	§ 5.º
1-6 Gustavo da Cunha Lessa	§ 6.º

1-7 Laurinda da Cunha Marques	§ 7.º
1-8 Rufina da Cunha Marques	§ 8.º
1-9 Evaristo da Cunha Marques	§ 9.º
1-10 Theotonio da Cunha Cruz	§ 10.º

## § 1.º

- 1-1 Brigida Maria Gonçalves da Cunha, nascida em Paranaguá a 8 de Novembro de 1843, onde se casou a 27 de Dezembro de 1862 com Segismundo Gonçalves de Miranda, fallecido a 29 de Setembro de 1869, filho natural do Tenente José Gonçalves de Miranda.

## Filhos:

- 2-1 Maria Bernardina de Miranda, baptizada em Paranaguá a 17 de Setembro de 1868, casada a 15 de Dezembro de 1888 com João Hilario de Souza, filho de Ignacio de Souza Franco e de Adelina Maria Rodrigues.
- 2-2 Fernando Gonçalves de Miranda, baptizado em Paranaguá a 9 de Julho de 1864.
- 2-3 Marcolina, baptizada em Paranaguá, onde nasceu a 24 de Maio de 1866.

## § 2.º

- 1-2 Felisbina Maria da Cunha, nascida em Paranaguá a 28 de Janeiro de 1847, e ahi casada a 3 de Julho de 1854 com Felisbino Lelles Bittencourt, natural de Antonina, filho de Camillo Lelles Bittencourt e de Maria Gonçalves.

## Teve:

- 2-1 Manoel Lelles Bittencourt, baptizado a 23 de Maio de 1874.
- 2-2 Alcides de Bittencourt, nascido em Paranaguá a 12 de Janeiro de 1884.

## § 3.º

- 1-3 Balduina Maria Marques da Cunha, casada a 22 de Abril de 1854 com Marcellino Gonçalves

Bueno, baptizado em Paranaguá a 2 de Abril de 1825, filho de Esequiel Gonçalves Bueno e de sua mulher Maria do Carmo.

Filhos:

2-1 Liberato Gonçalves Bueno, baptizado em Paranaguá a 10 de Setembro de 1855, onde se casou a 30 de Outubro de 1875 com Maria Salomé Pereira Alves, filha de Anna Joaquina do Carmo.

Filhos:

3-1 Major Euclides da Cunha Bueno, nascido a 8 de Outubro de 1886, official do exercito, engenheiro civil, casado com Luiza Lisboa Gomes Bueno, 7-4 de pagina 231 do 2.º volume da «Genealogia Paranaense»; ahi a ascendencia e descendencia.

3-2 Octacilia Bueno, nascida em Paranaguá a 3 de Setembro de 1876, casada com . . .

3-3 Ercilia Bueno, nascida a 31 de Outubro de 1879.

3-4 Maria Bueno, nascida a 25 de Agosto de 1878.

3-5 Melchiades Bueno, nascido a 4 de Junho de 1881.

3-6 Lavinia Bueno Gomes, casada com o 1.º Tenente Alberto Rodrigues Gomes, filho do Capitão Joaquim Rodrigues Gomes e de sua mulher Guilhermina Lisboa Gomes.

2-2 Salustiana Gonçalves Bueno, baptizada em Paranaguá a 3 de Março de 1858.

2-3 Salustiano Gonçalves Bueno, nasceu em Paranaguá a 19 de Maio de 1862, viuvo de Balbina da Rocha Bueno, 6-1 de 5-4 de pagina 256 do 1.º volume da «Genealogia Paranaense»; ahi os ascendentes e descendentes.

2-4 João Marcellino Gonçalves Bueno, solteiro. Habil guarda-livros. Baptizado em Paranaguá a 22 de Junho de 1866.

2-5 Marcellino Gonçalves Bueno Filho, baptizado em Paranaguá a 9 de Outubro de 1869, falleceu em estado de casado com . . .

§ 4.º

1-4 Eulalio da Cunha Marques, baptizado em Paranaguá a 29 de Outubro de 1855, sendo padrinhos seu tio João José da Cunha Vieira, solteiro, e sua tia Maria Gonçalves Marques. Foi guarda da Policia Aduaneira de Paranaguá. Falleceu solteiro.

§ 5.º

1-5 Manoel da Cunha Marques, baptizado em Paranaguá a 7 de Agosto de 1858, casado a 19 de Dezembro de 1887 com Julia Duarte Callado, filha de Joaquim Duarte Callado e de Deolinda Emilia de Medeiros.

§ 6.º

1-6 Gustavo da Cunha Lessa, baptizado em Paranaguá a 8 de Junho de 1849, solicitador, foi casado com a professora publica Anna . . . de Jesus.

§ 7.º

1-7 Laurinda, baptizada em Paranaguá em 12 de Maio de 1842, estando em perigo de vida; falleceu a 11 de Outubro de 1842.

§ 8.º

1-8 Rufina da Cunha, nascida em Paranaguá a 19 de Julho de 1851 e fallecida a 5 de Setembro de 1854.

§ 9.º

1-9 Evaristo da Cunha Marques, nascido a 23 de Julho de 1853, casado com Maria Joaquina Fernandes. Teve:

2-1 Alvaro da Cunha Marques, baptizado em Paranaguá a 16 de Maio de 1870.

2-2 Aristides da Cunha Marques, nascido em Paranaguá a 13 de Maio de 1883.

## § 10.º

1-10 Theotônio da Cunha Cruz, baptisado em Paranaguá, onde nasceu a 18 de Fevereiro de 1861 e fallecido a 4 de Fevereiro de 1862.

## CAPITULO 2.º

2 — Caetano da Cunha Marques, falleceu na Freguezia do Iguassú a 13 de Agosto de 1865, em estado de solteiro e sem filhos. Seus bens foram inventariados e partilhados entre todos os seus irmãos. Foi baptisado em Paranaguá a 9 de Abril de 1822.

## CAPITULO 3.º

3 — José da Cunha Marques, casado em Paranaguá a 12 de Dezembro de 1843 com Maria Gonçalves Marques, naturaes de Paranaguá, filha de Manoel Marques de Jesus e de sua mulher Izabel Maria Marques de Miranda; ella fallecida a 10 de Março de 1882.

## CAPITULO 4.º

4 — Maria Ubaldina de Alleluia, casada em Paranaguá a 16 de Abril de 1836 com Joaquim Luiz Cordeiro, que já era fallecido em 1865, filho de Joaquim Luiz Cordeiro, fallecido a 18 de Abril de 1843 com 60 annos de idade, e de sua mulher Maria Francisca da Conceição. Este ultimo casal teve um filho: Manoel Luiz do Nascimento, casado em Paranaguá em 24 de Julho de 1833 com Josepha Maria Cordeiro, filha de Jeronymo Alves dos Santos e de Josepha Nunes de Bittencourt, naturaes de Paranaguá.

Teve:

1-1 Maria Joaquina da Cunha	§ 1.º
1-2 Joaquina Cordeiro	§ 2.º
1-3 Euristella Cordeiro	§ 3.º

## § 1.º

1-1 Maria Joaquina da Cunha, nascida em Paranaguá a 1.º de Outubro de 1838, onde se casou a 22 de Maio de 1863 com Ignacio Corrêa da Fonseca, filho de Manoel Corrêa Mathoso e de sua mulher Francisca de Paula Miranda.

## § 2.º

1-2 Joaquina Cordeiro, nascida em Paranaguá a 6 de Março de 1837.

## § 3.º

1-3 Euristella Cordeiro.

## CAPITULO 5.º

5 — Augusta Maria da Cunha Marques, baptisada em Paranaguá a 8 de Abril de 1833, onde se casou a 9 de Julho de 1854 com Euristeu José da Cruz, baptisado em Paranaguá a 11 de Novembro de 1826, filho do Capitão Bento José da Cruz e Miquelina Romana da Cruz, netto pela parte paterna de José da Cruz e Maria Rodrigues, naturaes da Villa de Melgaço, netto pela parte materna de José Antonio e Rita Luciana, naturaes da freguezia de S. Izabel da Cidade de Lisboa. Filho:

## § 1.º

1-1 Albino da Cruz, nascido em Paranaguá onde foi baptisado a 27 de Maio de 1855, sendo padrinho o Padre Albino José da Cruz, nasceu a 24 de Abril de 1855.

1-2 Maria da Cunha Cruz, baptisada em Paranaguá a 3 de Maio de 1860.

1-3 Januaria da Cunha Cruz, nascida em Paranaguá a 12 de Março de 1858.

## CAPITULO 6.º

- 6 – João José da Cunha Vieira, baptisado em Paranaguá a 31 de Janeiro de 1826. era solteiro em Outubro de 1855 quando serviu de padrinho de seu sobrinho Eulalio da Cunha Marques, filho de seu irmão Manoel Marques da Cunha.  
Sem filhos:

## CAPITULO 7.º

- 7 – Francisca Maria da Cunha Marques, casada em Paranaguá a 22 de Maio de 1847 com Theotonio Soares de Mello, Commerciante em Paranaguá, natural da Villa de Visca-Portugal, filho legitimo de Serafim Soares de Mello e de sua mulher Maria Joaquina de Mello. Fallecendo sua mulher, a 23 de Maio de 1867, passou Theotonio Soares de Mello a segundas nupcias com Francisca Maria de Mello, natural de Antonina, filha de João Antonio de Mello e de sua mulher Rita de Mello. Falleceu elle a 20 de Maio de 1881.

Filhos:

1-1 Maria Francisca de Mello	§ 1.º
1-2 Almerinda de Mello	§ 2.º
1-3 Theotonio Soares de Mello	§ 3.º
1-4 Francisca de Mello	§ 4.º
1-5 Virgilio de Mello	§ 5.º
1-6 José da Cunha Mello	§ 6.º
1-7 Arminda de Mello Lyra	§ 7.º
1-8 . . . . .	

## § 1.º

- 1-1 Maria Francisca de Mello, baptisada em Paranaguá a 12 de Abril de 1848, casada em 1.ªs nupcias com seu primo Felinto Elyseu Cordeiro. Do seu primeiro matrimonio teve a filha unica:  
2-1 Virginia de Mello Cordeiro, casada com João Augusto Marcondes, de quem ella foi 2.ª esposa, 6-6 de pagina 499 do 3.º volume desta obra.

## § 2.º

- 1-2 Almerinda de Mello, baptisada em Paranaguá a 1.º de Outubro de 1849 e fallecida a 28 de Abril de 1852.

## § 3.º

- 1-3 Theotonio Soares de Mello, nascido em Paranaguá, a 3 de Agosto de 1851.

## § 4.º

- 1-4 Francisca de Mello, baptisado em Paranaguá a 5 de Junho de 1853 e fallecida a 14 de Fevereiro de 1855.

## § 5.º

- 1-5 Virgilio de Mello, nascido em Paranaguá a 16 de Abril de 1855, fallecido a 17 de Janeiro de 1868.

## § 6.º

- 1-6 José da Cunha Mello, nascido em Paranaguá a 24 de Junho de 1858, telegraphista aposentado do telegrapho nacional. Foi casado em 1.ªs nupcias com Elisa Martins de Mello, filha de Domingos Martins da Cruz e de sua mulher Rosa Martins da Cruz, 5-4 de pagina 170 do 4.º volume desta obra; ahi a ascendencia e descendencia. Foi casado em 2.ªs nupcias com Virgelina Chaves de Mello. Sem filhos do segundo casamento.

## § 7.º

- 1-7 Arminda de Mello Lyra, nascida em Paranaguá a 5 de Agosto de 1859. Casada com Joaquim Lyra. Sem filhos.

## § 8.º

- 1-8 Lucilo, fallecido com 4 annos em 9 de Outubro de 1856.

## CAPITULO 8.º

8 — Antonio da Cunha Marques, já era fallecido em 1865. Foi casado com Maria da Luz Marques.

Filhos:

- |                                 |       |
|---------------------------------|-------|
| 1-1 Alfredo da Cunha Marques    | § 1.º |
| 1-2 Antonio Cunha Marques Filho | § 2.º |
| 1-3 Francisca da Cunha Marques  | § 3.º |

## § 1.º

1-1 Alfredo da Cunha Marques, nasceu em 1855, era solteiro em 1881.

## § 2.º

1-2 Antonio da Cunha Marques Filho, baptisado em Paranaguá a 18 de Agosto de 1831, já era casado em Janeiro de 1881.

## § 3.º

1-3 Francisca da Cunha Marques, casada com José Benedicto.

## CAPITULO 9.º

9 — Fernando da Cunha Marques, baptisado em Paranaguá a 3 de Agosto de 1820, onde se casou a 20 de Junho de 1846 com Maria Domingas da Rocha filha de José Pedro da Rocha e de Emerenciana Maria da Rocha. Casado em segundas nupcias com Theophila

Em nota:

- Theotônio Soares de Mello, de seu 2.º matrimonio teve:  
 1-8 Olegario Soares de Mello, fallecido com 10 annos de idade.  
 1-9 Izabel, fallecida em criança.  
 1-10 Aristides Soares de Mello, foi casado, sem filhos.  
 1-11 Octavio Soares de Mello, nascido em Paranaguá a 14 de Novembro de 1872, é casado com Etelvina Rangel, filha de João Rangel.  
 1-12 Octaciano Eugenio de Mello, nascido em Paranaguá a 14 de Julho de 1874, é casado com uma irmã de Etelvina.  
 1-13 Pergentino de Mello, é casado com Delma de Mello.

Carrão de Macedo Cunha, filha de Vicente Ribeiro Callado e de sua mulher Balbina Maria da Piedade. Foi Commerciante em Curitiba a Rua Riachuello.

Do primeiro matrimonio teve:

- |   |       |
|---|-------|
| 1-1 Professor Ferdinando da Cunha Marques | § 1.º |
| 1-2 Maria Dorcelina Cordeiro              | § 2.º |
| 1-3 Daria da Cunha Marques                | § 3.º |
| 1-4 Dalia Cunha Marques                   | § 4.º |

Do segundo matrimonio teve:

- |                              |       |
|------------------------------|-------|
| 1-5 Augusta da Cunha Freitas | § 5.º |
|------------------------------|-------|

## § 1.º

1-1 Professor Ferdinando da Cunha Marques, nasceu em Paranaguá a 10 de Agosto de 1847. Exerceu com competencia e devotamento o cargo de professor publico da 1.ª cadeira de Instrução Primaria de Curityba. Revelando talento e methodo pedagogico o governo o designou para leccionar interinamente, por mais de uma vez, no antigo Lyceu Curitybano. Era geralmente estimado pelo meio social e respeitado por seus alumnos. Falleceu solteiro em 20 de Dezembro de 1874.

## § 2.º

1-2 Maria Dorcelina da Cunha Cordeiro era casada com seu primo Felinto Elyseu Cordeiro com 17 annos em 1865, que foi inspirado poeta, filho de José Cordeiro de Miranda e de sua mulher Izabel Maria Joaquina de Miranda Capitulo 10.º deste Titulo.

Filhos:

2-1 Alcina Cordeiro de Lacerda, nascida a 25 de Abril de 1890, casada a 10 de Outubro de 1905 com Ernesto de Lacerda, filho de Pedro Dinengeon Lacerda e de sua mulher Zelinda Purcina de Lacerda.

Filhos:

3-1 Arcenio Cordeiro Lacerda

- 3-2 Ledoneta de Lacerda casada com Liberato de Castro Junior.  
 3-3 Octacilio de Lacerda.  
 3-4 Ernestina de Lacerda.  
 3-5 Odila Lacerda.
- 2-2 Eulalia Cordeiro Copla, falecida a 19 de Setembro de 1916, casada a 23 de Junho de 1904 com Luiz Copla.  
 Sem filhos.
- 2-3 Izolina Cordeiro Pinto, casada a 30 de Junho de 1896 com Benigno Caetano Pinto, filho de Felisbino Caetano Pinto e de sua mulher Severiana Caetano Pinto.  
 Filhos:  
 3-1 Elysio Pinto, falecido.  
 3-2 Ulysses Pinto, casado com Antonia Pinto.  
 3-3 Odila Pinto, casada com Tobias de Arruda.  
 3-4 Eulalia Pinto, casada com Albino Jansen.  
 3-5 Amalio Pinto.  
 3-6 Maria Pinto.
- 2-4 Olimpio Cordeiro, falecido foi casado a 31 de Janeiro de 1901 com Esteleta Caetano Pinto filha de Felisbino Caetano Pinto e de sua mulher Severiana Caetano Pinto.  
 Filhos:  
 3-1 Alcina Cordeiro Langué, casada com João Langué.  
 3-2 Aristides Cordeiro, casado com Josephina Mineiro Cordeiro.  
 3-3 Alcebiades Cordeiro, casado com Anna Pinto.  
 3-4 Eulalia Cordeiro, casada com José Domingues.  
 3-5 Alice Cordeiro, casada com Julio Vieira.
- 2-5 Arcenio Cordeiro, falecido em 9 de Junho de 1893.
- 2-6 Anthenor Cordeiro, casado a 27 de Janeiro de 1906 com Euphrasia Ferreira da Rosa filha de Francisco Ferreira da Rosa e de Thereza Correa da Rosa.  
 Filhos:  
 3-1 Eulalia Cordeiro, casada com Abilio Capitão.  
 3-2 Thereza Cordeiro, casada com Euclides Mercê.

- 3-3 Argentino Cordeiro.  
 3-4 Felinthro Cordeiro.  
 3-5 Lauro Cordeiro.  
 3-6 Adelina Cordeiro.  
 3-7 Maria Luiza Cordeiro.  
 3-8 Mercedes Cordeiro.  
 3-9 Accacio Cordeiro.
- 2-7 Prescilliano Cordeiro, casado a 12 de Outubro de 1905 com Maria dos Anjos Baptista filha de José Baptista e de Ermelina Baptista.  
 Filhos:  
 3-1 Felinto Cordeiro, casado . . . . .  
 3-2 Maria Cordeiro, casada com Arator de Oliveira.  
 3-3 Donaide Cordeiro, casada com Jorge . . . . .  
 3-4 Silvio Cordeiro.  
 3-5 Olimpio Cordeiro.  
 3-6 Mila Cordeiro.  
 3-7 Estella Cordeiro.
- 2-8 Elvira Cordeiro Alves Guimarães, nasceu a 16 de Março de 1892 e faleceu a 17 de Junho de 1933 sendo casada a 11 de Novembro de 1911 com Maurilio Alves Guimarães filho de Antonio Pedro Guimarães e de Emilia Guimarães.  
 Sem filhos.
- 2-9 Luiza Cordeiro Camargo, casada a 18 de Outubro de 1902 com Olimpio de Oliveira Camargo falecido a 18 de Junho de 1911 filho de Pedro Severo Camargo e de Maria Mathozo.  
 Teve:  
 3-1 Maria da Conceição Camargo, casada com Euclides Bonfati.

## § 3.º

- 1-3 Daria Marques da Cunha, nascida em Paranaguá a 20 de Maio de 1854.

## § 4.º

- 1-4 Dalia Marques da Cunha, falecida aos 14 mezes de idade a 1 de Janeiro de 1852. (1)

## § 5.º

- 1-5 Augusta da Cunha Freitas, casada com João Ribeiro de Freitas filho de João José de Freitas e de sua mulher Porfíria Maria da Conceição Freitas.

Filhos:

- 2-1 João Ribeiro de Freitas Junior, casado com Helena Xavier de Freitas filha do Coronel João Antonio Xavier e de sua mulher Maria da Conceição Freitas, neto pela parte paterna de Manoel Antonio Xavier e de sua mulher Anna Fernandes dos Santos; neta pela parte materna de João José de Freitas e de sua mulher Porfíria Maria da Conceição.

Filhos:

- 3-1 Maria Augusta de Freitas Silva, casada com Francisco da Silva.

Filhos:

- 4-1 Maria da Luz.

- 3-2 Leonidas de Freitas Silva.

- 2-2 Pedro Eugenio de Freitas, casado com Euthalia de Menezes Freitas, filha do General reformado Adalberto Gonçalves de Menezes e de sua primeira mulher Maria Camilla de Lima neta pela parte paterna do Major Joaquim Antonio Gonçalves de Menezes e de sua mulher Catharina Carrão de Menezes; neta pela parte materna do Capitão José Machado da Silva Lima e de sua 2.ª mulher Maria Clara Pinheiro de Lima.

Filhos:

- 3-1 Siloé.

- 3-2 Maria Camilla.

(1) — Houve visível engano do auctor Dalia Marques da Cunha deveria ser a 3.ª filha e Daria a 4.ª — Nota do Revisor.

- 2-3 Maria da Luz Freitas Schiefler viuva de Lothario Maria da Silva Schiefler.

Filhos:

- 3-1 Lucy Maria de Freitas Schiefler.

- 2-4 Francisco de Paula Freitas, solteiro.

- 2-5 Maria de Lourdes Freitas Colin, casada com Aroldo Colim filho de Affonso Colin e de sua mulher Adelina Pereira Colin.

Filhos:

- 3-1 José Maria.

- 2-6 Rachél Sant'Anna de Freitas, solteira.

- 2-7 Lauro de Paula Freitas, solteiro.

- 2-8, 2-9, 2-10 e 2-11 falleceram na infancia.

## CAPITULO 10.º

- 10 — Francisco, não figura no inventario por morte de seu irmão Caetano. Nasceu em Paranaguá a 24 de Novembro de 1839 e baptisado em 20 de Janeiro de 1840. Provavelmente já era fallecido em 1865.

## CAPITULO 11.º

- 11 — Izabel Maria Cordeiro de Miranda, no assentamento de casamento figura como Izabel Joaquina de Alleluia, baptisada em Paranaguá a 9 de Janeiro de 1828 e ahi casada a 3 de Junho de 1843 com José Cordeiro de Miranda, filho de João Alves Cordeiro fallecido em 31 de Dezembro de 1845 e de sua mulher Antonia Clara de Miranda; neta pela parte paterna de José Nunes Cordeiro e de sua mulher Catharina Alves Tosta. Izabel Maria Cordeiro Miranda falleceu em Paranaguá a 14 de Maio de 1858.

Filhos:

- 1-1 Felintho Elyseu Cordeiro § 1.º

- 1-2 José Cordeiro de Miranda Filho § 2.º

- 1-3 Guilhermina Cordeiro de Miranda § 3.º

## § 1.º

- 1-1 Felintho Elyseu Cordeiro, nascido em 1848, fallecido a 4 de Maio de 1896, casado em 1.ªs nupcias com Maria Francisca de Mello, filha de Theotônio Soares de Mello e de sua mulher Francisca Maria da Cunha — Capitulo 7.º retro. Casado em 2.ªs nupcias com sua prima Maria Dorcelina da Cunha, fallecida em 1919 filha de Fernando da Cunha Marques e sua primeira mulher Maria Domingas da Rocha § 2.º do Capitulo 9.º retro, ahi os ascendentes e descendentes.

## § 2.º

- 1-2 José Cordeiro de Miranda Filho, falleceu solteiro aos 28 annos de idade a 21 de Abril de 1880.

## § 3.º

- 1-3 Guilhermina Cordeiro de Miranda, nascida em Morretes a 21 de Julho de 1853, e fallecida a 16 de Agosto de 1891, e ahi casada a 11 de Fevereiro de 1871, com o Capitão Manoel Azevedo da Silveira Junior, natural de Antonina, filho de Manoel Azevedo da Silveira e de sua mulher Maria Francisca do Nascimento Silveira. Manoel Azevedo da Silveira Junior por morte de sua primeira mulher passou a segundas nupcias em 21 de Julho de 1892 com Luiza de Mattos Paiva de Azevedo filha de Martinho de Mattos Paiva e de sua mulher Anna de Paiva, desse segundo casamento teve o filho unico — Guttenberg Azevedo da Silveira, casado com Amelia Pichet.



## Titulo Azevedo da Silveira



Familia Azevedo da Silveira, do Paraná, teve como tronco o portuguez (ilhéo) Manoel Azevedo da Silveira, vindo então da America do Norte, para onde fôra muito novo, embarcado, e se fizera marinheiro por algum tempo e finalmente tanoeiro, profissão que mais tarde transmitiu a todos os filhos.

Em S. Francisco da California ficára o seu irmão segundo, José Azevedo da Silveira, de quem ha por lá numerosa descendencia.

Vindo para o Brasil casou-se em Cananéa, S. Paulo, com sua prima, Maria Francisca do Nascimento, natural d'ali, passando-se o casal para Antonina, no Paraná, onde trabalhou de tanoeiro e, com o filho primogenito, dava-se á pesca tambem, mas para o consumo domestico, Em seguida passou-se para Morretes com a familia, onde viveu por muitos annos, acabando, já edoso, de longas

barbas brancas, por dedicar-se ao pequeno Commercio, estabelecido em casa propria na rua dos *Mineiros*.

Transferindo-se a familia para Curitiba, indo residir no sitio de *Agua Verde*, á frente do *Capão do Meira*, o velho *Balaio*, como éra conhecido, permaneceu ainda algum tempo em Morretes em companhia dos filhos Sergio e Antonio, com o seu commercio. Em 1890, terminado com prejuizos o negocio, o filho mais velho foi buscal-o mais tarde, juntou-se o velho novamente ao filho Sergio, então em Porto União, vivendo da tanoaria e da construção de pequenas embarcações fluviaes. Apanhado pela revolução de 1893, nessa paragem, muito sofreu, com o filho, da invasão revolucionaria dos Saraivas e em seguida, das forças legais que, no Paraná, rivalisaram com as hordas invasoras. Conseguiu sahir dessa localidade e, maltratado, apesar da sua velhice, chegou á Curitiba estropiado e exausto, falecendo um mez após, em 1894, rodeado da familia toda, esposa, filhos e netos. O apellido *Balaio*, que designava toda a familia e era usado pelos seus descendentes, lhe fôra trazido pela esposa, que o herdara do pae, ao que parece, um dos envolvidos na revolta da *Balaçada* bahiana, segundo á tradição em uma familia de Iguape e que tem o mesmo apellido.

Filhos:

- 1-1 Manoel Azevedo da Silveira Junior, falecido.
- 1-2 José, idem.
- 1-3 João, idem.
- 1-4 Lauriano.
- 1-5 Sergio, falecido.
- 1-6 Antonio, idem.
- 1-7 Francisco.
- 1-8 Francisca, falecida.
- 1-9 Januarina, idem.
- 1-10 Zilia, idem.
- 1-11 Isolina.
- 1-12 Rosa.

Todos nascidos no Paraná.

O mais velho dos seus filhos, Manoel Azevedo da Silveira Junior era natural de Antonina, nascido a 12 de Março de 1850.

Silveira Junior, tanoeiro, premiado na Esposição de St. Louis, America do Norte, em . . . , trabalhava com pericia tambem em carpintaria, barricas, objectos de cobre, e notavelmente propenso á mechanica.

Inculto, mas de inteligencia viva, éra dos mais brilhantes amadores de theatro, no seu tempo, ao lado de Damaso Bittencourt, João Ferreira Leite, Gustavo Pinheiro, Eurico Andrade Neves, João Ferraz, Ephigenio Lopes, e outros. Iniciara-se no palco em Morretes, na celebre *Sociedade X*. Devotado á Maçonaria, lhe foi fiel durante a vida.

Tinha o gráo 33 e éra membro honorario do Gr.: Or.: do Brasil; foi um dos fundadores da Ben.: Loj.: Cap.: Fraternidade Paranaense.

De idéas avançadas, para o tempo, embora militando no partido conservador, sob a chefia do insigne parlamentar Dr. Manoel Euphrasio Correia, dedicava-se com extremo á classe operaria, tendo fundado em 1883, sob iniciativa do pedreiro Benedicto Marques, a *Sociedade Protectora dos Operarios*, de Curitiba, da qual foi o primeiro presidente, dirigindo-a por alguns annos. Em 1891 organisou o *Congresso dos Operarios*, associação que tinha por fim congregar politicamente os homens do trabalho no Paraná e cujos Estatutos datam de 2 de Maio daquele anno. Foi de pouca duração por intransigencias do seu organisador em relação a concessões que pretendia da politica dominante para a classe operaria. Funcionou esse *Congresso* na actual Avenida João Pessôa, mantendo uma escola nocturna para operarios.

Ao inaugurar-se o *Engenho Central*, na colonia *Nova Italia* (Sitio Grande) em Morretes, em 1879, fundado e dirigido pelo Dr. Adolpho Lamenha Lins, o grande presidente da provincia do Paraná, Silveira Junior, então na cidade morretense, fez parte da administração dessa fabrica de assucar e aguardente, encarregando-se da montagem e direção do alambique de distilação da aguardente, alem de ser o constructor das grandes dornas e toneis de vinte pipas, para a fermentação do

caldo de cana e deposito do alcool produzido, que chegara a mais de cem pipas annuaes.

Trabalhou por algum tempo na officina da construção da linha ferrea, em Morretes, transferindo-se depois para Curitiba em fins de 1879, onde se entregou á profissão de tanoeiro. Em 1894 exerceu o cargo de fiscal geral da Municipalidade, em Curitiba. Falleceu em Curitiba a 28 de Junho de 1905, victima de variola.

De seu matrimonio teve 1-3 os seguintes filhos:

2-1 Dr. Manoel Azevedo da Silveira Netto, nascido em Morretes a 4 de Janeiro de 1872.

Silveira Netto passou a infancia parte em Antonina e parte em Morretes, onde assistiu nésta a inauguração do *Engenho Central*, grande fabrica de assucar e aguardente. Iniciou em Morretes seus estudos primarios com o professor Libero Teixeira Braga, continuando-os em Curitiba, para onde se mudara sua familia em fins de 1879, no *Collegio Curytibano*, do provector professor Nivaldo Teixeira Braga, então sito á *rua dos Allemães* (actual 13 de Maio?). Ali conheceu pessoalmente o Imperador D. Pedro II, na visita feita ao Collegio pelo Monarcha em 1881. Mais duas vezes tornou a Morretes com seus paes, em tempo de safra, antes de construida a linha ferrea para Curitiba, viajando pela estrada da Graciosa nas tradicionaes carroças de toldo puchadas a tres e quatro parelhas. Trabalhou por dous annos na tanoaria paterna, deixando-a em vista das suas tendencias para as bellas Artes e literatura, de que vinha dando provas.

Em 1887 matriculou-se no curso de preparatorios do *Instituto Paranaense*, prestando em 1888 seu primeiro exame, com distincção. Foi um dos alumnos fundadores da *Escola de Industria e Bellas Artes*, inaugurada em Curitiba a 22 de Junho de 1886, por iniciativa do pintor portuguez Antonio Mariano de Lima. Em 1889 interrompeu esses estudos, entrando para a *Litographia do Commercio*, dirigida pelo gravador e caligrapho Narciso Figueras. Iniciou-se ali no estudo de gravura e desenho littographico, sendo colaborador artistico da revista de N. Figueras (?). Em 1888 fun-

dara, com Manoel Pernetta e Brasilio Costa, o seu primeiro jornal: *A Luta*; e collaborava na folha estudantal *A Idéa*.

Espirito republicano, frequentador das conferencias de propaganda e lido nas obras socialistas de Magalhães Lima, manifestava já em artigos e discursos a sua indole de livre pensamento.

Revelando alta capacidade para bellas artes, chegou a ser pensionado, juntamente com Paulo Assumpção, por lei da Assembléa Provincial, para estudar pintura na Academia de Bellas Artes do Rio de Janeiro.

Solicitando, porem, o pagamento da pensão lhe foi élla negada sob alegação de falta de numerario nos cofres provinciaes. (Pouco tempo depois verificava-se um desfalque nesses cofres.) Falta de recursos para sair e de mestres no Paraná, para o seu anseio de arte, apresentou-se ao concurso da *Thezouraria de Fazenda*, aberto em 1890.

Classificado, foi nomeado praticante por título de 27 de Maio de 1891. Casou-se a 28 de Janeiro de 1893 com D. Amelia Alcantara da Silveira, nascida a 5 de Agosto de 1875 em Curitiba, filha legitima de Wenceslau Jeronymo da Cunha Alcantara, ex-contador da Thezouraria de Fazenda do Paraná e natural da Bahia, fallecido no Rio em 1927, e D. Magdalena M. Pichet Alcantara, natural de Curitiba e fallecida em Matto Grosso em 1890. Silveira Néttó foi um dos fundadores do grupo do *Cenaculo*, em Curitiba, em 1893, com Dario Vellozo, Julio Fernetta e Antonio Braga, grupo que publicou a revista de letras e arte, desse título, de 1895 a 1897, congregando na sua collaboração toda a mentalidade paranaense déssa época. Do *Cenaculo* sahiram *Alma Penitente*, poema, e *Esquifes*, contos, requintada literatura de Dario Vellozo; *Bronzes*, prosa, e *Costumes Paranaenses*, novelas, paginas eloquentes e estudos regionaes de singular observação, de Julio Pernetta; os vibrantes sonetos de Antonio Braga; e grande parte do *Luar de Hivero*, de Silveira Netto, aparecido no Rio em Janeiro de 1901, sendo, com *Ave Maria*, de Luiz Gui-

marães Filho, os dous primeiros livros de verso que abriram o seculo no Brasil.

Prefaciou-o com longo e caloroso *Elogio* o notavel critico e pensador Nestor Victor.

Anteriormente, em 1900, publicara em *plaquete* uma elegia á morte de Antonio Nobre, o genio do symbolismo Lusitano, illustrada com vinhetas a cores, desenhadas e gravadas pelo autor, e editada pela firma Correia & Com., de Curitiba e de que fazia parte o beletrista Leocadio Correia.

*Luar de Hivero*, escreveu *Andrade Muricy*, jovem e consagrado escriptor da nova geração brasileira: "foi um dos livros mais consideraveis produzidos na literatura symbolistica do Brasil."

"É um dos casos mais typicos do poeta brasileiro — triste — mas sua tristeza é muito diversa da de Casimiro de Abreu ou de nosso contemporaneo Pereira da Silva. Não tem a dor concentrada deste, nem o lyrismo soluçante e meigo daquele. Seu soffrimento é cortado de extranhos deslumbramentos, de fantasias espectraes e sinistras. Esse character do seu verso integra-o legitimamente na corrente symbolista.

Sua vibratibilidade tinha surtos épicos que davam ao seu verso o entono de — um Castro Alves que desesperasse, um poeta épico que se dispuzesse terrivelmente a causa da epopéa do Nada — como delle disse Nestor Victor. O successo do livro foi fóra do commum; escreveram sobre elle autores de nomeada no Paraná, no Rio, S. Paulo e outros Estados, tendo referencias honrosas em Portugal e na França. Fundou ainda em Curitiba as seguintes revistas: *O Guarany*, illustrada e humoristica, com Augusto Streser, o futuro e inspirado autor da Ópera *Sidérea*; e com outros, *Turris Eburnea*, *Pallium* e *Jerusalem*. Fez parte da redacção do *Club Curitibano*, dirigida por Dario Vellozo, e collaborou na imprensa diaria e periodica do Paraná, em Jornaes do Rio, e na *Revue Franco Italienne*, de Napoles, Giuseppe Gramagna. Em 1898 publicou o opusculo *Pela Consciencia*, de acção maçonica, em cuja Ordem tem militado.

## II

Extincta a Thesouraria de Fazenda do Paraná, em 1893, foi Silveira nomeado em commissão official da Caixa Economica de Curitiba, voltando pouco depois á Delegacia Fiscal do Thesouro, de onde sahiu em 1894 com os demais empregados, exonerados *por trahidores á Republica*, em consequencia da revolução de 1893, apesar do seu manifesto florianismo.

Tornou por algum tempo ao desenho litografico, trabalhando na officina Hoffman, de Curitiba. Exerceu o cargo de bibliothecario do Estado, que já occupava quando estudante, até que em Abril de 1896 fez a sua primeira viagem ao Rio de Janeiro, entrando para o Thezouro Federal como 4.º escripturario, por decreto de 6 de Maio seguinte. Instalado no Rio, entrou em Relações com Nestor Victor, Cruz e Souza, Mello Moraes Filho, Sylvio Roméro, Alberto de Oliveira, Collatino Barroso, Carlos Dias Fernandes, Arthur Miranda, Oliveira Gomes, Netto Machado, Antonio Austregesilo, Gustavo Santiago, e outros, que formavam, excepto Mello Moraes, Sylvio e Alberto, a vanguarda intrepida e illustre dos nóvos, que proclamavam a arte symbolista no Rio. Em Junho de 1897 foi nomeado 2.º escript.º da Alfandega de Paranaguá, removido em Abril de 1898 para a Delegacia Fiscal em Curitiba, e ahi promovido a 1.º escript.º por decreto de 11 de Março de 1902. Nesse anno foi nomeado Inspector da Alfandega de Corumbá, em Matto-Grosso, por decreto de 28 de Agosto, funcionando até 4 de Agosto de 1903, por se ter exonerado a pedido.

A 11 de Novembro de 1904 foi designado, juntamente com Benedicto Nicolau dos Santos, escriptor e musicista de merito, para instalar a Meza de Rendas da Fóz do Iguassú, então creada, o que se realisou a 19 de Abril de 1905, administrando-a até 20 de Abril de 1906, por ter sido dispensado a pedido.

Em 1910 foi nomeado 3.º escript.º da Recebedoria do Districto Federal, por decreto de 17 de Fevereiro; e Inspector da Alfandega de Paranaguá por decreto

de 28 de Dezembro. Em sua gestão trasladou a alfandega para o novo edificio no Porto Pedro II, ha muito construido e quasi abandonado, tirando-a do velho e infecto convento á margem do *Itiberê* e cujas obras datavam de 1740, sendo a repartição nelle instalada em 1827. Em o novo local, fronteiro ao ancoradouro natural, na bahia paranaguense, conseguiu para a Alfandega a construcção da ponte de madeira, para descarga, com guindaste a vapor, que ali servem. Dispensado da inspectoría a pedido, por decreto de 2 de Abril de 1912, retirou-se a 29 de Maio.

Em 1913 foi, com o escript.<sup>o</sup> da mesma Alfandega Francisco de Paula Dias Negrão, hoje aposentado, e auctor desta obra, designado para instalar e dirigir o serviço de encomendas postaes na Delegacia Fiscal do Paraná, o que se fez a 2 de Agosto desse anno. Dispensado a pedido em 1916, voltou a dirigil-o em 1922, já 2.<sup>o</sup> escript.<sup>o</sup> da Recebedoria do D. Federal, por decreto de 3 de Fevereiro de 1917.

Promovido a 1.<sup>o</sup> escript.<sup>o</sup> da Recebedoria por decreto de 17 de Fevereiro de 1928, aposentou-se por decreto de 28 de Março de 1931. Na sua carreira burocratica, de mais de 38 annos de serviço, mereceu honrosas referencias em portarias e relatorios de chefes, no Paraná e no Rio, por trabalhos desempenhados.

### III

Em 1904 frequentou, com Augusto Stresser, a aula de desenho do eminente mestre Alfredo Andersen. Em 1910 tomou parte em uma serie de conferencias publicas na Associação dos Empregados no Commercio, do Rio, tratando das cachoeiras do *Iguassú* e *Guayrá*; conferencia repetida em 1912 em Curitiba, sob os auspicios do presidente do Estado Dr. Carlos Calvalcanti.

Em 1914, ampliado esse trabalho, constituiu o livro *Do Guayra aos Saltos do Iguassú*, impresso por conta da Secretaria de Agricultura do Estado, dirigida pelo Dr. Ernesto Luiz de Oliveira, com photografuras das cachoeiras e da região do Iguassú e um bello desenho original de Aureliano da Silveira, e que

foi recebido com grandes louvores pela imprensa do Paraná, do Rio e de outros Estados. Rubens do Amaral, hoje um dos grandes jornalistas da Paulicéa, considerou-o um trabalho completo, revelando-se nelle o autor como artista, escriptor, conhecedor do assumpto e patriota.

A *Gazeta de Noticias*, do Rio, assim se exprimiu: "É outro escriptor de relevo. Silencioso, profundamente intimo, Silveira é, na grande poesia, uma personalidade que sempre nos surpreheende pela sua excessiva subjectividade. É essas mesmas qualidades, ligadas a uma visão objectiva, que não é menos de admirar, dão ao seu estilo de prosador uma feição viva e brilhante das cousas." João Itiberê escreveu pelo *Correio da Manhã*: "Providencial acaso, este, que obriga um poeta — e dos mais notaveis — a entrar em contacto com a maravilhosa e barbara poesia de um dos quadros mais empolgantes da natureza brasileira. Silveira Nétto, cujo temperamento de artista já se nos tinha revelado nas paginas fortes e inspiradas do *Luar de Hivero*, estava assignalado para ser o chronista destas terras de maravilha e destas aguas de sonho." Jornal do Commercio, Illustração Brasileira, A Tribuna, O Imparcial, A Imprensa, A Rua, o jornalismo da capital do paiz, emfim, receberam éssa obra com grandes demonstrações de apreço. Silveira Nétto é autor do *Hymno Morretense*, versos muzicados por Luiz da Silva Bastos, tambem de Morretes e musicista de talento, falecido em 1933. Hymno escripto por occasião do 50.<sup>o</sup> anniversario da emancipação do Paraná, em 1903.

Em 1913 escreveu uma elegia á memoria do notavel compositor e diplomata paranaense Dr. Brasilio Itiberê da Cunha, posta em musica pelo maestro Léo Kessler e cantada brilhantemente em Curityba.

Em 1922, a 7 de Setembro, a *Gazeta do Povo*, o prestigioso diario curitibano de Acir Guimarães, publicou luxuoso numero commemorativo do centenario brasileiro, dedicando uma das suas paginas literarias

a Silveira Néto, com o distico: O actual principe da poesia paranaense.

Em 1923 o *Anuario do Brasil*, do Rio, editou o seu livro de poemas *Ronda Crepuscular*, recebida pela imprensa e pela critica do paiz com honrosos elogios.

Dario Vellozo promoveu no *Templo das Muzas*, do Instituto Néto Pythagorico, brilhante homenagem á publicação desse livro, em fésta litero-musical, fazendo-se ouvir Dario, Dezembargador Santa Ritta, Drs. Andrade Muricy, Cyro Vellozo, Raul Taborda, Maestro Raul Mensing, em louvor á vida e á obra do poeta.

Em 1924 deu em volume, com o retrato de Cruz e Souza, desenho seu, o ensaio sobre o poeta Negro, lido como discurso oficial no encerramento das grandes homenagens prestadas ao genial poeta, no Rio, ao completar o 25.º anniversario de sua morte. A 3 de Outubro de 1925 cantou-se no *Theatro Municipal* da Capital Federal, pela companhia lyrica Walter Mocchi a ópera *O Bandeirante*, partitura do jovem maestro Assis Republicano sobre o poema-libreto de Silveira Néto. Ampliado depois, foi esse poema publicado em 1927, graças ao premio de cinco contos de reis concedido ao autor pelo Conselho Municipal e Prefeito Prado Junior, do Districto Federal; juntamente com o de dez contos ao autor da partitura para se ir aperfeiçoar na Europa. A ópera *O Bandeirante* consagrou o alto merito do compositor, e o poema-libreto, publicado, foi victoriosamente recebido pela imprensa.

Ainda em 1927 publicou a nova edição do *Luar de Hivero*, accrescida de uma nota historica por Andrade Muricy, que declara:

"Luar de Hivero é um dos mais requintados livros do symbolismo brasileiro, pela qualidade da emoção principalmente." Em 1930 Andrade Muricy deu á publicidade dous estudos:

*A obra posthuma de Emiliano e Silveira Néto*, illustradas as duas plaquetas com o retrato dos poetas que são, nesses trabalhos, analysados fina e elo-

quentemente sobre as suas personalidades. Em 1922 Silveira Néto presidira, por consenso de seus pares, a organização da Academia de Letras do Paraná, onde elegeu para seu patrono o poeta Fernando Amaro, o precursor dos poetas paranaenses e que viveu e sepultou-se em Morretes.

Pertence ao *Instituto Historico e Centro de Letras do Paraná*, e á *Associação dos Artistas Brasileiros do Rio*. É socio correspondente da *Academia Amazonense de Letras*, e efectivo do *Cenaculo Fluminense de Historia e Letras*, onde foi solemnemente recebido a 23 de Maio de 1931, inaugurando a cadeira *Raja Gabaglia*. Visitando o Paraná, com sua senhora, em 1932, Dezembro, a Março de 1933, teve dos seus conterraneos vibrante acolhida, na imprensa e em recepções no *Gremio das Violetas*, *Instituto Néto-Pythagorico*, *Circulo de Estudos Bandeirantes*. A Sociedade Theatral *Renascença* e grande numero de artistas e intellectuaes, da capital paranaense, prestaram-lhe sumptuosa homenagem em fésta realisada na noite de 23 de Fevereiro de 1933, no Theatro Guayra, onde foi saudado, fazendo-se ouvir notaveis declamadoras e musicistas dos mais illustres do Paraná, com o theatro literalmente cheio da mais selecta assistencia curitibana. Silveira Néto proferiu, então, a sua conferencia sobre *Fernando Amaro*, extenso estudo a respeito do precursor dos poetas paranaenses e seu patrono na Academia de Letras do Paraná.

Convidado a visitar Morretes, sua cidade natal, pelas associações locais e prefeito municipal, ali esteve a 15 de Março seguinte, recebido festivamente. Reproduziu no Theatro Municipal a conferencia *Fernando Amaro*, que é um trecho da historia morretense, sob calorosos aplausos, e sendo-lhe a 16 oferecida no Club 7 de Setembro brilhante recepção em que ouviu, ao chegar, o *Hymno Morretense* cantado por senhoritas, sendo, após, saudado por diversos oradores. João Turim, o illustre esculptor, filho de Morretes, modelou em baixo relevo a cabeça do poeta. Esse trabalho, altamente expressivo, figurou no *Salão* da Escola Nacional

de Bellas Artes, no Rio, em Agosto do mesmo anno. Silveira Nétto cursou a Faculdade de Philosophia e Letras da antiga Academia de Altos Estudos, fundada pelo Inst. Hist. e Geographico Brasileiro, diplomando-se em 19 de Junho de 1920 e sendo o orador da turma. Tem a publicar: *Sombras Tardias*, poemas; *Auras do Paraná* e *Palavras ao Vento*, prosas.

E diversos trabalhos em preparação.

Teve os seguintes filhos:

3-1 Tasso Azevedo da Silveira, nascido em Curityba a 11 de Março de 1895. Fez o curso primario em Curityba e Corumbá (Matto-Grosso), e o Secundario parte no *Gymnasio Paranaense* e parte no *Collegio Pedro II*, no Rio, concluindo o 1.º de direito na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, os 2.º e 3.º na Universidade do Paraná, e terminando o curso na Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio, taes mudanças providas de viagens de seu pae como funcionario do M.º da Fazenda. Colou gráo em 14 de Janeiro de 1919. Pertenceu, quando estudante, ao corpo de telegrafistas da Estação Central dos Telegrafos, por concurso em que foi classificado em 1.º lugar, passando depois para a administração, mediante novo concurso. Exerceu, em 1929 e 1930, em comissão, o cargo de chefe do archivo de identificação da Policia Central, no Rio, cujo serviço reorganizou por incumbencia official. Dispensado a pedido em Outubro de 1930, voltou á sua repartição.

Por decreto de Junho de 1933 foi nomeado Fiscal da impressão, da Casa da Moeda.

Em 1930 ocupou uma cadeira no Congresso Legislativo do Paraná. Lecionando por vezes as materias do curso secundario, quando fazia o superior, continuou mais tarde nessa lide, sendo em 1932 e 1933 professor no *Collegio Pedro II*, *Escola Wenceslau Braz* e *Collegio Sacre Coeuer*, das cadeiras de portuguez, historia da filosofia e literatura brasileira.

Militando no jornalismo, foi redactor do *Diario da Tarde*, do *O Estado*; fundador das revistas literarias *Fanal*, com Lacerda Pinto, O. Martins Gomes e José

Guayba; *Atheneia*, com Aureliano da Silveira; e *Diario da Manhã*, com Rubens do Amaral e Abel Assumpção; todos na capital do Paraná. No Rio, foi redactor de *A Noticia* e fundador das revistas de arte e literatura *Os Novos*; *America Latina*, com Andrade Muricy; *Fésta*, de combate modernista nas letras, com um grupo de escriptores novos; *Terra de Sól*, com Alvaro Pinto, notavel magazine de letras e arte; redactoriou *O Momento*, *Revista Sul Americana*, *Rio Jornal*, *Brasilea*, *O Cruzeiro*; collaborando em muitos dos grandes diarios cariocas e em jornaes de S. Paulo e outros Estados brasileiros, bem como em revistas argentinas e uruguayas. Publicou, em volume: poemas:

*Fio d'agua* — 1918.

*Alma heroica dos homens* — 1924.

*Allegorias do homem novo* — 1926.

*As imagens acesas* — 1928.

*Cantico do Christo do Corcovado* — 1931.

2.ª edição — 1933

*Discurso ao povo infiel* — 1933.

Ensaios:

*Romain Rolland* — 1919.

*A Igreja Silenciosa* — 1922.

*Alegria criadora* — 1928.

*Definição do modernismo brasileiro* — 1931.

Tem a publicar diversos livros, prosa e verso. Pertence a Academia de Letras do Paraná. Delle disse Andrade Muricy, em entrevista publicada em Curitiba: "Tasso da Silveira representa uma harmonisação viva das tendencias mais oppostas, mais legitimias, da alma paranaense, e das forças emocionaes e os impulsos novos e fecundos da alma brasileira."

*El País*, de Montevidéo, publicando a tradução de *A arvore*, de Tasso da Silveira, por J. L. Morenza, escriptor uruguayo, diz: "Tasso da Silveira representa, en la joven literatura brasileña, uno de los más altos valores. Poeta y hombre de pensamiento, su labor tiene la profunda honradez que preside sue vida. Vale decir: está lleno de calidades positivas como escritor

y como hombre y ocupa un merecido puesto de avanzada, un lugar destacado y firme, en las letras de America.

*O Globo*, grande vespertino diario do Rio, publicava, em Março de 1928: "A nossa geração-mental contemporanea, como a de todos os tempos, tem os seus espiritos *leaders*. Tasso da Silveira é um delles, e dos de mais prestigio irradiante de idéas."

Tasso da Silveira é bem uma expressão moça de cultura, de trabalho e de talento das modernas letras brasileiras, no que tenham éllas de melhor e de mais fecundo e notavel equilibrio de belleza e de pensamento." Nestor Victor, o grande escriptor contemporaneo, disse: (*O Globo*, de 10-12-1928) "O que faz d' *As imagens accesas* uma realisação mais gloriosa ainda é serem éllas tão nossas como não ha outro livro de versos no Brasil que mais o seja. Nem de Tagore se encontram vestigios sensiveis que lhes dêem qualquer ar estranho. Demonstra-se assim a completação deste espirito, ainda pela autonomia completa que élla ganha."

De *A Noticia*, do Rio, (16-11-1928): "Com esse novo livro Tasso da Silveira, que é uma das expressões mais fortes de critico e pensador da nova geração brasileira, pela sua cultura opulenta e bem dirigida, consolida a sua reputação de poeta, victoriosamente afirmada nas suas obras anteriores. Porque "Imagens accesas" é sem favor um dos mais bellos e fortes documentos da nossa moderna poesia."

O notavel escriptor, da Academia de Letras, Medeiros Albuquerque, escreveu pelo *Jornal do Commercio*, de 23-9-1928: "O Sr. Tasso da Silveira é um prosador magnifico. E serve admiravelmente bem. Si o que escreve nem sempre é de uma limpidez perfeita, isso vem da obscuridade de todos os pensamentos metafisicos, porque a par de suas outras caracteristicas o autor tem a de ser um espirito religioso, de uma tendencia claramente metafisica."

D' *O Paiz*: "Tasso da Silveira que conta no seu fulgurante acervo mental mais de uma dezena de livros, prosa e verso, é, do mesmo passo e com igual mes-

tria, um eximio ourives da estrophe e um artista original, vibrante e heraldico da prosa nobre dos que bem a sabem manejar."

Casou-se em 11 de Março de 1920 com sua prima Noemi Azevedo da Silveira, filha do general José A. da Silveira Sobrinho e da sua esposa Umbelina d' Albuquerque Silveira (2-2 adiante).

Filhos:

- 4-1 Mario Marcos
- 4-2 Mario Cezar
- 4-3 Maria Lygia
- 4-4 Maria Helena
- 4-5 Maria Lucia
- 4-6 Maria Gloria
- 4-7 Maria Rachel

3-2 Eloah Silveira, falleceu com 10 mezes de idade.

3-3 Hiram Silveira, falleceu a 18 de Junho de 1926 com 28 annos de idade. Possuia assentuada vocação artistica, principalmente na pintura a crayon. Era casado com . . .

Filhos:

- 4-1 . . .
- 4-2 . . .
- 4-3 . . .

3-4 Eloah Silveira Saraiva, habil dactylographa, casada a 24 de Abril de 1935 com o Snr. Joaquim Saraiva, do commercio do Rio de Janeiro.

3-5 Anthar Silveira. Falleceu aos 21 annos de idade a 28 de Junho de 1922, tendo demonstrado ser possuidor de um robusto talento.

3-6 Dr. Hellenio Azevedo da Silveira, natural de Curitiba, nascido a 20 de Novembro de 1904, médico pela Academia do Rio de Janeiro, onde defendeu com brilhantismo a Theze de Doutorado — Abcessos simples do pulmão — que obteve aprovação com distincção, em 11 de Junho de 1930.

É 1.º Tenente do Corpo de Saude do Exercito. Casado com . . .

Filhos:

4-1 . . . .

4-2 . . . .

4-3 . . . .

3-7 Eleonora Silveira Lago, casada com Sady Roberto Lago.

Filhos:

4-1 Roberto, fallecido a 26 de Junho de 1931.

4-2 Maria Thereza, nascida a 24 de Abril de 1932.

3-8 Mauro Silveira, fallecido em 1910.

3-9 Eridan Silveira, solteira em 1933.

2-2 General José Azevedo da Silveira Sobrinho. Nasceu em Antonina, cidade do Paraná, a 5 de Outubro de 1873. Fez em Morretes os estudos primarios, nas escolas publicas dos professores Libero Teixeira Braga e Lindolpho de Siqueira Bastos. Em 1887, em Curitiba, fez os tres primeiros preparatorios no Instituto Paranaense. Em 1890 matriculou-se na Escola Militar do Rio de Janeiro, onde concluiu os preparatorios e, em 1898, já 2.º tenente de artilharia, o curso geral. Passou os annos de 1899, 1900 e 1901, em serviço arregimentado nas guarnições de Curitiba, São Paulo e Fortaleza de Santa Cruz, no Rio, e em commissões no Collegio Militar do Rio de Janeiro e na Fabrica de Cartuchos do Realengo.

Em 1902 voltou á Escola Militar afim de completar os estudos, o que fez no anno seguinte, graduando como engenheiro militar e bacharel em mathematicas e sciencias phisicas. Em 1908 foi transferido para a arma de Engenharia e promovido a 1.º tenente, depois a capitão em 1909, Major em 1918, tenente-coronel em 1922, coronel em 1927, reformando-se a pedido em 1928 no posto immediato, como determinava a lei em vigor, com a graduação de general de divisão. Nunca esteve fóra do Exercito, nem mesmo em gozo de licença. Sempre arregimentado ou em commissões technicas, servio no Rio de Janeiro e nos Estados do Paraná, Ceará, Alagoas, Bahia, Rio Grande do Sul, Matto Grosso e S. Paulo.

Cultivou a musica, sendo violinista; bem como o esperanto, que fala e escreve, pertencendo a sociedade esperantista do Rio. Casou-se em 1899 com D. Umbelina d'Albuquerque Silveira, natural da Bahia e filha de Francisco Rodrigues d'Albuquerque, pharmaceutico hoemeopatha, e sua esposa D. Maria José d'Albuquerque, ambos naturaes da Bahia.

Em 1929 fez no *Centro Paranaense* do Rio uma conferencia publica sobre o *Molusco de Einstein*, muito aplaudida, publicando-a depois em plaquete.

Tem os seguintes filhos:

3-1 Orlando d'Albuquerque Silveira, nascido em 1900, solteiro.

3-2 Noemi d'Albuquerque Silveira, nascida em 1902, casada com seu primo Dr. Tasso Azevedo da Silveira, 3-1 de 2-1 retro, ahi os descendentes.

3-3 Esther da Silveira Muniz, nascida em 1904, casada com José de Queiroz Muniz, tendo este casal os filhos:

4-1 Neusa.

4-2 Lourival.

4-3 Clelia.

Todos os filhos e netos nascidos no Rio de Janeiro.

2-3 João Azevedo da Silveira, nascido em Antonina a 15 de Novembro de 1875. Como seu irmão Aureliano, fez-se tipografo, logo apos ter deixado a escola primaria. Na faina typografica desenvolveu o espirito lucido, intelligente, que possuia. Em 1900 (?) fez concurso para empregos de Fazenda, na Delegacia Fiscal do Paraná, sendo nomeado 4.º escripturario.

Casou-se em 1899 com D. Nacena Correia Pinto, filha de José Galdino. Transferido para a Alfandega da cidade do Rio Grande do Sul em . . . .

Removido como 3.º escripturario da Delegacia Fiscal em . . . .

Promovido a 2.º escripturario de Delegacia por decreto de . . . .

Permutou com o 1.º escripturario da Alfandega de

Paranaguá Francisco Lait, em . . . .  
Foi administrador da Meza de Rendas de Antonina em . . . .

Funcionario esforçado e de esmerada competencia, mereceu sempre a maior confiança de seus chefes. Genio expansivo, alma sempre aberta ás amizades sinceras, serviçal e dedicado á familia e aos amigos, de uma rigorosa linha moral. Delle escreveu o illustre historiographo Dr. Ermelino de Leão:

"João Silveira alliaava a um character diamantino, um nobre coração de amigo devotado e leal. Tivemol-o junto a nós em memoravel campanha, quando elevado para o ostracismo; procuravamos mesmo afastal-o do nosso convivio, para não prejudicar a sua carreira. Elle, porem, redobrava as demonstrações de amizade, a devotação pela causa que representavamos, sem temer consequencias, sem provocar lutas. Leal até a mais tenue fibra do coração, foi João Silveira o mais devotado, o mais carinhoso, o mais firme dos amigos que tivemos ensejo de conhecer."

(*Prata de Casa*, de Novembro de 1928.)

Quando da invasão das hostes Federalistas de Gu-mercindo Saraiva, na revolução, em 1894, João Silveira, com 18 annos de idade, foi encorporado a um batalhão de Guarda Nacional, seguindo para *Tijucas*. Ahi combateu e foi ferido, quasi cegando de um dos ólhos, ao lado das forças legaes.

Alem de cinco filhos falecidos, teve:

3-1 Ariel, solteiro.

3-2 Omar, casado.

3-3 Nair, solteira.

3-4 Aracy, solteira.

2-4 Aureliano Azevedo da Silveira, nascido em Morretes a 18 de Março de 1879 e fallecido em Curitiba a 21 de Outubro de 1928.

Após frequentar a escola primaria, fez-se tipografo, trabalhando no *Diario da Tarde* e n'*A Republica*, de Curityba, como sucedeu a seu irmão João. Com-pondo artigos e noticias, no seu myster profissional, ampliou sua instrucção, e mais tarde entrou em con-

curso para logares nos Correios, sendo nomeado praticante na Administração do Paraná. Fez ahi a carreira burocratica, sempre considerado por chefes e collegas pela sua intelligencia e dedicação ao trabalho, até o cargo de 1.º official, em que falleceu. Frequentou a Escola de Artes e Industrias de Curityba, estudando desenho e modelagem, pois a esculptura éra a sua grande vocação, revelando-se depois no desenho lito-grafico e na xilografia (ésta feita toscamente, a canivete, sobre madeira de pinho) como artista de inspi-ração original. Ilustrou com caricaturas e paginas de arte as revistas paranaenses *Olho da Rua*, (1907); *A Bomba*, (1913); *Fanal*, orgam do *Novo Cenacu-lo*, fundado por Tasso da Silveira, M. Lacerda Pinto, Oscar Martins Gomes e José Guayba, em 1923. *O Itiberê*, magnifica revista publicada por Zenon Leite em Paranaguá, tendo na redação o Dr. Leocadio Cor-reia e Aluizio Abreu, 1923 a 1930.

O *Almanach dos Municipios*, excelente publicação de Alberico Figueira; o numero da *Gazeta do Povo*, commemorativo do centenario do Brasil, em 7 de Se-tembro de 1922; o livro de Léo Junior, *Fóra de Fóco*. Em 1924 a importante revista de letras e arte, do Rio, *Terra de Sól*, dirigida por Tasso da Silveira e Alva-ro Pinto, publicou em chromo xilografia dois bellos trabalhos de Aureliano da Silveira, tendo por moti-vos as margens do *Itiberê*. Poeta, deixou alguns so-netos, dos quais o mais conhecido é o:

#### PHASES DA VIDA

Quanto cantava nalma a flôr da mocidade,  
O perfume a exalar de uma innocencia pura;  
Quando feliz eu tinha o riso e a castidade,  
Um sumptuoso solar de sonhos e ventura,

Tudo era vida e luz . . . O mar, a immensidade,  
As campinas em flôr, a prodiga Natura,  
Eram como pendões de aurea felicidade,  
Véo de Noiva de luar que em céu azul fulgura.

Mas... o Tempo — esse abutre hostil, desapiadado,  
Nas suas azas levou-me os sonhos do Passado,  
Meus sorrisos levou na enorme garra adunca!...

E hoje, meu Deus, penando eu me maldigo tanto,  
Afogado a fremir em tormentoso pranto...  
— Antes nunca, Senhor! eu existisse... nunca!...

AURELIANO SILVEIRA

Prosador, o n.º especial d' *O Jornal*, grande diario carioca, dedicado ao Paraná, em 1929, publicou seu artigo *A caricatura no Paraná*, (carta a Gastão Penalva), detalhado estudo sobre esse genero de humorismo no Paraná. Matrimoniara-se em Curitiba, a 31 de Julho de 1907, com a professora D. Maria da Luz G. Silveira, havendo os seguintes filhos:

- 3-1 Maria Dinah.
- 3-2 Murillo.
- 3-3 Sidharta.
- 3-4 Cloris.
- 3-5 Thalia.
- 3-6 Mozart.
- 3-7 Wilson.
- 3-8 Caliope.
- 3-9 Lilian.

Restando apenas Cloris e Lilian. Os demais falleceram um após outro, a começar por Maria Dinah, morta aos 16 annos de idade.

Passados tão rudes golpes, foi elle tambem vencido pelo destino, sucumbindo a uma apendicite; amparado pelos desvelos da dedicada esposa e pelos amigos. A seu respeito escreveu Laertes Munhoz, culto e elevado espirito de moço, em o n.º especial da *Gazeta do Povo*, de 7 de Setembro de 1922:

"Aureliano da Silveira (Sylvio), uma grande alma de artista dentro de uma virtuosissima modestia, tem esse traço forte e seguro, que é ás vezes de uma ironia profunda, outras vezes de uma belleza sem par. Aureliano, pode-se dizer, aprendeu como typographo. Toda a sua carreira artistica nasce dos tempos em que, debruçado sobre as caixas dos typos, ia com-

pondo as tiras que lhe apresentavam, tirando dellas tudo aquillo que lhe veio ser cabedal para, mais tarde, elle proprio encher outras tiras de boa prosa e de bom verso. Não é porem, como literato que Aureliano é grande. Todo o seu valor está na penna de caricaturista."

"Aureliano merece bem todos os elogios que se lhe façam.

É um artista moderno, que sabe dar ao seu traço um tom caracteristico de movimentação e muita originalidade."

Por ocasião do seu falecimento a imprensa do Paraná lhe fez as mais nobres referencias, lamentando a perda prematura do inspirado artista do lapis. *Prata de Casa*, fina revista literaria de Leocadio Correia, dedicou-lhe um numero em homenagem, reproduzindo algumas das suas xilographias.

- 2-5 Maria Izabel, fallecida impubere.

Houveram outros filhos, fallecidos em criança.

Do 2.º matrimonio de Manoel Azevedo da Silveira Junior, houve:

- 2-6 Guttemberg Azevedo da Silveira, casado com . . .



## INDICE DO V VOLUME

TITULOS

Alves . . . . .	269
Azevedo da Silveira . . . . .	412
Cardoso de Lima . . . . .	37
Corrêa de Bittencourt . . . . .	5
Gões de Siqueira . . . . .	227
Marques da Cunha . . . . .	397
Oliveira Vianna . . . . .	195
Taques . . . . .	157

====

## Indice alfabetico (\*)

## A

Aurelio Joaquim Ribeiro de Campos . . . . .	19
Aurelio Ribeiro de Campos (coronel) . . . . .	20
Adelio Paulino de Siqueira . . . . .	24
Augusto Loureiro . . . . .	24
Athanazio Sant'Anna . . . . .	25
Alcebiades Corrêa de Bittencourt . . . . .	27
Aristoxenes Corrêa de Bittencourt . . . . .	28
Aristeu Corrêa de Bittencourt . . . . .	28
Augusto Vieira Pamplona . . . . .	35
Antonio Ricardo dos Santos . . . . .	40
Antonio Ricardo do Nascimento (Com.) . . . . .	44
Arlindo Silveira de Miranda . . . . .	47
Antonio Monteiro . . . . .	50
Augusto Silveira de Miranda . . . . .	51
Antonio de Barros (Com.) . . . . .	54
Alfredo Ferreira Arantes . . . . .	64
Antonio Buquera . . . . .	63
Aniceto Borges da Silva (Cap.) . . . . .	65
Alvaro Teixeira Ramos . . . . .	70
Adolpho Ribas de Oliveira Franco . . . . .	75
Augusto de Assis Teixeira . . . . .	80
Alberto Gonçalves de Assis Teixeira . . . . .	81
Abilio de Abreu . . . . .	81
Arthur Obino . . . . .	81
Alberto José Gonçalves (Bispo) . . . . .	81
Augusto Gonçalves Guimarães (padre) . . . . .	94
Antonio José Pereira Branco . . . . .	94
Amando Cunha . . . . .	144
Arthur Guimarães Villela . . . . .	148
Alfredo Guimarães Villela . . . . .	148
Antonio Mauricio da Costa Guimarães . . . . .	151

(\*) Não se trata de um indice completo de todas as pessoas registradas neste volume, mas sim uma relação para servir também de guia na pesquisa de ascendentes, descendentes e consanguíneos.

Antonio Rodrigues Maciel . . . . .	168
Antonio Godoy Lima . . . . .	169
Augusto Frederico Bahls . . . . .	174
Accacio Maria Salgado . . . . .	175
Antonio Taques (Sinhô) . . . . .	177
Amantino Barbosa de Macedo . . . . .	178
Alberto Martins de Araujo França . . . . .	179
Antonio José de Assumpção . . . . .	181
Arthur Alfredo Taques . . . . .	183
Antonio Barbosa de Macedo . . . . .	184
Athayde dos Santos Taques . . . . .	187
Antonio Dias da Costa . . . . .	196
Americo Vianna . . . . .	197
Antonio Ignacio Xavier . . . . .	203
Antonio Candido de Figueiredo . . . . .	212
Augusto de Figueiredo . . . . .	216
Antonio da Silva Gomes . . . . .	218
Americo Gonçalves de Moraes . . . . .	219
Antonio Fernandes de Siqueira . . . . .	230
Alcides Augusto Pereira . . . . .	249
Arnobio Penha de Andrade . . . . .	250
Alcidino Pereira (conego) . . . . .	250
Arthur Heraclio Gomes . . . . .	251
Antonio Mariano Ferreira . . . . .	253
Alfredo de Souza Dias Negrão . . . . .	260
Antonio Francisco de Siqueira . . . . .	264
ALVES (Titulo) . . . . .	269
Antonio Alves de Araujo (Com.) . . . . .	270
Alberto Pereira Jorge . . . . .	274
Achilles Alves dos Santos . . . . .	275
Antonio José Alves . . . . .	278
Antonio José Alves Junior . . . . .	281
Antonio José Pereira . . . . .	393
Agostinho Pereira Alves . . . . .	393
Antonio José Vieira Ramalho . . . . .	396
Antonio da Cunha Marques . . . . .	406
Anthenor Cordeiro . . . . .	408
AZEVEDO DA SILVEIRA (Titulo) . . . . .	413
Aureliano Azevedo da Silveira . . . . .	430

**B**

Bernardo Silveira de Miranda . . . . .	51
Bernardo Ribeiro Vianna . . . . .	56
Bernardo Moreira Garcez . . . . .	73
Brasil Pinheiro Machado . . . . .	152
Bonifacio Gonçalves Guimarães . . . . .	191
Bento de Oliveira Vianna . . . . .	196
Benedito Vidal Pinto . . . . .	224
Bento Leme Bicudo . . . . .	238
Bento José de Siqueira . . . . .	243
Bernardino Pereira Netto . . . . .	249
Bernardo José Pereira . . . . .	256
Belarmino Ferreira Antunes . . . . .	261
Bento José da Cruz . . . . .	403
Benigno Caetano Pinto . . . . .	408
Bonifácio José Villela . . . . .	143
Buquera . . . . .	64

**C**

Carlos Taques . . . . .	172
Claudio Gonçalves Guimarães . . . . .	140
Constante José Borges . . . . .	184
Custodio Alves . . . . .	240
Cypriano José da Costa . . . . .	60

**D**

Damazo Corrêa de Bittencourt (cap.) . . . . .	27
Diogenes Alves dos Santos . . . . .	275
Diogo Gonçalves Ribeiro . . . . .	235
Djalma Waldes . . . . .	32
Domingos Antonio da Cunha . . . . .	149
Domingos Cardoso de Lima . . . . .	37
Domingos Pereira Nunes . . . . .	239

**E**

Engracio Ortiz Taborda Ribas . . . . .	26
Edgard Cordeiro Linhares . . . . .	27
Emilio Silveira de Miranda . . . . .	47
Ercilio Miró . . . . .	50

Erasmus Ribeiro Vianna . . . . .	56
Eugenio Pereira Bastos . . . . .	64
Emanuel Buquera . . . . .	64
Eduardo Mendes Gonçalves . . . . .	72
Ernesto Francisco de Lima Santos . . . . .	73
Euripedes José Gonçalves . . . . .	83
Ernesto Guimarães Villela . . . . .	143
Eduardo Virmond . . . . .	152
Edmundo Alberto Mercer . . . . .	173
Euclides Mercer . . . . .	177
Eulampio Bento Vianna . . . . .	196
Elysio de Oliveira Vianna . . . . .	199
Euclides da Cunha Bueno . . . . .	400
Eulalio da Cunha Marques . . . . .	401
Evaristo da Cunha Marques . . . . .	401
Euristeu José da Cruz . . . . .	403
Ernesto de Lacerda . . . . .	407

**F**

Francisco Corrêa de Bittencourt (padre) . . . . .	16
Francisco Natel de Camargo . . . . .	28
Francisco Carvalho de Oliveira . . . . .	31
Francisco Fontoura Menna Barreto . . . . .	34
Francisco Xavier . . . . .	37
Francisco José de Freitas . . . . .	46
Francisco da Costa Rangel . . . . .	57
Flavio Guimarães . . . . .	57
Francisco Antonio Nobrega . . . . .	58
Frederico Vicente Massa . . . . .	73
Francisco José Gonçalves . . . . .	78
Francisco Teixeira de Azevedo . . . . .	139
Francisco Gonçalves Guimarães . . . . .	140
Flavio Villela Guimarães . . . . .	145
Flavio Carvalho Guimarães . . . . .	152
Francisco de Macedo Taques . . . . .	180
Francisco de Assis Ribas . . . . .	193
Felix Bento Vianna . . . . .	195
Francisco José Fortes de Sá . . . . .	203
Francisco José Machado . . . . .	208

Florindo Bento Vianna . . . . .	208
Francisco Joaquim Condessa . . . . .	213
Francisco de Figueiredo Condessa . . . . .	213
François Gheur . . . . .	213
Francisco Heraclito da Costa Lobato . . . . .	222
Francisco Ferreira Cordeiro . . . . .	223
Fidelis José da Silva Carrão . . . . .	224
Francisco Dias de Meira . . . . .	232
Francisco Dias Palhano . . . . .	235
Francisco de Siqueira Côrtes . . . . .	241
Francisco José de Siqueira . . . . .	242
Francisco da Silva Bastos . . . . .	244
Francisco Antonio de Siqueira . . . . .	266
Francisco Antonio Monteiro Tourinho . . . . .	298
Felisbino Lelles Bittencourt . . . . .	399
Felinto Elyseu Cordeiro . . . . .	404
Fernando da Cunha Marques . . . . .	406
Ferdinando da Cunha Marques . . . . .	407

## G

Gabriel Antonio Natal . . . . .	20
Gabriel de Goes . . . . .	227
Gabriel Nunes Pires . . . . .	81
Gasparino Barbosa Bittencourt . . . . .	193
Generoso Pinto Leal Taques . . . . .	194
Godofredo Carvalho de Oliveira . . . . .	23
GOES DE SIQUEIRA (Titulo) . . . . .	227
Gregorio Affonso Garcez . . . . .	76

## H

Heitor Vinicius Silveira Grillo . . . . .	52
Helia de Bittencourt Pacheco . . . . .	16
Helleno Azevedo da Silveira . . . . .	427
Henrique de Miranda Rego . . . . .	17
Henrique Dias Laranjeira . . . . .	29
Henrique Luiz Torres . . . . .	22
Heraclides Cezar de Souza Araujo . . . . .	281
Hermogenes Góes Rebello . . . . .	25
Higino Rolim de Oliveira Ayres . . . . .	189

Hildebrando Cezar de Souza Araujo . . . . .	281
Hildebrando de Bonoso . . . . .	32
Horacio Gonçalves Guimarães . . . . .	144
Hostilio Cezar de Souza Araujo . . . . .	295
Hypolito José Alves . . . . .	270

## I

Ignacio José de Loyola . . . . .	59
Ignacio José da Costa . . . . .	60
Ignacio Gomes da Costa . . . . .	60
Ireno José da Costa . . . . .	63
Irineu Gonçalves Guimarães . . . . .	77
Ismael da Rocha (general) . . . . .	83
Innocencio Gonçalves Guimarães . . . . .	143
Ignacio Taques de Almeida . . . . .	157
Ignacio Taques Pompeu . . . . .	170
Isidoro da Costa Pinto . . . . .	223
Izaias Augusto Alves . . . . .	296

## J

José Corrêa de Bittencourt . . . . .	5
José Corrêa de Bittencourt (Brig.) . . . . .	16
João Gualberto de Bittencourt . . . . .	17
João Carlos de Vasconcellos . . . . .	17
Julio Ribeiro de Campos (padre) . . . . .	19
José Fernandes Loureiro . . . . .	23
José Carvalho de Oliveira . . . . .	23
José Loureiro de Ascensão . . . . .	24
Joaquim Severo Correia . . . . .	24
Joaquim José Bellarmino de Bittencourt . . . . .	25
João José Corrêa de Bittencourt . . . . .	26
José Manoel Corrêa de Bittencourt . . . . .	29
José Maria de Paula . . . . .	30
João Carvalho de Oliveira . . . . .	30
João Carvalho de Oliveira Jr. . . . .	31
João Segismundo Bonoso . . . . .	32
José Maria Barreto Falcão . . . . .	33
José Rodrigues Vieira . . . . .	33
José Gonçalves Cordeiro . . . . .	40

José Ignacio de Loyola . . . . .	42
João de Souza Dias Negrão . . . . .	45
João Ferreira de Oliveira . . . . .	45
José Antonio dos Santos . . . . .	45
Joaquim Americo Guimarães (Com.) . . . . .	46
José Lourenço Pontes . . . . .	46
Joaquim Pedro da Rocha . . . . .	49
José Gomes do Amaral . . . . .	49
João Miró . . . . .	50
José Barbosa Lima . . . . .	53
José Miró de Freitas (Com.) . . . . .	53
Joaquim José Alves (o Velho) . . . . .	53
Joaquim José Alves . . . . .	53
José Borges de Macedo Ribas . . . . .	53
Joaquim José Alves Jr. . . . .	53
José Borges de Macedo Ribas (Cel.) . . . . .	54
João Manoel Ribeiro Vianna . . . . .	55
José Maria Vossio Brigido . . . . .	56
José Miró de Freitas . . . . .	57
José Gonçalves Pecego Junior . . . . .	57
Joaquim Pedro da Rocha . . . . .	58
João Pereira da Fonseca . . . . .	58
José Pereira da Fonseca . . . . .	61
José Maria de Castro Brito . . . . .	61
José Joaquim Gonçalves (Buquera) . . . . .	63
José Ribeiro da Fonseca . . . . .	63
João Bernardino Pontes . . . . .	64
José Borges de Macedo (Ajudante) . . . . .	65
José Joaquim Teixeira Ramos . . . . .	68
João Moreira Garcez . . . . .	70
Joaquim Moreira Garcez . . . . .	74
João Evangelista dos Santos Ribas . . . . .	74
José Mathias Guimarães . . . . .	75
Julio Ferreira Garcez . . . . .	75
José Borges de Macedo Filho . . . . .	76
João Tobias Pinto Rebello . . . . .	78
José Francisco de Carvalho . . . . .	80
Joaquim Pinto Rebello . . . . .	85
João da Silva Machado (Barão de Antonina) . . . . .	94

José Gonçalves Guimarães (Tenente José) . . . . .	139
Joaquim Gonçalves Guimarães . . . . .	142
João Carneiro Ribas . . . . .	146
João da Costa Maia . . . . .	146
José Craveiro de Sá . . . . .	146
José Bonifácio Guimarães Villela . . . . .	146
Joaquim Anacleto da Fonseca . . . . .	147
João José da Fonseca . . . . .	149
João Baptista Lustoza Ribas de Andrade (Laluca) . . . . .	149
Joaquim José Belarmino de Bittencourt . . . . .	150
Joaquim Gonçalves Guimarães (Cap.) . . . . .	153
José Correia de Moraes . . . . .	154
José Pompeu de Almeida . . . . .	168
José Borges de Almeida Taques . . . . .	169
José Maria Taques . . . . .	172
Jocelym Taques . . . . .	175
José de Macedo Taques . . . . .	176
José Borges de Almeida Taques . . . . .	178
Juvenal de Camargo Taques . . . . .	178
Joaquim de Almeida Taques . . . . .	179
José Thimoteo de Sá Bittencourt . . . . .	180
José Florentino de Sá Bittencourt . . . . .	188
João de Oliveira Vianna . . . . .	191
José Antonio Serrão . . . . .	200
João Busse . . . . .	202
José Fortes de Sá . . . . .	203
José Gabriel Pereira . . . . .	207
José da Costa Pinto (Sarg. Mor) . . . . .	212
José Fernandes Ribeiro da Rocha . . . . .	219
José da Costa Pinto . . . . .	220
José da Costa Vianna . . . . .	220
José Leonardo da Silva . . . . .	221
Joaquim da Costa Pinto . . . . .	221
João de Sant'Anna Pinto . . . . .	222
José Gonçalves Lobo . . . . .	224
José Gonçalves Lobo (Cel.) . . . . .	246
José Pereira da Luz . . . . .	246
Joaquim Mariano Ferreira . . . . .	252
João Mariano Ferreira . . . . .	254

Joaquim Mariano de Ferreira Junior . . . . .	255
José Agostinho dos Santos (Major) . . . . .	259
José Cechelero . . . . .	259
José Agostinho dos Santos (Ten. Cel.) . . . . .	260
João Baptista Pereira de Andrade . . . . .	260
João da Cunha Guimarães . . . . .	261
João Paz Raymundo Filho . . . . .	261
João Leite de Paula e Silva . . . . .	262
José Rodrigues Branco . . . . .	269
Joaquim José Alves (o Velho) . . . . .	272
Joaquim José Alves . . . . .	272
José Miró de Freitas . . . . .	276
Julio Cezar de Souza Araujo . . . . .	281
Julio Cezar Alves . . . . .	297
Joaquim Antonio Pereira Alves . . . . .	394
João Gonçalves Guimarães . . . . .	395
João Estevão da Silva . . . . .	395
José Marques da Cunha . . . . .	397
Joaquim Luiz Cordeiro . . . . .	402
João Augusto Marcondes . . . . .	404
José da Cunha Mello . . . . .	405
João Ribeiro de Freitas . . . . .	410
José Cordeiro de Miranda . . . . .	411
José Azevedo da Silveira Sobr. . . . .	428
João Azevedo da Silveira . . . . .	429

## L

Luiz Antonio da Silva Coelho . . . . .	17
Lauro de Albuquerque Lima . . . . .	35
Lauro da Silva Pereira . . . . .	52
Lino de Souza Ferreira . . . . .	76
Lysandro Alves de Araujo . . . . .	153
Lourenço Castanho Taques . . . . .	159
Luiz Barbosa de Sá Bittencourt . . . . .	272
Leopoldo de Sá Bittencourt . . . . .	191
Leopoldo de Sá Mercer . . . . .	192
Licínio de Oliveira Vianna . . . . .	201
Luiz de Goes . . . . .	229
Lucio Leocadio Pereira . . . . .	253

Lydio José dos Santos . . . . .	259
Luiz Manoel da Cunha . . . . .	279
Lothario Pereira . . . . .	280

## M

Manoel José de Camargo Bittencourt . . . . .	16
Manoel José da Cunha Bittencourt . . . . .	14
Manoel Fernandes de Ascensão . . . . .	24
Manoel Francisco Gomes . . . . .	24
Manoel Francisco Correia Neto . . . . .	24
Manoel do Nascimento Abreu . . . . .	26
Mario Corrêa de Bittencourt . . . . .	30
Manoel José da Costa e Silva . . . . .	31
Maria Leme da Silva . . . . .	37
Manoel Lourenço Pontes . . . . .	39
Modesto Gonçalves Cordeiro . . . . .	41
Manoel Gonçalves Cordeiro Nascimento . . . . .	42
Manoel Ricardo do Nascimento . . . . .	43
Manoel Cordeiro Gomes . . . . .	44
Manoel da Silveira Miró . . . . .	49
Mario Miró . . . . .	50
Manoel José Alves (cap. Mor) . . . . .	53
Manoel Vieira de Alencar . . . . .	54
Manoel Pecego Junior . . . . .	58
Manoel Lourenço Pontes Filho . . . . .	59
Manoel José da Costa . . . . .	65
Manoel Nunes de Lima . . . . .	67
Manoel Martins Abreu . . . . .	81
Manoel José Gonçalves . . . . .	83
Manoel Gonçalves Guimarães . . . . .	86
Martiniano Borba . . . . .	141
Manoel Vicente Bittencourt Junior . . . . .	145
Miguel Omena . . . . .	146
Mathias Gonçalves Guimarães . . . . .	150
Mario Carvalho Guimarães . . . . .	152
Manoel Ribeiro de Almeida . . . . .	168
Manoel de Souza Murça . . . . .	171
Manoel Antonio dos Santos Taques . . . . .	186
Manoel Bento Vianna . . . . .	198

Manoel Dias Collaço . . . . .	232
Manoel de Lima Pereira . . . . .	233
Manoel Gomes de Oliveira . . . . .	234
Manoel Domingos Palhano . . . . .	236
Miguel de Góes de Siqueira . . . . .	237
Miguel de Góes . . . . .	239
Manoel Dias de Siqueira . . . . .	243
Mariano Antonio Ferreira . . . . .	252
Maria Rosa dos Santos . . . . .	260
Manoel José Alves . . . . .	263
Manoel Claro Alves . . . . .	263
Manoel Francisco de Souza . . . . .	265
Manoel José Alves . . . . .	269
Manoel Alves de Araujo (Cons.) . . . . .	271
Manoel da Silva Santos . . . . .	273
Manoel Antonio Cordeiro . . . . .	273
Manoel Teixeira de Carvalho . . . . .	277
Mario Guimarães Correia . . . . .	279
Mario Alves Monteiro Tourinho . . . . .	310
Manoel Alves de Magalhães . . . . .	392
Manoel Pedro de Magalhães . . . . .	392
MARQUES DA CUNHA (Titulo) . . . . .	397
Marcelino Gonçalves Bueno . . . . .	400
Manoel Luiz do Nascimento . . . . .	402
Maurilio Alves Guimarães . . . . .	409
Manoel Azevedo da Silveira Junior . . . . .	412
Manoel Azevedo da Silveira . . . . .	413
Manoel Azevedo da Silveira Netto . . . . .	416

## N

Nicolau Pinto Rebello . . . . .	67
Nestor de Castro . . . . .	395

## O

Octavio Leão Franco de Bittencourt . . . . .	18
Octacilio de Abreu . . . . .	34
Oscar Borges Ribas . . . . .	53
Oscar Saturnino Paiva . . . . .	80
Ovidio Gonçalves Guimarães . . . . .	142

Octavio Pimentel . . . . .	142
Olympio Ribas de Camargo . . . . .	189
OLIVEIRA VIANNA (Titulo) . . . . .	195
Orestes Alves . . . . .	298
Olimpio Cordeiro . . . . .	408
Olimpio de Oliveira Camargo . . . . .	409

## P

Plinio Carvalho de Oliveira . . . . .	23
Pedro Abrelino de Passos . . . . .	30
Pericles Bittencourt Ferraz . . . . .	35
Pedro Martins Saldanha . . . . .	62
Paulo Guajará Vianna . . . . .	196
Pedro Oliveira Vianna . . . . .	201
Pedro de Lima Pereira . . . . .	233
Pedro Alexandrino Côrtes . . . . .	236
Pedro de Siqueira Côrtes . . . . .	242
Plinio Alves Monteiro Tourinho . . . . .	356
Presciliano Cordeiro . . . . .	409
Pedro Eugenio de Freitas . . . . .	410

## R

Raul Ferreira Leite . . . . .	20
Raul de Azevedo Macedo . . . . .	29
Ricardo de Souza Dias Negrão . . . . .	45
Rodolpho Osternack . . . . .	147
Ricardo de Lemos . . . . .	187
Rodolpho Gonçalves Guimarães . . . . .	192
Roque de Siqueira Côrtes . . . . .	233
Ricardo Leite Batos . . . . .	244
Romão Rodrigues de Oliveira Branco . . . . .	278
Romulo Alves . . . . .	297
Ricardo José Alves . . . . .	396

## S

Salvador Fernandes Siqueira . . . . .	231
Sebastião Francisco Grillo . . . . .	51
Sergio Rodrigues de Macedo . . . . .	153
Sophocles Bittencourt Ferraz . . . . .	35

## T

Teodorico Camargo de Bittencourt . . . . .	15
Theodoro Bayma . . . . .	72
Theophilo Moreira Garcez . . . . .	73
Tobias Pinto Rebello . . . . .	77
Tranquilino Gonçalves Guimarães . . . . .	141
Trajano Gonçalves Guimarães . . . . .	141
Theodoro Carneiro Gonçalves Guimarães . . . . .	152
TAQUES (Titulo) . . . . .	159
Tiburcio Borges Martins . . . . .	186
Teodorico Julio dos Santos . . . . .	252
Theophilo C. da Cunha . . . . .	296
Theotonio Soares de Mello . . . . .	404
Tasso Azevedo da Silveira . . . . .	424

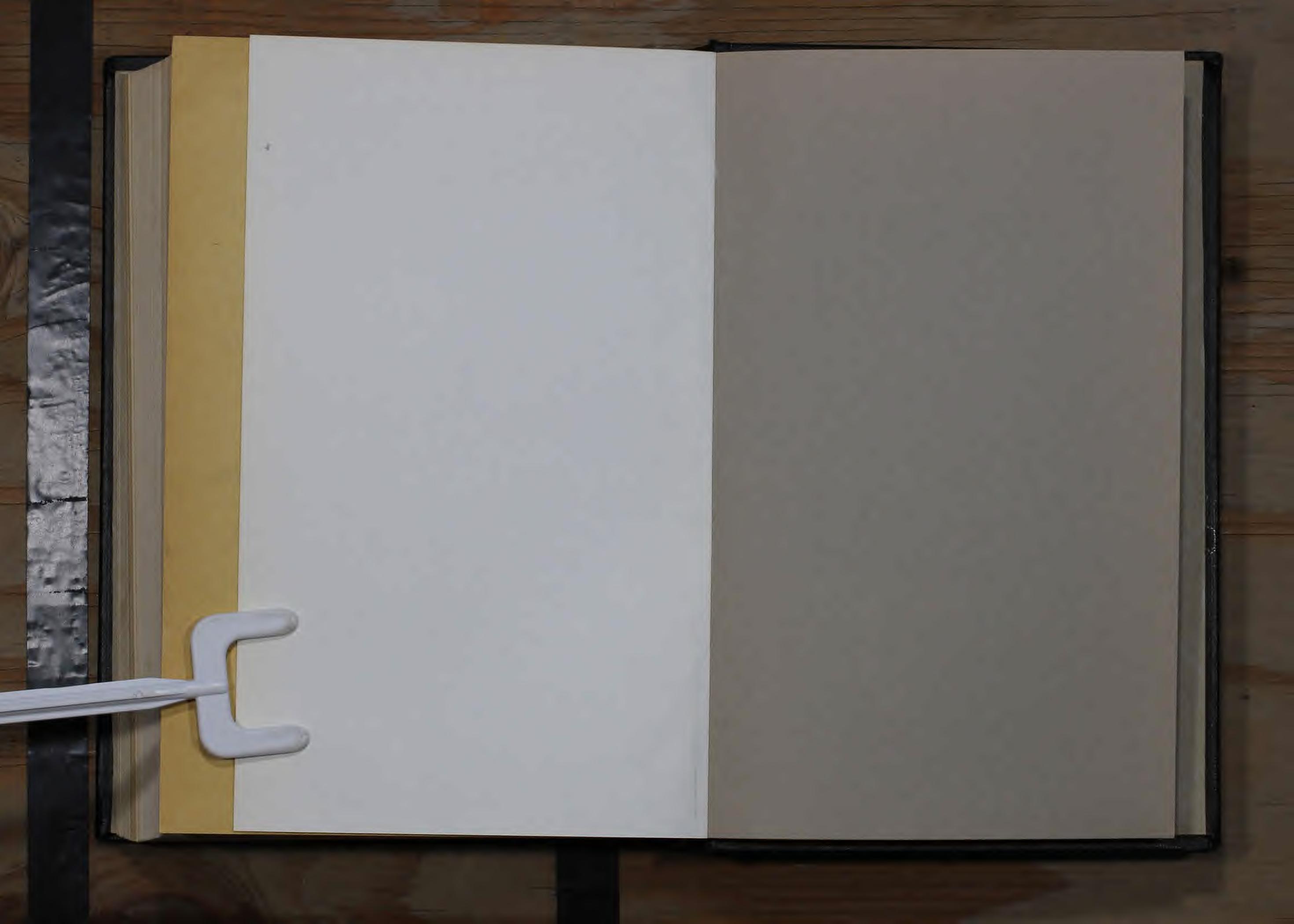
## U

Ulysses Falcão Vieira . . . . .	33
---------------------------------	----

## V

Viriato Carvalho de Oliveira . . . . .	78
Vicente Bueno de Camargo . . . . .	170
Vitor Taques (Bilè) . . . . .	176
Virgilio de Assumpção Taques . . . . .	181
Victorino José Correia (Cel.) . . . . .	258
Victor Alves Branco . . . . .	278





R  
T  
L

**RETURN TO the circulation desk of any  
University of California Library**  
or to the

**NORTHERN REGIONAL LIBRARY FACILITY**  
University of California  
Richmond Field Station, Bldg. 400  
1301 South 46th Street, Richmond, CA 94804-4698

ALL BOOKS MAY BE RECALLED AFTER 7 DAYS  
To renew or recharge your library materials, you may  
contact NRLF 4 days prior to due date at (510) 642-6233

**DUE AS STAMPED BELOW**

SENT ON ILL

**NOV 09 2015**

U.C. BERKELEY

